

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dênis Nunes de Araújo

**A ESPIRITUALIDADE DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA
BRASILEIRA NO FINAL SÉCULO XX E INÍCIO DO
SÉCULO XXI: PLURALISMO E DIÁLOGO**

São Bernardo do Campo

2020

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dênis Nunes de Araújo

**A ESPIRITUALIDADE DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA
BRASILEIRA NO FINAL SECÚLO XX E INÍCIO DO
SÉCULO XXI: PLURALISMO E DIÁLOGO**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza

São Bernardo do Campo

2020

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Ficha Catalográfica

Ar15e	<p>Araújo, Dênis Nunes de. A Espiritualidade da Juventude Universitária brasileira no final do século XX e início do século XXI: Pluralismo e diálogo / Dênis Nunes de Araújo – São Bernardo do Campo, 2020. 180 p.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020. Bibliografia</p> <p>Orientação de: Vitor Chaves de Souza</p> <p>1. Espiritualidade e Modernidade 2. Juventude (Universitários brasileiros) 3. Pluralismo religioso - Diálogos 4. Secularização I. Título</p> <p style="text-align: right;">CDD 248</p>
-------	---

A dissertação de mestrado intitulada “**A ESPIRITUALIDADE DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA NO FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI: PLURALISMO E DIÁLOGO**”, elaborada por **DÊNIS NUNES DE ARAÚJO**, foi defendida e aprovada em **10 de Dezembro de 2020**, perante banca examinadora composta por **Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza** (Presidente/UMESP), **Prof. Dr. Márcio Cappelli** (Titular/UMESP) e **Prof. Dr. Sidnei Fernandes Lima** (Titular/PUC-SP).

Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza

Orientador e presidente da banca examinadora

Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de concentração: Linguagens da Religião

Linha de pesquisa: Teologia das Religiões e Cultura

AUTOBIOGRAFIA

Eu, Dênis Nunes de Araújo, nasci em Monte Santo de Minas–MG, no dia 25/04/1980, sou filho de Osmar Alves de Araújo e de Adélia Nunes de Araújo e tenho uma irmã, Débora de Fátima Araújo. Sempre moramos em uma área rural do município, onde meus pais sempre foram lavradores, sitiantes. Meus estudos básicos foram em escola municipal, na zona rural, e, desde pequeno, o meu sonho era ser padre católico, me encantava o ofício do ministério sacerdotal. Minha família sempre foi católica, embora nem tanto praticante, por consequência da distância e dificuldade de deslocamento até a cidade ou até mesmo dos padres irem até a comunidade rural.

Minha vocação nasceu da convivência com uma vizinha que era benzedeira, a Sinhãna, foi a partir dos ritos que ela praticava de benzeção e, a fé que as pessoas tinham de recorrer a ela para buscar um pouco de alento em suas dores, tal ofício encantou-me que, na verdade, eu queria ser um benzedor. Mas, com o passar do tempo, fui discernindo que era uma vocação e que seria possível colocar em prática esse dom através do ministério sacerdotal.

Após a conclusão da educação básica, ingressei no ensino fundamental na cidade, e me locomovia todos os dias por 25 km em caminhão, por estrada de terra, até que, aos 14 anos, ingressei no Seminário Camiliano na própria cidade onde eu residia, nele permaneci até os 16 anos. Em discernimento, pedi aos superiores para que eu pudesse fazer uma experiência fora do seminário, em casa com meus pais. Então, iniciei o ensino médio do curso de Magistério, trabalhava na roça durante o dia e à noite percorria de caminhão até a cidade para estudar. Por um determinado tempo, morei na cidade sozinho, para cursar os estudos superiores; trabalhava durante o dia em um escritório de uma fazenda e, à noite, percorria 40 km para estudar o curso de licenciatura em Letras, na cidade de Guaxupé–MG. Nesse tempo, fui discernindo qual seria a minha caminhada e, então, tive a inspiração de que eu precisava voltar para o seminário e continuar a formação para ser padre. Ingressei no seminário diocesano São José, em Guaxupé, em 2013; nesse tempo, cursei Filosofia no turno da manhã e História no turno da noite, durante 3 anos. Depois da conclusão dessa etapa, a continuidade da formação se deu no Seminário Diocesano Santo Antônio, em Pouso Alegre–MG, onde se concentram os seminários da Província de Pouso Alegre, da qual a diocese de Guaxupé é integrante; cursei durante 4 anos, o curso de Teologia e, aos finais de semana, percorria para as cidades de Paraguaçu e Botelhos–MG para fazer o estágio pastoral.

Após a conclusão do curso de Teologia, fiquei um ano em estágio pastoral na cidade de Alfenas–MG, fui ordenado Diácono em fevereiro de 2011 e transferido para a cidade de Poços de Caldas–MG, para atuar na paróquia de São Sebastião. Em Julho do mesmo ano fui ordenado Sacerdote (Padre) e permaneci nessa mesma paróquia por 3 anos; depois desse período, foi criada a paróquia de Santo Expedito, desmembrada da Paróquia de São Sebastião, e fui, então, designado para ser o primeiro padre da nova paróquia. Nesse tempo, tive o contato com a Universidade, com muitos jovens que são estudantes universitários que residem no território da paróquia e que participam das atividades pastorais na Igreja, são jovens provindos de vários lugares de cidades vizinhas e de todo o país, eles veem para realizarem seus estudos superiores nas universidades que são próximas à paróquia. Na PUC-Minas, campus Poços de Caldas, exerci a função de capelão durante 6 anos, foi quando senti o impulso de trabalhar esse tema sobre a caracterização da espiritualidade dos universitários.

Fiz o processo seletivo para o mestrado em Ciências da Religião na PUC-Campinas, no segundo semestre 2018; cursei 1 semestre e tive a oportunidade de ingressar-me na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) em 2019. Muito me encantou o tema da Espiritualidade, o desejo de perceber nesse tempo de Modernidade como se caracteriza a espiritualidade de jovens universitários, os quais provêm de vários lugares e com realidades familiares e sociais tão díspares.

“O coração de vocês, coração jovem, quer construir um mundo melhor. Os jovens nas estradas; são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixem para outros o ser protagonista da mudança! Vocês são aqueles que têm o futuro! Vocês... Através de vocês, entra o futuro no mundo. Também a vocês, eu peço para serem protagonistas desta mudança”. (Papa Francisco, Jornada Mundial da Juventude. Vigília de oração com os jovens - Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013).

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001”

ARAÚJO, Dênis Nunes de. **A Espiritualidade da Juventude Universitária brasileira no final do século XX e início do século XXI: Pluralismo e Diálogo**. 180p. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a espiritualidade da juventude universitária no Brasil no período que compreende o final do século XX e início do século XXI. Este é um contexto de predominância da secularização em toda a sociedade, o qual traz consigo as marcas do pluralismo que intensificam, como a crise das instituições, o indiferentismo religioso, a crise de fé, a dessacralização, os “sem religião” e o trânsito religioso, aspectos que podem ser verificados em dados coletados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística) e, em trabalhos acadêmicos realizados em ambiente universitário. O presente trabalho é descritivo-analítico e pretende verificar a existência da pluralidade em torno da conceituação sobre juventude e espiritualidade. Será aplicado o método acadêmico-científico de cartografia, a partir de dados empíricos de pesquisas realizadas no meio acadêmico brasileiro. Portanto, após essa compreensão de um contexto marcado por transformações profundas com novos paradigmas de perspectivas culturais, religiosas, sociais e políticas, será possível a resolução do problema sobre o que caracteriza a espiritualidade da juventude universitária brasileira. Entre os trabalhos empíricos publicados, há uma caracterização da espiritualidade da juventude universitária e essa vivência é uma abertura para o diálogo é uma experiência de espiritualidade dialogal de libertação.

Palavras-Chave: Espiritualidade e Modernidade. Juventude (Universitários brasileiros). Pluralismo religioso – Diálogos. Secularização.

ARAÚJO, Dênis Nunes de. **The Spirituality of Brazilian University Youth at the end of the century XX and the beginning of the century XXI: Pluralism and Dialogue.** 2020. 180p. Master's (Dissertation in Sciences of Religion) – Diretory of Post-Graduation and Research. Post-Graduation Program in Religion Sciences of the Methodist University of São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

ABSTRACT

This research has as its theme the spirituality of university youth in Brazil in the period between the end of the 20th century and the beginning of the 21st century. This is a context of predominance of secularization across society, which brings with it the marks of pluralism that intensify, such as the crisis of institutions, religious indifferentism, the crisis of faith, desecration, the “no religion” and the traffic religious, aspects that can be verified in data collected by IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) and, in academic works carried out in university environment. The present work is descriptive and analytical and aims to verify the existence of plurality around the concept of youth and spirituality. The academic-scientific method of cartography will be applied, based on empirical data from research carried out in the Brazilian academic environment. Therefore, after this understanding of a context marked by profound transformations with new paradigms of cultural, religious, social and political perspectives, it will be possible to solve the problem about what characterizes the spirituality of Brazilian university youth. Among the empirical works published, there is a characterization of the spirituality of university youth and this experience is an opening for dialogue and an experience of dialogical spirituality of liberation.

Keywords: Spirituality and Modernity. Youth (Brazilian university students). Religious pluralism - Dialogues. Secularization.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

(org.)	Organizador responsável pela obra (plural: orgs.)
a.C.	Antes de Cristo
<i>apud</i>	(= junto de): indica citação contida em uma segunda fonte
CDD	Classificação Decimal de Dewey (CDD) – Sistema classificação bibliotecário
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conferência Episcopal Latino Americana
CNBB	Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
d.C.	Depois de Cristo
Dr.	Doutor
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ed.	Edição da obra (por exemplo: 2. ed. = 2ª edição)
<i>et al.</i>	Significa existência de mais que três autores simultâneos
FIP	Fundo de Incentivo à Pesquisa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<i>In:</i> (= em)	Indica onde o texto se localiza (um artigo, revista, livro, ou outra obra)
Km	Símbolo unidade de medida Quilômetro
Mater et Magistra	Expressão latina significa mãe e mestra
MG	Minas Gerais
n.	Número
<i>Nunc dimittis</i>	Cântico de Simeão (Evangelho Lc. 2,29-32)
ONGs	Organizações não governamentais
p.	Página
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
Prof.	Professor
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná

SUMÁRIO

AUTOBIOGRAFIA	05
INTRODUÇÃO	16
1 A CARACTERIZAÇÃO DA JUVENTUDE: A JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA NO AMBIENTE ACADÊMICO CIENTÍFICO	26
1.1 A juventude	26
1.1.1 A caracterização da juventude universitária no ambiente acadêmico científico	26
1.1.2 A universidade como um “Rito de Passagem”	30
1.1.3 A fé e o conhecimento científico	35
1.1.4 A categorização da juventude	37
1.1.5 As juventudes	38
1.1.6 A caracterização de juventude nos dias atuais	40
1.2 Os conceitos	42
1.2.1 O contexto dos conceitos	42
1.2.2 A caracterização de juventude no Ocidente	46
1.2.3 A identidade, a alteridade e o diálogo	48
1.3 O jovem e a realidade atual	49
1.3.1 A relação do jovem com sua família	49
1.3.2 A trajetória da juventude	52
1.3.3 O jovem na realidade da globalização	53
1.4 As juventudes e as questões emergentes	55
1.4.1 A juventude e a exclusão social	55
1.4.2 As desigualdades sociais	57
1.4.3 A juventude em um mundo secular	59
1.5 As juventudes na realidade de pluralismo	60
1.5.1 As juventudes e o pluralismo	60
1.5.2 A juventude e a globalização	61
1.5.3 A eterna juventude	62
1.6 A juventude e os seus projetos de vida	63
1.6.1 A multiplicidade da identidade juvenil	63
1.6.2 A juventude e o seu projeto de vida	65
1.6.3 As relações reais e virtuais da juventude	67
1.7 As culturas juvenis	68
1.7.1 Os novos estilos de vida	68
1.7.2 A juventude e os desafios das grandes cidades	69
1.8 Considerações	70
2 A CARACTERIZAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE: A ESPIRITUALIDADE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO	73
2.1 A espiritualidade	73
2.1.1 A caracterização do termo espiritualidade	73
2.1.2 A espiritualidade como resposta ao ser humano	77
2.2 A espiritualidade na Modernidade	80
2.2.1 A espiritualidade plural que leva à liberdade	80
2.2.2 As características da espiritualidade contemporânea	82
2.2.3 A espiritualidade uma proposta de abertura ao diálogo	83
2.2.4 A espiritualidade e a mística	84

2.3 A espiritualidade: uma ação humana	86
2.3.1 A espiritualidade sem adesão doutrinal	86
2.3.2 A espiritualidade globalizante	88
2.3.3 O testemunho e o diálogo	90
2.3.4 A espiritualidade como força libertadora	92
2.3.5 A espiritualidade: ação humana voltada para o mundo	94
2.3.6 A multiplicidade religiosa	95
2.4 O pluralismo moderno	96
2.4.1 O pluralismo religioso	96
2.4.2 As atitudes transreligiosas e transculturais	98
2.4.3 A pluralidade de sentido para a juventude	100
2.4.4 A pluralidade de espiritualidades	101
2.5 Os efeitos secularizantes da Modernidade	102
2.5.1 A perda da hegemonia espiritual	102
2.5.2 A secularização transforma a espiritualidade	104
2.5.3 A caracterização do termo secularização	106
2.5.4 A Modernidade e a religião	108
2.6 O cenário religioso da Modernidade	109
2.6.1 Os “sem religião”	109
2.6.2 O surgimento da categoria “sem religião”	111
2.6.3 Os jovens universitários “sem religião”	112
2.6.4 A instabilidade religiosa da Juventude	113
2.7 A pluralidade religiosa, sinal de alteridade e abertura ao diálogo	115
2.7.1 A universidade é o espaço da diversidade	115
2.7.2 A juventude em abertura ao diálogo	115
2.8 As práticas religiosas da juventude	117
2.8.1 A espiritualidade da juventude em família	117
2.8.2 A perspectiva de futuro da juventude	117
2.9 As influências da Modernidade na espiritualidade da juventude	118
2.10 Considerações	122
3 A CARACTERIZAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA MODERNA: DIÁLOGO E PLURALISMO	126
3.1 A espiritualidade da juventude universitária moderna	126
3.1.1 O contexto histórico e cultural da juventude universitária	126
3.1.2 A base da pesquisa	126
3.1.3 A juventude universitária e os paradigmas da Modernidade	130
3.2 A religião dos jovens universitários	131
3.2.1 A religião como paradigma	131
3.2.2 A religião na vida da juventude universitária	133
3.2.3 Os universitários seculares	135
3.3 A pluralidade religiosa entre os universitários	136
3.3.1 A Pluralidade é uma realidade da sociedade moderna	136
3.4 Os efeitos da secularização na espiritualidade da juventude universitária	137
3.4.1 A secularização e a racionalidade moderna	137
3.4.2 A religião e a secularização	138
3.4.3 A mudança de paradigma	139
3.4.4 Os impactos da Modernidade na espiritualidade do jovem universitário	140
3.5 A juventude universitária na realidade social atual	141
3.5.1 Os paradoxos enfrentados pela juventude universitária	141

3.5.2 A realidade cultural do jovem universitário	143
3.5.3 O individualismo e a busca de sentido	143
3.6 A bricolagem	144
3.6.1 A autonomia do sujeito frente às instituições modernas	144
3.6.2 A descentralização cristã	144
3.6.3 A revolução teocêntrica	145
3.6.4 O fim da imposição religiosa	146
3.7 A espiritualidade na universidade moderna	147
3.7.1 A visão moderna sobre a espiritualidade do jovem universitário	147
3.7.2 Os universitários e a perda da autonomia das instituições religiosas	148
3.8 A alteridade	149
3.8.1 A compreensão do outro	149
3.8.2 A sociabilização entre os universitários	150
3.9 A fé é mais importante que religiões e crenças para os universitários	150
3.9.1 A desvinculação das instituições religiosas	150
3.9.2 O engajamento social da juventude universitária	151
3.9.3 A fé individual dos jovens universitários	151
3.9.4 A visão de plenitude	153
3.10 A diversidade religiosa da juventude universitária	154
3.10.1 A prioridade religiosa dos jovens universitários	154
3.10.2 O diálogo que provém da diversidade religiosa	155
3.11 O pluralismo religioso da sociedade	156
3.11.1 O pluralismo é a fonte para o diálogo	156
3.11.2 A perda das grandes hegemonias religiosas	157
3.12 A relação entre a Modernidade e a religião para o jovem universitário	157
3.12.1 A religião distante dos saberes científicos	157
3.12.2 A religiosidade na Modernidade	158
3.12.3 O fenômeno religioso moderno	160
3.12.4 A juventude universitária e as várias espiritualidades	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	170

INTRODUÇÃO

Minha fé é o outro; não faço oração, mas não sei o que é ser ateu. O sentido é a luta; a questão social, que me faz defender os menos favorecidos. Todos os dias, penso na magistratura. Outras coisas também me apaixonam e renderiam mais dinheiro, mas faço isso em função da minha religiosidade (RIBEIRO, 2019, p. 202)¹.

O objetivo desta pesquisa é verificar a espiritualidade da juventude universitária brasileira no período que compreende o final do século XX e início do século XXI, o qual apresenta um contexto marcado pela pluralidade e diversidade nos vários âmbitos da sociedade. A Modernidade, tendo como característica marcante a racionalidade em todos os domínios da ação humana e natural, trouxe alguns aspectos importantes para a compreensão do que se propõe nesta pesquisa. As relações sociais são fundamentalmente verificadas pela razão, a compreensão do mundo e dos fenômenos naturais se dão a partir da racionalidade que predomina nas explicações e compreensões, “a racionalidade moderna exige que todas as afirmações explicativas respondam a critérios precisos do pensamento científico” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 31). A secularização é o desenraizamento pelo qual passa o indivíduo, é a dessacralização da cultura, é a libertação de toda forma tradicional, lança o indivíduo no pós-tradicional, na apostasia, que é a liberdade de escolha de pertencer ou não a uma experiência de fé. O contexto atual é compreendido a partir do processo de secularização e, existem profundas transformações estruturais em âmbitos sociais, culturais, políticos e religiosos, é um movimento de emancipação em relação ao que se verificava até a Modernidade na predominância do universo religioso tradicional, mas houve uma grande perda da influência do sistema religioso sobre as sociedades ocidentais que são constituídas como sociedades “seculares”. Ocorreu nessas sociedades “a perda da influência dos grandes sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica sua plena capacidade de orientar ela mesma seu destino, e a recomposição, sob uma forma nova das representações religiosas que permitiram a esta sociedade pensar a si mesma como autônoma” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 37). A secularização não significa o declínio da religião, mas sim uma maneira nova com que as pessoas se relacionam com a religião, é a “passagem de uma sociedade em que a fé em Deus é inquestionável e, de fato, não problemática, para uma na qual a fé é entendida como uma opção entre as outras e, em geral, não a mais fácil de ser abraçada” (TAYLOR, 2010, p. 15).

¹ Depoimento de um jovem universitário sobre os significados de sua experiência de fé, a vivência do Sagrado, e a sua experiência com o Transcendente e sua vivência da alteridade da fé, na pesquisa realizada pelo professor Jorge Cláudio Ribeiro sobre a religiosidade dos universitários (2009).

As sociedades modernas ocidentais fizeram uso do aparato jurídico-político da secularização como um processo histórico; a ocorrência da separação entre Igreja e Estado contribuiu para a efetivação de profundas mudanças no campo religioso, houve, assim, o desmantelamento do monopólio religioso, as sociedades modernas entraram em um processo de emancipação que é chamado de “laicização”, as sociedades se tornam independentes de todo aparato de regras e exigências ditadas por qualquer instituição religiosa, “a religião deixa de fornecer aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que lhes permitem dar um sentido à sua vida e a suas experiências” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 34). A tradição religiosa deixou de impor e constituir um código de sentido a todas as pessoas, mas, mesmo antes desta laicização, as sociedades chamadas tradicionais não viviam um total domínio do sistema religioso, os estudos apontam que as sociedades tradicionais ou pré-modernas sempre interagiam com as leis e o regimento religioso que supostamente regiam a maneira de viver e se portar em sociedade. O que ocorreu na Modernidade não foi somente o abandono da fé ou de uma crença religiosa, mas é algo mais profundo que simplesmente ater ou abandonar a religião, é “o fato de que a pretensão que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo foi-se tornando ilegítimo, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 34).

Com a secularização, a liberdade religiosa, a defesa da tolerância religiosa e a proteção do pluralismo religioso, passaram a ser garantidas pelo Estado. A sociedade ocidental é totalmente diferente de outras experiências na história da humanidade, uma das marcas profundas é o pluralismo, este é totalmente diferente daquele que se viveu e experimentou em contextos anteriores da história da humanidade.

O pluralismo da sociedade moderna é razão para a crise subjetiva e intersubjetiva de sentido; a pluralidade de conceitos é uma nova tendência religiosa. A Modernidade trouxe para o ser humano uma inquietude, como é um período de grandes transformações, esse sentimento é uma característica importante de se destacar; outra característica importante da Modernidade é a pluralidade religiosa “o pluralismo religioso e o crescimento da diversidade religiosa é uma realidade presente” (BAPTISTA, 2014, p. 1215). A realidade pluralista é geradora da desinstitucionalização do religioso, o indivíduo é levado a fazer as suas escolhas individuais e se decidir diante delas. Com a desinstitucionalização, não ocorreu o fim das instituições religiosas, elas ainda sobrevivem, têm uma grande participação de pessoas e muitas delas ainda detêm um grande crédito pela sociedade. É um movimento de reorganização religiosa em uma profunda transformação, a realidade religiosa da Modernidade está em ligação com a cultura do indivíduo, com tendência de relativização de

todas as normas e crenças religiosas.

A perda de força da observância, o desenvolvimento de uma religião ‘à la carte’, a proliferação das crenças combinadas a partir de várias fontes, a diversificação das trajetórias de identificação religiosa, o desdobramento de uma religiosidade peregrina: todos esses fenômenos são indicadores de uma tendência geral à erosão do crer religioso institucionalmente validado (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 170).

Na Modernidade, todas as instituições religiosas têm que enfrentar o desafio da desinstitucionalização, tais desafios são encarados de maneiras e condições diferentes por cada realidade religiosa, eles são enfrentados de acordo com a regulação de verdade e organização que cada uma das instituições religiosas buscam prezar para a sua realidade.

Esse é o ambiente social, cultural e religioso em que a juventude universitária brasileira do período do final do século XX e início do século XXI está inserida; desta forma, a trajetória da juventude é marcada por grandes transformações, algumas delas conflituosas, outras não, a juventude segue o curso de sua história marcada por vários processos característicos da Modernidade, os quais estão plantados em um contexto de grandes transformações sociais e culturais. Nos percursos geracionais da juventude, há certas reivindicações, inclusive no âmbito religioso, com isso há uma transformação de suas realidades individuais e sociais para que essa necessidade seja atendida, assim aderem à cultura contemporânea marcada pela pluralidade nos variados âmbitos da vivência humana, “e como esse ambiente afeta a religiosidade jovem? No caso de nossos universitários, como se caracterizam suas relações com a sociedade?” (RIBEIRO, 2009, p. 15). Com o avanço da Modernidade, surgiu um novo direcionamento da concepção sobre a juventude, na “Modernidade avançada, a juventude não está mais circunscrita a uma compreensão dicionária, biológica ou etária, mas é percebido o cruzamento de múltiplas determinações: culturais, econômicas e biográficas” (RIBEIRO, 2009, p. 109).

O estudo sobre a juventude tem sido objeto de pesquisas para muitos escritores e pesquisadores no Brasil. Há uma preocupação constante das sociedades modernas em delimitar a fase que compõe a juventude “a juventude certamente, começa aos 16 anos, mas ainda não se definiu exatamente quando acabará” (GROPPO, 2004, p. 10). Isso gerou a implementação, na década de 1980, do Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Várias são as formas de categorização da juventude, algumas são definidas a partir da demarcação, não basta ser reduzida a conceituação apenas por dados numéricos e específicos como define o Estatuto da Juventude no artigo 1º, § 1: “para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens

as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (BRASIL, 2013, art. 1º). Independentemente da nomenclatura que se dá a essa fase, o fato é que há algo diferente entre a infância e a fase de maturidade do ser humano, “a juventude aparece como período de transição entre a infância e a idade adulta, gerando políticas centradas na preparação para o mundo adulto” (ABRAMO *apud* FREITAS, 2005, p. 20). Há uma multiplicidade de abordagens em torno do termo juventude. Por isso, ficou a tarefa para os acadêmicos de dar uma definição mais clara e precisa, através de pesquisas e debates, sobre as definições do que categoriza adolescência e juventude, “a definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como a faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração [...]” (FREITAS, 2005, p. 6). Para definir juventude, é preciso olhar a cultura, pois, para definir o que é ser jovem, se faz necessário estar atento às “disputas nos campos político e econômico, e também conflitos entre intragerações” (NOVAES, 2012, p. 105). Sabe-se que o conceito foi construído histórica e culturalmente, por isso há grandes mudanças nas definições que se apresentam, de acordo com cada cultura e cada momento histórico que se faz presente nos espaços sociais.

Não se deve fixar o termo juventude somente no singular, mas sim juventudes, no plural, pois existe uma multiplicidade de identidades, posições e vivências de um mundo globalizado e plural. Essa compreensão é complexa, definir juventude de forma singular, torna possível se perder em afirmações vagas, uma vez que, em cada momento e contexto, surgem definições diferentes sobre a juventude; “cabem diversas tipologias, ao distinguirmos classes sociais, faixa etária, origem familiar, gênero, nível de escolaridade, tradição cultural, étnica e religiosa, certas condições físicas e socioeconômicas e outros” (LIBÂNIO, 2011, p. 5). A juventude é uma construção social, marcada pela sociedade com “suas características econômicas, políticas e, sobretudo culturais” (LIBÂNIO, 2004, p. 39). É uma realidade marcada por rápidas mudanças nos padrões de sociabilidade e também no modo de vivência do espaço público. Em épocas pré-modernas, vivia-se uma aparente homogeneidade nas condições de vida, ou ao menos uma aproximação homogênea; atualmente, na Modernidade, há uma heterogeneidade na maneira de viver, uma pluralidade de expressões e sentimentos, são os chamados grupos geracionais. Definições atuais sobre juventude estão associadas a cada momento e ao lugar que cada um dos diferentes grupos define o termo. A juventude é percepção e expressão de ações gerais de toda a sociedade. A juventude moderna é marcada pela diversidade, várias são as formações de grupos, como grupos culturais, grupos religiosos, grupos de afirmação sexual entre outros; “desta forma, para além das desigualdades e diversidades presentes entre os/as jovens, torna-se possível pensar juventudes, no plural, sem

abrir mão de buscar sua singularidade” (NOVAES, 2009, p. 19). A categorização de juventude em certos momentos na Modernidade desaparece para ceder espaço a uma categorização de “juvenilização”, “considera-se aqui a juventude um ‘estilo de vida’, como uma ‘forma de ser’, como ‘estado de espírito’, que todos, independentemente de sua idade, podem – e devem – assumir” (GROPPO, 2004, p. 18). A diversidade da categoria juvenil se forma com a transição do momento histórico, social e econômico que são responsáveis pela mudança no modo de viver do ser humano, em que há um “alargamento” da ideia de juventude, “uma intensificação da comunicação de identidades, realidades sociais e culturais e experiências geracionais, tornando bastante complexo o fenômeno da(s) juventude(s) na interface com a(s) religião(ões)” (TAVARES; CAMURÇA, 2004, p. 23).

A fragmentação das identidades dos indivíduos é uma das características da Modernidade; desta forma, na realidade da juventude se criam grupos e estilos próprios para que possam acompanhar a tendência mundial ou se posicionar contrariamente, a juventude se identifica nos estilos de se portar adotados pelos jovens no seu cotidiano, bem como na forma de se expressar socialmente. A juventude elabora suas concepções e seus valores com ressignificação na maneira de ver e transformar o mundo, “dessa maneira as incertezas e inseguranças do mundo atual tornam-se aspectos consideráveis ao avaliarmos as inconstâncias da juventude, é nesse ambiente que os jovens vivem parte de suas vidas e dele arregimenta toda a sua formação” (OLIVEIRA, 2010, p. 4).

O cenário religioso brasileiro tem se transformado vertiginosamente nos últimos anos, principalmente no final do século XX e início do século XXI. A cada censo demográfico, um novo cenário religioso se impõe, “ficamos intrigados com o crescimento dos ‘sem religião’ e, ao mesmo tempo, do espiritismo; com o vigor e as combinações dos pentecostalismos cristãos, além das crises e renovações do catolicismo” (PANASIEWICZ, 2015, p. 1861). Há um movimento, no país, de mudanças fundamentais nas estratégias de apresentação social a partir dos dados dos censos demográficos; “o declínio histórico do catolicismo no Brasil, relacionado com o crescimento evangélico e com o aumento daqueles que se declaram ‘sem religião’” (NOVAES, 2004, p. 328). Há uma discussão entre os teóricos sobre um possível limite para o crescimento daqueles que se denominam “sem religião”. “Na última década recenseada, de 2000 a 2010, contudo, o crescimento dos ‘sem religião’ se deu em ritmo menor, de 7,4% para 8%, em números absolutos da população, de 12,3 milhões para 15,3 milhões” (CAMURÇA, 2017, p. 58). Segundo as pesquisas, bem como nos resultados dos censos brasileiros, há um número expressivo de jovens que se declaram “sem religião”, na universidade isso ficou bem explícito. Acredita-se que esses jovens, que não se identificam,

ou dizem não pertencer à religião alguma, ou a algum tipo de instituição religiosa, não podem, sem mais, serem categorizados como ‘sem religião’, ‘sem’ fé, religiosidade ou espiritualidade (BAPTISTA, 2014, p. 1209). O censo de 2010 mostrou que os adeptos dessa categoria “sem religião” estão presentes em todo o território nacional, mesmo que haja críticas quanto ao método de coleta de dados das informações fornecidas ao IBGE, “somente em 2010 a categoria censitária dos sem religião apareceu, enfim, desmembrada em grupos de ateus, agnósticos e sem religião” (LUIZ, 2013, p. 83). Com essa categoria “sem religião”, a partir dos dados, pode-se constatar que “do ponto de vista da filiação e do compromisso individual com grupos religiosos, os sem religião são efetivamente mais secularizados do que os filiados a qualquer organização religiosa” (MARIANO, 2013, p. 123). As constatações da atualidade são de que “nunca houve tanta liberdade religiosa no Brasil como agora. Nunca antes as religiões foram tão livres para aqui aportar ou aparecer” (PIERUCCI, 2012, p. 87).

Esse cenário é desafiador para a definição da espiritualidade; sabe-se que é uma busca que a pessoa faz para encontrar sentido de vida através de uma autorrealização. A espiritualidade possui uma autonomia em relação à instituição, ela possui autenticidade, criatividade, leva a pessoa a experimentar certo mal-estar em relação à materialidade do mundo na vivência de sua crença e fé. A espiritualidade está unida à ideia de uma busca pessoal para o aperfeiçoamento do potencial humano, “isso pode envolver ou não valores religiosos, mas de toda forma envolve concepções ligadas ao exercício da fé” (FRANCO *apud* USARSKI, 2016, p. 401). Entre a juventude, há uma diversidade na visão sobre a vivência religiosa, os modelos de religião são desvinculados da instituição.

Acho que independentemente da religião, o importante é acreditar que existe alguém que pode fazer algo por você. Mesmo que você não veja, nunca vai ver, talvez não consiga nem ouvir a voz dessa pessoa igual a gente escuta, mas é alguém que tá ali por você, sempre. Você sabe que é um ser que está ali que vai te ajudar (JOVEM 6MR, Rio Verde, 2014 *apud* SILVA; SOFIATI e TEIXEIRA, 2016, p. 81)².

Segundo esse relato, há claramente uma desvinculação da pertença institucional, mas há uma vinculação a um ser transcendente que tem a tarefa de ajudá-lo, no qual ele confia; esse ser é capaz de trazer para o jovem proteção e controle de sua vida. A religiosidade do jovem universitário é intensa e fluida, há uma resistência por parte desta juventude às

² Os autores Silva; Sofiati e Teixeira (2016, p. 81) explicam que os jovens, em seus relatos, serão sempre identificados por número, turno e eixo em que sua fala está situada na roda de conversa – educação, religião ou violência. À guisa de ilustração no caso desse depoimento, referimo-nos à fala do jovem 6, do turno matutino, que se expressou acerca da temática religião. Segue-se a essa referência, a indicação do município onde aconteceu a roda de conversa.

tradições religiosas, mas esta encontra forças e capacidades de se mobilizarem, assim:

O percurso feito desvela traços marcantes no perfil da religiosidade do universitário. *Grosso modo*, as convicções dos universitários mobilizam sua capacidade de luta e se baseiam numa confiança fundamental de que há sentido na vida, a qual é motivada por uma energia. Seus valores principais são a fé atitude, a natureza, a música e a verdade, vivenciados num ambiente de encontro interpessoal, no amor, numa comunidade alerta e com o transcendente (RIBEIRO, 2004, p. 114).

No ambiente plural e diverso que é a universidade, há vertentes da religiosidade crente e secular entre os universitários. O jovem está imerso em um mundo secular da Modernidade, em uma fase de busca por conhecimento e de busca de sentido para a existência que enfrentará na fase adulta, por isso busca firmar esses sentidos em ambientes que lhes asseveram que a juventude faz para “guiar-se por alguma direção para tomar decisões estratégicas que serão determinantes para o resto de sua vida” (RIBEIRO, 2009, p. 110). A sociedade está repleta de experiências religiosas para a compreensão do sagrado como condição humana, de forma que a metodologia da “transdisciplinaridade provoca atitudes transreligiosas e transculturais” (PANASIEWICZ, 2015, p. 1853).

São grandes as mudanças de paradigmas que obrigam as sociedades a elaborarem novos sentidos para a sua caminhada, “será que a experiência do sagrado e as instituições religiosas teriam perdido a sua verdade? Ou, pelo contrário, seriam elas capazes de afirmar novas verdades ao se adaptar às mutações do cenário?” (RIBEIRO, 2009, p. 60). A reflexão, sobre a religião do início do novo milênio, que “a saga da Modernidade ocidental carrega profundo paradoxo. Ela nasce do Cristianismo e volta-se contra ele e contra todo o Sagrado” (LIBÂNIO, 2011, p. 43).

A vivência religiosa da juventude universitária brasileira tem uma característica importante, houve um crescimento daqueles que se declaram religiosos; “constatou-se, em 1990, que 63,1% dos estudantes declararam ter algum tipo de crença contra 89,3% em 2013. Esse crescimento é surpreendente, pois o Censo do IBGE 2010 também mostrou queda da expressão religiosa entre os jovens” (BAPTISTA, 2014, p. 1209). A juventude universitária experimenta e vivencia a religiosidade sem o pertencimento a qualquer instituição tradicional, “a oração se torna uma prática particular de se relacionar com o transcendente, que não necessita de mediação, de vinculação ou pertencimento religioso” (MEZZOMO; 2017, p. 78). Muitos jovens que se declaram “sem Deus”, “sem Religião”, desenvolvem, talvez, seu ateísmo ou seu agnosticismo como uma rejeição, não especificamente contra Deus, e sim

contra as crenças que foram herdadas e as práticas das quais participavam anteriormente como pertença familiar. Há um resíduo de crença em algumas frases pronunciadas pelos jovens universitários pesquisados, “‘percebo Deus como um ser pessoal’, ‘ter fé é mais importante que ter crenças e religiões’, ‘uma crença ou ritual são verdadeiros se produzem efeito positivo em minha vida’” (RIBEIRO, 2009, p. 162). Dessa forma, entre os jovens universitários brasileiros, é possível perceber que possuem crenças e que as visões sobre Deus são variadas e distintas. Há uma pluralidade na vivência de suas experiências religiosas e suas espiritualidades, de forma individual e sem vínculo institucional; há uma ruptura perceptível entre a crença e a prática da fé; a participação em sistemas religiosos torna-se uma opção, podendo propiciar uma ruptura entre crença e prática, além de rearranjos entre a espiritualidade subjetiva e os rituais institucionalmente legitimados (MEZZOMO; 2017, p. 84). A juventude moderna é marcada pela diversidade, várias são as formações de grupos, como grupos culturais, grupos religiosos, grupos de afirmação sexual, entre outros; “desta forma, para além das desigualdades e diversidades presentes entre os/as jovens, torna-se possível pensar juventudes, no plural, sem abrir mão de buscar sua singularidade” (NOVAES, 2009, p. 19).

O ambiente universitário é o espaço para a diversidade da espiritualidade e da crença no transcendente, assim, torna-se possível um diálogo aberto, partindo da reflexão e da experiência do campo religioso, “os passos para o diálogo envolvem não somente uma responsabilidade prática, mas igualmente uma abertura aos enriquecimentos múltiplos que o encontro desarmado pode e deve favorecer” (TEIXEIRA, 2005, p. 143). A prática do diálogo visa compreender a realidade da espiritualidade libertadora da juventude universitária. O grande diferencial desta juventude é a abertura à experimentação, uma vivência de trânsito de pertencas sociais e espirituais que são plurais e diversificadas. Assim, o pluralismo na juventude universitária tem potencialidade de abertura ao outro, dessa forma, torna-se possível analisar a existência de uma realidade de espiritualidade dialogal, uma experiência de alteridade entre a juventude universitária, uma espiritualidade de libertação. Nas pesquisas com os universitários, há demonstração de que a compreensão de espiritualidade não perpassa pela relação com Deus ou alguma instituição religiosa, “tenho momentos espirituais, mas não acredito que seja em relação a Deus ou a alguma religião. Estes momentos ocorrem quando dou sentido para minha vida e isso me deixa em paz. Minha espiritualidade está dentro de mim, só eu tenho poder sobre ela” (RIBEIRO, 2004, p. 114). Diante desse relato, percebe-se que o jovem universitário tem uma percepção do mistério, a partir de uma construção de sentido, mas traz em si um grande desencantamento com qualquer sistema religioso, está

aberto à alteridade e socialização, a imagem de Deus que o jovem universitário concebe é um ser próximo

Vejo Deus na natureza, nas relações humanas, no sentido de construção, não acredito que Deus é essa coisa personificada que tem vontade própria, que deseja destruir as pessoas. Deus é essa energia, impulsiona as pessoas. Estou aqui para escrever minha história, dentro das relações humanas (RIBEIRO, 2004, p. 114).

O jovem universitário vai trabalhando essa realidade na construção de sentido de sua existência; a imagem de Deus que o jovem universitário possui é aquela que tende à proximidade e ao distanciamento, o que depende de cada circunstância e cada pessoa na sua compreensão de espiritualidade, é uma experiência pautada na alteridade.

A pesquisa tem por princípio a análise reflexiva hermenêutica, será feita a partir do levantamento de textos e autores que permeiam a problemática da caracterização da espiritualidade da juventude universitária brasileira. O método para a realização da pesquisa será o de levantamento bibliográfico, o qual será acompanhado de uma análise reflexiva, “o levantamento bibliográfico preliminar é que irá possibilitar que a área de estudo seja delimitada e que o problema possa finalmente ser definido” (GIL, 2017, p. 44). O texto será elaborado em linguagem formal e discursiva, com a finalidade de analisar dados dos referenciais teóricos do objeto a ser estudado. Serão utilizados materiais teóricos impressos, tais como livros e revistas; periódicos em plataformas on-line, bem como outros websites e bibliotecas virtuais; “a teoria desempenha um papel diferente em esboços de pesquisa diferente, e isso influencia o papel dos métodos” (ENGLER; STAUSBERG *apud* USARSKI, 2013, p. 69).

Será utilizado em conjunto o método de cartografia, este é um método que busca a origem, é uma análise para entendimento dos processos nos quais essas linhas vão se firmando e transformando a realidade humana. Com isso, serão verificadas como as novas tendências em um contexto de pluralidade e diversidade são trazidas à juventude universitária brasileira, para chegar à compreensão da categorização e concepção de juventude e/ou juventudes em relação à espiritualidade. A cartografia possibilitará a visualização para compreensão do contexto e da realidade em que se insere a espiritualidade e a categorização da juventude universitária brasileira, “cartografar é desemaranhar tanto as linhas que compõem o estabelecido, quanto as que apontam as possibilidades do novo. Trata-se de mapear os acontecimentos, não como quem busca origens ‘mesmo que perdidas ou rasuradas’, mas a formação do novo” (ESPERANDIO, 2011, p. 162). Assim, serão analisados

os dados entre algumas das pesquisas bibliográficas e os trabalhos empíricos realizados no âmbito brasileiro, especificamente pesquisas da PUC-SP e da PUC-Minas, tais como: a pesquisa de Jorge Cláudio Ribeiro (2009) sobre a religiosidade jovem da PUC-SP; a pesquisa de Paulo Agostinho Batista (1999) sobre a geração universitária da PUC-Minas, uma pesquisa entre os anos de 1990 a 2013; o trabalho de Marcos Pinheiro (2012) sobre a religiosidade e juventude universitária da UFMG; a pesquisa de Roberlei Panasiewicz e Pedro Oliveira (2014) sobre tendências religiosas entre a população universitária: um estudo de caso.

O resultado esperado é caracterizar a espiritualidade da juventude universitária brasileira do final do século XX e início do século XXI, marcado pela pluralidade, mas com abertura ao diálogo. Caracterizar os termos juventude e espiritualidade em uma realidade de pluralidade com possibilidade de abertura ao outro e com potencialidade para uma espiritualidade dialogal. Ao analisar hermeneuticamente os trabalhos acadêmicos já realizados por vários pesquisadores, pretende-se proporcionar um trabalho que possa contribuir para as pesquisas e análises sobre a caracterização da juventude universitária.

1 A CARACTERIZAÇÃO DA JUVENTUDE: A JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA NO AMBIENTE ACADÊMICO CIENTÍFICO

1.1 A juventude

1.1.1 A caracterização da juventude universitária no ambiente acadêmico científico

Esta pesquisa visa trazer uma reflexão hermenêutica da caracterização da experiência religiosa que se apresenta entre a juventude universitária, independentemente de uma instituição confessional ou não, estando todas inseridas em um ambiente de predomínio da cultura secular e cuja base é a busca do conhecimento científico. Este estudo tem sido objeto de pesquisas para muitos escritores e pesquisadores no Brasil, existem no Brasil alguns trabalhos acadêmicos que buscam compreender o perfil da juventude atual e sua vivência religiosa. O principal referencial teórico desta pesquisa são as reflexões do professor Jorge Cláudio Ribeiro³ que, em 2009, faz um estudo de caso para explorar e identificar o perfil da religiosidade do universitário na PUC-SP. Tais reflexões contribuem para a análise a respeito da juventude e suas relações com a espiritualidade; em um ambiente universitário,

³ Jorge Claudio Ribeiro - Graduação: Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (1972); Jornalismo pela USP (1978); Teologia no Itesp, curso iniciado na PUC-RJ (1974-5). Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade (1981) e em Teologia no Itesp (2012). Doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP (1991), sob orientação de Renato Ortiz. Pós-doutorados: Sociologia das Religiões na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris (2003), no IFCH da Unicamp (2003-4) e na Columbia Un. de Nova York (2009 e 2013), com supervisão dos professores Ralph Della Cava e José Casanova. É professor livre-docente e titular em Ciência da Religião pela PUC-SP, onde leciona desde 1976; integra o Depto. Ciência da Religião. Em 1997-8, realizou pesquisa-doutor intitulada "Perfil existencial do professor de Introdução ao Pensamento Teológico da PUC-SP". Desde 1997 lidera a pesquisa institucional "Perfil da Religiosidade do Jovem Universitário - um estudo de caso na PUC-SP", com aplicação quadrienal de instrumento de coleta de dados. Em 2012 realizou na PUC-SP a coleta online de dados para a pesquisa mencionada, com amplo sucesso. Orienta pesquisas de Iniciação Científica, Conclusão de Curso e Doutorado. Atua nas áreas de Educação e Ciências Sociais, com ênfase em Ciência da Religião, sobretudo os seguintes temas: juventude, experiência religiosa, educação, contemporaneidade, jornalismo e cultura. Em 1991 fundou a Editora Olho d'Água, especializada em ciências humanas. É autor de cinco livros individuais, sendo os principais: "Sempre Alerta, condições e contradições do trabalho jornalístico" e "Religiosidade Jovem", com os resultados da pesquisa mencionada acima. Recentemente editou a obra "Religião", de Georg Simmel, reunindo ensaios desse autor clássico. Editou a tradução de "A religião invisível", de Thomas Luckmann. É diretor dos filmes documentários "Não se cala a consciência de um povo" (1979) sobre a invasão policial da PUC-SP ocorrida em 22/9/1977 e "Tuca Videobra" (1984) sobre o incêndio do teatro da Universidade, em 22/9/1984. Produção e apresentação de programas de entrevistas: "Caminhos", na Rede Vida de TV (1997) e "Teodiversidade", na TV-PUC (2004 até 2012). De abril a julho/2013 realizou estágio na Un. Columbia como professor/pesquisador visitante pela Capes/Fulbright para pesquisar sobre "A Teologia da Libertação nos EUA e na América Latina - uma perspectiva comparativa", junto aos professores James H. Cone e Cornell West. Nesse meio tempo, participou de Colóquio sobre Secularização em Viena, sob a liderança do filósofo Charles Taylor, onde apresentou paper intitulado "Dois estranhos sob um guarda-chuva - os sem-religião no Brasil". A partir de setembro/2015 produziu e apresentou uma série de dez programas na TV PUC-SP sobre a encíclica ecológica do papa Francisco, "Laudato Si'". Em maio/2016 participou intensamente, como candidato, da campanha para escolha de reitor pela comunidade universitária da PUC-SP. Em 2018 teve publicado seu primeiro romance "Ela me tira pra dançar", pela Editora Patuá, em que o personagem revisita sua memória sentimental e espiritual através dos meandros da religiosidade pós-moderna. Disponível em: <https://pucsp.academia.edu/JorgeRibeiro> Acesso em: 22 abr. 2020).

marcado pela predominância do conhecimento científico, há necessidade de verificar esse perfil.

Ao percorrer essas reflexões, esta pesquisa pretende analisar a espiritualidade da juventude universitária inserida em um contexto de pluralismo religioso, para definir a relação com a sociedade e a abertura ao diálogo em um ambiente científico, acadêmico e cultural, que seria capaz de levar a um diálogo de construção, na experiência com o outro e a uma experiência de alteridade. Este trabalho pretende demonstrar que o pluralismo na juventude universitária tem potencialidade de abertura para o outro, que Enrique Dussel denomina de Alteridade. Dessa forma, torna-se possível analisar a existência de uma realidade de espiritualidade dialogal, uma experiência de alteridade entre a juventude universitária, uma espiritualidade de libertação, a partir do projeto de Transmodernidade do pensador Enrique Dussel, que defende uma filosofia da libertação⁴ como uma filosofia cultural, com a necessidade de se gerar uma nova elite que surgiria a partir dos interesses dos grandes blocos periféricos mundiais, um diálogo intercultural, em que este seja o ponto de partida, com a base da cultura periférica oprimida pela cultura imperial eurocêntrica. Há uma grande importância da cultura popular na implementação do “projeto de libertação cultural” (DUSSEL, 2016, p. 53.). O pluralismo é a marca fundamental da secularização, especificamente o pluralismo religioso, “falar em pluralismo religioso, hoje é o mesmo que falar de compreensão da religião que ultrapassa os limites da tradição” (SANCHES, 2010, p. 37). O sujeito passa a ser o centro, com isso as expressões religiosas precisam fazer recortes que muitas vezes não são vinculados às grandes tradições religiosas. Nessa compreensão, o meio universitário expressa essa pluralidade de concepções sobre a questão religiosa.

A pesquisa pretende analisar a categorização da juventude em meio a esse contexto contemporâneo, o fenômeno das juventudes tem sido um grande desafio para a compreensão na contemporaneidade, “a base conceitual desse segmento social ainda se mostra difusa, não dando clareza para toda a complexidade que envolve essa temática” (SCHERER, PERONDI, SILVA *apud* RIBEIRO, 2014, p. 19). Outro conceito que se pretende compreender é o significado de espiritualidade e como é percebida nessa pluralidade de conceituação, “ao entrar na Modernidade, sobretudo urbana, a religião sofre processo de secularização. Aos poucos, as práticas religiosas se esfumam. A dimensão sagrada da existência cede lugar à

⁴ “Así, el filósofo argentino-mexicano Enrique Dussel, a partir de su libro *Postmodernidad, Transmodernidad* (1999), lo enmarca em el contexto de la filosofía de la liberación y la reflexión la identidad latino-americana, entendiendo por teorías transmodernas aquellas que, procedentes del Tercer Mundo, reclaman un lugar propio frente a la Modernidad occidental, incorporando la mirada del otro postcolonial subalterno” (RODRÍGUEZ MAGDA, 2013, p. 2).

valorização da própria liberdade e escolha pessoal, sem o peso da tradição” (LIBANIO, 2012, p. 183).

É preciso desenvolver, através da fundamentação na alteridade, uma ética pluralista que tenha por base o reconhecimento na interação com o Outro. A universidade é o meio pelo qual se pode encontrar a diversidade da espiritualidade e da crença no transcendente; assim, torna-se possível um diálogo aberto, partindo da reflexão e da experiência do campo religioso, “os passos para o diálogo envolvem não somente uma responsabilidade prática, mas igualmente uma abertura aos enriquecimentos múltiplos que o encontro desarmado pode e deve favorecer” (TEIXEIRA, 2005, p. 143). A pesquisa visa compreender a realidade da espiritualidade da juventude universitária em contexto contemporâneo, se faz igualmente pluralista, inserida no contexto de grandes transformações. Compreender a religiosidade e a espiritualidade do jovem universitário no contexto do mundo globalizado de forma dialogante e aberta ao Outro, que agrega o diferente, perceber qual perfil (ou quais perfis) religioso se apresenta no ambiente universitário, “dentre outros modelos educacionais, salienta-se a necessidade de se analisar o papel que a religiosidade na UFMG vem desempenhando na vida acadêmica de seus/as estudantes por intermédio de grupos organizados” (PINHEIRO, 2012, p. 10).

O jovem tem a necessidade de reivindicar liberdade diante de suas escolhas, inclusive diante das tradições herdadas, entre elas a sua espiritualidade, “para atender a suas necessidades, essa geração faz o amálgama de materiais diversos, tais como a cultura mundializada, as condições econômico-sociais e as ocorrências do cotidiano” (RIBEIRO, 2009, p. 15). A pesquisa deste referencial teórico se baseou na busca por respostas a questões tais como: como a realidade em que o jovem universitário está inserido no mundo atual pode influenciar a sua espiritualidade? Para tais jovens universitários, que estão imersos em um ambiente científico, quais seriam as características por eles apresentadas no relacionamento com a sociedade? O trabalho do autor se baseou no que ele mesmo chama de concepção de base “Religiosidade é uma capacidade humana, histórica e culturalmente determinada, de elaborar sentidos para a totalidade da existência” (RIBEIRO, 2009, p. 16). A contemporaneidade mostra uma grande transformação nas relações pessoais, inclusive na juventude. Neste ambiente universitário, há uma grande busca pela ciência e por todas as realidades técnicas; os desafios da Modernidade que, diante de uma realidade pluralista e em meio ao pluralismo religioso na sociedade, levam a várias questões ligadas ao âmbito da ética e da moral, como o discurso sobre aborto, pesquisa genética, união entre pessoas mesmo sexo, entre outras, são estimulados na universidade. A reflexão científica leva o jovem universitário

a repensar e reavaliar as suas convicções de fé, algumas destas convicções são amadurecidas e outras são deixadas para sempre ou por um período durante a sua vida.

A proposta pedagógica de *Introdução ao pensamento teológico* IPT⁵ surgiu, pois, numa época de intenso questionamento de valores, por parte da sociedade e da juventude. Atendendo a um público universitário que se caracteriza como pluri-religioso, urbano e hipercrítico, a prática dessa disciplina abriu espaço para se perceber uma complexa religiosidade que leva o jovem a questionar certezas herdadas, amadurecer sua autonomia e inserir-se na vida social (RIBEIRO, 2009, p. 16).

Segundo o autor, esse contexto serviu para que toda a pesquisa corroborasse para uma caracterização da vivência do jovem na contemporaneidade, foi possível conhecer o perfil de sua vivência espiritual e a busca de sentido. Em uma sociedade globalizada é possível compreender os traços da espiritualidade que o jovem universitário apresenta. A partir dessa apreensão, é possível propor novidades para os vários segmentos juvenis, assim, há possibilidade de refletir a caracterização da juventude nos dias atuais e delimitar seu modo de ser. O mundo é um empreendimento de construção que o ser humano realiza através de suas ações, “a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento” (BERGER, 2017b, p. 17). Esse empreendimento gera uma relação entre o ser humano e a sua construção de mundo. Dessa forma, o jovem universitário, inserido em um contexto de cultura moderna, vai construindo suas relações humanas e interpessoais. A cada momento da história, tais relações denotam novos rumos para a caracterização da juventude e de sua vivência espiritual. A sociedade é um fenômeno dialético, tal referência se dá por ser a sociedade uma construção da ação humana, são forças que vão desafiar o ser humano a buscar um sentido, “não tem outro ser exceto aquele que lhe é conferido pela atividade e consciência humanas. Não pode haver realidade social sem o homem. Pode-se afirmar também que o homem é um produto da sociedade” (BERGER, 2017b, p. 17-18). O ser humano não consegue viver isolado, sem a pertença a um meio social, a sociedade sempre existiu, e a afirmativa de que a sociedade necessita da ação humana e o ser humano necessita da intervenção da sociedade se torna plausível; mas, em muito, houve uma transformação nas relações humanas e interpessoais, o tempo a que essa juventude universitária está inserida, é um tempo repleto de ações de uma revolução individualizadora. A Modernidade é um tempo cuja característica predominante é o

⁵ IPT – Disciplina Introdução ao Pensamento Teológico, “nossa pesquisa começou em 1997, no bojo da experiência docente inaugurada no fecundo Ciclo Básico (1971-1986), pela disciplina Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo (PFTHC), oferecida pelo então Departamento de Teologia daquela universidade. Com o término do Básico, PFTHC passou a ser denominada Introdução ao Pensamento Teológico (IPT). De 1971 a 2008 esses ‘créditos teológicos’ atingiram a expressiva marca de 150 mil estudantes de graduação, o que representa inegável acúmulo de experiência” (RIBEIRO, 2009, p. 16).

individualismo, fenômeno que a sociedade já havia experimentado em outros tempos históricos, mas de maneira mais pontual, a novidade é que essa realidade individualista se tornou um fenômeno de massa.

Toda pessoa sente que alguma coisa mudou. Com frequência isso é experimentado como perda, rompimento. A maioria dos norte-americanos acredita que as comunidades, as famílias, as relações de vizinhança e até o regime político estão sofrendo erosão; eles sentem que as pessoas estão menos dispostas a participar, de fazer sua parte; eles estão confiando menos nos demais (TAYLOR, 2010, p. 555).

Essas mudanças são perceptíveis dentro do ambiente universitário. Há uma influência muito grande dos estilos modernos de vida consumista; houve uma mudança enorme na dimensão da mobilidade social, geográfica. Os universitários enfrentam um novo modelo de família, que é diferente de outros que se verificavam em tempos anteriores. Em meio à sociedade após as grandes guerras, os modos anteriores de cooperação e de crescimento mútuo desapareceram, esse foi o preço da grande escassez e carência dos bens mais básicos e necessários à sobrevivência humana; para que houvesse a garantia de sobrevivência, as pessoas focaram as suas atividades em si próprios e na sua família.

Paulo Agostinho Baptista, professor do programa de Ciências da Religião da PUC MG, é pesquisador da juventude universitária. Em sua pesquisa, buscou elementos para compreender melhor o jovem na atualidade, especificamente o jovem universitário, “para todos os envolvidos com o Ensino Superior, é de grande interesse conhecer o atual perfil do estudante universitário, especialmente comparando-o ao de duas décadas atrás, quase uma geração (cronologicamente)” (BAPTISTA, 2014, p. 1191). O interesse e o enfoque sobre o perfil dos estudantes universitários, sobre os quais é realizado um estudo comparativo com outra pesquisa do ano de 1990. Seguindo estes autores, juntamente com outros que estudam o mesmo tema, é possível refletir sobre o perfil da juventude, principalmente da juventude que está inserida no ambiente universitário nos dias atuais, em relação com toda abrangência do conhecimento científico e reflexivo.

1.1.2 A universidade como um “Rito de Passagem”

O momento em que a pessoa se insere na universidade é um marco importante em sua vida, pois ocorre um confronto de “mundos”; as vivências, que até então eram marcadas pela presença e decisões em família, mudam a partir do ingresso na universidade, “cuja função é abrir as portas do e da estudante para o ‘grande mundo’ da sociedade” (OLIVEIRA;

PANASIEWICZ, 2014, p. 1161). No contexto universitário, o jovem vai encontrar várias realidades que se deparam com o produto da ação humana, na construção da sociedade, “toda biografia individual é um episódio dentro da história da sociedade, que a precede e lhe sobrevive” (BERGER, 2017b, p. 18). O momento em que o jovem ingressa na universidade ele está em uma fase etária de sua vida marcada fortemente por rupturas, dentre as quais o jovem deixa um mundo infantil para buscar mais direcionamento e posição no grupo familiar, em direção a um destaque social; “essa fase é crucial, um *kairós*: quem a vive não pode dar-se ao luxo de desperdiçar forças, mas precisa usar em seu favor todos os elementos de que puder dispor” (RIBEIRO, 2009, p. 110). A universidade se torna um ambiente importante, é neste local que muitas das escolhas se firmarão pra toda a vida da pessoa, são afirmações que se tornam necessárias para tomadas de decisões, atinge um valor na sua autonomia, frente as suas escolhas. Para muitos universitários, a entrada na universidade e a experiência desse novo ambiente representam uma transformação. É a experiência da busca pelo conhecimento, em que o universitário experimentará novas vivências e emoções. Para muitos se torna a realização de um sonho, é a obtenção de uma meta já traçada desde muito cedo, é uma ruptura da vida infantil para a adulta, são novas significações e valores para a vida, tais como o rompimento com muitas amizades e construção de novos relacionamentos; a experiência de independência da saída de casa para morar longe da família; uma oportunidade de exploração de novos sentidos e valores para sua vida.

A entrada na universidade para mim significou o início concreto do rumo que seguirei para toda a vida./ O dia em que saiu o resultado do vestibular, e meu nome estava na lista dos convocados./ Estava me sentindo meio perdida, sem rumo e prestes a mudar de país, simplesmente por não saber o que fazer da vida, acabei me encontrando na PUC, ainda mais por ter estudado a vida inteira num colégio extremamente tradicional./ Descobri minha ‘vocação’ (sem sentido divino) para estudar o homem, o universo. Ou seja, descobri que sou um ‘cientista’! (RIBEIRO, 2009, p. 181).

A universidade se torna para os jovens uma das principais colaboradoras para a construção de suas escolhas e definições de futuro, quando o jovem ingressa na universidade, ele tem um misto de sentimentos, de vitórias, conquistas, liberdade e conquista de sua maioria. É nessa trajetória de escolhas e de realidade que o jovem universitário experimenta, que ele tem contato com a tragicidade e a transcendência da vida e, nesse processo, se depara com o mistério, algo que mostra e demonstra a sua alteridade, o encontro e as possibilidades de experimentar a relação com o outro.

Nesta visão, a pesquisa de campo realizada pelos autores Paulo Agostinho e Roberlei

Panasiewicz⁶, busca examinar as diferentes formas que a juventude universitária atual busca experimentar e expressar em seu relacionamento com aquilo que é o dado da espiritualidade, o divino e misterioso.

Esta nossa pesquisa busca a compreensão e delimitação do termo juventude, para isto se torna imprescindível basear-se em vários estudiosos que são pesquisadores do mesmo tema em disciplinas interdisciplinares e transdisciplinares, tais como a sociologia, a antropologia, a psicologia entre outras várias áreas do conhecimento que possam contribuir para a elaboração de um perfil de juventude na atualidade, pois “a transdisciplinaridade transgride as fronteiras de cada ciência disciplinar e constrói um novo conhecimento ‘através’ das ciências, um conhecimento integrado em função da humanidade, resgatando as relações de interdependência” (ARAGÃO, 2018, p. 46).

É a consideração da realidade e dos sujeitos do conhecimento que cada área de estudo procura compor e cria uma realidade composta por vários níveis interligados. Dessa forma, o campo das Ciências da Religião tem a colaboração de várias áreas afins, tais como “ciências sociais e ciências da comunicação, das disciplinas de sociologia, antropologia e psicologia, bem como de filosofia, linguística e teologia, exigindo que seus respectivos aportes metodológicos sejam redimensionados epistemologicamente” (ARAGÃO, 2018, p. 49). Isso exige uma base de comparação para que, através de dados empíricos, se chegue a uma conclusão de comparação e hermenêutica de significados, tudo isso se dá através de uma realidade dialógica. Com a colaboração das áreas de conhecimento afins, é possível compreender a juventude que está inserida em um ambiente de conhecimento e uma estrutura cultural secular, “teóricos de diversas áreas lançam luzes sobre o modo de entender, interpretar e atuar no campo religioso das juventudes. Num mundo marcado pelo excesso e incerteza, não por acaso o jovem é confrontado com uma série de paradoxos” (PERRETTI, 2015, p. 430). A cultura é marcada por variantes que levam o jovem a experimentar uma crise, esta leva à busca incessante por algo a mais em sua vida pessoal, ou se torna causa de frustração e insucesso. Nessa realidade, o jovem se sente cada vez mais livre e independente de toda e qualquer ação que lhe pareça com estruturas dominantes; não aceita mais a hegemonia de conceitos e orientações das instituições que lhe compõem o desenvolvimento

⁶ A pesquisa foi desenvolvida com estudantes matriculados na graduação da PUC Minas no segundo semestre de 2013, da qual participaram 1446 jovens, compondo uma amostra com índice de confiabilidade de 95% e margem de erro entre 2,5 e 5%. A coleta de dados aconteceu online, através de link do Serviço de Gestão Acadêmica – SGA PUC Minas e a escolha da amostra foi sorteada a partir de dados da Gerência de Tecnologia da Informação (GTI) da PUC Minas. Esses estudantes sorteados receberam o convite para participar da pesquisa. Responderam positivamente 797 do sexo feminino e 635 do sexo masculino. Como 14 estudantes não responderam a questão referente ao sexo, suas respostas foram desconsideradas na pesquisa. Não participaram estudantes de Pós-Graduação (OLIVEIRA; PANASIEWICZ, 2014, p. 1161-1162).

na a vida pessoal; não aceita a intromissão de ninguém, nem mesmo da família; tem autonomia de se expor publicamente nas redes sociais, mas não se abre ao diálogo e relações pessoais com ninguém; o mundo de sua vivência interior e decisões só cabe a ele próprio e mais ninguém tem acesso a essas decisões, o que em um passado remoto era diferente; “talvez esteja aí uma das causas por que os jovens frequentam menos o sacramento da reconciliação e silenciam o que praticam no referente ao sexo. Não creem dever revelar a um estranho o que depende de decisões feitas sem culpabilidade” (LIBÂNIO, 2011, p. 59). Há uma deformidade da personalidade do jovem quando sua vida é exposta em uma rede social e, na mesma medida, há um grande silêncio em relação à sua vida pessoal e seus relacionamentos mais próximos e reais. Surge uma ambiguidade de relações reais e virtuais, não há medida para o que é verdadeiro ou falso, “a verdade liberta, mas a falsidade perverte. Ou talvez essa mentira implique algum problema profundo que não vem à tona. A relação virtual mascara” (LIBÂNIO, 2011, p. 59).

A juventude universitária, inserida em um contexto social, econômico, político e familiar, ela apresenta marcas desse contexto; inclusive, são perceptíveis no âmbito universitário. Esses jovens buscam uma vivência religiosa, através de participação em igrejas, encontros e consumindo os valores religiosos. Ao consumir, seja bens materiais ou não, a pessoa está imersa em uma cultura de globalização.

A realidade que se apresenta no interior da universidade demanda de nós, pesquisadores das áreas de história, antropologia e sociologia das religiões, atenção e investigação em como os jovens, que participam de manifestações religiosas e por vezes fundamentam seu comportamento a partir das orientações de líderes religiosos, conciliam saberes baseados na razão e saberes cujos fundamentos concentram-se em ideais que se encontram no plano do sagrado (SILVA; MORI, 2016, p. 454-455).

As universidades são meios onde a cultura é experimentada, por isso, na expressão de cada docente e discente presente no âmbito universitário, pode-se perceber a realidade da sociedade e da cultura inserida, “as universidades não ficaram imunes diante do aumento do número de igrejas e dos movimentos religiosos. Afinal, docentes e discentes não estão distantes e isolados da sociedade, muito menos alheios a sentimentos em relação a situações que envolvam dor, tristeza...” (SILVA; MORI, 2016, p. 440). A Universidade busca levar e aprofundar a pessoa no conhecimento e na busca das verdades científicas, é missão descobri-las e comunicá-las, muitas vezes o conhecimento científico está inserido em uma pluralidade de sentidos, “essa busca da verdade implica uma pluralidade de conhecimentos, ela está de

forma inalienável comprometida com a busca da verdade acerca da natureza humana, a fim de mostrar o significado da existência humana” (FRIZZO, 2012, p. 39). A sociedade está marcada pela razão, como um fator instrumental, por isso a universidade é produtora de ciência e tecnologia, em algumas vezes se torna indiferente àquilo que se refere a questões de ameaças à dignidade do ser humano e à destruição do planeta, “a universidade é o lugar da pergunta, da reflexão e da busca de sentido. É o espaço privilegiado para a descoberta e a vivência da vocação profissional” (CNBB, 2013, n. 04, doc. 102).

Durante o processo de crescimento das atividades humanas inseridas na sociedade, o ser humano em sua atividade de vida especializa os seus impulsos, para que possa alcançar uma estabilidade, a construção que se realiza em suas atitudes são a construção de um mundo humano que é chamado de cultura.

Esse mundo, naturalmente, é a cultura. Seu escopo fundamental é fornecer à vida humana as estruturas firmes que lhe faltam biologicamente. Segue-se que essas estruturas de fabricação humana nunca podem ter a estabilidade que caracteriza as estruturas do mundo animal. A cultura, embora se torne para o homem uma ‘segunda natureza’, permanece algo muito diferente da natureza, justamente por ser o produto da própria atividade do homem. Suas estruturas são, por conseguinte, inerentemente precárias e predestinadas a mudar (BERGER, 2017b, p. 22).

Ao construir o mundo, o ser humano se depara com o caráter estável e instável da cultura na qual ele está inserido em seu meio social; o ser humano busca inovações em todos os processos da construção social, através de meios e instrumentos que, muitas vezes, são inimagináveis para dar sentido e fundamento a sua produção. O desenvolvimento de uma sociedade e de seus indivíduos está em uma relação de mútua dependência, para que se chegue a uma compreensão da cultura, seria necessária a análise da sociedade, a relação estabelecida entre cultura e sociedade é que se torna importante compreender, “o termo cultura tem associações diferentes segundo tenhamos em mente o desenvolvimento de um indivíduo, de um grupo ou classe, de toda uma sociedade” (ELIOTT, 1988, p. 32). A evolução da sociedade proporciona vários níveis de cultura, cada um de acordo com a transmissão cultural e social que recebeu “não podemos esperar ter todos os estágios de desenvolvimento ao mesmo tempo; que uma civilização não pode produzir simultaneamente uma grande poesia popular num nível cultural e o Paraíso Perdido no outro” (ELIOTT, 1988, p. 38). A sociedade é uma parcela da cultura que é imaterial, as ações humanas são capazes de manter a sociedade e sua constituição, ela estrutura as relações do ser humano com os seus semelhantes; no processo de formação cultural do ser humano, a sociedade não é apenas um aspecto da

cultura, que torna algo essencial para a constituição da humanidade.

O homo sapiens é o animal social. Isso significa muito mais do que o fato superficial de que o homem sempre vive em coletividade e perde, de fato, a sua humanidade, quando é afastado do convívio com outros homens. E o que se reveste de muito maior importância, a atividade do homem de construir um mundo é sempre e inevitavelmente um empreendimento coletivo (BERGER, 2017b, p. 23).

A construção humana da sociedade, não é somente uma realidade empírica individual, mas ela se torna uma realidade empírica social. A sociedade é necessária para que a cultura exista e sobreviva, pois é no coletivo que muitas das concepções e valores acontecem, várias decisões são tomadas para que a sociedade caminhe, a cultura depende do meio social para que possa construir suas ações, e que elas perdurem por muito tempo; portanto, a sociedade é o produto humano.

1.1.3 A fé e o conhecimento científico

Sempre se afirmou que haveria conflitos entre fé e razão, a busca do conhecimento científico seria um dano para a fé e, conseqüentemente, esta estaria totalmente contra aquilo que se apreende do conhecimento científico, através da razão. Esse conflito não existe, a essência daquilo que busca tanto o conhecimento científico quanto a fé são consideradas a mesma busca. Esses conflitos sempre existiram por motivos de se eleger um conhecimento em detrimento de outro, por exemplo, se consideravam a fé um saber inferior ao conhecimento científico; por isso a existência de grandes dicotomias, de verdades contraditórias, de a verdade científica ser atestada pela razão, enquanto que a verdade da fé ser atestada pela autoridade divina.

Nós rejeitamos esse conceito falso de fé e com ele eliminamos uma das mais frequentes causas para os conflitos entre fé e saber. Precisamos, porém, ir mais longe, mostrando a relação concreta entre a fé com as diversas formas da razão cognitiva, ou seja, com a forma das ciências naturais, da história e da filosofia. Aquilo que a fé denomina de verdade é diferente daquilo que é visto como verdade pelas citadas formas da razão (TILLICH, 1985, p. 53).

Os dados da fé e do conhecimento científico buscam alcançar o mesmo ideal que é o encontro da verdade. Para a razão, a verdade é algo experimentado, são estruturas de relação do universo físico, que permitem a verificação; para se chegar a uma verdade científica, esta depende de uma verificação de repetidas experiências e acontecimentos, assim, toda

conclusão de uma verdade científica se torna provisória, ela é uma verdade até que não seja novamente verificada e experimentada, e a conclusão aponte para uma verdade que poderá ser até mesmo contrária àquela que havia anteriormente; “esse elemento de insegurança não reduz o grau de veracidade de uma afirmação científica experimentalmente examinada e provada. Mas ele impede todo dogmatismo científico” (TILLICH, 1985, p. 54).

A fé não é somente uma estrutura ontológica, metafísica do existir, a fé existe diante de um conteúdo real, é conhecimento. Durante a história humana, a fé é a apropriação do projeto de Deus para a salvação, “o aspecto hermenêutico da fé é uma decorrência interna da estrutura humana de conhecer. A fé é conhecimento segundo nossa maneira de conhecer. Só conhecemos interpretando” (LIBÂNIO, 2000, p. 162). A fé precisa de certa coerência, ela não pode reduzir-se inteiramente à razão, mas a racionalidade está inserida na realidade da fé, a tensão que deva existir entre fé e razão é somente na sua forma estrutural, a qual é possível ser superada através do diálogo que traz a lucidez e liberdade crítica de ambos os lados. A tensão continua grande quando teólogos buscam, através de questionamento, defender a verdade da fé em decorrência do caráter provisório da razão científica, o dogmatismo da fé coloca o teólogo em um discurso que pode não ajudar a criar esse diálogo entre fé e razão que se faz necessário na atualidade, essa tensão pode ainda acirrar-se em maior proporção, quanto mais o conhecimento científico se restringe em sua área de conhecimento, mas a teologia terá a função de recolhimento maior; esse movimento tornaria o diálogo impossível, “esse é um procedimento indigno e infrutífero, pois a verdade científica e a verdade da fé fazem parte de dimensões diferentes. Nem a ciência tem o direito ou a capacidade de se intrometer nos interesses da fé, nem a fé tem o direito ou a capacidade de interferir na ciência” (TILLICH, 1985, p. 54). Os conflitos entre fé e razão são compreendidos a partir desses pressupostos já citados, os quais, se não forem superados e se não existir um diálogo de ambos os lados, a situação se tornará cada vez mais insuportável, “na verdade não se trata de um conflito entre fé e ciência, mas sim entre uma fé e uma ciência que esqueceram ambas, a que dimensão pertencem” (TILLICH, 1985, p. 54). Na Modernidade, a harmonia que antes existia entre cristianismo e cultura, Igreja e Estado rompeu-se por completo. A cultura está em busca cada vez mais crescente da desvinculação de toda forma de ligação com o cristianismo. A Modernidade trouxe maior embate entre a fé e a razão. “a ciência moderna tem a pretensão de controlar todas as proposições pela experiência. Ostenta o valor objetivo dos conhecimentos elaborados e controlados. Arvora-se em critério crítico das afirmações por meio de técnicas seguras e eficazes de demonstração e verificação” (LIBÂNIO, 2000, p. 176).

1.1.4 A categorização da juventude

A categorização de juventude deve ser evitada de forma simplificada. O cenário de Modernidade e globalização mostra uma constante transformação nas categorias sociais; juventude é uma palavra polissêmica, é cheia de experimentação, é algo que está em construção, “em nossa Modernidade avançada, a juventude não está mais circunscrita a uma compreensão dicionária, biológica ou etária, mas é percebida como cruzamento de múltiplas determinações: culturais, econômicas e biográficas” (RIBEIRO, 2009, p. 109). O cenário traz grandes desafios para a juventude, existem alguns paradoxos, tais como a grande facilidade de acesso à educação e, pelo contrário, a enorme dificuldade que o jovem tem de ingressar no mercado de trabalho e de fazer as escolhas certas; mas, na maioria das vezes, o jovem não tem a oportunidade de fazer escolhas, “as múltiplas sínteses resultantes dessas contradições remetem à pluralidade, pois não há, empiricamente, ‘uma’ juventude singular, e sim ‘juventudes’, com histórias, potencial e crises diferentes” (RIBEIRO, 2009, p. 110). Essa pluralidade de realidade e de sentidos do que é a juventude influencia no seu modo de ser no mundo, inclusive a realidade do mundo secular que o jovem enfrenta influencia fortemente nas suas escolhas de vivência da religiosidade, pois é na juventude que a pessoa toma o direcionamento de suas escolhas pessoais que definirão o que serão no futuro. A cultura atual deu um grande espaço para que muitas pessoas pudessem desenvolver a religiosidade que mais se adequasse à sua vida e busca de sentido; o jovem que está inserido no mundo secular também encontra uma fonte e modos diversos para que possa buscar o aprofundamento da sua vivência espiritual. A juventude é o período da abertura e do distanciamento de ambientes mais elaborados, como a família e a religião, por isso, o ambiente secular é o espaço propício e diverso para que o jovem busque a adequação de sua religiosidade, “os múltiplos arranjos daí resultantes evocam a pluralidade, pois não há, na prática, ‘uma’ juventude e sim ‘juventudes’, com histórias, potencialidades e crises diferentes. Realidade polissêmica, a juventude é um enigma, uma experimentação, uma construção” (PERRETTI, 2015, p. 430). Perretti (2015) realizou uma pesquisa empírica⁷ para mapear valores, vivências e dinâmicas existenciais que os jovens, na atualidade, experimentam e, questionamentos sobre

⁷ A pesquisa foi realizada entre os anos de 2013 e 2014. A primeira etapa, em 2013, contou com a participação de 30 jovens de denominações religiosas diferentes, na faixa etária de 15 a 24 anos. Os participantes da segunda etapa foram jovens dos cursos de graduação, de lato sensu e stricto sensu, entre 18 e 24 anos, de uma instituição de ensino superior na cidade de Joinville (SC). O método de coleta de dados foi a observação participante, seja em atividades cotidianas de caráter religioso ou não, e entrevistas semiestruturadas com a aplicação online e presencial de questionários com questões previamente estabelecidas a partir dos seguintes temas: sentido da existência, alteridade, fé, crenças, pertença, experiência religiosa, religiões e rituais, trânsito religioso, protagonismo, dentre outros (PERRETTI, 2015, p. 431).

Como decifrar a experiência religiosa de um tipo de juventude em geral apontado como desprovido de crenças, pouco assíduo a práticas religiosas e que flerta com o niilismo, o consumismo e o individualismo? É possível perceber uma religiosidade que conduz o jovem a questionar certezas herdadas, amadurecer sua autonomia e inserir-se na vida social? Procedeu-se, então, a organização de um projeto cujas etapas empenharam conjuntamente o pesquisador e os jovens universitários (PERRETTI, 2015, p. 430-431).

Os questionamentos são importantes para a elaboração e conceituação; é possível elaborar, através de uma pesquisa bibliográfica, uma caracterização da espiritualidade da juventude universitária. Assim como a pesquisadora Perretti (2015), vários outros pesquisadores já se empenharam no vasto campo de pesquisa bibliográfica ou de campo para que pudessem definir os conceitos básicos de juventude, espiritualidade, entre outros. O contexto cultural e social tem um peso muito grande na definição da religiosidade da juventude, “o perfil de uma juventude plurirreligiosa, urbana, secularizada, hiper crítica da cultura atual, moderna e globalizada pesa na transformação da experiência religiosa e de fé dos jovens” (PERRETTI, 2015, p. 431). A pluralidade de cosmovisões é a base para que a juventude, na contemporaneidade, possa experimentar e definir a sua experiência religiosa; uma visão acelerada e diversa de vários fatores e acontecimentos, em vários âmbitos da sociedade, são as características fortes desse momento; a visão tradicional da religião não é mais heterogênea, há uma transformação acelerada em fatores políticos, econômicos, sociais, históricos e culturais, “diante deste tema tão vasto e rico, as representações do transcendente são as mais variadas e a vivência do sagrado não só se fecunda dentro da religião, mas em todos os âmbitos da vida com uma diversidade de possibilidade de manifestação” (PERRETTI, 2015, p. 431). A diversidade é a característica fundamental da cultura atual e, para tanto, a religiosidade encontra-se inserida nessa cultura diversa e que se transforma a cada momento.

1.1.5 As juventudes

Juventudes, um termo que é apropriado para a definição do objeto a que esta pesquisa se propõe, pois se trata de muitas juventudes, não que seja a intenção especificar cada uma delas, nem seria possível, pois, a rapidez com que as mudanças ocorrem na contemporaneidade, marcam uma constante mudança no comportamento, nas atitudes e na concepção das terminologias.

Juventudes, assim, no plural? Sim, porque são muitas. Muitas, pela rapidez das mudanças, pois as crianças de hoje já não nascem no mesmo mundo das de cinco anos atrás. Muitas, por causa das diferenças de proveniência, de situação sociocultural e existencial: jovens de favela, de classe média baixa, de classe média alta, jovens de tendência intelectual e jovens que dispensam o pensar... muitas, por causa da tipologia diversificada: geração Y, geração transracional, geração caos, geração positiva, geração plugada, geração wi-fi, geração líquida... e muito mais. Juventudes pós-modernas vivendo ao lado de pré-modernas... (EDITORIAL, 2013, p. 175).

De acordo, com essa definição, as realidades juvenis são diferentes, em vários contextos e situações, ainda mais ao se referir aos usos das tecnologias, há um grande deslocamento da realidade para a virtualidade. Mesmo diante dessas possibilidades e fraquezas, a juventude atual tem características próprias que em outras épocas não se encontrava presente, como a demonstração da espontaneidade, a liberdade de suas escolhas, maior confiança naquilo que se propõe a fazer. Mas, os jovens estão inseridos em um contexto de globalização, que pode trazer coisas positivas ou negativas para a sua vivência social; a juventude sente os efeitos do processo de globalização, pois “as ofertas e tentações de consumo são tantas que se torna difícil fazer as opções a médio ou longo prazo” (EDITORIAL, 2013, p. 176). Muitas das juventudes atuais, sofrem com a violência muito presente em suas realidades e até mesmo no convívio familiar; há uma atuação, em bairros populares, de gangues e do crime organizado; a educação é outro fator que esse tempo demonstra da não valorização da juventude, pois nota-se que “a maior violência talvez seja a má qualidade da educação. Há quem fale em geração sem educação” (EDITORIAL, 2013, p. 176). Essa deficiência na educação dos jovens, em muitos, é demonstrada através de suas pequenas atitudes, uma vez que o sistema de ensino no país se esvaziou de valores humanos e éticos.

Várias são as visões e modos de caracterizar a juventude nos dias atuais, essa etapa da vida é vista pelos estudiosos do comportamento humano, como a sociologia, a psicologia e a antropologia, como um momento importante e primordial para as relações de vida que o jovem desenvolverá à partir dessa etapa, o jovem passará a experimentar relações mais profundas, experiências que vão interferir nos relacionamentos humanos, é a fase de grandes transformações e busca do novo, é um tempo de inseguranças e definições, crises e crescimentos, “devemos olhar para a juventude como um momento da vida em que se intensificam os questionamentos, discernimentos, entendimentos e sonhos. Tomemos cuidado para não cobrar da juventude algo que ainda não é possível ser oferecido” (CALANDRO,

2013, p. 9). A juventude apresenta muito potencial de crescimento e, embora seja um grande desafio compreender a dimensão do universo jovem, é necessário acreditar nessa dimensão. A juventude é definida de acordo com o que a publicidade demonstra sobre seu estilo de vida, os modos de se portar na sociedade, principalmente, a forma como a moda dita os seus valores, e que torna possível avaliar o jovem.

A presente cultura jovem é definida tanto pela maneira como a publicidade se lança sobre ela quanto, em grande medida, autonomamente, em termos expressionistas. Os estilos de vestir, os gêneros musicais que ouvem, dão expressão à personalidade, às afinidades de quem escolhe, dentro de um amplo espaço de moda em que a escolha que se faz pode alinhar a pessoa com milhares, até mesmo milhões de outras (TAYLOR, 2010, p. 557).

A juventude está inserida no contexto de Modernidade que define as suas relações, a complexidade de diálogo e reconhecimento do outro, uma das características desenvolvidas desse tempo é o chamado “egoísmo superior”; é o cultivo de si mesmo como um imperativo, esse sentimento é algo que supera o mero interesse pessoal de acumular e pensar no seu bem estar individualista, mas trata-se de um egoísmo superior, “trata-se de assegurar que você tire o máximo de si mesmo, o que significa empenhar-se em um trabalho espiritualmente satisfatório, socialmente enriquecedor, que eleva a autoestima, perpetuamente desafiador e eternamente edificante” (TAYLOR, 2010, p. 560).

1.1.6 A caracterização de juventude nos dias atuais

De acordo com o documento n. 03 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), “Evangelificação da Juventude” (2007), caracterizar um perfil de juventude, nos dias atuais, que seja unitário, é tarefa difícil, pois não há uma uniformidade na caracterização da juventude contemporânea; o jovem está inserido em uma realidade que é oscilante, que tem uma variação muito grande, nada mais é constante para o jovem e nem para toda a sociedade. Essa oscilação se dá por causa do grande impacto das mudanças e transformações sociais e culturais, mudanças históricas em toda a sociedade, e os mais vulneráveis destas transformações são os jovens; “é necessário ter em conta a variedade de comportamentos e situações da juventude hoje e a dificuldade de delinear um único perfil da mesma no mundo e no Brasil” (CNBB, 2007, n. 10, doc. 03).

A partir da década de 1990, houve o interesse de várias instituições em pesquisar a temática da juventude e um crescimento constante dos estudos que deram ênfase a essa

perspectiva. O ponto principal que levou tais instituições a se interessarem pelo tema, foi a grande quantidade da população que se encontrava na fase da juventude naquele período; “no Brasil, são consideradas jovens as pessoas que têm entre 15 e 29 anos de idade. No auge do bônus demográfico, o país atingiu uma população de 50 milhões de pessoas nessa faixa etária” (CORREIA, 2019, p. 09). Essa grande parcela da população brasileira denominada de jovens, com características de idade economicamente ativa entre 15 e 65 anos de idade, esse grupo etário da juventude foi impulsionado a enfrentar novos desafios, se tornaram sujeitos ativos em busca de direitos específicos para essa grande parte da população brasileira, os grandes desafios que a juventude enfrenta são a desigualdade social, o desemprego e o alto índice de violência vivenciado em vários âmbitos da sociedade.

Durante todo esse período houve um crescimento considerável de pesquisas acadêmicas e estudos reflexivos sobre as ações da juventude, “na academia, depois de anos de quase total ausência, os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão, principalmente através de dissertações de mestrado e teses de doutorado” (ABRAMO, 1997, p. 25). Há um aumento significativo de ações sociais voltadas para esse público juvenil.

Aumentaram as pesquisas acadêmicas sobre o tema; as organizações da sociedade civil e eclesiais voltadas ao trabalho com esse grupo etário, nos diferentes campos; os produtos midiáticos que tinham como público e/ou como objeto a juventude; as ações e programas governamentais destinados a ela, culminando na criação de um arcabouço institucional e inédito para a política de juventude (CORREIA, 2019, p. 09).

Houve a necessidade de conhecer e compreender o interesse dos jovens e, com isso, várias ações voltadas a eles cresceram em larga escala, como por exemplo, a criação da Secretaria Nacional da Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, ambos no ano de 2005, e do Estatuto da Juventude no ano de 2013. Essas ações trouxeram mais segurança na luta por direitos e garantias fundamentais para essa faixa etária da sociedade; esses organismos surgiram também da necessidade de se compreender um pouco mais sobre o que é juventude, a maneira que se define essa porção da população, compreender também suas especificidades diante das outras faixas etárias e categorias sociais. Uma compreensão que se faz necessária é saber quem são os jovens e, como é ser jovem. Houve no Brasil um grande investimento em pesquisas e estudos sobre a criança e o adolescente, mas na categoria da juventude pouco se investiu. Há no Brasil um crescimento de ações e programas voltados para a compreensão da juventude, mas ainda é pouco, os jovens ainda não possuem um foco específico, estão obscurecidos, tudo isso talvez seja a consequência da dificuldade que o

adulto tem de lidar com o adolescente, isso gera a consequência da falta de meios para a compreensão dessa categoria juvenil, como a elaboração de informações e metodologias que sejam específicas. Existe uma grande elaboração de tais ações para o cuidado com a criança; sobre a infância se produz conteúdo para análise, “quase não se encontram subsídios mínimos para um tratamento singularizado dos adolescentes, muito menos dos jovens. É quase como se, apesar de terem crescido o número de ações e programas destinados a adolescentes e jovens, eles continuem apenas desfocados” (ABRAMO, 1997, p. 27). Assim, eles continuam obscurecidos, em consequência desta falta de instrumentos e formas necessárias para tal compreensão.

A partir dos estudos e reflexões sobre a juventude, no Brasil surgiram vários centros e institutos de juventude, os quais se dedicam à assessoria da Pastoral da Juventude, “em 1989, essas instituições se articulam e, então nasce a Rede Brasileira de Centros⁸ e Institutos de Juventude” (CORREIA, 2019, p. 11). Tais organismos são estruturas de apoio especializado às ações de atuação juvenil, através de assessorias e pesquisa sobre a ação evangelizadora da juventude.

1.2 Os conceitos

1.2.1 O contexto dos conceitos

Na atualidade, um aspecto importante para vários campos do saber é definir quem é o jovem. Sabe-se que é impossível uma definição que seja simplesmente homogênea, a juventude é caracterizada por pluralidade de sentidos, os termos que definem tal pluralidade são diversos, com variações de época, de estilos, excessos; há, nessa fase, vários enfrentamentos pessoais ou familiares e momentos de grandes crises no âmbito escolar, profissional, social, amoroso; é um momento em que há uma redefinição das relações familiares; “essa multiplicidade, que também é representativa da sociedade e de sua história, colabora para a complexidade da discussão de uma definição única, epistemologicamente difícil” (KNAUTH; GONÇALVES *apud* ALMEIDA, 2006, p. 94). Existe uma grande

⁸ Atualmente no Brasil a Rede é composta por uma articulação de 11 Centros de Institutos de Juventude, estes atuam em todas as diferentes regiões do Brasil, inclusive a Rede Brasileira foi pioneira no processo de reflexão sobre a Juventude ao criar o curso de Pós-graduação *lato sensu* em Juventude no Mundo Contemporâneo, em que a sua proposta é ampliar a elaboração pedagógica, pastoral e conceitual sobre juventude, contribuir para a formação de agentes de pastoral, educadores, ativistas, religiosos e profissionais de áreas afins ao campo da juventude, por meio do desenvolvimento de competências e habilidades específicas para atuação com esse público. Assim, o objetivo final dessa pós-graduação é o de qualificar todos aqueles que têm como ofício e vocação o trabalho com adolescentes e jovens, para prestar um serviço qualificado a eles. (CORREIA, 2019, p. 11).

dificuldade de definir e simplificar a diversidade das definições sobre o que é ser jovem, há uma diversidade de descrição literária sobre esse tema, e isso leva a uma maior complexidade. Em vários momentos, definir juventude era simplesmente uma visão essencialista, o termo juventude foi usado em contraste com a classificação de “criança”; em outros estudos sobre essa etapa da vida, esse tema é correlacionado a uma análise meramente cronológica, em que se limitam as faixas etárias somente com “características *psi* e fisiológicas, em geral confinadas entre os 10 e os 19 ou 24 anos, conforme o modelo e o campo teórico adotados na investigação” (KNAUTH; GONÇALVES *apud* ALMEIDA, 2006, p. 95). Muitas são as possibilidades de interpretação sobre o que é ser jovem, mas, mesmo assim, muitos estudiosos ainda classificam somente como um período de passagem da adolescência para a fase adulta, seria somente um tempo de mudanças, ajustamentos e revoltas, alguns classificam as mudanças de faixa etária de acordo com cada indivíduo, em períodos diferentes para cada realidade de acordo com a trajetória de cada pessoa, “assim, a atual pluralidade que permeia a definição de ser jovem, de juventude, torna-se singular sobretudo por seu caráter impreciso, relacional e contextual, por seu caráter de período de incertezas e riscos assumidos ou não” (KNAUTH; GONÇALVES *apud* ALMEIDA, 2006, p. 98). As definições do que é ser jovem têm mudado ao longo do tempo, há várias observações que se fazem necessárias para a compreensão, tanto em âmbito político quanto cultural.

Lembrar que ‘juventude’ é um conceito construído histórica e culturalmente já é lugar-comum. As definições sobre ‘o que é ser jovem?’, ‘quem e até quando pode ser jovem?’ tem mudado no tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços sociais. (NOVAES *apud* ALMEIDA, 2006, p. 105).

Existem vários segmentos juvenis, os quais tem voz ativa diante da sociedade para com seu grupo, delimitado por parcelas da juventude, mas não conseguem uma unicidade por todos aqueles que fazem parte desta mesma faixa etária. O limite de idade para definir a juventude não daria conta de corresponder a todos, definir que são aqueles nascidos há 14 ou 24 anos, não englobaria aqueles que, muitas vezes, não são alcançados pelas estatísticas do mercado de trabalho, outros alargam a juventude até os 30 anos, “qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais” (NOVAES *apud* ALMEIDA, 2006, p. 105). A definição da juventude que continua sendo sempre a mais recorrente entre os pesquisadores e estudiosos gira em torno da transição do jovem para a idade adulta; essa concepção de juventude influenciou grande parte de ações políticas e sociais em torno da juventude, a definição de juventude desenvolvida na primeira metade do

século XX sempre foi definida pela faixa etária.

A juventude é uma faixa etária (ou categoria etária) definida, precisa; deste modo, a juventude, assim como as demais categorias etárias, são imaginadas como tendo caráter natural, universal e evidente. A juventude é uma transição à vida adulta: assim, a juventude não interessa tanto pelo que é, mas pelo que será ou o que deveria ser quando seus membros se tornarem adultos. A juventude está intrinsecamente ligada ao processo de socialização, processo tratado como ‘a imposição de padrões sociais à conduta individual’ (Berger, 1977, p. 204), de modo que, a princípio, a juventude está destinada a repetir os padrões e normas sociais estabelecidos. A juventude tem grande potencial de ser levada à ‘anormalidade’ ou ‘desvio’, pois é uma fase muito sensível: deste modo, as experiências de viver a juventude como valor em si mesmo, ou os casos em que os jovens transgridem os padrões e normas esperados pela socialização, tendem a ser vistos pela sociologia da juventude como ‘anormalidade’ e ‘desvio’, como expressão e/ou sintoma de uma patologia social (GROPPO, 2017, p. 23-24).

A concepção de juventude seria somente um período de transição para a fase adulta daqueles que estariam destinados a ingressar na maturidade. Nessa condição, o jovem ainda depende do grupo familiar para se impor e elevar sua condição, mostrar que não é mais criança. O tema sobre juventude é recente nas análises acadêmicas no Brasil, ganhou destaque como parte da questão social e do crescimento da violência no país,

as instituições tradicionalmente encarregadas da socialização das novas gerações sofrem os efeitos das mudanças que alteram as relações entre adultos e jovens nos últimos 50 anos. Os impactos sobre o ciclo de vida, em especial sobre os jovens, têm sido analisados de modos diferentes pelos pesquisadores (SPÓSITO, 2009, p. 17).

Para o professor de Educação Antônio Luís Groppo (2004), há preocupação constante das sociedades modernas e contemporâneas em delimitar a fase que compõe a juventude, com isso, gerou-se a implementação, na década de 1980, do Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil (ECA), “a juventude certamente, começa aos 16 anos, mas ainda não se definiu exatamente quando acabará” (GROPPO, 2004, p. 10). Várias são as formas de categorização da juventude, algumas são definidas a partir da demarcação de idades, as “fases da adolescência e da juventude são momentos específicos de transição para a vida adulta, marcados pela diversidade do contexto socioeconômico e cultural” (DAYREL, 2011, p. 13). Para tal conceituação, não basta uma ideia reduzida apenas por dados numéricos e específicos, como define o Estatuto da Juventude no artigo 1º, § 1: “para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”

(BRASIL, 2013, art. 1). O tema sobre juventude é estudado também em outras partes do mundo, como por exemplo, os vários direcionamentos do Papa Francisco sobre a juventude; as várias Jornadas mundiais da Juventude; o Sínodo para a Juventude⁹ que ocorreu em Roma entre os dias 03 a 28 Outubro de 2018, de onde surgiu a exortação apostólica “Christus Vivit”¹⁰, na qual Papa define que a juventude é o momento especial em que a pessoa vive experiências que são únicas desse período, é um momento de transição da infância para a vida adulta, “um jovem já não é mais uma criança, está em um momento da vida em que começa a assumir diversas responsabilidades, participando com os adultos no desenvolvimento da família, da sociedade e da Igreja” (FRANCISCO, 2019, p. 29, n. 64). Em cada momento da história há uma configuração dessa realidade, são realidades dinâmicas na configuração e caracterização da juventude. O Sínodo para a Juventude também buscou uma definição e caracterização da juventude nos dias atuais.

Poderíamos tentar descrever as características dos jovens de hoje, mas, antes de tudo, quero registrar uma advertência dos Padres Sinodais: ‘A composição do Sínodo tornou visível a presença e a contribuição das diversas regiões do mundo, e destacou a beleza de ser Igreja universal. Ainda em um contexto de globalização crescente, os Padres Sinodais solicitaram que se destacassem as muitas diferenças entre contextos e culturas, inclusive dentro de um mesmo país. Existe uma pluralidade de mundos juvenis, tanto assim que em alguns países há uma tendência a usar o termo ‘juventudes’ no plural. Além disso, a faixa etária considerada por este Sínodo (16-29 anos) representa um conjunto homogêneo, mas é composto por grupos que vivem situações peculiares’ (FRANCISCO, 2019, p. 29, n. 64).

O Papa caracterizou essa realidade, com base em vários documentos e relatórios do mundo inteiro, contudo, a exortação não é um resumo daquilo que foram as conclusões das análises sinodais, mas ele pontua alguns critérios importantes e significativos para este olhar para com a juventude, “a exortação apostólica pós-sinodal não é um resumo do sínodo nem uma ata pós-sinodal. Ela é a palavra do Papa, que leva em conta aquilo que foi pensado e

⁹ O sínodo é uma reunião de Igreja, onde se exerce a unidade das comunidades na Igreja una. É o lugar onde, com base na configuração fundamental do ser da Igreja, chega-se a decisões pelos membros competentes da Igreja, eleitos e convocados, e onde as comunidades se põem lado a lado e se ajudam no desenvolvimento jurídico, no esclarecimento de questões teológicas, na supervisão e vigilância da vida eclesial e também na arbitragem em questões disputadas (CAMPENHAUSEN (verbete Sínodo/concílio) In: EICHER, 1993, p. 834).

¹⁰ “Christus Vivit” – Cristo Vive: Ele é a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que Ele toca se torna jovem, se torna novo, se enche de vida. Por isso, as primeiras palavras que quero dirigir a cada um dos jovens cristãos são: Ele vive e te quer vivo. Assim começa a Exortação Apostólica pós-sinodal “Christus Vivit” de Francisco, assinada segunda-feira, 25 de março, na Santa Casa de Loreto, e dirigida “aos jovens e a todo o povo de Deus”. No documento, composto por nove capítulos dividido em 299 parágrafos, o Papa explica que se deixou “inspirar pela riqueza das reflexões e diálogos do Sínodo dos jovens”, celebrado no Vaticano em outubro de 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-04/exortacao-sintese-ampliado-integral.html>. Acesso em: 18 nov. 2019.

discutido, mas que ao mesmo tempo extrapola o conteúdo que foi tratado no Sínodo” (MARCHINI, 2019, p. 148). O papa traz alguns dados importantes da realidade da juventude nas variadas realidades do mundo atual, diz que nem todas as partes do mundo existe um número significativo de jovens, pois, em muitos países a taxa de natalidade é muito baixa, as consequências da globalização se faz diferente para cada realidade e classe de juventude diferente no mundo, “é preciso distinguir a quem a globalização oferece um maior número de oportunidades daqueles que vivem à margem da sociedade ou no mundo rural e sofrem os efeitos de formas de exclusão e descarte” (FRANCISCO, 2019, p. 31, n. 69). Em meio a uma realidade de grande progresso da sociedade e grande desenvolvimento, há realidades de sofrimento e manipulação, em relação à juventude; são variados os contextos sociais.

1.2.2 A caracterização de juventude no Ocidente

No Ocidente a história da juventude é uma concepção recente; é uma apropriação realizada pela categoria de adultos, na visão daqueles que já não mais eram considerados jovens. A concepção da ideia de juventude surgiu a partir da Revolução Francesa, quando a França vivenciou um processo grande de implantação das ideias de laicidade, “a educação da juventude assumiu papel estratégico na consolidação das instituições laicas e da ruptura com o *Ancien Régime*” (RIBEIRO, 2009, p. 111). Foi somente a partir do século XVI que a educação dos jovens passou a ter uma dimensão pública, antes desse período, a juventude era considerada somente uma fase na qual a pessoa ficava na espera, era um período cheio de incertezas, por isso a dificuldade de tomar decisões.

Durante o período de vários séculos houve a constituição da juventude que foram grandes reviravoltas em âmbito político e econômico que ocorreram no século XX. Este período foi marcado por duas grandes guerras mundiais, estas foram responsáveis para que houvesse uma maior divisão entre as gerações.

De início, salta aos olhos a ruptura demográfica e geográfica: com o fim dos impérios coloniais, o mapa mundial se redesenhou e surgiram novas nações; em mais de 160 conflitos do século passado foram mortos cerca de 111 milhões de habitantes de regiões e arrasadas cidades e comunidades. Em consequência, houve migração maciça entre regiões, entre países e do campo para as cidades. Para se ter a dimensão dessas migrações, em meados dos anos 1980, 42% da população mundial vivia em áreas urbanas; em 2008, 50% de uma população muito maior já habitava em cidades. Thoraya Obaid, do Fundo das Populações da ONU, afirma que as cidades estão ameaçadas pela superpopulação, por falta de oportunidade de trabalho, para os jovens e pelo extremismo religioso (RIBEIRO, 2009, p. 112).

Diante dessa realidade, houve a quebra dos elos entre as gerações que se desintegraram dos padrões tradicionais, as antigas identidades, tradições e fidelidades cederam lugar a novos processos culturais. A memória coletiva está menos rígida na vivência das relações entre as pessoas na contemporaneidade, vive-se um individualismo absoluto e não mais vigoram lembranças e tradições e nem mesmo a crença comum conseguiu suportar, “o espantoso ‘grande salto avante’ da economia mundial (capitalista) e sua crescente globalização não apenas dividiram e perturbaram o conceito de Terceiro Mundo como também levaram quase todos os seus habitantes conscientemente para o mundo moderno” (HOBSBAWM, 2003, p. 356).

A tematização da juventude no âmbito eclesial ganhou forças durante vários anos, já na década de 1960, após o Concílio Vaticano II, na segunda Conferência Episcopal de Medellín (1968), houve o reconhecimento de que a juventude é um sinal de renovação para a Igreja e para o mundo.

A juventude, tema digno do máximo interesse e de grandíssima atualidade, constitui hoje não somente o grupo mais numeroso da sociedade latino-americana, como também uma grande força nova de pressão. Ela se apresenta, em grande parte do continente, como um novo corpo social (com perigo de detrimento na relação com os outros corpos sociais), portador de ideias próprias e valores inerentes ao seu próprio dinamismo interno. Procura participar ativamente, assumindo novas responsabilidades e funções, dentro da comunidade latino-americana. (CELAM MEDELLIN, 1968, p. 26).

O documento de Medellín traz um capítulo especial para tratar do tema da juventude; nesse período, a igreja percebeu a grande necessidade de abordar este tema especial sobre a juventude, “muito se preocupava com o futuro em que os jovens estavam se enveredando, pois devido às instabilidades daquele período, cheio de crises e mudanças, os jovens eram aqueles que estavam no meio e que, assim como os adultos sofriam as influências negativas” (SILVA, 2012, p. 209). Essas influências negativas levavam os jovens a experimentar uma profunda passividade diante das realidades, tinham grandes dificuldades de se deixarem ser transformados por ideologias e, muitas vezes seguiam um caminho diferente daquele que proporcionava ao jovem ser um agente de transformação da realidade.

1.2.3 A identidade, a alteridade e o diálogo

Uma das características importantes dessa fase é a busca de identidade, e para isto o jovem busca olhar o outro, “a juventude é o momento em que os olhares, a atenção e as energias se voltam para o outro. Os jovens descobrem e usufruem a fraternidade do seu universo jovem” (CALANDRO, 2013, p. 10). Essa fase permite que cada pessoa descubra que o ser humano é um ser de relações para firmar em suas escolhas e decisões de vida. As relações com o outro se tornam intensas na fase da juventude, é o grande momento de abertura para o diálogo através de uma realidade pluralista e diversificada que cerca a vida do jovem, “na fase da juventude, as relações interpessoais se intensificam, sinal de maturidade. É o momento de abertura ao outro, convivência com o diferente, sensibilidade” (CALANDRO, 2013, p. 10). É a fase para a qual os poderes públicos e políticos devem ter muita atenção, pois ao se constituir um tempo de transformação e mudanças, um tempo de abertura e de passagem da infância para a vida adulta, o jovem precisa encontrar apoio e um ambiente seguro para a sua tomada de decisão que irá interferir em toda a sua vida adulta e em seus relacionamentos, por isso as políticas públicas devem ser fundamentadas nos direitos e valores que proporcionarão essa abertura, é um trabalho de construção de sentido e de sociabilidade do jovem “assim, servirão de base algumas noções já concebidas acerca das instituições socializadoras família e escola, a fim de tecer possíveis desdobramentos, relacionando-as com a importância das mídias no consumo e na formação da sociabilidade jovem” (SETTON, 2011, p. 67). Seria, então, o trabalho de interdependência das relações de proximidade do jovem entre a sua cultura, família, religião, escola, mídia e a socialização entre os pares. O conceito *fenômeno social total*¹¹, criado por Marcel Mauss¹² permite compreender o processo socializador como uma negociação contínua; seria a participação do

¹¹ Lévi-Strauss afirma que: “O fato social total, apresenta-se, pois, com um caráter tridimensional. Deve fazer coincidir a dimensão propriamente sociológica com seus múltiplos aspectos sincrônicos: a dimensão histórica, ou diacrônica; e, finalmente, a dimensão fisiopsicológica. Ora, é só nos indivíduos que esta tríplice abordagem pode ser feita (...) A noção de fato social total está em relação direta com a dupla preocupação, que para nós havia parecido única até agora, de ligar o social e o individual de um lado, o físico (ou o fisiológico) e o psíquico de outro” (LÉVI-STRAUSS, 1974, p. 14-15 *apud* SETTON, 2011, p. 70).

¹² “Uma das contribuições centrais de Mauss para a sociologia foi demonstrar que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social. Ele chegou a esta compreensão a partir da análise das modalidades de trocas nas sociedades arcaicas e da verificação do fato de que essas modalidades não são apenas coisas do passado. Isto é, Mauss entendeu que a lógica mercantil moderna não substitui as antigas formas de constituição dos vínculos e alianças entre os seres humanos e constatou que tais formas continuam presentes nas sociedades modernas. Semelhantes modalidades de trocas aparecem, para ele, como um fato social total que se revela a partir de duas compreensões do total: totalidade no sentido de que a sociedade inclui todos os fenômenos humanos de natureza econômica, cultural, política, religiosa, entre outros, sem haver nenhuma hierarquia prévia que justifique uma economia natural que precederia os demais fenômenos sociais. Totalidade, também, no sentido de que a natureza desses bens produzidos pelos membros das comunidades não é apenas material, mas também e, sobretudo simbólica” (MARTINS, 2005. p. 46).

jovem e das instituições sociais nas relações de reciprocidade, é um fenômeno que envolve todos os indivíduos e todas as instituições no processo de construção de uma sociedade e sua convivência nos âmbitos da economia, da política, da religião, e da estética, que é o gosto e preferência em suas escolhas.

Na Modernidade, a juventude é consolidada como a etapa da vida que estaria associada ao processo de institucionalização da vida, por isso se classificou as fases da vida em infância, adolescência, idade adulta e velhice, mas a juventude é uma etapa que, na Modernidade encontra um destaque importante, pois é a fase do “alongamento da transição entre a infância e a vida adulta, a ampliação da escolarização, o retardamento da entrada no mundo do trabalho e o aparecimento de formas de consumo e de produção cultural típicas do segmento juvenil” (PIRES, 2008, p. 24). Mas, existe uma variação dessa compreensão que é preciso analisar: o contexto social e histórico em que cada jovem está inserido, pois existe ainda uma imprecisão em categorizar “juventude”, uma vez que há uma dificuldade no consenso dos estudos voltados para o tema da juventude. Por isso, essa definição se torna “categoria escorregadia ou imprecisa. Parte da imprecisão está associada ao fato de que a própria definição da categoria ‘juventude’ encerra um problema sociológico passível de investigação” (PIRES, 2008, p. 24). Vários são os debates para chegar a uma definição clara sobre o que caracteriza a juventude, portanto há uma diversidade de análises e resultados; muitos se detêm no aspecto geracional, outros nas diferenças de classes sociais, “a juventude seria uma fase da vida específica, definida em termos etários, culturais e na relação com a vida adulta” (PIRES, 2008, p. 25). Diversificadas são as formas de interpretações sobre o mesmo tema, pois, “a juventude seria associada às diversas formas de reprodução social e cultural, em razão das diferentes origens de classe” (PIRES, 2008, p. 25). São abordagens que se diferenciam na definição sobre a juventude, são marcas significativas para a conclusão, pois os jovens não seriam mais crianças e nem seriam adultos, estariam em uma fase de instabilidade e de crise, pois ainda não atingiram a estabilidade da vida adulta, é um tempo de transitoriedade.

1.3 O jovem e a realidade atual

1.3.1 A relação do jovem com sua família

A relação familiar entre o jovem e as tradições recebidas de seus antepassados encontra-se em crise; alguns jovens fogem dessa realidade, eles “sentem as tradições

familiares como opressoras e fogem delas impulsionados por uma cultura globalizada que, às vezes, os deixam sem pontos de referência” (FRANCISCO, 2019, p. 34, n. 80). Em alguns casos, nestas relações, existe dificuldade na transmissão dos valores recebidos pela tradição família, pois alguns adultos preferem assumir um perfil e estilo juvenil, o que, muitas vezes, reflete uma inversão de valores e significados, uma inversão de geração. Em consequência a esse estilo, surge o perigo de que as relações familiares fiquem somente no plano superficial, nada além daquilo que é o afetivo, enquanto que a marca de valores culturais e educação fogem dos planos da convivência do adulto com o jovem; “quanto dano isso traz aos jovens, embora alguns não o percebam! Os próprios jovens nos fizeram perceber que isso dificulta enormemente a transmissão da fé” (FRANCISCO, 2019, p. 34, n. 80). A pesquisa realizada e atualizada pelo Instituto Cidadania do Projeto Juventude da Fundação Perseu Abramo (2011)¹³ mostra que as dificuldades que o jovem enfrenta com a família surgem desde cedo, pois muitos querem sua independência familiar, outros querem prolongar a sua relação de dependência para com os pais, “o desejo de autonomia cresce um pouco com a idade (é de 11% entre os adolescentes e de 22% entre os que tem de 21 a 24 anos)” (ABRAMO, 2011, p. 60), mas, com o aumento da escolaridade e muitos daqueles que já estão no ensino superior há preferência por estar em dependência direta com a família “a declaração de não ter planos de sair da casa dos pais cai de 50% entre os entrevistados com até nível fundamental de escolaridade para 24% entre os jovens com ensino superior” (ABRAMO, 2011, p. 60). Esses jovens enfrentam uma fase de dificuldades financeiras para sustentarem os seus estudos e suas despesas pessoais, visto que a maioria ainda não tem um trabalho fixo. Por causa dessas

¹³ Pesquisa realizada com objetivo de fazer levantamento do “Perfil da juventude brasileira”; foi realizado um amplo levantamento (quantitativo) de dados sobre os jovens de 15 a 24 anos do país. Apesar da contribuição de várias e importantes pesquisas que vem sendo produzidas e publicadas nos últimos anos no Brasil, ainda permanecem grandes áreas de desconhecimento e, principalmente, a necessidade de relacionar aspectos diferentes da realidade dos jovens com suas práticas, valores e opiniões. Por isso, o conjunto de colaboradores do Projeto Juventude entendeu a importância de investir esforços na realização desse levantamento, atualizando e ampliando a pesquisa pioneira sobre o tema que foi realizado pela Fundação Perseu Abramo em 1999. Buscou-se, assim, ofertar um conjunto de novas informações e conhecimentos estatisticamente representativos que contribuíssem para enriquecer diagnósticos e leituras que pudessem embasar as abordagens que vêm sendo feitas por inúmeros interessados, notadamente estudiosos do tema, que poderiam se beneficiar dos seus resultados, aprofundando e ampliando as análises existentes. A pesquisa que aqui se apresenta vem contribuir para preencher algumas lacunas. Sua importância, em primeiro lugar, advém de sua amplitude, em vários sentidos: no tamanho da amostra (3.501 jovens investigados), nos âmbitos geográficos abarcados (urbano, rural, pequenas, médias e grandes cidades, na capital e no interior); na contemplação de diferentes variáveis (renda, gênero, idade, escolaridade, raça/etnia; religião, situação conjugal, situação no mercado de trabalho); no escopo dos temas investigados (160 questões, divididas em mais de dez temas: ser jovem, escola, trabalho, valores e referências, sexualidade, drogas, cultura e lazer, mídia, violência, política e participação, direitos); na possibilidade de abordar e relacionar dados sobre características demográficas, situações de vida e percepções, opiniões e valores dos jovens. Enfim, gerando resultados e interpretações extraídos do tratamento de uma grande diversidade de variáveis e de indicadores capazes de instigar as análises e abordagens originais e/ou complementares que podem permitir avanços consideráveis no entendimento disponível sobre o tema (ABRAMO, 2011, p. 12-13).

dificuldades, os jovens preferem não se arriscar em organizar uma nova unidade doméstica “talvez seja esta a razão pela qual o desejo de sair da casa dos pais cresça conforme aumentam a escolaridade e a renda” (ABRAMO, 2011, p. 60).

No tempo atual, pode estar surgindo uma nova configuração do momento em que a pessoa deixa a sua fase de juventude para assumir a suas responsabilidades de adulto, uma nova caracterização da transição dessa fase, “podemos estar mesmo falando de um novo modelo cultural de transição para a idade adulta, em que (inclusive pelas razões econômicas) o fim da juventude não implica independência financeira dos pais” (ABRAMO, 2011, p. 60). Para muitos dos jovens que a pesquisadora entrevistou e para a maioria da população na fase da juventude, a família é o ambiente necessário para experimentar as variadas situações humanas, é uma estrutura importante para as tomadas de decisões no decorrer do processo da vida humana, o jovem tem a família “como referência afetiva, como referência ética e comportamental e para o próprio processo de amadurecimento” (ABRAMO, 2011, p. 60). Mesmo em meio às dificuldades nos relacionamentos dos jovens com suas famílias, mesmo diante das situações de crises existentes, a família ainda é o lugar de amparo para o jovem, é a instituição em que o jovem mais tem confiança, como demonstra a pesquisa que a autora fez com os jovens.

Dentre todos os itens pesquisados: 98% dizem que confiam, 83% totalmente (ver anexo quadro 69). Perguntados sobre qual fator é mais importante para seu amadurecimento, 72% da amostra citou a família, com frases focadas no apoio e orientação para o enfraquecimento das questões com que se defrontam na vida. Outras instâncias, como escola, rua, trabalho e igreja, são citadas em escala bem menor (respectivamente, 13%, 7%, 5% e 3%). Importante relatar que essa atribuição de importância à família atravessa todos os grupos juvenis, consideradas todas as variáveis da pesquisa. E, dentro da família, a figura fundamental é a da mãe: para 59% dos jovens, a mãe é a pessoa a quem eles dão mais atenção no que diz (o pai é citado por 15%, e o esposo/a por 6%) (ABRAMO, 2011, p. 61).

É no vínculo familiar que o jovem busca firmar os seus ideais para que possa prosseguir em vínculos mais sólidos na sua fase adulta, por isso é preciso que as famílias estejam estruturadas para que seja apoio aos jovens nesse momento, e não um fator de discórdia e de aumento das dificuldades dos jovens quanto às suas escolhas e seu discernimento. A família tem a tarefa de incentivar todos os seus membros a estarem abertos àquilo que são as suas aptidões específicas, mas “as famílias nem sempre educam seus filhos para olharem o futuro em uma lógica vocacional. Por vezes, a busca por prestígio social ou sucesso pessoal, a ambição dos pais ou a tendência a determinar as escolhas de seus filhos,

invade espaço de discernimento” (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 72). Geralmente, os jovens se sentem condicionados a seguirem os desejos de seus pais, suas decisões pessoais não têm lugar de destaque, e com isso elas ficam, geralmente alheias aos anseios e desejos que os pais depositam sobre os seus filhos e, de maneira específica, sobre os filhos que estão na fase da juventude.

1.3.2 A trajetória da juventude

A trajetória da juventude é marcada por grandes transformações, algumas delas conflituosas, outras não. A juventude segue o curso de sua história marcada por vários processos contemporâneos, inseridos em um contexto de grandes transformações sociais e culturais. Nesses percursos geracionais da juventude, há certas reivindicações, inclusive no âmbito religioso, exigindo uma transformação de suas realidades individuais e sociais; para que essa necessidade seja atendida, aderem à cultura contemporânea marcada pela pluralidade nos variados âmbitos da vivência humana, “e como esse ambiente afeta a religiosidade jovem? No caso de nossos universitários, como se caracterizam suas relações com a sociedade?” (RIBEIRO, 2009, p. 15). Com o avanço da Modernidade, surgiu um novo direcionamento da concepção sobre a juventude, “em nossa Modernidade avançada, a juventude não está mais circunscrita a uma compreensão dicionária, biológica ou etária, mas é percebido o cruzamento de múltiplas determinações: culturais, econômicas e biográficas” (RIBEIRO, 2009, p. 109). O ambiente em que o jovem se encontra, as suas aspirações e a busca de sentido de vida, entre outros fatores, são determinantes e essenciais para que se tenha uma definição, ou se aproxime daquilo que se pretende definir, sobre a categoria etária conhecida como juventude.

De acordo com Bourdieu (2003), na sua obra sobre questões de sociologia, ao ser questionado sobre a maneira como o sociólogo aborda o tema da juventude, demonstrou que o sociólogo tem por objetivo demonstrar que as divisões entre as idades são arbitrárias, é impossível definir uma idade em que termina a juventude e começa a velhice, “de facto, a fronteira entre juventude e velhice é em todas as sociedades uma parada em jogo de luta” (BOURDIEU, 2003, p. 151).

Por exemplo, li há alguns anos um artigo sobre as relações entre os jovens e os notáveis, em Florença, no século XVI, que mostrava que os velhos propunham à juventude uma ideologia de virilidade, da *virtú*, e da violência, o que era uma maneira de se reservarem a sabedoria, quer dizer o poder. Do mesmo modo. Georges Duby mostra bem como, na Idade Média, os limites

da juventude eram objeto de manipulações por parte dos detentores do patrimônio que deviam manter em estado de juventude, quer dizer de irresponsabilidade, os jovens nobres que poderiam aspirar à sucessão. (BOURDIEU, 2003, p. 151).

A divisão ideológica entre jovens e velhos concede aos mais jovens oportunidades, estas deixadas pelos mais velhos, que se tornam uma grande oportunidade de escolhas aos jovens. Essa divisão entre jovens e velhos é uma estrutura bem presente nas sociedades, mas tudo isso põe em jogo a divisão, o poder, em que este é dividido em poderes, “as classificações por idade equivalem sempre a impor limites e a produzir uma ordem à qual cada um se deve ater, na qual cada um deve manter-se no lugar” (BOURDIEU, 2003, p. 152). A divisão entre a juventude e a velhice são categorias construídas socialmente, não é algo que se dá simplesmente pelo limite de idades, seja idade social ou idade biológica, são relações que atingem uma grande complexidade. Existe uma lei de envelhecimento para cada campo de produção como, por exemplo, a moda, a produção artística e literária, a definição de cada geração, é preciso antes conhecer as leis específicas que regem cada campo de atuação. A idade biológica é um dado socialmente manipulado e manipulável; dessa forma, ao definir uma unidade social de juventude, ainda que biologicamente, é uma forma de manipulação, “seria necessário pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou para falarmos depressa, entre as duas juventudes” (BOURDIEU, 2003, p. 153). É por meio de uma linguagem que se constituem universos sociais que praticamente não possuem nada em comum, como a grande diferença entre os “jovens” burgueses e pobres. São os dois extremos da juventude, são dois espaços diferentes de se vivenciar a realidade.

1.3.3 O jovem na realidade da globalização

De acordo com o Projeto Juventude (2004)¹⁴, a juventude é uma realidade que o indivíduo vivencia num determinado momento histórico, é um cenário cultural, inserido em uma realidade, “este período corresponde, idealmente ao tempo em que se completa a formação física, intelectual, psíquica, social e cultural, processando-se a passagem da

¹⁴ Instituto Cidadania promoveu, entre agosto de 2003 e maio de 2004, um amplo programa de estudos, pesquisas, discussões e seminários em vários Estados sob o nome Projeto Juventude. As conclusões desse trabalho estão reunidas no presente documento, entregue ao Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 16 de junho de 2004, como primeiro passo de uma divulgação nacional que inclui visitas ao Congresso Nacional, governadores de diferentes partidos, prefeitos de capitais e grandes cidades, autoridades do Judiciário e organizações representativas da sociedade civil brasileira. A redação final, seguindo a metodologia dos projetos já desenvolvidos no Instituto, foi aperfeiçoada com as observações críticas oferecidas pelos movimentos de juventude, organizações não-governamentais (ONGs), especialistas, parlamentares e gestores públicos que contribuíram nas várias etapas do Projeto (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 07).

condição de dependência para a de autonomia em relação à família de origem” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 10). A partir dessa etapa de vivência, brotam a capacidade de produzir e de assumir variadas responsabilidades, através de uma participação na vivência social. Nessa etapa, o indivíduo é capaz de assumir funções de trabalho e de busca de subsistência e, conseqüentemente, a capacidade de reproduzir-se, ou seja, a condição de ter filhos e ser capaz de mantê-los e provê-los de suas necessidades básicas. A partir desse processo, o jovem tem a capacidade de ser inserido em várias dimensões da sociedade, é uma fase marcada por várias formas de desenvolvimento e definições, é um período de marcação e definição de identidades.

Essa fase do ciclo de vida não pode mais ser considerada, como em outros tempos, uma breve passagem da infância para a maturidade, de isolamento e suspensão da vida social, com a ‘tarefa’ quase exclusiva de preparação para a vida adulta. Nos tempos atuais, esse período se alongou e se transformou, ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas. (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 10).

No tempo atual, o jovem encontra algumas dificuldades, as quais tornam a demarcação desse tempo, ou seja, a delimitação da fase juvenil, um pouco relativizada. A grande parte da juventude tem a necessidade de estender o período de sua formação escolar, mas, por outro lado, encontra grande dificuldade para ingressar e ser inserido no trabalho. O desenvolvimento da condição juvenil se dá em múltiplas dimensões, são variados os processos constitutivos da condição juvenil, os quais são marcados pela desigualdade de classe social, renda familiar, região do país, condição de moradia rural ou urbana, no centro ou na periferia, de etnia, gênero; a partir dessas relações de diferenças, são capazes de demonstrar a distinção do desenvolvimento e inserção social e de trabalho, “o reconhecimento da especificidade da juventude tem de ser feito num duplo registro: o da sua singularidade com relação a outros momentos da vida; e da sua diversidade interna, que faz com que a condição juvenil assuma diferentes contornos” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 11). Na contemporaneidade o jovem tem a possibilidade de vivenciar a liberdade de suas escolhas e práticas comportamentais, liberdade de participação cultural e política na sociedade, tudo isso resulta em potencialidades para a definição de suas práticas futuras.

As relações de individualização são intensificadas entre a juventude e a família; mesmo assim, os jovens não conseguem intensificar a sua emancipação de relações e pertencimentos primários, “é preciso sublinhar que a família e a religião não são as mesmas

de outrora. As famílias recompostas se tornam cada vez mais numerosas e as novas religiões atraem mais os jovens do que a Igreja Católica” (BRASIL, 2008, p. 14). Os jovens são confrontados pelas vicissitudes da globalização e, para uma segurança pessoal, o jovem brasileiro apoia-se no pertencimento primário e originário de famílias, grupos religiosos, espaço geográfico; com isso, sente minimizar a angústia da transformação ocorrida pela mudança de época. A partir de pesquisas realizadas, nota-se que os jovens sentem-se satisfeitos e muito seguros junto de sua família, esta se torna a instituição de maior confiança para a juventude, a figura da mãe foi eleita como a de mais confiança e maior relação de autoridade, o pai é o segundo a ocupar espaço de confiança do jovem “é preciso acrescentar que 87% dos jovens entrevistados pela pesquisa anteriormente citada se declararam muito satisfeitos em relação as suas famílias” (BRASIL, 2008, p. 15). Em um mundo globalizado, incluindo o Brasil, vive a realidade em que, alguns jovens têm dificuldades para se desvincular de seus laços sociais familiares, uma grande dificuldade de se distanciarem de suas origens familiares e locais, “para esses jovens, a juventude implica riscos com os quais é preciso saber conviver. Para alguns sociólogos, isso pode representar a naturalização da anomia, a banalização da violência ou a acomodação ao status quo” (BRASIL, 2008, p. 22-23).

1.4 As juventudes e as questões emergentes

1.4.1 A juventude e a exclusão social

São várias as dimensões das quais a juventude se sente excluída dentro da sociedade atual, dentre elas a sua inserção social, profissional e educacional, mas, além desses destaques, a juventude sente que “raramente é considerada, ouvida, respeitada e levada a sério na expressão de suas opiniões e necessidades” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 11). A condição de ser jovem, algumas vezes, se torna motivo de segregação e grandes sinais de exclusão, principalmente nos espaços públicos; as poucas pessoas com as quais há uma convivência, algumas vezes desempenham uma postura de julgamento, de censura e, muitas vezes, de exclusão. Em meio a esse cenário, se faz necessária a busca de respostas para tais desafios pelos quais a juventude no tempo atual passa.

O tema juventude adquiriu visibilidade crescente nos últimos anos no Brasil. Aumentou o peso relativo dessa categoria etária na população. Os brasileiros de 15 a 24 anos somam hoje 34 milhões, representando cerca de 20% da população brasileira. Os jovens ocupam o centro de questões que comovem

o país, tanto no que diz respeito aos problemas gerados pelo agravamento das desigualdades, como no que se refere à esperança de novos caminhos para nossa evolução social, com valores e padrões éticos superiores aos que predominam hoje (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 09).

No Brasil, nas últimas décadas, o tipo de desenvolvimento social e econômico em toda a sociedade, afeta diretamente a juventude, sendo responsável pelo aumento de problemas relacionados à exclusão social, “segundo o IBGE, cerca de 3,7 milhões de jovens estavam sem trabalho em 2001, representando 47% do total de desempregados do país” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 09). Diante desse grande número de jovens desempregados no Brasil, apontado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 (PNAD 2001, do IBGE), a taxa de emprego aberto para os jovens estava em torno de 18%, quando a média brasileira era de 9,4%. A juventude brasileira tem um grande déficit educacional, há no país um crescimento em relação a comparações anteriores, mas ainda é necessário um crescimento mais significativo, pois “17 milhões, isto é, mais da metade de jovens brasileiros de 15 a 24 anos, não estudavam no Brasil em 2001” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 09), um número reduzido de jovens chegam ao ensino médio, uma somatória de 42% da população juvenil. Dessa forma, são criados alguns estereótipos que rotulam a juventude, mas que não correspondem ao que realmente é, não correspondem nem com suas vidas dos jovens, nem com seu posicionamento frente ao mundo, “nesse sentido, compreender a juventude exige indagações que contribuam para questionar mitos recorrentes e o senso comum” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 10). O exercício de ir além do estereótipo é necessário para elaborar propostas e sugerir possíveis diagnósticos sobre a juventude atual; existe um ponto de partida que se torna fundamental para a definição da juventude, como por exemplo, compreender o que torna singular essa etapa do desenvolvimento humano em relação a outros segmentos populacionais da sociedade. Com essa consciência surgem alguns questionamentos que são necessários para compreensão de “quais são as realidades, as demandas, os problemas, os desafios, os limites e as possibilidades vividas pelos jovens neste momento da nossa história, ou seja, no contexto social vivido hoje pelo país” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 10). Esses questionamentos exigem que se tenha clareza para que sejam alvos diretos de políticas públicas voltadas para essa faixa etária da sociedade.

1.4.2 As desigualdades sociais

Na sociedade brasileira, as desigualdades sociais são marcantes no decorrer da história e, com isso, as políticas públicas para os jovens brasileiros sempre reproduziam essa desigualdade pré-existente. As políticas públicas para a educação, por exemplo, privilegiava o acesso aos jovens de classe média e alta, enquanto que, para as juventudes das classes mais populares havia “políticas de assistência, para jovens em situações especiais de ‘abandono’, desvio e marginalidade” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 16). As mobilizações em defesa da criança e do adolescente cresceram nas décadas de 70 e 80, em que o país vivia sob o regime ditatorial, exigindo que os componentes dessa categoria fossem reconhecidos como sujeitos de direitos, “era uma maneira de se contrapor a uma onda de violência contra os ‘menores de idade’ em situações diversas de desvio, como os meninos de rua” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 16). Dessa forma, o resultado do desenvolvimento de políticas e programas voltados para a juventude foi a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Há nele o estabelecimento de importantes relações com a juventude e a noção de cidadania para essa categoria, “a conquista do ECA impulsionou, por sua vez, a criação de um sistema de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, que resultou em fóruns específicos nos estados e municípios e garantiu debate e intervenção dos poderes públicos nas próprias localidades” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 16).

Até meados dos anos 90, questões referentes aos jovens com mais de 18 anos continuaram sendo desconsideradas como foco de ação pública e social. A questão ganhou visibilidade também pela intensificação da presença de atores juvenis, principalmente dos setores populares, “com linguagens e comportamentos variados no plano da cultura, do lazer e da vida comunitária, eles vieram a público cobrar respostas para os problemas que os afetam e preocupam” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 16). Muitas políticas públicas ganharam notoriedade através de vários atores juvenis tradicionais, isso ocorreu no âmbito da política brasileira e das entidades estudantis e juventudes partidárias, que passaram a demandar respostas institucionais dos poderes públicos na formulação e criação de organismos gestores que se responsabilizassem pela execução de políticas públicas específicas para essa categoria juvenil. Na atualidade, desenvolvem-se experiências muito enriquecedoras através de debate público sobre o tema, mesmo diante da diversidade de pensamentos e consenso sobre a juventude. Há muito material que se tem produzido e que serve de base para a elaboração de acordos que beneficiem a todos, na elaboração de diretrizes e investimentos de recursos sociais, em uma política nacional de juventude. É importante que se chegue a uma

compreensão da juventude como uma condição singular em relação a outros segmentos populacionais.

A noção de que os jovens são sujeitos de direitos, com múltiplas dimensões a serem consideradas; que a realidade dos jovens é marcada por ampla diversidade; que as diferentes situações exigem respostas diferenciadas, porém referidas à igualdade de direitos que são universais. Aponta-se a necessidade de políticas específicas, articuladas e transversais, coordenadas por uma instância gestora do poder público, envolvendo a ação de diferentes setores da sociedade, governamentais e não governamentais e que tais políticas devem basear na participação ativa dos jovens, considerados como protagonistas das ações que dizem respeito a si mesmo e à sociedade em que estão inseridos (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 16).

A composição de diagnósticos mais precisos foi realizada através de programas, os quais foram desenvolvidos para ajudar na produção de informações, através de vários estudos e levantamentos sobre pistas de ações, bem como, apontamentos para soluções que sejam articuladas em uma perspectiva mais integrada. A definição da juventude contemporânea a partir da dimensão comportamentos bio-psíquicos, na relação com o trabalho, educação e políticas. Através dessas perspectivas, atualmente se constroem modelos de interpretação sobre a definição da categoria juventude, “sem esquecer-se de mencionar a conceituação utilizada pelas Nações Unidas, que define jovem como sendo aquele segmento compreendido entre as idades de 15 a 24 anos de idade” (ALMEIDA, 2004, p. 02). Essas variadas classificações se referem a inserção que o jovem possui nas classes sociais, na produção e no consumo cultural e na vivência e comportamentos sócio-políticos. Há no Brasil uma desigualdade social muito acentuada, isso se reflete marcadamente na juventude e coloca em risco o futuro de todos os jovens e de toda a sociedade, “podemos então definir o Brasil como uma sociedade dos jovens quando quase 40% da população entre 15 e 24 anos está condenada a uma posição subalterna em termos econômicos, sociais, políticos e culturais?” (BRASIL, 2008, p. 11). Na contemporaneidade, há o processo de individualização, que é resultado da transformação da sociedade de consumo, é um desafio para os jovens brasileiros, eles encontram grandes dificuldades de acesso à profissionalização e ao trabalho. Em uma sociedade marcada por grandes desigualdades, o indivíduo encontra dificuldades para buscar sua emancipação. O processo de individualização desmoronou algumas bases sólidas da sociedade, que eram as bases de relações tradicionais, como a família e a Igreja, “os jovens brasileiros continuam muito apegados a família e a Igreja” (BRASIL, 2008, p. 14). A desigualdade social existe no Brasil, nela é possível destacar dois extremos de juventude, uma categoria em que se situam jovens mais abastados, os quais seriam mais capacitados para

assumirem encargos e funções, as quais norteariam uma sociedade moderna; há outra juventude composta por jovens desfavorecidos, os quais correspondem à maior parte da juventude brasileira, estes seriam considerados os próprios autores, as vítimas de uma sociedade que é geradora de um submundo da Modernidade, “é preciso evitar cair na armadilha da análise dualista. Evidentemente, os jovens se encontram em posições diferentes no campo social. Mas a pluralidade da juventude não corresponde à pluralidade do Brasil” (BRASIL, 2008, p. 22).

1.4.3 A juventude em um mundo secular

O jovem contemporâneo está imerso em um mundo cuja cultura é definida como secular; ele está em uma fase de busca por conhecimentos e busca de sentido para a sua existência tão necessária para a experiência da fase adulta, por isso, busca firmar esses sentidos em ambientes que lhes proporcionem segurança, como a família e a religião. A religiosidade pode ser uma base de busca que a juventude faz para “guiar-se por alguma direção para tomar decisões estratégicas que serão determinantes para o resto de sua vida” (RIBEIRO, 2009, p. 110). A sociedade atual está repleta de experiências religiosas para a compreensão do sagrado como condição humana, de forma que a metodologia da “transdisciplinaridade provoca atitudes transreligiosas e transculturais” (PANASIEWICZ, 2015, p. 1853).

Com isso, há uma multiplicidade de abordagens em torno desse objeto de estudo: a juventude. Ficou a tarefa para os acadêmicos de dar uma definição mais clara e precisa, através de pesquisas e debates, sobre as definições do que categoriza adolescência e juventude, “a definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como a faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração [...]” (FREITAS, 2005, p. 6). Independentemente da nomenclatura que se dá a essa fase, o fato é que há algo diferente entre a infância e a fase de maturidade do ser humano, “a juventude aparece como período de transição entre a infância e a idade adulta, gerando políticas centradas na preparação para o mundo adulto” (ABRAMO *apud* FREITAS, 2005, p. 20).

1.5 As juventudes na realidade de pluralismo

1.5.1 As juventudes e o pluralismo

O perfil da juventude brasileira tem algumas particularidades. Ao analisar, por exemplo, as relações entre socialização e participação do jovem na produção social e cultural do país, “diante das desigualdades sociais e dos contrastes regionais, é mister se referir a uma juventude plural, pois os jovens se diferem segundo meio social, ambiente cultural e geográfico diverso” (BRASIL, 2008, p. 21). Em uma realidade diversa, um país com proporções geográficas gigantescas, essa pluralidade de juventude é manifesta, são jovens de diferentes regiões e culturas, meio urbanos e rural, ambiente periférico e centralizado, entre outras realidades e características que são específicas e marcantes da sociedade brasileira. Existe um vínculo muito grande de pertencimento do jovem, um pertencimento de família, uma herança de vínculo ao seu universo, o microcosmo; tais condições podem favorecer, tudo agrega aos jovens para que se mantenham em suas condições de origem, principalmente os jovens desfavorecidos da sociedade. A juventude moderna é marcada pela diversidade; várias são as formações de grupos, como grupos culturais, grupos religiosos, grupos de afirmação sexual entre outros “desta forma, para além das desigualdades e diversidades presentes entre os/as jovens, torna-se possível pensar juventudes, no plural, sem abrir mão de buscar sua singularidade” (NOVAES, 2009, p. 19).

Infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice: cada uma destas palavras designa um período diferente da vida. São palavras que nasceram no campo das ciências, sobretudo da biologia, da medicina e psicologia, mas hoje habitam o vocabulário comum da vida cotidiana. A distinção entre cada uma destas fases passou a ser vista como natural, como se houvesse uma cronologia geral, oficial, definidora da ‘natureza humana’. Neste contexto, a ‘juventude’ é tratada como se fosse um segmento populacional bem definido, suposto como universal (NOVAES, 2009, p. 10).

As marcas históricas de uma sociedade capitalista, suas disputas políticas, sociais e econômicas, estão presentes na caracterização e definição da juventude. Em uma sociedade, com sistema capitalista vigente, estão presentes as grandes desigualdades sociais, as quais marcaram o curso da história, e outras que surgirão no decorrer desse percurso. A divisão e marcação das idades em faixa etária são resultados de uma produção histórica e de constantes invenções culturais, “em cada tempo e lugar, diferentes grupos e sociedades definem o que é ‘ser jovem’ e o que esperar de suas juventudes” (NOVAES, 2009, p. 10). Uma das

características da contemporaneidade, e uma definição do modo de ser jovem na atualidade é estar imerso em uma multiplicidade de identidades, posições e vivências.

1.5.2 A juventude e a globalização

O tempo atual é desafiante para a juventude, pois, em uma sociedade marcada pela globalização da imagem, o jovem se vê imerso em uma realidade que, na maioria das vezes, são contraditórias com a sua vivência cotidiana. Um tempo histórico contemporâneo é marcado por rápidas mudanças na sociedade, são mudanças nos padrões de sociabilidade e na maneira de concepção e atuação do espaço público, “em tempos de exacerbada tensão entre o local e o global, aprofundam-se as transformações no mercado de trabalho e os fenômenos relacionados com a violência que atingem de maneira particular os jovens” (NOVAES, 2009, p. 10). Essa grande transformação e processo de desestruturação social atinge de maneira violenta os jovens das classes mais pobres da sociedade, pois há uma precarização das relações de trabalhos e uma alta estatística de mortes violentas nessa fase e classe social, “contudo, uma das características do tempo presente é que os jovens de diferentes classes sociais partilhem certos sentimentos e temores comuns” (NOVAES, 2009, p. 10). Diante dessa realidade da sociedade contemporânea, surgem alguns questionamentos e reflexões que se fazem necessários de serem analisados e discutidos nos vários ambientes de reflexão.

Como falar em ‘juventude’ e marcas geracionais comuns se os jovens vivem condições sociais heterogêneas marcadas por desigualdades e diferenças em termos de renda, cor, gênero, local de moradia, pertencimentos religiosos, culturais, ideológicos? Como compreender a grande variedade de temas e de identidades entre os jovens que se mobiliza? Como caracterizar a juventude como um ‘ator político’ sem homogeneizar seus comportamentos e demandas levadas ao espaço público? (NOVAES, 2009, p. 11).

Para definir juventude, é preciso olhar a cultura atual, pois, para definir o que é ser jovem, faz-se necessário estar atento às “disputas nos campos político e econômico, e também conflitos entre e intragerações” (NOVAES, 2012, p. 105). Sabe-se que o conceito foi construído histórica e culturalmente, por isso há grandes mudanças nas definições que se apresentam, de acordo com cada cultura e cada momento histórico que se faz presente nos espaços sociais.

1.5.3 A eterna juventude

A sociedade contemporânea é denominada de sociedade “juventudocêntrica”; esse é um termo que define a relação paradoxal daqueles que vivem suas relações sociais nos dias de hoje em que a sociedade vivencia a busca incessante pela manutenção das expressões simbólicas, mas é a mesma a criar várias críticas em relação aos seus jovens e suas relações com a realidade.

De um ângulo, a juventude hoje é vista como a expressão do bem. Seu valor simbólico positivo se expressa através da valorização da beleza, da saúde, da coragem, da capacidade de indignação. Todos querem permanecer jovens. Fisicamente, procura-se adiar o envelhecimento. Mentalmente, busca-se permanecer ‘jovem de espírito’. De outro ângulo, a ‘juventude’ também é vista como lugar privilegiado para a expressão de todo mal estar social. Provoca inquietações e evoca ‘problemas sociais’ tais como violência, ócio, desperdício e irresponsabilidade (NOVAES, 2009, p. 11).

Ao falar de juventude, vários preconceitos são sempre associados de uma forma consciente ou inconsciente, pois é um tema latente que evoca razões e emoções. É um campo de tensão entre as gerações e definição do futuro da sociedade, são transformações que a sociedade pode ter tanto em espaço privado quanto no espaço público. No contexto contemporâneo, a categorização de juventude desaparece para ceder espaço a uma categorização de “juvenilização”, “considera-se aqui a juventude um ‘estilo de vida’, como uma ‘forma de ser’, como ‘estado de espírito’, que todos, independentemente de sua idade, podem – e devem – assumir” (GROPPO, 2004, p. 18). A diversidade da categoria juvenil se forma com a transição do momento histórico, social e econômico que são responsáveis pela mudança do modo de viver do ser humano o qual, há um “alargamento” da ideia de juventude “uma intensificação da comunicação de identidades, realidades sociais e culturais e experiências geracionais, tornando bastante complexo o fenômeno da(s) juventude(s) na interface com a(s) religião(ões)” (TAVARES; CAMURÇA, 2004, p. 23).

A juventude, através de formas de consumo de bens e serviços, é forçada a perder muito de suas conexões com um grupo etário específico; da mesma forma, a velhice também expressa atitudes de negligência com o corpo, “os dados sobre os setores jovens da população tendem a ampliar a faixa etária desse segmento que, nas pesquisas demográficas brasileiras, passa a englobar aqueles que têm até 24 anos” (DEBERT, 2010, p. 51). Outros grupos etários da sociedade também são desdobrados em vários segmentos; existem, na atualidade, muitos adultos que não querem abandonar a casa dos pais, ocorre nesse período um movimento

chamado “*kidults*”¹⁵ ou da ‘*adolescentização*’ das etapas mais avançadas da vida tem servido para indicar uma nova configuração social, na qual a diferença de idades e a própria ideia de ciclos da vida parecem perder significado” (DEBERT, 2010, p. 52).

O escritor Frank Furedi (2004), em um artigo da folha de São Paulo, traz essa ideia e reflexão sobre a síndrome dos Kidults, em que o autor relata que estaria em um passeio pelo campus universitário da Universidade de Kent, em Canterbury, no Reino Unido, e se depara com um grupo de universitários absortos, num bar, e o que mais intriga a visão é que eles estavam assistindo aos “Teletubbies”. O autor fica estimulado em buscar uma resposta para o questionamento sobre o interesse desse grupo de jovens de 18 a 21 estar tão interessado em um programa de televisão direcionado para crianças que ainda estão aprendendo a andar, “o fato de uma proposta feita para um grupo etário mobilizar outro diferente ocorre em várias ocasiões. É comum que atividades para a terceira idade, por exemplo, programas para mobilizar o público acima dos 70 anos, acabem por atrair mulheres de 50 anos” (DEBERT, 2010, p. 52).

Furedi (2004), ao tentar compreender o fascínio que jovens adultos devotam a programas da primeira infância, jogos eletrônicos da época de sua infância, admiração e apego a bichinhos de pelúcia, organização de festas voltadas para a temática da infância, isso atrai pessoas das mais variadas profissões, jovens homens e mulheres que estão decididos a reviverem a sua infância, consumindo produtos que lembram os produtos de consumo da época da infância, “no Dylan’s Cabdy Bar, pessoas de 20 e poucos anos se aglomeram em volta dos recipientes de balas Pez e de uma enorme árvore de pirulitos” (FUREDI, 2004, p. 4-5). Segundo o autor, dois publicitários americanos cunharam o termo “Peterpandemônio” para definir essa tendência entre os jovens, “pessoas na casa dos 20 e dos 30 anos buscam produtos que lhes deem a sensação de serem reconfortadas. Elas querem experiências sensoriais que lhes tragam de volta uma fase da vida mais inocente e mais feliz: a infância” (FUREDI, 2004, p. 4-5).

1.6 A juventude e os seus projetos de vida

1.6.1 A multiplicidade da identidade juvenil

Existe uma multiplicidade de identidades da juventude, com posições e vivências no

¹⁵ *A Síndrome dos Kidults* – é ideia apresentada pelo sociólogo inglês Frank Furedi (2004) que trata da crescente infantilização da cultura contemporânea que tem se alastrado pela universidade, literatura, tv, cinema e arte em todo o mundo (DEBERT, 2010, p. 52).

mundo globalizado, o qual é marcado por rápidas mudanças nos padrões de sociabilidade e também no modo de vivência do espaço público; por isso, não se deve ater somente ao termo juventude no singular, mas sim juventudes, no plural. Em épocas passadas, vivia-se uma homogeneidade nas condições de vida; atualmente, há uma heterogeneidade na maneira de viver, uma pluralidade de expressões e sentimentos, são os chamados grupos geracionais. Definições atuais sobre juventude estão associadas a cada momento e ao lugar em que cada um dos diferentes grupos define o termo. A juventude é percepção e expressão de ações gerais de toda a sociedade. A juventude moderna é marcada pela diversidade, várias são as formações de grupos como, grupos culturais, grupos religiosos, grupos de afirmação sexual entre outros; “desta forma, para além das desigualdades e diversidades presentes entre os/as jovens, torna-se possível pensar juventudes, no plural, sem abrir mão de buscar sua singularidade” (NOVAES, 2009, p. 19). Definir juventude de forma singular torna-se impossível, corre-se o risco de se perder em afirmações abstratas, vagas e sem sentido algum, uma vez que, em cada momento e contexto, surgem definições diferentes sobre a juventude; “cabem diversas tipologias, ao distinguirmos classes sociais, faixa etária, origem familiar, gênero, nível de escolaridade, tradição cultural, étnica e religiosa, certas condições físicas e socioeconômicas e outros” (LIBÂNIO, 2011, p. 5). A juventude é uma construção social, marcada pela sociedade com “suas características econômicas, políticas e, sobretudo culturais” (LIBÂNIO, 2004, p. 39).

Em um contexto de relações humanas, é possível que haja a convivência de várias juventudes e, é plausível que convivam com as diferenças. A juventude atual traz em si um potencial de mudanças e transformações na sociedade em que está inserida, e é capaz de realizar grandes transformações “por esse motivo a juventude se torna apta a simpatizar com movimentos políticos, sociais, culturais e religiosos que estão insatisfeitos ou questionam o estado de coisas existentes” (SOFIATI, 2012, p. 29). A fragmentação das identidades dos indivíduos é uma das características contemporâneas, é um momento em que se criam grupos e estilos próprios para que possam acompanhar a tendência mundial ou se posicionar contrariamente, a juventude se identifica nos estilos de se portar adotados pelos jovens no seu cotidiano, bem como na forma de se expressar socialmente. A juventude elabora suas concepções e seus valores com ressignificação na maneira de ver e transformar o mundo, “dessa maneira as incertezas e inseguranças do mundo atual tornam-se aspectos consideráveis ao avaliarmos as inconstâncias da juventude, pois é nesse ambiente que os jovens vivem parte de suas vidas e dele arregimenta toda a sua formação” (OLIVEIRA, 2010, p. 4).

1.6.2 A juventude e o seu projeto de vida

O ser humano busca aprofundar, em suas relações e vida pessoal, o seu “projeto de vida”¹⁶ para, durante a existência, não somente perceber a vida, mas levar cada indivíduo a ter a capacidade de construí-la, a partir do conhecimento das circunstâncias e realidades em que se vive. Nessas circunstâncias da vida, a pessoa experimenta “um vasto conjunto de elementos, que vão desde nossa história de vida, a família em que fomos educados, a classe social a que pertencemos, nossa etnia e o país em que nascemos, até as conjunturas específicas do tempo em que estamos vivendo” (CRUZ; CORREIA, 2019, p. 58).

O projeto de vida é uma ferramenta metodológica, ele é capaz de verificar a própria vida, dessa maneira de olhar a realidade é possível traçar planos e metas para o futuro, tais planos seriam os responsáveis pela realização da existência da pessoa e sua atuação na sociedade, no presente e no futuro, “implica a tomada de consciência da história pessoal, da conjuntura sócio-histórica em que se está inserido e dos desejos e inclinações pessoais, que serão determinantes para a tomada de decisões” (CRUZ; CORREIA, 2019, p. 54). A juventude tem uma fundamental importância na definição de seu projeto de vida, é a partir do jovem, na atualidade, que se vai projetar o futuro, a juventude é a etapa de preparação para uma vida socialmente engajada; através de uma preparação, a juventude, no futuro, engajaria e desempenharia os seus projetos que foram sendo constituídos através dos processos de socialização, “a juventude, e seu projeto de vida, seria um momento crucial para a continuidade social, de modo que, se bem-sucedido, garantiria a manutenção da coesão da sociedade” (CRUZ; CORREIA, 2019, p. 55). A possibilidade de futuro está associada a um projeto de vida na atualidade do jovem, o projeto de vida implica um movimento através da temporalidade, mencionar um projeto de vida é o mesmo que acreditar em vir a ser, é relacionar a identidade das relações humanas e sua trajetória de vida; o passado e o presente são importantes dimensões que se projetam para as ações do futuro da vivência social, “o projeto de vida é, ao mesmo tempo, o momento que integra em seu interior a subjetividade e a objetividade e é, também, o momento que funde, num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. Pelo projeto, se constrói para si um futuro” (MANDELLI, 2011, p. 54).

¹⁶ Projeto de vida - projeto é uma palavra que vem do latim *projectu*, e significa estar lançado à frente. Essa etimologia ajuda-nos a perceber que a noção de projeto de vida envolve uma perspectiva de tempo e de distância. Não significa dizer apenas projetamos o futuro, lançando-nos a idealizar e organizar o que está por vir, mas o projeto, nessa compreensão, envolve uma perspectiva que se constrói sobre si e sobre a própria vida, na medida em que buscamos refletir a respeito dela. Podemos dizer que a perspectiva é um horizonte, uma direção ou uma escolha ampla, a partir da qual se planejam os passos a dar. Ao mesmo tempo, lançar à frente ou tomar distância de algo nos ajuda a ver melhor. Desse modo, o exercício de projetar a própria vida nos pede também tomar distância, como se tomássemos a vida nas mãos. (CRUZ; CORREIA, 2019, p. 54).

Nos tempos que correm, os jovens vivem uma condição social em que as *setas do tempo linear* se cruzam com o enroscamento do *tempo cíclico*. Temporalidades zigzagueantes e velozes, próprias de uma sociedade *dromo...crática*, na qual os tempos fortes se cruzam com os *fracos* e, em ambos, se vivem os chamados *contratempos*. São muitos destes *contratempos* que caracterizam a condição juvenil contemporânea. (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 09).

O futuro é algo incerto para os jovens, a única certeza que eles têm é de que, em breve, deixarão de ser jovens, muitos não têm a compreensão se período temporal corresponde a um tempo breve ou longo e nem têm as certezas daquilo que lhes são reservados, “os projetos de vida que os jovens idealizam abrem portas a um vazio temporal de enchimento adiado. Projetos de vida cujos trajetos nem sempre os alcançam” (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 10).

Em alguns casos, os projetos de futuro estão fracassados, por isso, o presente é uma possibilidade de orientação para a juventude e concretização de suas aspirações, para muitos o importante é o viver o momento, sem se preocupar com o futuro. Os jovens de gerações passadas faziam suas escolhas de projeto de vida no presente, com perspectivas de segui-las no futuro, eles orientavam suas vidas através de caminhos seguros e uma rotina que lhes garantisse as suas escolhas, enquanto que as gerações atuais fazem opção por rotas de rupturas e de desvio, eles vivem uma experiência de risco¹⁷, “aventura por aventura, envolvem-se então com os amigos, em cada esquina da vida, nas excitações do cotidiano: os excessos de velocidade com as motos, os esportes radicais, as festas *rave*, as aventuras sexuais, o consumo de drogas etc.” (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 11). Ao fazer opção pelo risco, é o que implica enfrentar desafios, o risco não surge por acaso, muitas vezes ele é uma maneira de quebrar a rotina do cotidiano.

Num estudo recente realizado em Portugal, com base numa amostra representativa da população jovem, constatamos que entre os jovens “rebeldes” (9% do total dos inquiridos), havia uma sobre-representação dos que reconheciam que ‘a vida é um aborrecimento’. Mas eles próprios eram dos que mais aderiam a atitudes de vida orientadas para a valorização do risco e da diversão, tais como: ‘gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas’; ‘sou capaz de assumir riscos só para me divertir’, ‘deve-se aproveitar as coisas boas da vida sem grandes preocupações quanto ao futuro’. Para estes jovens, o risco corresponde a uma forma de libertação mediante evasão (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 11).

¹⁷ “A origem etimológica do termo risco provém do latim *riscum* ou *risicum*, expressão associada às incertezas das antigas expedições marítimas” (PAIS *apud*: ALMEIDA, 2006, p. 11).

O risco passa a ter um sentido de avaliação de sucesso e fracasso na vida do jovem, seria uma avaliação de limites, uma escolha que se baseia no cálculo e na confiança pessoal ao assumir uma condição de risco, seria uma superação de si mesmo. Ao correr o risco o jovem tem um potencial de confrontar-se consigo mesmo e perceber seus limites e suas superações, com isso o risco tem uma dimensão de valorização daquele que se confronta.

1.6.3 As relações reais e virtuais da juventude

Para o jovem, o futuro é incerto, com isso, alguns jovens percebem o mundo sem futuro e sem perspectivas, por causa da incerteza, imaginam um futuro que não está sob o controle de nada. Os jovens contemporâneos usam os jogos virtuais como fuga da realidade, estes jogos trariam uma ilusão de refúgio da realidade fragmentada na qual eles vivem e estão inseridos, “no cenário virtual de um jogo de computador descobrem-se como protagonistas” (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 12). Nesses jogos de realidade virtual, há uma desrealização daquilo que é o real, o agora, mas, através disso, se constrói um novo, uma realidade diferente daquela que é vivida na vida real, “o ‘refúgio’ não deve ser entendido como uma ‘batida em retirada’, uma desvinculação social. A questão é saber se tais jogos permitirão realizar, de modo virtual, aspirações dificilmente concretizáveis na realidade” (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 12). Aquele que se envereda pela realidade virtual em um computador, exerce um sentimento de dominação, fora daquilo a que é possível chegar na realidade do mundo vivido na realidade.

O mundo real, da ‘vida verdadeira’, é cheio de incertezas. Em contrapartida, nos jogos de computador e vídeo, exercitam um poder *performativo*: ao utilizarem um simulador de voo sentem-se pilotos; como jogadores, interiorizam a missão de herói. Para os próprios hackers, o desafio é expressarem sua capacidade de domínio sobre o computador, edificando uma cultura de façanhas, desafios, descobertas, sem esquecer a possibilidade de derrubarem os sistemas de segurança das redes informáticas (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 12-13).

O sentimento de domínio, na realidade virtual, faz com que o jovem tenha uma visão diferente daquela que é apresentada na vivência da realidade e diferente dos seus sentimentos e relações sociais.

1.7 As culturas juvenis

1.7.1 Os novos estilos de vida

Na contemporaneidade, os jovens não mais se identificam a modelos prescritivos, nem determinativos de modos de viver e conviver com a realidade, é preciso conhecer as expressões performativas das culturas juvenis. Manifestações juvenis expressam a busca pelo seu autorreconhecimento e realizações pessoais, como o rap; este cultiva uma sensibilidade justiceira, através de palavras de ordem, tem o intuito de denunciar todas as ações injustas e, faz o anúncio de um futuro de acordo com a sua visão pessoal da realidade. Através de palavras que, na maioria das vezes, são soletradas, tem a intenção de recuperar uma visão semiótica da rua, transgressiva por natureza, tais palavras são proferidas com a intenção de provocar, “palavras que são a voz de consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta” (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 13). As “tribos juvenis” são importantes para a descoberta das estruturas profundas que estão subjacentes à realidade que se apresenta. As farsas do disfarce proporcionam um sentido de alienação, acentua-se a dimensão do consumo, mas ao mesmo tempo elas dão uma identificação, quando há buscas de si através do outro, “de fato, a consciência da identidade individual somente é possível pelo reconhecimento do outro” (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 18). Através das identidades coletivas, há busca de compreensão da realidade individual, “o ‘eu’ perde-se no ‘outro’, num desencontro no que se encontra a identidade nas teias da *socialidade*, pois esta é um palco de transferências: de emoções, de saberes, de sensibilidade” (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 18). Muitas realidades que o jovem vivencia, são experiências em que visam identificar-se na busca de si mesmos, por isso, pouco importa as realizações que muitas vezes caracterizam as culturas juvenis, como fugir da norma convencional em algumas atitudes, para muitos isso se torna normal, pois o intuito é bem mais profundo, “as identidades são também uma questão de linguagem” (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 18). A busca da auto compreensão se torna cada vez mais severa e toma conta de várias culturas juvenis, muitas buscam um reconhecimento intersubjetivo através das aparências corporais, um reconhecimento ante os demais e seus pares, “a cultura corporal seduz os jovens por uma carga expressiva, mesmo com riscos de dependência em relação à moda, à bulimia, à anorexia” (PAIS *apud* ALMEIDA, 2006, p. 18). Diante dessa realidade da construção da imagem corporal, na construção da identidade de jovens, está inserida no inconsciente a expressão simbólica de poder.

Com a Modernidade, cresceu a consciência da busca por novos estilos de vida,

principalmente da juventude, são estilos de vida individualistas e livres de quaisquer interferências externas, seja da família, do estado ou da religião. A “busca da felicidade” se tornou o foco entre todas as pessoas, principalmente entre os jovens, a todo custo busca-se viver a felicidade de uma forma em que esteja pleno o egoísmo e o prazer, que adquire maior ou menor motivação entre os indivíduos. Em tempos passados, somente as pessoas ricas tinham a possibilidade de alcançar a satisfação de seus desejos consumistas, mas, com a Modernidade, essa realidade se alargou, agora “uma importante faceta dessa nova cultura do consumidor foi a criação de um mercado especial para a juventude, com uma enxurrada de novos bens, desde roupas até discos, destinados a uma faixa etária que se estende dos adolescentes aos adultos jovens” (TAYLOR, 2010, p. 557). A consciência da juventude foi marcada fortemente pela publicidade e pela venda de bens e produtos em uma simbiose com a cultura jovem.

1.7.2 A juventude e os desafios das grandes cidades

As grandes divisões entre os brasileiros estão nas desigualdades das classes sociais; gênero e raça também interferem na definição de uma juventude homogênea, pois “ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença nas possibilidades de ‘viver a juventude’” (NOVAES *apud* ALMEIDA, 2006, p. 106). Um grande desafio para a juventude brasileira que vive nas grandes cidades é o local de moradia, alguns endereços já trazem consigo uma carga de preconceitos e estigmas de áreas dominadas pela violência, pelo comando de traficantes de drogas, as chamadas favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros, conjuntos habitacionais, comunidades. Tudo isso acrescenta para todos que vivem nestas comunidades um preconceito do local que reside, além dos outros preconceitos já experimentados de classe, gênero e cor, “o endereço faz diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acessos. Para as gerações passadas, esse critério poderia ser apenas uma expressão da estratificação social, um indicador de renda ou de pertencimento de classe” (NOVAES *apud* ALMEIDA, 2006, p. 106). O endereço é algo definidor para a seleção e ingresso em novos trabalhos, na maioria das vezes o jovem sofre uma discriminação por endereço na seleção para o trabalho, “muitos jovens encontram estratégias para ocultar o lugar onde vivem e lançam mão de endereços dos patrões dos pais, de parentes, de bairros próximos ou caixas postais” (NOVAES *apud* ALMEIDA, 2006, p. 106).

1.8 Considerações

A juventude e sua caracterização foi a proposta deste primeiro capítulo para explicar sobre os temas mais emergentes sobre a juventude. A pluralidade é a principal característica da juventude contemporânea, especificamente da juventude universitária, inserida no ambiente universitário, que é um cenário da Modernidade e, com as várias características da globalização. A demonstração dos vários trabalhos acadêmicos sobre essa juventude aponta que é uma juventude polissêmica, heterogênea, uma juventude plural, que se caracteriza pelo termo juventudes. Essa realidade é cheia de experimentação de valores e compreensões de cada indivíduo sobre a realidade na qual está inserido. Essa pluralidade de realidades e de sentidos influencia a juventude em seu modo de ser no mundo, inclusive na realidade do mundo marcado pelo secularismo.

Para caracterizar a juventude na atualidade, vários pesquisadores realizaram estudos que possibilitaram a realização deste capítulo. Dados empíricos e análise hermenêutica possibilitaram compreender a juventude atual e o ambiente no qual está inserida, seja no âmbito familiar, na sociedade e na realidade de sua vivência espiritual. A partir da experiência universitária, o jovem se sente cada vez mais independente e livre, inclusive se sente livre de qualquer sistema de dogmatização e doutrinação, o jovem quer uma liberdade de qualquer sistema que o institucionalize. As estruturas dominantes, que antes eram necessárias, na fase universitária da vida do jovem, todas elas se desestruturam, o jovem não consegue encontrar um vínculo que seja marcante e que o prive de sua autonomia, como a família, a Igreja, os vínculos de amizades, aquilo que antes era hegemônico passa a ser heterogêneo, querem ter tomadas de decisões sozinhos, mesmo que sejam erradas, estão dispostos a aceitar quaisquer que sejam as definições de suas decisões, desde que sejam decisões livres de qualquer atuação institucional.

A universidade tem sua missão específica de levar cada membro ao conhecimento e à busca das verdades científicas, uma busca que implica uma pluralidade de conhecimento ao longo de todo o processo universitário. A universidade é produtora de conhecimento, ciência e tecnologia para a prosperidade de toda a sociedade, a qual não se dá somente de uma realidade empírica e individual, mas é uma realidade social e necessária para a sobrevivência da cultura e de valores humanos.

Na contemporaneidade, ao referir-se à juventude com o termo juventudes, que é mais apropriado, refere-se também à pluralidade de sentidos e características que envolvem a juventude atual. Diante das grandes transformações sociais, tais juventudes são chamadas a

criarem uma dimensão dialogal entre os seus pares e outros que lhes são necessários para a sua experiência de mundo. A juventude universitária está inserida no ambiente acadêmico científico, o qual abrange várias realidades juvenis diferentes, provindas de vários contextos e situações, ainda mais forte quando se refere ao uso das novas tecnologias. A realidade em que o jovem universitário se encontra, tanto dentro do ambiente universitário, quanto fora, são realidades desafiadoras, mas, mesmo diante de tantos desafios que o jovem contemporâneo encontra em seu caminho, a juventude atual possui características que são próprias, as quais não se encontravam em outras épocas. Algumas características juvenis são contemporâneas, tais como a demonstração de sua espontaneidade no falar, no vestir, no modo de se portar em sociedade, a liberdade de suas escolhas, ou de não escolher nada, uma confiança maior naquilo que o jovem se propõe a fazer e desempenhar. O contexto dessa juventude é de um mundo globalizado, o qual pode trazer características positivas ou negativas como, por exemplo, a violência e o uso de drogas ilícitas; é um período de grandes experimentações por parte da juventude, mas algumas dessas realidades não são positivas e não fortalecem o crescimento e sua experiência social.

O jovem contemporâneo tem várias experiências de vida, uma delas é a sua experiência de fé que, no primeiro momento é vivida na realidade familiar. Ao alcançar a maioridade, a maioria da juventude ingressa na universidade. O ambiente universitário é para o jovem o lugar da busca pelo conhecimento científico, é o encontro com experimentos e dados que muitas vezes vão de encontro com valores e conceitos que antes eram considerados dogmatizados pelo jovem.

O jovem enfrenta fortemente a influência nas suas escolhas de vivência de sua fé; suas experiências de espiritualidade são definidas de acordo com as suas escolhas pessoais, referente àquilo que o conhecimento científico proporciona a cada fase de sua vida, para que possa fazer suas escolhas. As escolhas que cada indivíduo faz são consequência da realidade social e cultural em que está inserido, esta é uma característica contemporânea.

Essa cultura atual proporciona a cada indivíduo e, de modo especial a juventude universitária, o desenvolvimento de sua própria espiritualidade, de forma a adequar a sua vida e, de acordo com a busca de sentido de cada pessoa, inclusive ter a possibilidade de não fazer nenhuma busca de espiritualidade ou vivência religiosa, não ocasionando nenhuma interferência em sua vida pessoal ou suas escolhas.

Diante desse cenário plural da juventude universitária e do contexto em que está inserida, cabe ao pesquisador levantar alguns questionamentos que favorecerão uma melhor caracterização da espiritualidade da juventude universitária. A própria espiritualidade, em um

ambiente acadêmico científico, deve ser apresentada com uma característica mais pluralista ou mais doutrinal? Vinculada a instituições ou uma espiritualidade mais pautada no diálogo e na sua forma mais dinâmica para atingir essa realidade da juventude universitária? No próximo capítulo desta pesquisa, discorrer-se-á sobre o termo espiritualidade, qual seria a característica de espiritualidade que a juventude universitária apresenta? Seria uma pluralidade de espiritualidades, aberta ao diálogo? Ou seria algo mais institucionalizado?

2 A CARACTERIZAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE: A ESPIRITUALIDADE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

2.1 A espiritualidade

2.1.1 A caracterização do termo espiritualidade

Este capítulo tem por objeto de estudo a espiritualidade da juventude. É um trabalho de definição e caracterização dos possíveis caminhos que a pessoa percorre para vivência de sua espiritualidade para chegar a uma satisfação dessa busca. Especificamente, o centro desta pesquisa é definir qual o tipo de espiritualidade que a juventude universitária traz consigo na atualidade, chamada Modernidade; quais seriam as características de espiritualidade que a juventude universitária tem em suas experiências com o transcendente? Definir o que é espiritualidade em tempos de Modernidade faz-se necessário para uma melhor compreensão da dimensão dessa vivência universitária. As reflexões do teólogo Leonardo Boff, orientará o percurso dessa definição e caracterização da espiritualidade. Boff é um teólogo brasileiro, ligado à corrente teológica chamada de Teologia da Libertação¹⁸, que é uma linha teológica vinculada à reflexão pastoral-teológica da realidade latino-americana. O autor tem uma representação reflexiva, não somente para a América Latina, mas se tornou uma referência para a teologia no mundo inteiro. Ele possui uma vasta produção de material como livros, palestras, artigos entre outros materiais que compõem o arcabouço dessa visão teológica, o chamado “cristianismo da libertação”. O autor tem uma reflexão apropriada para que possa definir, neste capítulo, o que é espiritualidade? Boff (2009) tem uma resposta afirmativa na qual, “a espiritualidade é aquela atitude que põe a vida no centro, que defende e promove a vida contra todos os mecanismos de diminuição, de estancamento e de morte” (BOFF, 2009, p. 84). De acordo com essa caracterização, o que opõe ao espírito não é o corpo, mas sim a morte. Todas as atitudes que levam à morte estão opostas à vida do ser humano e do meio

¹⁸ Teologia da Libertação - A Teologia da Libertação foi, antes de tudo, um conjunto de escritos produzidos na década de 1970 por personalidades como Gustavo Gutiérrez, Rubem Alves, Hugo Assmann, Carlos Mesters, Leonardo e Clodovis Boff, Segundo Galilea, Pablo Richard, José Miguel Bonino, Enrique Dussel, Juan Luis Segundo, para apontar apenas alguns dos nomes mais conhecidos. O movimento desenvolveu-se no Brasil e na América Latina logo após o Concílio Vaticano II, em meados da década de 1960. Surgiu como teoria através do trabalho de teólogos progressistas da Igreja Católica que sentiam a necessidade de ordenar o processo de conscientização e organização política nascida da prática dos movimentos religiosos de leigos, das intervenções pastorais de base popular e das comunidades eclesiais de base, as CEBs. Segundo o próprio Boff, a Teologia da Libertação “é, ao mesmo tempo, reflexo de uma práxis anterior e uma reflexão sobre essa práxis”. Esse corpo de textos foi, contudo, a expressão de um vasto movimento social, muito antes das novas obras de teologia. (SILVA, 2007, p. 07-08).

onde ele está inserido; há morte biológica, social e existencial, é uma visão mais ampla da realidade que abrange a vida, ou seja, qualquer ideologia, pensamento, ou atitudes geradoras de morte, estão em oposição à vida e, conseqüentemente, são prejudiciais à espiritualidade.

Nesse caminho de definições de termos é preciso fazer algumas escolhas, dentre elas o uso do termo espiritualidade e não religiosidade, pois, ao usarmos este termo, poderíamos estar chamando atenção para uma ou outra religião/denominação religiosa. A espiritualidade teria uma rigidez em âmbito doutrinal e/ou institucional bem menor que as religiões, estas têm uma implicação bem maior por causa da conduta moral e ética de seus seguidores, e nelas se determina a ação por meio de leis e doutrinas, muitas vezes, com um grande rigor e rigidez, para o cumprimento de preceitos e regras. A palavra espiritualidade se difere do que significa religiosidade, esta se refere às necessidades religiosas na busca daquilo que é mais elevado; a caracterização de espiritualidade é “literalmente, uma vida no Espírito de Deus, um intenso convívio com o Espírito de Deus” (MOLTMANN, 1998, p. 87). Para o autor, o que se chama de uma espiritualidade que não seja voltada para o Espírito de Deus, como africana, ou do Extremo Oriente, não tem o mesmo significado, elas são religiosidades, são as complexidades da interpretação hermenêutica da linguagem e suas expressões, “se ‘religiosidade’ conota as religiões, por outro lado, ‘espiritualidade’ pode referir-se a uma compreensão dualista ou induzir à ideia de um contato desencarnado com o divino” (RIBEIRO, 2009, p. 26).

Mesmo diante de tais definições terminológicas, os termos sempre serão carregados de controvérsias terminológicas, mas, para esta pesquisa, será sempre adotado o termo espiritualidade, mesmo diante da diversidade semântica e de linguagem. O termo espiritualidade aqui adotado será sempre interpretado como a relação humana, a abertura da pessoa para a realidade transcendente, seja chamada de Deus, ou ser supremo, ou outro nome, mas é a abertura para uma experiência da vivência do sagrado em uma religiosidade ou não, como é possível notar, a espiritualidade está desvinculada de qualquer religiosidade e sentido de pertença institucional, mas somente a relação imanente com o transcendente e vice-versa, de maneira mais ampla, e não restrita somente a uma visão única e relativista.

O capítulo atual se propõe a definir a espiritualidade do jovem universitário, dessa forma, é preciso que se tenha uma clareza sobre o termo espiritualidade. A objetividade do termo é precisa, para definir, entender e caracterizar a espiritualidade da juventude universitária na atualidade. O termo espiritualidade é polissêmico, ou seja, ele é carregado de muitos significados, os quais não dependem somente do sentido e da etimologia da palavra, sua variação de sentido e significado depende de quem o usa, por isso é preciso entender qual o contexto em que foi utilizado e, o tempo histórico. Para que se tenha uma definição do

termo espiritualidade, exige-se um trabalho complexo e, muitas vezes, será somente por aproximação, são vários os questionamentos feitos diante desse termo “espiritualidade” como, por exemplo, o principal questionamento: o que é Espiritualidade? Qual a necessidade e por que o ser humano busca formas de espiritualidades para a sua vida? Existe uma articulação entre espiritualidade e ciência? Seria possível para o ser humano viver sem a busca por espiritualidade? Uma pessoa, ao se declarar atea, pode ter uma espiritualidade? A busca por respostas a esses questionamentos, e outros que surgem pelo caminho da pesquisa científica e acadêmica, são norteadores para a caracterização do termo Espiritualidade e de seu sentido.

As pessoas, em seu dia a dia, quando usam a palavra ‘espiritualidade’ querem dizer algo como uma vida para além da vida meramente material, seja esse ‘para além’ algo ligado a uma tradição religiosa específica, ou mesmo apartado de qualquer uma das tradições religiosas existentes. Para muitos, estar apartado de qualquer uma dessas tradições é indício de que sua espiritualidade seria mais ‘verdadeira’ e menos contaminada pelas tradições que todas as tradições religiosas carregam em sua história, muitas vezes, sombria (PONDE, 2018, p. 17-18).

As áreas do conhecimento buscam compreender e definir o termo espiritualidade e seu sentido, na busca de encontrar as respostas para os anseios mais profundos do ser humano. Em muitas das definições, pode-se notar que a espiritualidade em sua diversidade está vinculada às ações humanas, na transformação de suas realidades, enquanto ainda estão presentes em um contexto histórico, “a palavra espiritualidade encontra sua raiz no espírito, ou seja, naquele nível da personalidade humana onde se dão e se encontram os sentimentos mais profundos, as experiências que marcam e configuram a pessoa em sua totalidade e radicalidade” (BINGEMER, 2004, p. 04). Essa busca de sentido das ações humanas e do sentido da vida humana é uma realidade que as várias áreas do saber se empenham em levantar questionamentos, bem como aproximar-se de respostas que sejam mais convincentes.

Podemos encontrar sentidos diversos para seu significado nas diferentes áreas do saber, quais sejam: a filosofia, a psicologia, a antropologia. A teologia também reflete sobre essa área que coerentemente se inclui em seu pensar e a define, considerando a categoria experiência, derivando daí um estilo de viver (BINGEMER, 2004, p. 04).

A espiritualidade é compreendida e interpretada de forma plural, diante das várias vertentes do conhecimento humano. Espiritualidade é um termo que aparece em relação ao espírito, seria algo que é pertencente às realidades espirituais e que estão em oposição à matéria, a teóloga afirma que em termos religiosos a definição de espiritualidade aparece

como qualidade e/ou caráter espiritual, aparece como doutrina que vem orientar e tratar de assuntos no progresso metódico na vida espiritual do ser humano. Dessa mesma forma, João Batista Libânio (2011) define e conceitua o termo espiritualidade como uma realidade que vem de Espírito; ele ainda afirma que, diante dessa terminologia, encontram-se várias concepções na busca de seu entendimento e compreensão.

Diferentes concepções de Espírito determinam-lhe a compreensão. Em vertente de tintura grega e estoica, espírito se contrapõe à matéria ou se mostra soberano a ela, controlando-a, dominando-a. E a espiritualidade conduz-nos, portanto, a afirmar a dimensão da alma em oposição ao mundo do corpo, da matéria. Estamos diante de espiritualismos platônico e estoico. Embora em constante recesso, ainda existem traços de tal espiritualidade em circulação (LIBÂNIO, 2011, p. 361).

Na filosofia, a constante comum ligada à literatura filosófica é a estoica¹⁹ que, segundo Pondé (2018), está ligada à espiritualidade, a qual tem a natureza em seu centro de atenção e busca. Para os adeptos do estoicismo, é uma realidade de fuga do mundo, para buscar a essência daquilo que se encontra no mais natural possível. Para o estoicismo, muitos dos sofrimentos humanos provêm daquilo com que nos iludimos pelas nossas próprias necessidades. Para conseguir a libertação de tais sofrimentos seria necessário o isolamento de toda realidade que levasse a pessoa a sentir tais necessidades, “o estoicismo grego é uma clara forma de espiritualidade não religiosa. A busca de viver segundo o logos é o centro dessa vida. Toda espiritualidade busca ver o que é de fato real por detrás das aparências enganosas da vida” (PONDÉ, 2018, p. 61). Quando a pessoa consegue se libertar desse sofrimento causado pelo engano através do mundo social, se encontra livre. A espiritualidade ligada e centrada na natureza não está somente restrita ao estoicismo, mas existem outras formas, uma delas é o panteísmo que concebe que a própria natureza é Deus.

As várias tradições interpretam a espiritualidade de formas diferentes e variadas maneiras de manifestações, mas um mesmo é o ideal de vivência e experiência daquilo que é a realidade do espírito. Há no interno do âmbito universitário o que se chama atualmente de “fé moderna”, para a qual o jovem se encontra desvinculado de qualquer instituição, não se sente liderado por nenhum líder religioso e nem sente que deve seguir os princípios e

¹⁹ O Estoicismo é um movimento filosófico grego antigo que teve seu apogeu na Roma de Marco Aurélio (121-180) e Sêneca (4 a.C.-65 d.C.). A origem do termo é a palavra grega “estoia”, “pórtico”, onde o fundador do estoicismo, Zenão de Cítio (morto em 264 a.C. em Atenas), ensinava. Seu conceito de “logos” é famoso por apresentar a racionalidade permanente da natureza ou do universo, única realidade eterna, dentro da qual tudo mais existe em permanente efemeridade. Viver de acordo com o logos é viver de forma sábia. Historicamente, os estoicos vão em busca da vida próxima à natureza e longe da civilização (PONDÉ, 2018, p. 60).

proposições comportamentais ditadas por uma doutrina ou que são ditadas pela instituição religiosa, “o jovem universitário sente-se desobrigado de seguir rigorosamente as doutrinas e normas eclesiais sem, contudo, desligar-se de sua Igreja, nem abrir mão de uma ‘fé moderna’” (OLIVEIRA; PANASIEWICZ, 2014, p. 1186). O jovem universitário encontra na espiritualidade a sua forma pessoal de seguimento, mas sem pertencimento, cada um segue o dado religioso à sua maneira.

João Batista Libânio (2011) conceitua o termo espiritualidade de acordo com a sua etimologia, a qual se refere ao que vem de Espírito. Várias são as visões sobre espírito e matéria, como a visão grega que faz esse contraponto, é uma espiritualidade que afirma a dimensão da alma em oposição ao mundo do corpo, a matéria; na tradição semita, a dimensão da espiritualidade afeta o ser humano por inteiro, como “corporeidade, sexualidade, sensibilidade, espiritualidade, envolvendo-o pelo mundo divino. Fala-se, então, de espiritualidade unitária, criatural” (LIBÂNIO, 2011, p. 361). Na contemporaneidade, surgem novas interpretações e propostas para a definição do termo espiritualidade, não há uma distinção entre matéria e espírito, é a considerada espiritualidade teocósmica, surge a influência da Nova Era, “ela responde à sede de espiritualidade que a sociedade consumista, materialista, violenta, competitiva, hedonista, destruidora da natureza tem provocado” (LIBÂNIO, 2011, p. 362). Nessa perspectiva, surge a vivência religiosa da chamada Nova Era (New Age), “não se trata somente da superação do Cristianismo por meio de uma nova religião universal, mas vive-se uma efervescência mística muito mais ampla que o projeto de uma religião única” (LIBÂNIO, 1997, p. 15).

2.1.2 A espiritualidade como resposta ao ser humano

A espiritualidade é um tema recorrente nos dias de hoje, o ser humano vivencia um contexto cheio de desafios. A eminência do domínio de algumas culturas sobre outras, em situações de guerra, fome, pobreza extrema, um contexto dramático e sem esperanças, assim o ser humano encontra-se com seu limite, ele busca respostas para tais anseios na profundidade do seu Ser, assim a espiritualidade vem a ser uma resposta para tais questionamentos básicos, “a espiritualidade é uma das fontes primordiais, embora não seja a única, de inspiração do novo, de esperança alvissareira, de geração de um sentido pleno e de capacidade de autotranscendência do ser humano” (BOFF, 2001, p. 11). É na busca de ser um super-humano que os seres humanos encontram a satisfação da vida. A espiritualidade é uma busca recorrente nas culturas, não somente em âmbito religioso, mas em várias vertentes sociais.

Tenho falado nos últimos anos, aqui e fora do país, para grupos ligados ao poder econômico internacional, executivos de multinacionais e outros agentes de poder, que colocam como tema de ponderação as mudanças sociais, o novo paradigma civilizatório, a produtividade da nova tecnologia robotizada e a espiritualidade humana [...]. De todas as maneiras, o fato de grandes empresários colocarem questões ligadas à espiritualidade atesta as dimensões da crise que nos assola. Significa que os bens materiais que eles produzem, as lógicas produtivistas que incentivam, o universo de valores que inspira suas práticas não devem estar sendo suficientes. Há um vazio, um buraco imenso dentro do seu ser, suscitando questões como gratuidade e espiritualidade, futuro da vida e do sistema terra. Esse buraco existencial é do tamanho de Deus. Por isso só Deus é capaz de preenchê-lo (BOFF, 2001, p. 11-12).

É preciso ter sempre a consciência crítica em alerta, pois, através da espiritualidade, é possível obter lucros e fazer movimentar o dinheiro, “há verdadeiras empresas manejando os discursos da espiritualidade para criar um exercito de seguidores que muitas vezes falam mais aos seus bolsos do que aos seus corações” (BOFF, 2001, p. 13). Os portadores permanentes de espiritualidade são as pessoas simples, consideradas comuns, essas pessoas têm uma vida de retidão, sabem expressar o verdadeiro sentido da solidariedade, sabem cultivar o espaço sagrado do Espírito, essas atitudes são refletidas em seu modo de viver, seja dentro de uma igreja, seja nas religiões, ou na maneira como pensam e agem no convívio social com as outras pessoas e com o meio onde vivem. As três grandes religiões abraâmicas, judaísmo, cristianismo e islamismo, atribuem elementos de espiritualidade a realidades simples e naturais, como a espiritualidade do deserto. A realidade de deserto é cenário constante de simplicidade e de essência para a vivência profunda de encontro humano com o transcendente. A realidade física do deserto é propícia para qualquer forma de busca da espiritualidade. São os desafios humanos enfrentados em um deserto que proporciona a reflexão e o encontro consigo mesmo e com uma espiritualidade. O distanciamento de uma realidade social proporcionou ao Povo de Deus, na Bíblia, o encontro com a verdadeira essência humana, um lugar ideal para o desenvolvimento do espírito, na pobreza e na dependência constante da realidade divina, “o povo de Israel é um povo do deserto. O deserto torna inútil grande parte da parafernália social e material. O acúmulo de bens no deserto é absolutamente inútil” (PONDÉ, 2018, p. 66). A realidade do deserto é a dinâmica da demonstração do nada no mundo, tudo é passageiro. Os próprios elementos físicos do deserto remetem às formas consistentes de uma espiritualidade, é o lugar da fuga das vaidades humanas.

Em nível mundial, há uma busca por valores não materiais, com isso surge uma

redefinição do entendimento do que é verdadeiramente ser humano, qual seria a sua busca de sentido e valores que dão razão à sua existência, por isso, há nos dias de hoje sempre uma busca por caracterizar o que realmente se designa a espiritualidade, qual a sua característica marcante, já que são variadas as formas de experimentá-la e expressá-la.

Uma vez fizeram esta pergunta ao Dalai-Lama e ele deu uma resposta extremamente simples: ‘Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior’. Não entendendo direito, alguém perguntou novamente: mas se eu praticar a religião e observar as tradições, isso não é espiritualidade? O Dalai-Lama respondeu: Pode ser espiritualidade, mas, se não produzir em você uma transformação, não é espiritualidade. E acrescentou: Um cobertor que não aquece deixa de ser cobertor. Então atalhou a pessoa: A espiritualidade muda ou é sempre a mesma coisa? E o Dalai-Lama falou: Como dizem os antigos, os tempos mudam e as pessoas mudam com eles. O que ontem foi espiritualidade hoje não precisa ser mais. O que em geral se chama de espiritualidade é apenas a lembrança de antigos caminhos e métodos religiosos. E arrematou: O manto deve ser cortado para se ajustar aos homens. Não os homens que devem ser cortados para se ajustar ao manto (BOFF, 2001, p. 16-17).

A espiritualidade é o que produz dentro do ser humano uma mudança. O ser humano é um ser de mudanças, está sempre em constante transformação. É um ser inacabado, nunca se contenta com o que alcançou, está sempre em busca de algo a mais, para dar sentido e razão a sua existência e a suas atitudes; tais mudanças ocorrem em âmbito físico, psíquico, social e cultural, “há mudanças que são interiores. São verdadeiras transformações alquímicas, capazes de dar um novo sentido à vida ou de abrir novos campos de experiência e de profundidade rumo ao próprio coração e ao mistério de todas as coisas” (BOFF, 2001, p. 17-18). Uma das fortes características da espiritualidade é a busca pelo mistério, pela experiência com a realidade última desse mistério, “e essa busca de experiência direta já não apresenta contornos institucionais nítidos, mas, pelo contrário, aponta para uma tendência em que o contato se dá com um fundo mais profundo” (BINGEMER, 2016, p. 83). Essa busca pelo mais profundo e pelo sentido dessa experiência, em muitas religiões se chama Deus, ou um ser supremo, seria um ponto em comum dentro de uma pluralidade religiosa. A orientação espiritual institucionalizada perdeu a sua credibilidade, não somente de uma ou outra instituição, mas de todas as instituições religiosas. Com o advento da Modernidade, a busca pela espiritualidade se tornou pessoal e plural. A pessoa se vê livre para buscar onde quiser e, satisfazer sua experiência de sentido, e em quantas realidades ela desejar e se sentir satisfeito com a sua busca, sem a interferência e orientação institucional.

2.2 A espiritualidade na Modernidade

2.2.1 *A espiritualidade plural que leva à liberdade*

A espiritualidade é tema recorrente na cultura atual, na considerada Modernidade. Ela produz mudança na vida do ser humano, que é um ser em constante transformação, é um ser de mudanças, sempre está em busca daquilo que ainda não possui, ou seja, nunca está pronto, “a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão profunda do ser humano, como o momento necessário de nossa individuação e como espaço da paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais” (BOFF, 2001, p. 18). Para o jovem universitário, que está inserido completamente na cultura e na experiência da Modernidade, sua experiência religiosa provém daquilo que a Modernidade e a globalização norteiam como rumos de toda a sociedade, “não obstante, em muitos aspectos as análises sobre a Modernidade e a globalização são aplicáveis aos universitários de nossa pesquisa, pelo fato de integrarem uma classe média mundializada” (RIBEIRO, 2009, p. 59). A educação do ensino superior é proporcionadora de reflexão de princípios e valores de toda uma sociedade secularizada, com isso, através de aceleradas mudanças no cenário global e na cultura. Aos universitários são oferecidas novas oportunidades de reflexão e novas visões de compreensão daquilo que pode ser a sua busca pela experiência religiosa, diferentemente das crenças e valores que foram herdados de tempos anteriores.

A espiritualidade está relacionada às qualidades do espírito humano, há uma relação entre religião e espiritualidade, mas, não necessariamente, esta relação é dependente uma da outra para que possa subsistir, pois a religião tem por base a transmissão da fé, através da realidade metafísica e sobrenatural, as religiões transmitem ensinamentos que levam a pessoa ao encontro com o ser divino, ensinamentos pautados nos dogmas religiosos, através de rituais e orações; enquanto que a espiritualidade é a experiência das qualidades interiores do ser humano como “amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia, que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros” (BOFF, 2001, p. 21). As religiões têm por meta levar o ser humano a encontrar um caminho para a salvação, são defensoras da vida e prometem aos seus seguidores a vida eterna; esse caminho deve ser percorrido na retidão de vida e conduta, que a religião vai guiando os seus fiéis no decurso da vida, “as religiões todas fornecem assim uma visão sobre Deus, sobre o céu, sobre quem é o ser humano e o que deve fazer neste mundo. Elaboram doutrinas e apontam caminhos para a luz” (BOFF, 2001, p. 24).

As religiões têm por meta direcionar o comportamento humano para a retidão para que suas práticas sejam condizentes com a ética, que tem por meta a transformação do ser humano, no aperfeiçoamento de corpo e coração, nas várias dimensões da vida, “as religiões constroem edifícios teóricos, as doutrinas, práticos, as morais, festivos e simbólicos, as liturgias e os ritos” (BOFF, 2001, p. 25). As religiões não são o espiritual, pois a espiritualidade é diferente, as religiões foram, na história humana, uma das maiores construções, todas elas têm uma especificidade ao lidar com o sagrado, o divino e espiritual.

Quero enfatizar que temos a ver com espiritualidade quando mergulhamos nessa profundidade de nós mesmos e experimentamos a realidade como um todo. Espírito é aquele momento de nossa consciência que nos abre à percepção de que somos parte de um todo e de que pertencemos ao todo. Espiritualidade tem a ver com experiência, não com doutrina, não com dogmas, não com ritos, não com celebrações, que são apenas caminhos institucionais capazes de nos ajudar na espiritualidade, mas que são posteriores à espiritualidade (BOFF, 2001, p. 66).

A religião pode surgir da espiritualidade e canalizar o direcionamento da experiência espiritual, é uma religião que sempre levará os seus seguidores a retomar as fontes e origens, assim não corre o risco de se tornar manipuladora dos sentimentos humanos, se torna uma religião que não aterroriza as consciências dos seus fiéis, e nem se prende em dogmas e suas imposições, ela se torna um caminho que leva ao aprofundamento dessa vivência, e não somente cria um devoto seguidor de suas doutrinas e preceitos, “não é fácil manter essa dialética entre espiritualidade e religião. Muitas vezes só chegamos a uma verdadeira experiência espiritual desmontando o edifício religioso, tal como fazemos com os resíduos que escondem o ouro precioso” (BOFF, 2001, p. 67). A espiritualidade tem a capacidade de levar a pessoa a experimentar a gratuidade, ela é capaz de quebrar qualquer hegemonia e sentimento de posse sobre pessoas ou bens, ela leva a um estabelecimento da comunhão com o outro e com as coisas, “a espiritualidade vive da gratuidade e da disponibilidade, vive da capacidade de enternecimento e de compaixão, vive da honradez em face da realidade e da escuta da mensagem que vem permanentemente desta realidade” (BOFF, 2001, p. 71). A espiritualidade plural na Modernidade tem aspectos muito positivos, o maior deles é a liberdade, a pessoa não está aprisionada a nenhuma instituição ou doutrina, com a característica de pluralidade, aquele que deseja tem a liberdade de buscar e de se expressar das mais variadas formas de buscas de sentido, “a espiritualidade de nossa época não esperou a reforma das Igrejas ou instituições religiosas para efetuar a sua própria busca. Nem muito menos a benção da academia” (BINGEMER, 2016, p. 84). A forma plural de encontrar a

espiritualidade se manifesta no interesse pessoal e na sua manifestação através de vocábulos, conceitos e símbolos que são provindos das mais variadas formas e procede das mais variadas maneiras contemporâneas de se experimentar o elo comum a todas as vivências espirituais que é o ponto comum do ser supremo. Cada pessoa se sente livre para buscar e expressar a sua espiritualidade sem ter a permissão de quem quer que seja, uma autoridade eclesiástica ou uma autoridade acadêmica, o que importa é o interesse individual.

2.2.2 As características da espiritualidade contemporânea

Algumas outras características definem essa espiritualidade na atualidade, tais como: tornar-se o oposto daquilo que se considera sóbrio e contemplativo, da suavidade e da harmonia, é um contexto em que impera o Uno em vez do múltiplo.

Impera o lado melhor do ser humano: solidariedade, ausência de medos, liberdade, alegria, comunhão com o todo. Desconhece o pecado, a necessidade da conversão, porque acredita na bondade natural das pessoas. A corrente da Nova Era se alimenta de espiritualidade vinda do Budismo, Hinduísmo, Sufismo e outras. Em nosso contexto latino-americano, as religiões indígenas e afro oferecem suas contribuições (LIBÂNIO, 2011b, p. 362).

De acordo com Libânio, além dessas características que são importantes para compreender e caracterizar a espiritualidade na Modernidade, surge a chamada espiritualidade para ateus, que seria a fidelidade diante de valores absolutos, incondicionados, elaborados, transmitidos por um segmento tradicional e que essa transmissão seria interpretada, sabe-se que a realidade pluralista é geradora da desinstitucionalização, o indivíduo é levado a fazer as suas escolhas individuais e se decidir diante das escolhas, as “fontes tradicionais de apoio social estão grandemente enfraquecidas ou totalmente ausentes, família, parentesco extenso, comunidade de aldeia, clã, tribo ou casta, igreja ou mesquita” (BERGER, 2017c, p. 42). Com a desinstitucionalização, surgem as chamadas instituições secundárias, tais como as organizações e os profissionais de ajuda como os psicólogos, psiquiatras, além de livros e websites que oferecem conselhos de todo tipo amigável.

A modernização libera todas as forças que contribuem para o pluralismo, urbanização, migração em massa, (inclusive o turismo em massa), alfabetização em geral e educação superior para um número cada vez maior de pessoas de todas as recentes tecnologias de comunicação. Na nossa Modernidade globalizada, quase todo mundo fala com todo mundo, ou direta ou indiretamente (BERGER, 2017c, p. 43-44).

Nessa perspectiva, se ainda existem pessoas que não tiveram contato com essa categoria de Modernidade, em um momento ou outro, “serão também mergulhados no vórtice da dinâmica pluralista” (BERGER, 2017c, p. 44). A contemporaneidade é marcada fortemente pela globalização, há uma forte característica dos fenômenos de sincretismo, relativismo em nível religioso e teológico, há uma globalização das grandes tradições religiosas, com isso, há superação de uma rigidez ortodoxa e fixada por uma tradição religiosa, o sincretismo é uma etapa do processo de inculturação da fé, “a teologia responde à globalização repensando a fé cristã no paradigma do diálogo inter-religioso” (LIBÂNIO, 2003, p. 99).

2.2.3 A espiritualidade uma proposta de abertura ao diálogo

Nenhuma religião tem o monopólio da espiritualidade, pois ela é o caminho codificado por cada ser humano, é a capacidade que o ser humano tem de diálogo consigo, com o outro e com o espiritual, “essa dimensão espiritual que cada um de nós tem se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela compaixão, pela escuta do outro, pela responsabilidade e pelo cuidado como atitude fundamental” (BOFF, 2001, p. 80). A espiritualidade é oposta ao sentido dominante que sempre imperou em várias culturas e contextos diferentes, inclusive na contemporaneidade o que prevalece é o espírito do mercado, que é marcado fortemente pelas relações de consumo, pela concorrência e pelo negócio visando interesses e lucros, numa luta desenfreada do individualismo.

Estamos acostumados a analisar nossos problemas do ponto de vista psicológico, sociológico, jurídico e até financeiro. É preciso que os analisemos também de uma perspectiva espiritual. Muitas das nossas angustias e das nossas doenças são consequências da dimensão espiritual não desenvolvida, anêmica, distorcida ou totalmente recalcada. Há dentro de nós uma chama sagrada coberta pelas cinzas do consumismo, da busca de bens materiais, de uma vida distraída das coisas essenciais. É preciso remover tais cinzas e despertar a chama sagrada. E então irradiaremos. Seremos como um sol (BOFF, 2001, p. 82-83).

Há manifestação da subjetividade no que se refere ao campo religioso, há uma enorme quantidade de crenças que surgem a cada instante, cada uma delas com suas especificidades. Com essa proliferação de crenças, seitas e religiosidades as pessoas têm a opção de escolher a que mais lhe agrada, ou as várias manifestações que lhe agradam, têm a opção de criar a sua própria crença individual, ou ainda, não escolher nenhuma delas; “atribui-se à pós-

modernidade ou hipermodernidade o surto exacerbado de subjetividade que no campo religioso se manifesta pela proliferação de crenças, de espantosa revivescência do sagrado. As pessoas selecionam as que lhes agradam e as adotam” (LIBÂNIO, 2008b, p. 71). Essas são características da sociedade atual, que está imersa em uma realidade globalizada, a qual produz um caminho para a proliferação e manifestação das mais variadas formas de espiritualidades. Há, na realidade de globalização, uma pluralidade de sentidos religiosos, com isso, é preciso uma abertura ao diálogo; as religiões, para que possam ter sentido em um tempo plural, precisam encontrar um caminho de diálogo, “no diálogo, acentuar mais os pontos em comum do que os pontos de diferenciação. Com isso pode-se inaugurar a paz entre as religiões. Essa paz não basta em si mesma, mas servirá de base para a paz entre todos os povos” (BOFF, 2017, p. 55). Quando se fundam princípios éticos ligados às religiões, há atitudes de respeito e há valorização da dignidade humana, uma valorização do que é sagrado e, dessa forma, há limites naquilo que se apresenta como poder de imposição.

2.2.4 A espiritualidade e a mística

A espiritualidade e a mística²⁰ têm uma ligação intrínseca, pois seria uma mesma base de experiência que a pessoa vive e esta experiência tem a capacidade de captar a totalidade de todas as coisas, seria uma totalidade orgânica, tal condição estaria totalizada de sentido e valor para a pessoa que experimenta a espiritualidade.

A mística está ligada à espiritualidade. Espírito, em seu sentido originário, de que deriva a palavra espiritualidade, é todo ser que respira. Portanto, é todo ser que vive, como o ser humano, o animal e a planta. Mas não só. A Terra toda e o universo são vivenciados como portadores de espírito, porque deles vem a vida, e são eles que fornecem todos os elementos para a vida e mantêm todo o movimento criador. Espiritualidade é aquela atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida, contra todos os mecanismos de morte, de diminuição ou estancamento (BOFF, 1996, p. 40).

O espírito é vida e aquilo que se opõe à vida, ou seja, a morte em todas as suas vertentes, é o que corresponde ao contrário da Espiritualidade; não seria, portanto, o corpo o seu lado oposto, mas todo sistema de destruição e de morte seria o empecilho para a ação do espírito e da vida, “tudo o que estiver ligado ao sistema da morte, tomada em seu sentido mais

²⁰ A palavra mística é adjetivo de mistério. Mistério possui muitos sentidos, vários deles pejorativos [...] Originalmente, a palavra mistério (*mysterion* em grego, que provém de *múein*, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intenção) não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação (BOFF, 1994a, p. 12).

amplo, de morte biológica, morte social e morte existencial (fracasso, humilhação, opressão)” (BOFF, 1996, p. 40).

Existe uma proximidade muito grande entre espiritualidade e mística, com isso muitos acreditam ser a mesma coisa, “eu arriscaria dizer que, quando ‘comparada’ à mística, a espiritualidade é sua dimensão mais prática e cotidiana, mas depende da mística na medida em que, como dizíamos acima, a espiritualidade nasce como a ‘ciência dos santos’” (PONDÉ, 2018, p. 99). A mística pode ser definida de formas variadas, ela é uma palavra usada no cristianismo, provém do grego e quer dizer ‘escondido’; para os cristãos ela foi aproximada para a descoberta daquilo que o texto sagrado continha de escondido. Aos poucos, ela foi ganhando sentido e significado para as transformações que a pessoa tem ao entrar em contato profundo com o texto sagrado, e este ser capaz de mudar a sua caminhada. Ao passar pela experiência mística, obteria um conhecimento daquilo que está escondido em Deus. Conhecimento que levará o místico a transformações, “a espiritualidade mística neste caso é a vida vivida sem os imperativos de satisfação do eu. A insistência na transcendência do que chamamos hoje de ‘identidade’ é o centro desse aniquilamento” (PONDÉ, 2018, p. 101). Ao transcender a própria identidade, o místico acredita estar o mais próximo possível da realidade divina. Seria capaz de aproximar da intimidade do ser supremo.

A pessoa que vivencia a sua espiritualidade é aquela que cultiva em seu interior as coisas que ligam e religam, a partir de realidades concretas e capazes de serem vividas e experimentadas, através de valores, inspirações, símbolos e seus significados. O ser humano que faz essa experiência é capaz de perceber muitas coisas que estão ao seu redor; ele é “capaz de captar a profundidade que se vela e referência de tudo com a Última Realidade, a que as religiões chamam Deus” (BOFF, 1996, p. 40). Na Modernidade é possível alcançar os valores da espiritualidade e da vida, mas isso acontece mediante uma crítica ao paradigma da Modernidade.

Tanto a mística como a espiritualidade partem de outra plataforma: não do poder, nem da acumulação, nem do interesse, nem da razão instrumental. Arrancam do coração, da razão instrumental e simbólica, da gratuidade do mundo, da relação, da comoção profunda, do sentido de comunhão que todas as coisas guardam em si, da percepção do grande organismo cósmico, pervadido de acenos e sinais de uma Realidade mais alta e mais plena (BOFF, 1996, p. 40).

Segundo essa ideia, é preciso que o ser humano moderno não esteja mais acima, com pretensão de dominante das pessoas e da natureza, não é possível mais ao ser humano estar

acima do universo, mas que esteja de uma forma conjunta e harmoniosa. Na atualidade não há mais a possibilidade de uma mundialização do capital, do mercado, da ciência e da técnica, mas sim “o que deve, fundamentalmente, ser mais mundializado é a solidariedade para com todos os seres, a partir dos mais afetados, a valorização ardente da vida, em todas as suas formas, a participação como resposta ao chamado de cada ser humano” (BOFF, 1996, p. 41). Esse chamado de cada ser humano espera que a pessoa esteja mais atenta ao universo, estamos inseridos nesse mesmo ambiente, na mesma natureza, portanto, o ser humano faz parte desse meio, do qual deve ser parte responsável. É somente a partir dessa tomada de consciência humana que seria possível a assimilação da ciência e da técnica, para que estivesse, desta forma, garantido o equilíbrio ecológico, para que todo ser humano pudesse satisfazer-se de forma responsável e a vida fosse garantida a todos e a todas as futuras gerações.

2.3 A espiritualidade: uma ação humana

2.3.1 A espiritualidade sem adesão doutrinal

A fé não significa uma adesão a uma religião ou a uma doutrina específica. Esta realidade, por mais revelada que seja, não significa uma condição fechada para que o ser humano tenha fé, pois “antes de tudo está a experiência do mistério, a experiência de Deus. Somente depois vem a fé” (BOFF, 1994a, p. 18). Mas se essa realidade vier em primeiro lugar, há uma ideologização da pessoa, seria uma ideologia imposta à pessoa, algo que vem de fora para o interior; tais atitudes, em muitos casos, são geradoras de situações fundamentalistas e pensamentos tão arraigados que podem gerar várias divisões e situações de conflitos que geram guerras em nome da religião, “cada grupo afirma sua verdade, excluindo a de todos os demais” (BOFF, 1994a, p. 18). Nessa concepção fundamentalista a opinião e a visão do outro, do diferente, não tem valor, não sobressai o diálogo entre as pessoas, e seus pensamentos continuam distantes, privando de qualquer relacionamento humano, o único que, porventura possa existir, será o relacionamento entre conflito e confusão.

A fé só tem sentido e é verdadeira quando significa resposta à experiência de Deus, feita pessoal e comunitariamente. Fé é então expressão de um encontro com Deus que envolve a totalidade da existência, o sentimento, o coração, a inteligência, a vontade. Os lugares e os tempos deste encontro transformam-se em sacramentais, pontos referenciais da experiência de uma superabundância de sentido inesquecível (BOFF, 1994a, p. 18).

A experiência de sentido é marca importante da ação humana, inclusive na relação com o dado da transcendência. Na Modernidade, as grandes Igrejas e religiões históricas encontram-se em crise, esta ocorre por causa da falta de sentido e da ausência de profunda experiência com Deus. Surgem novos comportamentos, pois o ser humano busca preencher esse sentido existencial de várias formas ao deixar de lado a experiência com Deus e as doutrinas rígidas, “em seu lugar, surgem os hierarcas, os missionários-cruzados, os mestres de doutrina, numa palavra, o poder religioso” (BOFF, 1994a, p. 18). Essa nova realidade, não busca fundamentar os sentidos na verdade, surgem novos comportamentos humanos na busca de satisfazer seus sentidos. As pessoas na atualidade, buscam, através de um conhecimento interior e místico, fazer sua experiência com o sagrado; fazem seu encontro com a divindade, dessa forma, reforçam sua experiência religiosa, mesmo que para isso, não seja preciso a intervenção e a condução das Igrejas tradicionais e das religiões instituídas no decorrer dos tempos. Na pesquisa entre os universitários é possível perceber claramente a verdade pela busca da fé pessoal, uma experiência totalmente desvinculada de uma religião ou instituição, a cultura centrada no indivíduo. A fé passa a ser uma atitude vivida de forma individualista e subjetiva, mas não seria simplesmente emocional; os universitários buscam a experiência de fé individual, e de forma racional, em consequência da busca pelo conhecimento científico e do elevado capital cultural familiar. Muitos acreditam em seus próprios conteúdos doutrinários que formularam no decorrer dos anos de estudos, recriam os seus rituais pessoais de encontro com o transcendente.

Em muitas das entrevistas iniciais da pesquisa faz-se enfática distinção entre fé e crenças institucionalizadas: ‘Religião é diferente de fé’; ‘Não há mediador entre Ele e os homens’; ‘A fé não tem nada a ver com instituições religiosas’; ‘Não é a religião que faz o homem se sentir perto de Deus e sim sua crença pessoal’; ‘A única solução do mundo, acho que não seria bem a religião, mas sim a fé’ (RIBEIRO, 2009, p. 200).

Em referência a essas respostas colhidas na pesquisa de Ribeiro (2009), o pesquisador faz a seguinte pergunta: quais seriam, então, as características da fé? Ele responde que, em primeiro lugar, diante das respostas dos universitários, ficou unânime a fé em uma força superior, um acreditar em algo que transcende a realidade na qual estamos inseridos, esse ser superior é conhecido e chamado pelos mais variados nomes. Outra constatação é que a fé tem um relacionamento com a existência, ela é propulsora de ações e impulsos para as pessoas. A fé também foi descrita pelos universitários como um caminho para que a pessoa possa alcançar a plenitude de muitos sentimentos como a esperança de alcançar a realidade da

felicidade e da completude. Na atualidade, experimenta a desinstitucionalização da espiritualidade. Será em defesa da subjetividade essa nova compreensão, o homem se coloca diante de Deus partindo de uma religião pessoal, uma espiritualidade que visa o desapego de qualquer instituição. É o espaço ideal para a criatividade da espiritualidade na sua vivência individual. A pessoa tem experiência de espiritualidade desvinculada totalmente das instituições, com isso, esse afastamento leva a pessoa a se distanciar de qualquer vínculo tradicional.

É muito difícil se manter fiel a uma tradição ‘sozinho num apartamento’ diante da Netflix. ‘desapegado’ então, nosso sujeito espiritual, pensa ele, poderá viver criativamente seus ‘instintos’ espirituais. Ilusão, grande ilusão. Se de um lado havia a instituição ‘corrupta’ capaz de contaminar sua vida espiritual com seus interesses políticos e econômicos, a desinstitucionalização da vida espiritual acabou por ser cooptada pela commoditização (PONDE, 2018, p. 162-163).

Assim, a desinstitucionalização se torna impossível por completo, à medida que a pessoa se vê em comportamentos que fogem de seu total alcance, ela já está novamente institucionalizada, como por exemplo, a própria internet vai reinstitucionalizar a pessoa. A própria desinstitucionalização da espiritualidade e da religião vai ser reinstitucionalizada quando o sujeito se tornar um consumidor espiritual na busca por vários modos de espiritualidade, pelas novidades do mercado espiritual, tornando a pessoa novamente institucionalizada em formas diferentes das de antes.

2.3.2 A espiritualidade globalizante

A experiência religiosa é caracterizada pela sua globalidade, pois ela é capaz de envolver o ser humano por completo, em várias de suas dimensões, ela não é específica apenas de uma dimensão humana, mas envolve toda a sua história e toda a sua vida, “a experiência do divino é por isso globalizadora porque consegue discernir a presença de Deus tanto no espaço secular quanto no espaço sagrado. A divindade em tudo resplende” (BOFF, 1996, p. 64). A concepção dessa realidade da experiência religiosa, é integradora, dialoga com as mais variadas formas de experiência humana que leva à percepção do religioso, em tempos e processos de secularização. A concepção de separação da realidade secular daquilo que é sagrado, é uma concepção equivocada, muitos separam o que é do corpo e o que é do espírito, aquilo que está no tempo histórico e fora, na eternidade; “para a experiência religiosa, tudo é sacramental, pois vem penetrado pela presença da divindade. Como dizem os budistas

japoneses, tudo pode transformar-se em *kami*, em sagrado e divinizável” (BOFF, 1996, p. 64). O que determina o sagrado não está mais no nível da instituição, ela não mais direciona o que é sagrado e o que não pertence a essa categoria; não é algo imposto de fora para dentro da concepção humana de experiência religiosa, não é mais algo acrescentado às suas dimensões “ele se dá através de todas as experiências; por isso elas ficam transparentes a ele. Todas as coisas possuem uma profundidade que é seu outro lado e seu mistério que remete ao Mistério” (BOFF, 1996, p. 64). Tal experiência da pessoa com o divino se dá de forma global, em uma experiência que é totalizante, não há mais a necessidade de religar Deus e mundo, não há mais a necessidade que se faça a releitura daquilo que o ser humano pode ou não buscar para satisfazer os seus sentidos mais profundos.

A experiência religiosa com sua expressão cultural, a religião, não é patologia, mas sanidade. Ela é um patrimônio antropológico de base irreduzível a outra experiência mais originária. Por isso sempre esteve presente na humanidade sob as formas mais distintas. Hoje emerge sob uma forma nova. Ela busca a expressão que traduza a presença da divindade como irrompe nas distintas culturas contemporâneas (BOFF, 1996, p. 64).

Essa experiência religiosa moderna expressa uma realidade da cultura atual que é capaz de influenciar as distintas áreas da sociedade, as diferentes culturas na história da humanidade e, na atualidade fazem experiência religiosa, mesmo em um ambiente totalmente secularizado, a experiência religiosa é marcante para o ser humano, “o religioso possui algo eterno. Por isso ele nunca desaparece. Ele está sempre presente. Também na Modernidade. Só que sob a forma de eclipse solar. No eclipse o sol não morre. Apenas se oculta aos nossos olhos. Mas ele continua presente atrás da sombra” (BOFF, 1996, p. 79). Na Modernidade é possível perceber um novo advento do religioso, “ele não se esconde. Nem tem vergonha de se anunciar como religioso e místico” (BOFF, 1996, p. 79). Essa manifestação da dimensão religiosa não implica um retorno ao passado, não há como regredir às visões religiosas do mundo pré-moderno e muito menos das culturas agrárias de um passado remoto, surge um novo tempo e uma nova visão de Deus e da realidade da experiência divina.

Inaugura um novo tempo, depois daquele da Modernidade, tempo de integração de todas as dimensões do humano e do cósmico no interior de uma totalidade viva, cambiante, orgânica, espiritual e mística: a criação e a natureza num imenso processo de evolução. Deus não aparece como competidor do ser humano; Deus não precisa mais ocultar-se para dar-lhe visibilidade. Agora convivem, Deus e ser humano, em mútua aceitação (BOFF, 1996, p. 79-80).

A convivência entre a realidade divina e humana se unificam, Deus que sempre esteve escondido, agora se mostra e se revela. A compreensão parte do ser humano. Todas as dimensões da pessoa experimentam essa nova realidade.

2.3.3 O testemunho e o diálogo

Surge, na Modernidade, uma nova visão e um testemunho de diálogo entre o religioso e o místico com a realidade concreta e secularizante; a divindade não está fora da totalidade, mas, como as outras dimensões, ela também faz parte da vida humana, mas não regida ou direcionada por uma religião dominante, da qual também se tornou uma entre outras das experiências que o ser humano moderno faz como caminho na busca do sagrado. Na contemporaneidade, pode-se afirmar que há muito mais uma busca pela espiritualidade, uma realidade mística moderna e pluralista, que por uma instituição religiosa. Não há mais a busca ou a pertença a nenhuma instituição, o espírito de vinculação ao único não faz mais sentido para o ser humano contemporâneo. Na contemporaneidade, há uma busca muito grande pela espiritualidade e pela mística, “mas não necessariamente sede por pertença a uma religião, mas bem uma sede por experimentar a conexão com o Mistério sempre maior que ilumina, desafia, plenifica, dilata os espaços interiores e não pode ser produzido senão recebido em gratuidade e excesso de presença” (BINGEMER, 2016, p. 89). Essa realidade moderna impulsiona o ser humano contemporâneo a buscar respostas sobre o Transcendente e sua atração pelo mistério, mas as conclusões a que o ser humano contemporâneo chega são marcadas pela conquista individualista, é uma resposta que parte da experiência humana, ela não se vale mais da linguagem metafísica ou a partir da manifestação doutrinal de uma instituição.

As religiões, em princípio, deveriam ser fontes e expressões de espiritualidades. Nem sempre isso ocorre. Em geral, a religião se apresenta como um catálogo de regras, crenças e proibições, enquanto a espiritualidade é livre e criativa. Na religião, predomina a voz exterior, da autoridade religiosa. Na espiritualidade, a voz interior, o ‘toque’ divino, a religião é uma instituição; a espiritualidade, uma vivência. Na religião há disputa de poder, hierarquia, excomunhões e acusações de heresia. Na espiritualidade predominam a disposição de serviço, a tolerância para com a crença (ou a descrença) alheia, a sabedoria de não transformar o diferente em divergente (BINGEMER, 2016, p. 76).

O ser humano contemporâneo compreendeu a verdadeira essência da espiritualidade? Após milhares de anos que as instituições predominaram sobre as escolhas humanas, o ser

humano se viu desiludido, diante dessa realidade de domínio, de poder, da busca pelo imperativo sobre as escolhas pessoais, na contemporaneidade está sendo o tempo de dar luzes ao que realmente seria a essência da espiritualidade e da instituição. Essa realidade que várias instituições, religiosa ou não, durante todo o tempo tiveram a oportunidade de orientar, mas não foram capazes de se mostrar eficazes.

Assim, seria a interpretação da realidade espiritual plural que se encontra na Modernidade uma resposta rápida, frente a resposta que se esperou durante séculos intensos, mas que foi insuficiente. O tempo e a evolução das reflexões não foram capazes de se mostrar eficazes e correspondem ao que o homem moderno busca, seria um novo tempo; uma desvinculação, ela não seria oriunda de uma desobediência humana, muito pelo contrário, essa desvinculação institucional seria fruto de um amadurecimento da realidade humana que durou muitos séculos.

O fato é que o processo de secularização apresenta uma face positiva e não apenas negativa. Ele vai lembrar-nos que a emancipação do humano não significa, necessariamente, o crepúsculo de Deus. E que, se a secularização pode ser vista - em muitas de suas faces - como inimiga de certa concepção de religião, muito particularmente da religião institucionalizada, - não necessariamente quer isto dizer que a mesma secularização, em outras de suas faces, não possa conviver - ou seja, fazer interface, - e com um aceitável nível de cordialidade, com a experiência humana da fé (BINGEMER, 2016, p. 78).

Essa realidade ainda não é plenificada pela reflexão teológica, ainda é algo muito recente para a reflexão aderir a esse processo, mas é algo inevitável que em algum momento essa reflexão terá de ser feita e assimilada. É um tempo de grandes mudanças com as quais as instituições e suas reflexões se deparam, por isso há uma grande hesitação, medo de uma volta a realidades pré-modernas, as quais não foram experiências tão positivas, mas muitas das reflexões teológicas giram em torno dessa realidade, como uma fuga para um tempo em que as instituições mantinham um monopólio teológico e espiritual. A realidade mudou, toda a reflexão precisa ser feita, para que as escolhas futuras sejam condizentes com a realidade em que o homem contemporâneo vai se definir; mudar a reflexão não é perder a essência ou aquilo com que se identifica, mas é uma compreensão de sentido, a contemporaneidade vive “uma ‘mudança de época’ e isto traz transformações significativas para vida humana, sua configuração, sentido e auto compreensão, juntamente com o sentimento de grande incerteza e insegurança e mesmo ansiedade” (BINGEMER, 2016, p. 78-79). O maior dos impactos que essa mudança de época proporciona é um dos principais processos de transformações, sobre a

religião e sobre a forma de sua manifestação e espiritualidade. Com a Modernidade, qualquer que seja a compreensão, ela tem de passar pela racionalidade, isso pode ser algo positivo ou negativo, dependerá do ponto de vista, pois com a racionalidade haverá uma libertação das realidades de fanatismo, superstição e intolerância que as instituições religiosas sempre foram acusadas de serem portadoras.

2.3.4 A espiritualidade como força libertadora

Esse pensamento de libertação é uma realidade moderna. Na Modernidade, percebe-se o começo do processo secularizante, muitas das identificações secularizantes ainda estavam interligadas à realidade de interpretação monoteísta e institucional. Mesmo que houvesse uma imanentização dos horizontes de sentidos, de forma individual ou em processos comunitários, se a Modernidade se portasse dessa forma, ela seria secularizante como a Modernidade, “as ideias unificadoras da Modernidade ainda herdavam algo da força inerente à afirmação monoteísta de Deus” (LIBÂNIO, 2013, p. 211). A Contemporaneidade é vista como etapa final da secularização moderna, seria o abandono definitivo de grandes ideais monoteístas, “a etapa que, finalmente, a referência a Deus - mesmo como negação - desaparece do horizonte do pensamento da existência” (LIBÂNIO, 2013, p. 211). O grande paradoxo foi a substituição do Deus transcendente para as divindades imanentes, como a ciência, o estado, o consumo, etc. Essa seria uma realidade distinta de secularização. Essa ambiguidade chega a uma forma mais expressiva nos paradoxos da Modernidade, quando se recupera o politeísmo antigo, “a pós-Modernidade, mais do que um processo cultural de secularização, aparece nas suas diversas manifestações como consumação de variadas sacralizações ou divinizações que retomam os problemas permanentes da sacralização indevida do mundo” (LIBÂNIO, 2013, p. 212). Na contemporaneidade, são vários os fatores que levam ao enfraquecimento das religiões tradicionais, as quais não mais ditam as normas e regras sociais que no passado eram regidos por dogmas e leis que eram fundamentais para que a sociedade se organizasse.

A teoria da espiritualidade reflexiva, que nas sociedades modernas caracterizaram toda ação espiritual e enfraquecimento das instituições. Essa teoria possui sete características que a definem, “racionalização e diferenciação social, descredibilização e impulsibilidade da religiosidade institucional, concepções destradicionalização do religioso, ênfase na individualidades, impactos dos media, globalização e maior abertura e diálogo das religiões católica, judaica e protestante” (MONIZ, 2017, p. 399). Essa teoria se dá pelo fato de que o indivíduo tem uma autonomia de flexibilidade e de tomada de decisões de sua própria

caminhada, não mais será preciso que a religião determine quais os caminhos que sejam necessários seguir para chegar aos seus objetivos que são pessoais e individualistas. Essa espiritualidade é uma junção da flexibilidade humana e sua autonomia com a transcendência. Através das sociedades racionalizadas, do ser humano independente, ter a capacidade de buscar sentido por ele próprio nas coisas sagradas, que também foram demarcadas por ele como sagrada, “a espiritualidade reflexiva conduz à expansão do ego (*expansive self*), na qual o indivíduo assume deliberadamente uma postura de exploração da sua vida interior, procurando respostas, sentidos e significados morais para a elaboração de seu ego” (MONIZ, 2017, p. 400). Ao acessar a criticidade de um dado humano, é também necessário que, a partir do que se refletiu, a pessoa tome uma posição em relação ao que foi refletido e analisado.

Há quem sente a necessidade de assumir um comportamento de reflexão e quem prefere certas questões por desinteresse, por falta de estímulos. Em todo caso, a atitude crítico-reflexiva é uma possibilidade humana e, mesmo que ela não seja sempre colocada em ato, ela permanece, todavia, presente em nível latente, manifestando-se eventualmente, em âmbitos particulares, ainda que não seja com a radicalidade habitual de quem a assume como uma atividade profissional, como um *Beruf*, no duplo sentido de uma vocação de uma tarefa. É esta última abordagem propriamente ‘filosófica’ (BELLO, 2019, p. 22).

Submeter a experiência sagrada, a espiritualidade à reflexão crítica é levar à libertação uma atitude de submissão e inconsciência da realidade, sendo que a própria ideia de Deus é meramente uma projeção humana, os atributos divinos de onipotência, bondade, eternidade, são meramente uma projeção daquilo com que o ser humano se depara na sua fragilidade humana, para alguns pensadores. Deus é somente “uma ‘invenção’ do ser humano, o qual não quer aceitar os seus próprios limites e se ilude com a existência de algo ilimitado e potente” (BELLO, 2019, p. 24). A espiritualidade, em muitos momentos, pode ser caracterizada pelo relacionamento e desenvolvimento do ser humano com uma prática religiosa, ligado a uma instituição tradicional; a busca da experiência humana com o transcendente, “a espiritualidade implica num mergulho que fazemos em nós mesmo. À volta para o nosso interior buscando o mais profundo e experimentando a nossa realidade subjetiva, única e acessível apenas a nós mesmo” (PAIVA, 2018, p. 281). Através dessa característica moderna reflexiva e intimista, o ser humano é levado a encontrar-se consigo e com o sagrado, mas a partir do humano, a decisão é imanente, não mais transcendente.

2.3.5 A espiritualidade: ação humana voltada para o mundo

A atitude religiosa é uma ação puramente humana, é uma ação voltada para o mundo; em muitos casos, ações religiosas não foram atitudes pensadas para um além, e sim para corresponder à realidade presente. Também é impossível definir o que é religião, mas suas ações e provocações são perceptíveis, as quais somente podem ser captadas através da vivência de membros comunitários, que trazem suas representações e seus fins subjetivos individuais.

A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para este mundo. As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas ‘para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da Terra’. Mesmo rituais como sacrifícios humanos, extraordinários sobretudo entre uma população urbana, foram realizados nas cidades marítimas fenícias, sem qualquer expectativa dirigida ao além. A ação religiosa ou magicamente motivada e, ademais, precisamente em sua forma primordial, uma ação racional, pelo menos relativamente: ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência (WEBER, 2009, p. 281).

Somente o ser humano é capaz de fazer as distinções daquilo que é correto ou errado, reconhecer o que são ações racionais ou não, até mesmo a pessoa que tem atitudes de ‘mágico’ tem a consciência de tais fenômenos, “mesmo os ‘deuses’ não são imaginados, desde o princípio, como seres ‘antropomórficos’. Assumem a forma de seres perenes a eles essencial apenas após a superação de concepções puramente naturalistas” (WEBER, 2009, p. 284). O processo de secularização da sociedade marca o fim dos grandes monopólios das tradições religiosas, na maior parte da história do ser humano, houve o monopólio de pensamentos religiosos sobre as atividades humanas, em âmbito familiar ou social, era a determinação da vida humana de forma individual ou sua vivência na sociedade; “as instituições religiosas eram, de fato, instituições propriamente ditas, isto é, agências reguladoras do pensamento e da ação” (BERGER, 2017b, p. 176). A instituição religiosa definia as ações humanas, mantinha um controle social através de seus instrumentos de controle, não existia a possibilidade de não pertencer a uma instituição religiosa, “sair do mundo, tal qual a religião o definia, era entrar numa escuridão caótica, na anomia, possivelmente na loucura” (BERGER, 2017b, p. 177). A globalização trouxe o fim do monopólio das instituições religiosas, mas isso não significou o fim da busca de espiritualidade e nem mesmo o fim das religiões, isso influencia na maneira do comportamento humano e na busca de sentido ético para as mais variadas questões que

sobrepõem a convivência humana, “uma permanente fonte de ética são as religiões. Estas animam valores, ditam comportamentos e dão um significado último à vida de grande parte da humanidade que, a despeito do processo de secularização, rege-se pela cosmovisão religiosa” (BOFF, 2017, p. 55). Esse processo trouxe um despertar das mais variadas formas religiosas na sociedade, as religiões são plurais, diversas as maneiras de busca pela espiritualidade; dessa forma, há uma variedade das normas éticas, assim, na contemporaneidade, não haverá um consenso ético que seja baseado no dado religioso, por causa dessa pluralidade religiosa e de busca de sentido. O ser humano é um ser aberto à relações, sejam elas entre outras pessoas ou com o meio onde está inserido, o ser humano é ser relacional em todas as suas dimensões. Ele é um ser de abertura, um potencial, é capaz de sempre ir além daquilo que se consegue acrescentar algo ao real. É capaz de criar símbolos, projeções e sonhos; essa é uma realidade humana “porque ele vê o real transfigurado. Essa capacidade é que chamamos de transcendência, isto é, transcende, rompe, vai além daquilo que é dado. Numa palavra eu diria que o ser humano é um projeto infinito” (BOFF, 2000, p. 36-37).

2.3.6 A multiplicidade religiosa

Existe atualmente uma multiplicidade de modos de viver a religião. Vários estudos e análises demonstram os diferentes ritmos da secularização, os quais podem constatar a contribuição da racionalização da religião; seria a capacidade de por à prova, através da racionalização religiosa, aquilo que cada pessoa experimenta, em seu âmbito de fé, “e vai permitir o que mais precioso, a meu ver, existe na contribuição weberiana à tese da secularização, a saber, a capacidade de pôr à prova de modo convincente a interface entre racionalização religiosa e racionalização legal” (PIERUCCI, 1998, p. 6-7). Tal racionalização acompanha no Ocidente o desencantamento do mundo. A religião tradicional, especificamente o catolicismo, dava às pessoas um horizonte de segurança e tranquilidade; até então, o jovem que vivia nesse ambiente em que a família e a cultura favoreciam para que a prática da fé fosse facilmente vivida, tudo o que a religião determinava, se tornava um preceito, o qual todas as pessoas viviam e seguiam sem questionamentos, tudo que se aprendia no seio familiar, inclusive a religião cristã, era a marca para as decisões e para a experiência de todos os valores, pessoais e sociais.

Ao entrar na Modernidade, sobretudo urbana, a religião sofre processo de secularização. Aos poucos, as práticas religiosas se esfumam. A dimensão sagrada da existência cede lugar à valorização da própria liberdade e escolha

pessoal, sem o peso da tradição. E, em termos sociais, a cultura afirma a autonomia das realidades terrestres, reduzindo o espaço visível da religião. Até fisicamente, as igrejas e os templos se escondem nos meios dos edifícios, diminuindo a visibilidade religiosa (LIBÂNIO, 2011, p. 183).

Na contemporaneidade, o engajamento dos jovens em movimentos de Igreja é substituído, muitas vezes, por compromissos sociopolíticos, pois a juventude se envolve com várias questões sociais e políticas. Uma das características da secularização é a pluralidade religiosa²¹; o início da secularização se dá especificamente na área econômica, em que o sistema capitalista e industrial se mostrou eficaz nas sociedades modernas; dessa forma, várias áreas da sociedade foram atingidas pelo processo de secularização da sociedade, elas foram afetadas quando se aproximavam ou afastavam desta realidade secularizada, “a moderna sociedade industrial produziu um setor ‘localizado’ no centro que é algo assim como um ‘território livre’ com relação à religião. a secularização partiu daí ‘para fora’ na direção das outras áreas da sociedade” (BERGER, 2017b, p. 170). Foi com a possibilidade do rompimento com monopólio religioso e com a cristandade que o potencial pluralístico se concretizou, foi a própria história cristã que possibilitou o romper da secularização, foi com o romper do monopólio pelos protestantes que iniciou o processo que facilitou a instauração das fragmentações, “a igreja emerge, fundamentalmente, como *mater et magistra*: sobre todas as questões possui uma lição que tira de seu depósito feito da Escritura, da Tradição, dos ensinamentos do Magistério e de um certo tipo de leitura da lei natural” (BOFF, 1994b, p. 23).

2.4 O pluralismo moderno

2.4.1 O pluralismo religioso

O pluralismo religioso é uma realidade que está presente na história da humanidade, não é uma realidade nova. Desde os primeiros momentos, o cristianismo se encontra diante da pluralidade religiosa. O cristianismo surgiu a partir do judaísmo, por isso, ele será sempre desafiado a comunicar e a fazer-se entender em meio a uma realidade desafiante do paganismo e do politeísmo grego e romano. Era preciso dialogar com as diferentes realidades. Era preciso compreender o imaginário das crenças e das divindades que estavam presentes já no curso da história humana. A partir dessa compreensão, o cristianismo teria a capacidade de

²¹ O fenômeno do ‘pluralismo’ é um correlato sócio estrutural de secularização da consciência (BERGER, 2017b, p. 167).

se colocar diante das realidades existentes, poder se fazer visível e compreensível na transmissão de sua doutrina. “Um exemplo saboroso e potente desse pluralismo e da postura ao mesmo tempo audaciosa e dialogal com que o Cristianismo nele se inclui é o episódio de Paulo no areópago de Atenas, com seu anúncio do Deus desconhecido, descrito no capítulo 17 do livro dos Atos dos Apóstolos” (BINGEMER, 2004b, p. 223). Nesse episódio, Paulo abriu um vasto caminho para o diálogo, ele não fez nenhuma referência à idolatria, ou às questões de salvação. Paulo destaca a presença do Templo ao deus desconhecido, a partir daí ele faz o seu anúncio da ideologia cristã. Paulo usou da realidade religiosa própria do contexto ateniense, para falar de uma realidade nova, mas que estava inserida na linguagem do contexto presente. Estava aberto, assim, o caminho para o diálogo.

O pluralismo que permitiu ao Cristianismo nascente anunciar-se e tornar-se conhecido, inserindo-se na plural realidade religiosa do mundo antigo e a consequente postura dialogal por ele gerada pareceu obscurecer-se na Idade Média, quando o mundo ocidental era maciça e quase totalmente cristão. Os que professavam credos diferentes eram considerados infiéis, que se encontravam em erro. Não havia diálogo possível com sua diferença por parte do pensamento cristão, e muito especificamente, por parte da Teologia (BINGEMER, 2004b, p. 224).

Essa realidade começou a se transformar a partir da Reforma Protestante, a qual coloca em questão o pluralismo religioso. Ela tem a força de romper com a realidade unívoca do cristianismo que se propagou durante a Idade Média. A partir do início do processo de secularização essa realidade tornou-se diferente, houve a autonomia da razão, o racionalismo será a grande marca dessa ruptura. A partir dessa realidade da secularização, houve a crise das instituições e, com isso, a homogeneidade estava rompida. Com o advento da Modernidade, a religião ganhou um destaque diferente, ela não tem mais a força centralizadora de toda realidade, “mas ela ressurge como uma realidade plural e multiforme, selvagem e mesmo anárquica, sem condições de voltar a sua configuração pré-moderna e unívoca” (BINGEMER, 2004b, p. 224).

O pluralismo é um fenômeno presente nas sociedades modernas, nesse contexto, uma característica forte e marcante é a não submissão das populações ao modelo do monopólio que existia em tempos anteriores. Dessa forma, a submissão não é mais imposta pela instituição, ela se torna voluntária, “resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado” (BERGER, 2017b, p. 180). Surgem as relações de compra e venda, a religião tem de ser “vendida” e surge uma clientela que deseja buscar uma religião que está à “venda”, a realidade pluralista se torna

uma realidade de situação de mercado. As instituições religiosas se tornam agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo, dessa forma, a atividade religiosa na Modernidade se torna uma relação gerida pela lógica da economia de mercado. Várias são as consequências dessa realidade da religião com características de mercado, as consequências serão grandes, os grupos religiosos que antes dependiam da determinação e organização da instituição religiosa, na Modernidade surge a competitividade entre os grupos religiosos, na dinâmica do monopólio de competitividade das agências de mercado, “agora, os grupos religiosos têm de se organizar de forma a conquistar uma população de consumidores em competição com outros grupos que têm o mesmo propósito” (BERGER, 2017b, p. 180). O mercado é exigente e precisa medir-se através de “resultados”, surge uma grande pressão para que os grupos obtenham esses resultados, em uma competição entre si, acarreta uma racionalização das estruturas sociorreligiosas, “o termo pluralismo religioso refere-se simplesmente ao fato de que a história das religiões mostra uma pluralidade de tradições e uma pluralidade de variações dentro de cada tradição” (BINGEMER, 2004b, p. 225).

2.4.2 As atitudes transreligiosas e transculturais

Em vários países da Europa a unidade política e religiosa foi desafiada pela emergente característica do pluralismo religioso, o qual foi o causador de várias guerras religiosas e o responsável por surgimento de vários grupos cismáticos dentro da igreja, mas, no Brasil, esse processo foi diferente, “o processo de separação igreja/Estado teve como produto histórico a produção de novas religiões” (MONTEIRO, 2009, p. 10). Essa análise mostra que no Brasil o pluralismo religioso não teve a sua origem especificamente no conflito entre as religiões, mas, de modo específico, no Brasil a característica do pluralismo religioso que se dá pelo “reconhecimento legal da diversidade de cultos e a garantia de liberdade religiosa, foi resultado de um longo debate político-científico em torno daquilo que o Estado (e a sociedade) podiam legitimamente reconhecer e aceitar como ‘prática religiosa’” (MONTEIRO, 2009, p. 10). O grande perigo da pluralidade religiosa é o enrijecimento das religiões, quanto mais ela vai perdendo o número de seus adeptos, mais ela se petrifica e se fecha em si mesma, “como está a acontecer com a Igreja Católica na esperança de reter, ainda, os últimos marinheiros do navio. Tal postura atrai inseguros minoritários que buscam referências fortes numa pós-Modernidade líquida que está a corrê-la: família, valores” (LIBÂNIO, 2012b, p. 1024). Esse enrijecimento de algumas religiões se torna um atrativo

para muitos, é o que atrai muitos jovens nos dias atuais. As sociedades antigas tinham um poder centralizado, havia uma orientação religiosa como um modelo a ser seguido por todos. Toda a sociedade se via orientada pelas verdades que eram reveladas pelas autoridades eclesiais. Mas, com a Modernidade, o sujeito percebe que sua autonomia é que direciona a suas escolhas para onde ele quiser, “percebe-se que está em curso um processo de transformação sócio-econômico-cultural conduzido especialmente pelas ciências e pela tecnologia” (PANASIEWICZ, 2015, p. 1852). É um processo que acarreta as relações de poder e dominação das sociedades, a religião na Modernidade terá um papel de levar o ser humano a ser cada vez mais humano, ela não mais será um paradigma, uma referência nas decisões pessoais ou sociais, ela não deixará de existir, mas terá de assumir um papel diferente daquele que sempre exerceu há muitos séculos, mas poderíamos dizer que talvez seja realmente essa a essência da religião, voltar ao que realmente sempre foi a sua vocação, de colaborar para a edificação humana. A solução encontrada é a transdisciplinaridade, solução para superar a separação entre a cultura técnico-científica e da cultura espiritual. A transdisciplinaridade é uma atitude de compreensão do sagrado na condição humana.

A atitude transcultural não está em contradição com nenhuma tradição cultural, religiosa ou espiritual, ou com qualquer corrente agnóstica ou atea, na medida em que estas tradições e correntes se determinam ante a questão do sagrado. De fato, a presença do sagrado é nossa própria transpresença humana no mundo [...] A atitude transcultural não é simplesmente um projeto utópico, senão uma necessidade - que está gravada no mais profundo de nosso ser. Através da transculturação, o conflito das culturas - uma ameaça cada vez mais presente em nosso tempo - já não tem razão de ser. Se o transcultural puder encontrar seu próprio lugar na Modernidade, as guerras entre civilizações poderiam não acontecer (PANASIEWICZ, 2015, p. 1853, *apud* NICOLESCU, 2004, p. 145 *apud* GARCÍA, 2015, p. 245).

Atitudes transreligiosas e transculturais são provocadas através da transdisciplinaridade, porque ela está cheia de experiências e conhecimentos que extrapolam a realidade que as envolva, “o desafio da abertura constante para o diálogo é o que conclama as sociedades e as tradições religiosas” (PANASIEWICZ, 2015, p. 1853) Esse se torna o grande desafio atual, o diálogo. Perceber e acolher a riqueza que está contida na diversidade e na manifestação de cada uma das realidades. As religiões e as espiritualidades atuais são desafiadas a saírem de seu comodismo e terem posturas de transdisciplinaridade para que haja diálogo e para que haja também a possibilidade de continuidade daquilo em que se acredita. Com esse diálogo não há verdades que sejam absolutas e certas marcantes, mas haverá sim um diálogo de profunda transformação e crescimento para todas as crenças.

2.4.3 A pluralidade de sentido para a juventude

A juventude é marcada pela pluralidade de sentidos e valores, é a etapa caracterizada por variadas mudanças. Muitas rupturas e inauguração de uma fase diferente que se distancia das fases anteriores, de uma realidade infantil e familiar. É o descobrimento de um novo universo de sentidos e realizações “essa condição se reveste de dramaticidade quando se considera que o experimentador é um ser inexperiente, a que falta clareza quanto ao resultado de seus ensaios” (RIBEIRO, 2009, p. 110). O jovem está situado em um ambiente marcado fortemente pelo secularismo, mas ele encontra em sua religiosidade uma preciosa fonte de energia para enfrentar essas mudanças que são inerentes a essa fase da vida.

Da forma como entendemos, a religiosidade é totalmente adequada ao ser-jovem, visto instilar confiança numa etapa em que o sujeito se distancia de poderosos ambientes elaboradores de sentidos, como a família e a religião, e empreende uma travessia que é singular e também geracional. A juventude é ainda uma fase propícia ao estudo da religiosidade, pois esta se torna mais patente numa fase em que o indivíduo necessita guiar-se por alguma direção para tomar decisões estratégicas que serão dominantes para o resto da vida: além disso, um olhar ‘de microscópio’ sobre a alma de seres imersos em bruscas mudanças ilumina processos que em outras idades se instauram mais lenta e imperceptivelmente (RIBEIRO, 2009, p. 110).

Diante da realidade social, o jovem é visto como um ser problemático, há sempre uma suspeita sobre as suas decisões e escolhas; muitas vezes o jovem é visto como um contrário ao bem e à ordem, mas a juventude é capaz de viver “sua positividade, pois cada etapa desenvolve valor, equilíbrio e soluções específicas para seus problemas reais” (RIBEIRO, 2009, p. 110). A busca de sentido da espiritualidade e da fé passa na atualidade pelo campo da racionalidade. A partir dessa postura mais racional, assume-se a ideia de concepção da realidade divina, é uma postura de inclinar-se diante do Outro, que parte do reconhecimento dos direitos estritos da razão. A fé na atualidade, a espiritualidade moderna e a busca de sentido não podem ser absurdas e opacas à razão, “nenhuma busca da verdade será autêntica e plena se não se tornar atenta e aberta a essa pluralidade de experiências ditas religiosas que hoje existem e buscam seus direitos de cidadania na vivência da busca da humanidade pela Transcendência” (BINGEMER, 2004b, p. 230). Assim, o jovem universitário, que está imerso em uma realidade racional, somente poderá compreender a realidade de sentido e de espiritualidade se, primeiramente, ele deixar que essa experiência seja testada pela razão e pela linguagem humana.

2.4.4 A pluralidade de espiritualidades

A espiritualidade é uma parte essencial ao ser humano, é a interpretação da ação humana frente ao que lhe transcende, seja considerado Deus ou outro ser. A espiritualidade dá ao ser humano a possibilidade de compreender sua realidade e refletir sobre o que lhe ocorre. A Modernidade resgata uma transcendência que é mais pessoal, uma espiritualidade voltada para o individualismo, seria uma nova consciência espiritual para a contemporaneidade. É o momento das grandes transformações e mudanças de paradigmas, há uma nova compreensão da realidade humana nos dias atuais, houve uma quebra de pensamento do ser humano e do modelo antropológico da Modernidade, “em nossos dias se pensa e se concebe mais o ser humano como ser relacional e aberto a uma autonomia heterônoma, ou seja, uma autonomia regida pela alteridade, pelo outro” (BINGEMER, 2004, p. 05). A alteridade é um passo importante para o diálogo e para que se tenha uma configuração da realidade do ser humano. A nova concepção antropológica é da autonomia de cada pessoa. Essa é uma diferença da antropologia da Modernidade. Esse novo modelo de ser humano surge com a Modernidade, é um ser relacional e aberto, a alteridade do sujeito é a palavra central nas relações humanas da atualidade, a realidade é totalmente diferente de tempos anteriores, quando a religião era a força predominante na sociedade, hoje a religião é somente uma representação de uma cultura. Vive-se hoje em um mundo plural, “a pluralidade advinda da globalização afeta não apenas os terrenos econômico e social, mas igualmente os políticos, culturais e também religiosos” (BINGEMER, 2004, p. 08). É uma realidade exigente para o diálogo. Uma realidade totalmente nova, um mundo novo em que há cruzamento de realidades de interação entre ateísmo, descrença, indiferença religiosa com as manifestações doutrinárias e institucionais das várias religiões e crenças antigas e milenares. A grande novidade desta realidade é que elas se inter cruzam e se interpelam reciprocamente. Muitas realidades históricas e milenares se veem inseridas nessa realidade de pluralidade, que levam a discursos sobre realidades humanas e espirituais. A secularização não trouxe o declínio do fenômeno religioso, muito pelo contrário, ela possibilitou o seu avanço e a sociedade atual está imersa de uma realidade plurirreligiosa. Há entre os autores uma concordância de que na Modernidade, envolvida por um pluralismo religioso, haja um declínio da religião por causa das várias manifestações religiosas, “a presença da própria secularização que proporciona a possibilidade para o surgimento das várias manifestações religiosas na atualidade. Desta forma, para eles, não faz sentido associar a presença religiosa atual como sinal de

enfraquecimento da secularização” (SOUZA, 2018, p. 61). A sociedade na atualidade caminha sob duas realidades concomitantes, uma em que existe uma presença muito grande de manifestações religiosas, e outra em que a secularização segue o curso da história. É um contexto de ambiguidade que a Modernidade traz consigo, pois a mesma realidade que foi capaz de desestabilizar as hegemonias religiosas, foi capaz de criar um ambiente propício e capaz de conviver com o plural. A realidade de pluralismo religioso na contemporaneidade levou à novidade da privatização da vida religiosa. Cada pessoa faz a própria busca pela sua espiritualidade, cada indivíduo passou a ter força de interpretar e de acreditar naquilo que imagina ser a realidade divina em sua vida, “a Modernidade não liquidou com a religião, mas esta ressurgiu com nova força e nova forma, não mais institucionalizada como antes, mas sim plural e multiforme, selvagem e mesmo anárquica, sem condições de voltar ao pré-moderno” (BINGEMER, 2004, p. 10).

2.5 Os efeitos secularizantes da Modernidade

2.5.1 A perda da hegemonia espiritual

A Modernidade trouxe em si alguns efeitos que são chamados de secularizantes, com isso há um declínio da hegemonia da religião. A sociedade perde a categoria do controle religioso e as pessoas, em sua mentalidade, não mais se deixam conduzir pela orientação religiosa. Houve um alvorecer de inúmeras manifestações religiosas, várias práticas religiosas passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. Houve uma explosão do caráter religioso, “algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas” (BERGER, 2000, p. 10). As pessoas vivem em um mundo religioso. As instituições religiosas sobreviveram ao mundo secularizado sem que para isso precisassem se adaptar a essa realidade, “as comunidades religiosas sobreviveram e até floresceram na medida em que não tentaram se adaptar às supostas exigências de um mundo secularizado” (BERGER, 2000, p. 11). A Modernidade tem como uma das principais características o declínio da religião, a cultura contemporânea não recebe nenhuma influência da religião, mas o processo de secularização é reforçado pela intensificação religiosa, “a forma plural de disseminação do que é tido como religioso [...] resulta na autonomização do indivíduo, agora um ‘errante religioso’, liberto das amarras da cultura religiosa tradicional” (CAMURÇA, 2003, p. 59). A espiritualidade atual é o mergulho dentro do próprio ser humano que experimenta a realidade

como um todo, é a abertura para o entendimento de que o ser humano faz parte de um todo.

Espiritualidade tem a ver com experiência, não com doutrina, não com dogmas, não com ritos, não com celebrações, que são apenas caminhos institucionais capazes de nos ajudar a alcançá-la, mas que são posteriores a ela. Nasceram da espiritualidade, podem até contê-las, mas não são a espiritualidade. São água canalizada, não a fonte da água cristalina. É grandioso quando a religião ou determinado caminho espiritual consegue de fato canalizar a experiência espiritual e nos levar continuamente a beber da fonte (BOFF, 2006, p. 43).

As religiões passaram para sua funcionalidade verdadeira, deixando de ser uma manipuladora dos sentimentos humanos. As religiões tradicionais, dentre elas o cristianismo, perderam a sua hegemonia na Modernidade, mesmo em países onde há a predominância de seus adeptos, a sua hegemonia já não figura mais a realidade. Na contemporaneidade, as religiões tradicionais não se findaram, não haverá uma derrota entre elas, pelo contrário, todas subsistirão, mas cada uma delas é chamada a encontrar o seu lugar em meio a essa realidade nova de pluralidade e diálogo, encontrar e ser uma entre as outras confissões, crenças e novas espiritualidades de diferentes matizes. É um desafio novo para essas religiões tradicionais, buscar meios e palavras que possam transmitir o depósito da fé, a sua Tradição para uma realidade diferente, onde precisará ser mais atraente para conquistar novos e convictos adeptos. Assim, na universidade, fica o grande desafio para que o jovem universitário possa expressar a sua fé em um nova realidade, em um ambiente totalmente acadêmico-científico, onde o novo é sempre o mais atraente.

Se algo se pode dizer da espiritualidade é que, certamente, passa pelo caminho da experiência. Não se trata de uma teoria sobre o outro nem, muito menos, de um discurso construído e rigoroso sobre o outro. Tudo que possa haver de discurso e teoria neste particular emerge e se faz inteligível com base em uma experiência (BINGEMER, 2004, p. 12).

No advento da Modernidade, o ateísmo negava Deus e sua maior afirmação era o projeto humano, era necessária a morte de Deus para que a autonomia e a liberdade do ser humano se emancipasse por completo. Na Modernidade, o ateísmo contemporâneo - a indiferença - ameaça não somente Deus, mas também o próprio ser humano. Surgiu a grande indiferença religiosa com essa negação de Deus em todas as suas formas de manifestação, mas esse projeto “demonstrou que uma sociedade, se não encontrar fundamento em uma Transcendência - seja dado a ela ou não o nome de Deus - se dissolverá lenta e inexoravelmente” (BINGEMER, 2014, p. 861). No novo mundo é preciso redescobrir a nova

imagem desse Transcendente, em uma realidade desafiadora que é secular e plural. A realidade é que a compreensão de Deus evoluiu, na realidade anterior esse ser supremo era uma concepção pessoal, mas agora a realidade se tornou impessoal, isso é a novidade pós-moderna, que se afasta por completo da tradição judaico-cristã, “mas não estaria aí para o homem e a mulher pós-modernos a fascinante oportunidade de descobrir aquele que desde a primeira hora da nossa era, Paulo de Tarso tentava anunciar aos atenienses, procurando o cominho para nomear o Deus desconhecido?” (BINGEMER, 2014, p. 861-862). Dentro da universidade também é preciso descobrir e partir para identificar essa oportunidade para anunciar a espiritualidade.

2.5.2 A secularização transforma a espiritualidade

O processo de secularização na sociedade se dá em um contexto que é compreendido a partir da Modernidade, no qual existem profundas transformações estruturais em âmbitos sociais, culturais, políticos e religiosos; “a religião perde a sua influência, tanto em nível das instituições quanto da consciência humana” (BERGER, 2017a, p. 43). Tal processo é “fator bastante trabalhado em décadas anteriores e continua atuante até hoje sob formas, até mesmo, paradoxais. Sem dúvida, não aconteceu uma secularização enquanto secularismo²²” (LIBÂNIO, 2004a, p. 45), muito se pensava em uma grande apostasia da fé. A globalização proporcionou uma grande migração de uma vertente religiosa para outra e, com esse processo de secularização e globalização, as mais variadas formas de espiritualidades se aproximam das pessoas através de uma sociedade mediatizada e conectada. As pressões sociais de distanciamento dessa realidade desapareceram, hoje cada pessoa escolhe o caminho que deseja percorrer sem interferência alguma; há uma desagregação da vida comunitária, tudo passa pelo crivo do virtual.

A Modernidade trouxe alguns aspectos importantes para a compreensão do período contemporâneo, a secularização é o desenraizamento pelo qual passa o indivíduo, é a dessacralização da cultura, é a libertação de toda forma tradicional, lança o indivíduo no pós-tradicional, na apostasia, que é a liberdade de escolha de pertencer ou não a uma experiência

²² O secularismo é uma doutrina política que defende a separação entre religião e política, a partir da perspectiva dos ideais políticos de liberdade e tolerância, igualdade e imparcialidade, neutralidade e universalidade; enquanto a secularização se refere aos processos históricos e sociais de racionalização, diferenciação funcional, privatização ou destradicionalização da religião e declínio das crenças religiosas (MONIZ, 2016, p. 172). O termo ‘secularização’, e mais ainda seu derivado ‘secularismo’, tem sido empregado como um conceito ideológico altamente carregado de conotações valorativas, algumas vezes positivas, outras negativas (BERGER, 2017b, p. 142).

de fé. A transformação que ocorreu foi uma radicalidade na vivência do ser humano em seus variados meios de relacionamento; “a secularização pode ser definida como processo desencadeado pela Modernidade em que a religião perde o lugar de referência primordial para a compreensão do mundo” (SANCHES, 2010, p. 30). Em uma análise da civilização alguns séculos anteriores, seria possível notar essa grande diferença, em que todos os níveis das sociedades eram regidos pela fé e pela autoridade eclesiástica católica, “naquelas sociedades, as pessoas não podiam engajar-se em nenhum tipo de atividade pública sem ‘encontrar Deus’” (TAYLOR, 2010, p. 14). Duas realidades se fizeram presentes na história da espiritualidade cristã, uma mais antiga e outra mais próxima, a atual. A antiga estabeleceu o domínio do cristianismo sobre todas as realidades universais, como foi o ocorrido na época da expansão de todo império político, econômico e cultural do início do cristianismo. Assim, a fé cristã se estabeleceu no mundo inteiro, inclusive com o descobrimento das Américas a expansão ainda foi maior. Mas, essa realidade se transformou na segunda realidade, com a novidade da globalização trazida pela secularização. A globalização ocorreu pelo desenvolvimento da telecomunicação e informatização através da evolução dos sistemas computacionais. Uma intercomunicação mundial ocorreu, várias foram as transformações trazidas pela globalização.

Fortemente o fenômeno do sincretismo, do relativismo, do nivelamento religioso com sérias consequências teológicas. A globalização como definimos não é simplesmente o fluxo da cultura dominante e massificante, mas também o circular de todo exotismo cultural possível. E as diferentes religiões lançam no circuito da internet suas expressões religiosas, frequentemente como unidades soltas, deslocadas do sistema religioso maior. Cada um capta-as como quer (LIBÂNIO, 2003, p. 97-98).

Em sociedades mais arcaicas, o dado religioso estava presente em toda parte, tudo era regido pelo religioso. A secularidade se dá em vários âmbitos da sociedade moderna e, principalmente, nos espaços públicos²³, os quais foram esvaziados de qualquer sinal, palavras ou ritos que expressem a realidade religiosa; dessa forma, a “secularidade consiste no abandono de convicções e práticas religiosas, em pessoas se afastando de Deus ou não mais frequentando a igreja” (TAYLOR, 2010, p. 15). A secularização não significa o declínio da religião, mas sim uma maneira nova com que as pessoas se relacionam com a religião, é a “passagem de uma sociedade em que a fé em Deus é inquestionável e, de fato, não problemática, para uma na qual a fé é entendida como uma opção entre as outras e, em geral,

²³ Os espaços públicos referem-se a várias esferas como a atividade econômica, política, cultural, educacional, profissional, recreativa, as quais as normas e princípios que são norteadores na atualidade não reportam mais a Deus ou quaisquer crenças religiosas, mas as orientações que são norteadoras fazem referência ao modo de atuação da racionalidade (TAYLOR, 2010, p. 14).

não a mais fácil de ser abraçada” (TAYLOR, 2010, p. 15). No período atual existem várias alternativas, a fé em Deus não é única. Existem três características que nortearam a vida e as relações do ser humano entre os anos de 1500 a 2000, a primeira é que Deus estava sempre no comando de todo o cosmos, o ser humano vivia em um profundo relacionamento com a natureza, e todos os eventos naturais eram regidos por Deus, pois era esse mundo natural que “dava testemunho do propósito e da ação divinos” (TAYLOR, 2010, p. 41). A segunda característica era que a sociedade estava toda imbuída de Deus, tudo era decidido sob os princípios divinos, Deus estava presente em todo lugar, “um reino poderia ser concebido apenas como fundado em algo mais elevado que a mera ação humana no tempo secular²⁴” (TAYLOR, 2010, p. 41). E, finalmente, a terceira característica “as pessoas viviam em um mundo ‘encantado’. Esta talvez não seja a melhor expressão; ela parece evocar lampejos e fadas. Mas estou evocando aqui a sua negação, a expressão de Weber ‘desencantamento’ como uma descrição da nossa condição moderna” (TAYLOR, 2010, p. 42). Deus está muito presente em um mundo com tais características, sua influência é determinante nas ações humanas e em todo o universo, mas tais características desapareceram na contemporaneidade. Mas, em um mundo desencantado e secular, ainda é possível que as pessoas continuem a fazer uma experiência da plenitude, são as alternativas de Deus para se fazer a experiência da plenitude.

2.5.3 A caracterização do termo secularização

A origem do termo secularização tem a sua raiz etimológica no termo latino *secularizatio*, este dá origem aos dois termos: secular e secularização. O termo tem por origem o significado de transição do religioso para aquilo que está em estado secular; “a própria noção de secular surge no interior da tradição cristã para enfatizar um domínio da realidade que é caracterizado como mundano, temporal e meramente natural” (JÚNIOR, 2012, p. 18). Durante o século XIX, o secularismo ganha força na doutrina política, para essa concepção, os princípios religiosos não mais seriam os norteadores da moral, da educação e do próprio Estado; a cosmovisão secularista deita suas raízes no humanismo da renascença,

²⁴ ‘Secular’, deriva de *saeculum*, século ou era. Quando passa a ser empregado como um termo em oposição, como clero secular/regular, ou estar no *saeculum*, em vez de estar na religião (isto é, alguma ordem monástica), o significado original está sendo delineado de uma maneira bem específica, pessoas que se encontram no *saeculum*, estão radicadas no tempo comum, em oposição àquelas que se distanciam disso a fim de viverem próximas da eternidade. A palavra é, portanto, usada para o tempo comum em oposição a tempo superior. Uma distinção paralela é temporal/espiritual. Uma relaciona-se com coisas no tempo comum; a outra com questões de eternidade (TAYLOR, 2010, p. 75).

no iluminismo e em parte na filosofia, o processo de secularização é um processo social e um programa político. O processo de secularização articula em si as maneiras de expressão de sua conceituação, “a secularização constitui, antes, uma narrativa que informa e dá sentido ao conjunto de suas análises histórico-sociológicas e, neste sentido, abarca tanto a teoria da racionalização quanto a do desencantamento do mundo” (SELL, 2015, p. 20).

A secularização foi capaz de mudar completamente a vida do ser humano moderno, principalmente sua relação nos âmbitos culturais, sociais e religiosos. Seu grande apogeu se dá com o início da Modernidade, a religião que outrora era a detentora do controle da sociedade passa, após esse período, a ser a rejeitada por vários âmbitos. É preciso que o conceito de secularização seja visto como um fenômeno histórico-social que se dá na “perda do controle que a religião institucionalizada exercia nas diversas esferas da vida social” (SOUZA, 2018, p. 14), sem deixar de levar em consideração que a religião não foi extinta totalmente, mas que houve uma resignificação, à que foram acoplados o avanço técnico-científico e a autonomia do indivíduo, fatores influenciadores para que a secularização tivesse o seu sucesso em todo território ocidental.

O ser humano vive um processo de modernização da sociedade em âmbito global; de uma forma muito acelerada se impõe sobre as pessoas a transformação da condição humana na sua capacidade de fazer escolhas e no curso da história, “a Modernidade pode ser definida muito sucintamente como um produto das mudanças provocadas pela ciência e pela tecnologia nos últimos séculos” (BERGER, 2017c, p. 26). A sociedade moderna ocidental foi constituída a partir de vários aparatos históricos, em um processo de grandes transformações; a secularização faz parte desse processo que implica na separação entre Igreja e Estado, o estado alcança a sua autonomia e ainda exerce sua dominação política e jurídica sobre a Igreja, esse processo de separação Igreja e Estado resulta na

desmonopolização religiosa, a liberdade e o pluralismo religiosos. Da liberdade e do pluralismo religiosos derivam o recrudescimento da concorrência religiosa, a dilatação do ativismo militante dos agentes religiosos, o crescimento da oferta de novos produtos e serviços religiosos e, como efeito disso, a maior mobilização religiosa da população. Incremento de participação religiosa que, para esses pesquisadores, põe em xeque a tese da secularização. (MARIANO, 2003, p. 113).

Vários marcadores diferentes são significativos para a determinação da chegada do período que se conhece como “Modernidade”. Uma das grandes características desse novo momento é em relação a separação entre o tempo e o espaço, “a Modernidade começa quando

o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação” (BAUMAN, 2014, p. 16). Nos períodos que antecederam a Modernidade, o tempo e o espaço eram categorias que se entrelaçavam mutuamente, era uma experiência de grande dificuldade de distinção entre si. O tempo passa a ser uma categoria de velocidade e um movimento que acontece no espaço, o qual não possui uma flexibilidade, “o espaço é o lado sólido e impassível, pesado e inerte, capaz apenas de uma guerra defensiva, de trincheiras, um obstáculo aos avanços do tempo. O tempo era o lado dinâmico e ativo na batalha, o lado sempre na ofensiva” (BAUMAN, 2014, p. 17). As mudanças estão ocorrendo em grande parte do mundo, surge inesperadamente o novo, fatos inesperados que são causadores de novos desafios, “em primeiro lugar, a passagem da fase ‘sólida’ da Modernidade para a ‘líquida’, ou seja, para uma condição em que as organizações sociais não podem mais manter sua forma por muito tempo” (BAUMAN, 2007, p. 7). Essas estruturas não têm forças para a sua manutenção, se dissolvem de maneira muito rápida e são impulsionadas a uma reorganização. Muitas dessas estruturas nem terão tempo para se restabelecer.

2.5.4 A Modernidade e a religião

A Modernidade se explica através da relação com a religião. Alguns traços são específicos para demonstrar o enfraquecimento cultural e social dessa relação, “a primeira característica da Modernidade é colocar à frente, em todos os domínios da ação, a racionalidade, ou seja, o imperativo da adaptação coerente dos meios aos fins que se perseguem” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 31). O homem moderno espera da ciência que tenha uma resposta racional e seja a dissipadora de toda ignorância que foi causada pela religião e as crenças e de todos os comportamentos que são irracionais. A Modernidade traz consigo uma racionalidade problemática, mesmo diante de várias críticas sobre o cientificismo e o positivismo, existe ainda uma grande crença no processo do desenvolvimento humano através da ciência e da técnica; a racionalidade ainda é o balizador de toda a sociedade contemporânea.

Através desse sonho de um mundo inteiramente racionalizado pela ação humana, exprime-se um tipo particular de relação com o mundo. Este se resume numa afirmação fundamental: a da autonomia do indivíduo-sujeito, capaz de ‘fazer’ o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido à sua própria existência. A suposta oposição entre sociedades tradicionais viverem sob o império das crenças ‘irracionais’

e sociedades modernas racionais revela logo sua inconsistência, assim que se examina um pouco mais de perto a realidade complexa de umas e de outras (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 32).

Essas evidências não contradizem a existência de um contraste que seja fundamental na existência entre duas sociedades, uma que seja regida pela tradição e outra que destaca o ser humano com seu poder de organizar a sua própria história, de analisar o que é a verdade e de buscar os seus próprios sentidos através de seus atos. Outro aspecto elementar da Modernidade é a organização social, existe uma grande diferenciação das instituições em geral. A atividade da vivência social do ser humano é dada através da especialização em vários aspectos no processo de racionalização; “nestas sociedades, o político e o religioso se separam; o aspecto econômico e o doméstico se dissociam; a arte, a ciência, a moral, a cultura constituem igualmente registros distintos nos quais os homens realizam sua capacidade criativa” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 33). Essas áreas da existência humana têm um dinamismo que lhes são próprios, mas com mecanismos de interação entre elas.

A dialética entre espiritualidade e religião é algo muito exigente no contexto contemporâneo. Muitas vezes, tem-se a impressão de que para obter uma experiência espiritual seja preciso uma experiência religiosa, “queremos pessoas que falam a partir de Deus, que falam a Deus. Só então repousamos de nossas tantas e intermináveis perguntas e nos aconchegamos em Deus mesmo” (BOFF, 2006, p. 45). Não é necessário, nos tempos modernos, teorias sobre espiritualidade e sobre Deus, mas sim daquilo que se fala a Deus, essa é uma dimensão que aponta para uma espiritualidade profunda e contemporânea, desvinculada de qualquer realidade institucional.

2.6 O cenário religioso da Modernidade

2.6.1 Os “sem religião”

O cenário religioso brasileiro tem se transformado vertiginosamente nos últimos anos. A cada censo demográfico um novo cenário religioso se impõe; nesse período, é possível perceber a grande mudança referente à adesão religiosa, dentre elas se destacam o trânsito religioso e o surgimento de várias categorias pentecostais. Historicamente, há uma predominância do sincretismo religioso, desde o início da colonização do país, houve várias metamorfoses referentes às crenças religiosas, desde a sincretização de crenças indígenas e africanas ao catolicismo oficial; mais tarde o princípio da laicidade norteou a instauração da

República brasileira, “ficamos intrigados com o crescimento dos ‘sem religião’ e, ao mesmo tempo, do espiritismo; com o vigor e as combinações dos pentecostalismos cristãos, além das crises e renovações do catolicismo” (PANASIEWICZ, 2015, p. 1861). A realidade dos últimos censos demográficos que mais chamou atenção nos últimos anos foi a categoria dos chamados “sem religião”, todas essas categorias em unidade “somam hoje um terço da população brasileira, ou 60 milhões de pessoas” (RIBEIRO, 2013a, p. 03). Por causa desse grande número, essa realidade se torna um vasto campo de pesquisa, e entre a juventude universitária essa realidade é perceptível e indicadora de um contexto social de secularização. Entre os jovens essa categoria “sem religião” é um destaque, ela se dá de forma mais abrangente que em outras faixas etárias, “somados onze países da Europa e mais os Estados Unidos, essa categoria no grupo de 18-29 anos atingiu 29,8%, contra os 14,6% da população com mais de 60 anos” (RIBEIRO, 2009, p. 102).

Há um movimento, no país, de mudanças fundamentais nas estratégias de apresentação social a partir dos dados dos censos demográficos; “o declínio histórico do catolicismo no Brasil, relacionado com o crescimento evangélico e com o aumento daqueles que se declaram ‘sem religião’” (NOVAES, 2004, p. 328). Há uma discussão entre os teóricos sobre um possível limite para o crescimento daqueles que se denominam “sem religião”. “Na última década recenseada, de 2000 a 2010, contudo, o crescimento dos ‘sem religião’ se deu em ritmo menor, de 7,4% para 8%, em números absolutos da população, de 12,3 milhões para 15,3 milhões” (CAMURÇA, 2017, p. 58). O censo de 2010 mostrou que os adeptos dessa categoria “sem religião” estão presentes em todo o território nacional, mesmo que haja críticas quanto ao método de coleta de dados das informações fornecidas ao IBGE, “somente em 2010 a categoria censitária dos sem religião apareceu, enfim, desmembrada em grupos de ateus, agnósticos e sem religião” (LUIZ, 2013, p. 83). O censo de 2010 mostrou a crescente e acelerada tendência de crescimento da diversidade religiosa no Brasil, há uma permanência grande no catolicismo, mas há, ao mesmo tempo, um grande movimento de saída para outros segmentos, houve um aumento considerável quanto ao número de fieis evangélicos e outras religiosidades. O catolicismo está perdendo a sua hegemonia na formação da identidade brasileira, como é demonstrado nos últimos censos.

Em percentuais comparados à população brasileira, o catolicismo despencou de 83,3% em 1991 para 73,8% em 2000 e para 64,6% em 2010, e totaliza 123,2 milhões de pessoas. Os evangélicos cresceram muito rapidamente nos últimos 40 anos e atualmente são 42,3 milhões ou 22,16% da população. Os sem-religião são 15 milhões, ou 8% do total. Os espíritas atingiram 2%, somando 3.8 milhões de adeptos (RIBEIRO, 2013a, p. 05).

De acordo com o pesquisador Jorge Cláudio Ribeiro (2013), uma referência importante dos declarantes “sem-religião” está ligada aos extremos como, por exemplo, em referência social esses declarantes estão nos extremos das classes sociais sejam elas E ou AB, seria um quadro de carência total, estão desprovidos de tudo, inclusive de religião, “a maioria dos sem-religião parece ter sido empurrada a essa condição por circunstâncias sobre as quais tem pouco controle e consciência, configurando uma situação dispersa” (RIBEIRO, 2013a, p. 07). Com essa categoria “sem religião”, a partir dos dados, pode-se constatar que “do ponto de vista da filiação e do compromisso individual com grupos religiosos, os sem religião são efetivamente mais secularizados do que os filiados a qualquer organização religiosa” (MARIANO, 2013, p. 123). As constatações da atualidade são de que “nunca houve tanta liberdade religiosa no Brasil como agora. Nunca antes as religiões foram tão livres para aqui aportar ou aparecer” (PIERUCCI, 2012, p. 87).

2.6.2 O surgimento da categoria “sem religião”

Essa categoria “sem religião” apareceu nos dados estatísticos das pesquisas do IBGE, é uma categoria que está em crescimento no Brasil, “essa categoria é produto de uma autodeclaração dos respondentes entrevistados diante da pergunta formulada pelo recenseador, ‘qual sua religião ou culto?’ contida no manual do IBGE (2010)” (CAMURÇA, 2017, p. 56). Não existe um estabelecimento do momento exato do surgimento de tal categoria, mas é fruto das grandes transformações contemporâneas sociais e culturais do país; baseado na liberdade de escolha e crença que o país vivencia na Modernidade; isso leva a pessoa a ter a liberdade de expressar o seu desligamento de uma pertença religiosa, fruto de transformações sociológicas, culturais e políticas.

Numa série dos indicadores estatísticos relativos às declarações de ‘sem religião’, pode-se constatar o avanço e a crescente visibilidade que adquiriu o conjunto dos indivíduos que se declaram enquanto tal. De 0,5% em 1960, 0,8% em 1970, 1,6% em 1980, 4,8% em 1991, 7,4% em 2000, alcançou-se, no último recenseamento de 2010, o percentual de 8%, perfazendo um total de 15,3 milhões da população brasileira (CAMURÇA, 2017, p. 58).

É perceptível na pesquisa que na década de 2000 a 2010, o crescimento dessa categoria “sem religião” se deu de forma lenta em comparação às pesquisas anteriores, há uma teoria de um limite para essa categoria, já que o Brasil é um país de base religiosa

tradicional, “em minha opinião, que as porcentagens estejam apontando um ‘limite’ para o crescimento dos ‘sem religião’” (CAMURÇA, 2017, p. 58). Essa categoria apenas estaria desvinculada de uma tradição religiosa, não significaria que seriam indivíduos sem religiosidade ou espiritualidade, mas, de acordo com uma Modernidade religiosa, seriam categorizados como indivíduos religiosos sem instituição.

2.6.3 Os jovens universitários “sem religião”

A juventude universitária experimenta e vivencia a religiosidade, muitas vezes, sem o pertencimento a qualquer instituição tradicional, “a oração se torna uma prática particular de se relacionar com o transcendente, que não necessita de mediação, de vinculação ou pertencimento religioso” (MEZZOMO; 2017, p. 78). Muitos desses jovens que se declaram “sem Deus”, “sem Religião”, desenvolvem, talvez, seu ateísmo ou seu agnosticismo como uma rejeição, não especificamente contra Deus, e sim contra as crenças que foram herdadas e as práticas das quais participavam anteriormente como pertença familiar. Há um resíduo de crença em algumas frases pronunciadas pelos jovens universitários pesquisados, “‘percebo Deus como um ser pessoal’, ‘ter fé é mais importante que ter crenças e religiões’, ‘uma crença ou ritual são verdadeiros se produzem efeito positivo em minha vida’” (RIBEIRO, 2009, p. 162). Entre os jovens universitários há alguns dados importantes que demonstram a presença dessa categoria sem-religião na realidade universitária:

39% dos sujeitos são sem religião (19% responderam ‘acredito em Deus, mas não tenho religião’ + 9% agnósticos + 11% ateus). Esse percentual é superior ao de outras juventudes brasileiras e completamente diferente do da população; 34% dos sujeitos se diziam católicos no momento da pesquisa; 50,9% dos pais e 56% das mães são católicos, o que representa um ‘evasão’ superior a 17%; 12% são espíritas; 09% são protestantes + pentecostais; 04 % são afro-brasileiros, mesmo percentual de judeus (RIBEIRO, 2013a, p. 10).

Essa realidade se encontra mais fortemente entre a juventude, ela é a expressão da juventude em querer dar passos importantes em sua vida. Seria uma libertação, uma “saída do mundo familiar” e de tudo aquilo que o representa, os jovens querem experimentar o diferente, são aventureiros, inclusive no quesito religião querem se aventurar por outros caminhos, até mesmo pela opção de não buscar um caminho religioso e de fé, “para poderem experimentar, os jovens querem exercer ilimitadamente sua autonomia. Estamos imersos numa cultura que valoriza a escolha que, no entanto, se choca com a baixa oferta de opções

concretas: esse contraste impulsiona o desejo de transformar a sociedade” (RIBEIRO, 2013b, p. 36). Para muitos universitários, a religião é uma escolha que ele pode fazer entre as várias opções que a sociedade oferece, para que possa dar sentido à sua existência. É a partir dessa liberdade de escolha que a contemporaneidade oferece ao jovem universitário atitudes de críticas em referência ao que eles mesmos denominam de “lavagem cerebral” proporcionada pela religião, seja ela qual for, seriam responsáveis por um fanatismo e uma irracionalidade por aquele fiel que se empenha na vivência de sua fé. Outra crítica muito presente entre os jovens universitários é que a religião é manipuladora do fieis e retiram deles dinheiro, seriam proclamadoras da verdade absoluta e alienação; mas uma grande parte dos “universitários valorizam as religiões por oferecerem sentido para a vida, conforto e elevação da fé, solidariedade e compaixão, melhoria das sociedades e exemplo” (RIBEIRO, 2013b, p. 37).

2.6.4 A instabilidade religiosa da Juventude

Na contemporaneidade há uma diminuição do número dos adeptos ao catolicismo; uma das grandes características desse tempo é a instabilidade, inclusive no âmbito religioso; para o jovem, a instabilidade ainda se faz marcante por ser um período de busca das grandes experimentações, “são os jovens que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais” (NOVAES *apud* ABRAMO, 2011, p. 271). Uma das características marcantes nas pesquisas atuais é a declaração do jovem que diz acreditar em Deus, mas que não tem nenhuma vinculação com religião alguma, muitos deles estão ligados ao fenômeno atual de adesão simultânea de várias crenças, uma diversidade de espiritualidade e de expressão do sagrado, muitas dessas expressões se dão na combinação de práticas ocidentais e orientais de espiritualidade e formas terapêuticas; “entre os jovens entrevistados, deve haver uma parcela que se aproxima de formas não-institucionais de espiritualidade, normalmente classificadas como esotéricas, nova era, de ecologia profunda, etc.” (NOVAES *apud* ABRAMO, 2011, p. 272). Mesmo com um grande crescimento dessas realidades atuais, na pesquisa de Paulo Agostinho (2014) percebeu-se um crescimento entre 1990 e 2013 dos jovens que se declararam religiosos.

Constatou-se, em 1990, que 63,1% dos estudantes declararam ter algum tipo de crença contra 89,3% em 2013. Esse crescimento é surpreendente, pois o Censo do IBGE 2010 também mostrou queda da expressão religiosa entre os jovens. Houve, por exemplo, a queda do catolicismo (de 73,9% para 64,6%). Os dados sobre a ‘não resposta’, em 1990, ficaram em 29,6%

dos(as) alunos(as), e em 2013 totalizaram 17,4%; se incluirmos, em 1990, os ateus (2,2%), esse número chega a 30,9%. Também há outros 8,9% estudantes que disseram não ter ‘religião definida’ em 1990 ou identificaram-se com ‘outras’. Aí, chegaríamos a um percentual de 40% (BAPTISTA, 2014, p. 1209).

Em pesquisas anteriores, muitos jovens se declararam “sem religião”, pois eles não estão vinculados a nenhum seguimento institucional religioso, muitos não apareciam em estatísticas anteriores, mas atualmente, esta categoria tem de ser classificada, “não podem, sem mais, ser categorizados como ‘sem religião’, ‘sem fé, religiosidade ou espiritualidade” (BAPTISTA, 2014, p. 1209). Muitos desses que se declaram sem religião, podem ser pertencentes a correntes ateias, agnósticas ou, até mesmo, pertencentes a multiplicidades religiosas, que são características atuais; as hipóteses de pesquisas anteriores, não abre a possibilidade de afirmar que aqueles que se declararam “sem religião” sejam pessoas identificadas com a ausência de fé, de religiosidade ou de uma ou várias espiritualidades, “os jovens contemporâneos vivem em um tempo em que as religiões não são mais as principais fontes distribuidoras de sentido e imagens estáveis da vida entregues de geração a geração pelas autoridades religiosas, reconhecidas como tal” (NOVAES, 2018, p. 366). O âmbito religioso é, para o jovem contemporâneo, um local de incertezas; sua vida em todas as dimensões já está marcada por esta realidade de incertezas, por isso há uma busca pelas mais variadas formas de espiritualidade e trajetória religiosa. Há, no tempo atual, uma maneira nova de escolher o seu pertencimento religioso, algo diferente de seus antepassados, que não tinham essa liberdade de escolha, inclusive a liberdade de nada escolher; “surpreendentemente, tal diversidade religiosa não necessariamente faz com que se enfraqueçam laços familiares. Novos arranjos refazem modelos de famílias e também de convivência religiosa entre pais e irmãos que professam distintas religiões” (NOVAES, 2018, p. 367). Essa multiplicidade de pertença religiosa na mesma família é uma característica moderna, insuportável e inexistente em outras épocas.

2.7 A pluralidade religiosa, sinal de alteridade e abertura ao diálogo

2.7.1 A universidade é o espaço da diversidade

No período da Modernidade, a grande marca é a certeza da razão, mas, com uma sociedade marcada pelo pluralismo, como é no período pós-moderno, tudo o que era tido como certo passa a ser incerto, “o pluralismo relativiza e com isso enfraquece muitas das certezas com as quais os seres humanos costumavam viver” (BERGER, 2017c, p. 33). Entre os jovens universitários, é possível perceber que possuem crenças e que as visões sobre Deus são variadas e distintas. Há uma pluralidade na vivência de suas experiências religiosas e de suas espiritualidades, de forma individual e sem vínculo institucional; há uma ruptura perceptível entre a crença e a prática da fé; a participação em sistemas religiosos torna-se uma opção, podendo propiciar uma ruptura entre crença e prática, além de rearranjos entre a espiritualidade subjetiva e os rituais institucionalmente legitimados (MEZZOMO; 2017, p. 84). Na universidade, pode-se encontrar espaço para a diversidade da espiritualidade e da crença no transcendente, assim, torna-se possível um diálogo aberto, a partir da reflexão e da experiência do campo religioso, “os passos para o diálogo envolvem não somente uma responsabilidade prática, mas igualmente uma abertura aos enriquecimentos múltiplos que o encontro desarmado pode e deve favorecer” (TEIXEIRA, 2005, p. 143). A prática do diálogo visa compreender a realidade da espiritualidade libertadora da juventude universitária em contexto contemporâneo. O grande diferencial da juventude atual é a abertura à experimentação, uma vivência de trânsito de pertencas sociais e espirituais que são plurais e diversificadas. Assim, o pluralismo na juventude universitária tem potencialidade de abertura ao outro; dessa forma, torna-se possível analisar a existência de uma realidade de espiritualidade dialogal, uma experiência de alteridade entre a juventude universitária, uma espiritualidade de libertação.

2.7.2 A juventude em abertura ao diálogo

Em tempos de globalização, há uma abertura para a mistura de culturas, isso proporciona um diálogo entre aqueles que são diferentes, há uma abertura para o outro e para compreender o outro, a cultura se torna acessível ao jovem moderno, inclusive no âmbito religioso; a Modernidade permite inúmeras formas e manifestações de espiritualidade e da busca pelo sagrado; no ambiente universitário existe a presença do jovem tradicional

religioso²⁵, que “são aqueles que seguem as práticas religiosas aprendidas na infância, no interior da família, na catequese, na escola. Trazem um lastro familiar de equilíbrio afetivo sem excessivas inquietações existenciais” (SISSA, 2004, p. 42). Esses jovens conseguem trabalhar qualquer situação de problemática social que aparece em sua vida, pois ela não toma a forma de protesto ou revolta, pelo contrário, em sua maioria gera um compromisso maior na dimensão religiosa. Esses jovens não sentem o impacto da característica moderna como algo que desagrega ou causa-lhe revolta, mas ele consegue, embalado pelas práticas religiosas tradicionais, fazer uma passagem gradual em cada fase de sua vida, mas essa categoria de juventude está cada vez mais em número reduzido, com isso “esse tipo de jovem tende a desaparecer” (SISSA, 2004, p. 43); com o passar dos anos os jovens vão ganhando autonomia, de forma precoce fazem as suas escolhas pessoais, “os rapazes começam a abandonar a Igreja entre os 15-19 anos, enquanto as moças mais cedo (entre os 10-14 anos). Resultado um pouco surpreendente que já está a revelar o despertar precoce do sentimento de autonomia das meninas” (SISSA, 2004, p. 43). Há uma migração de uma forma tradicional de vivência espiritual religiosa para uma vivência espiritual pessoal e consciente de suas escolhas, “os jovens abandonados a eles mesmos dificilmente manterão a fé tradicional, especialmente aqueles que entram na Universidade. Aí o embate com a Modernidade, frequentemente hostil à religião, termina o processo de secularização até o secularismo sem religião” (SISSA, 2004, p. 44). Muitos desses jovens que, ao ingressar na Universidade, se deparam com uma realidade na qual a fé tradicional não tem sustentabilidade, se defrontam com a reflexão e com as pesquisas que, na maioria das vezes, trazem críticas da Modernidade referente à religião²⁶. Nota-se em muitos jovens que, antes mantinham uma vivência tradicional da fé, e, agora no ambiente universitário se veem desprovido de qualquer referência, e alguns perdem a fé, pois, em grande parte, já não têm mais o arcabouço

²⁵ O Instituto Antônio C. Guimarães de Belo Horizonte, realizou uma pesquisa em 1991, da qual se tem alguns dados para definir o jovem tradicional religioso, a pesquisa proporciona um entendimento da existência desse jovem; os dados são o seguinte: “quase todos os católicos (96%) provêm de família católica e atribuem muito valor à família na formação religiosa (91%). Isso configura naturalmente fé ‘tradicional’ no sentido bem etimológico do termo: recebida pela tradição familiar e cultural. ‘os católicos provêm do interior mais do que os membros de outras religiões, e dão mais valor à tradição na escolha da religião (67% contra 35% - 45% nos outros). Mais um fator a favor da existência do jovem tradicional religioso” (SISSA, 2004, p. 42-43).

²⁶ Resultado da Pesquisa de Belo Horizonte, do Instituto Antônio C. Guimarães: No que diz respeito à sua (dos jovens) relação com a Igreja, pudemos perceber que os jovens demonstram uma não aceitação da institucionalização da sua fé, pois veem a religião mais como sendo de caráter pessoal do que institucional. Assim, a frequência à Igreja é muito baixa, mesmo entre aqueles que dizem frequentá-la. Ficou também evidenciado que o grupo dos católicos, apesar de representar a média de adeptos para outras religiões, preferencialmente para aquelas não institucionalizadas, sem angariar novos seguidores [...]. Os traços fortes dessa juventude são o conservadorismo, uma certa acomodação, seja no campo social seja no político, e individualismo, demonstrados por não se sentir responsáveis pelos problemas (seus e dos pais) que ela própria identificou. A falta de motivação em assumir uma prática política social é uma constante nas respostas, o que nos leva a perguntar: qual será o melhor caminho para atingir esses jovens? (SISSA, 2004, p. 44-45).

familiar, a Igreja está distante da Universidade, e inclui as reflexões da Modernidade.

A dimensão da religiosidade da juventude de forma organizada e articulada se apresenta em grande variedade, é necessário que algumas das articulações juvenis ganhem espaço fora do âmbito eclesial, a representação da força juvenil nessas articulações se mostram em um nível de “participação”, uma participação da qual integram várias denominações religiosas, “uma das características destas ‘articulações religiosas’ é a que trata de uma vivência que sai da pertença ‘formal’, para se tornar algo do cotidiano do jovem, resultando em uma ‘organização’”(DICK, 2011, p. 327). A participação do jovem em organizações e articulações de espiritualidades trata de ‘um modo de ser’, não somente a presença em uma assembleia ou evento. É o modo de ser do jovem, marcado pela intervenção na sociedade que, através de formação e organização o leva a um amadurecimento e conhecimento das realidades, isso o insere em um estilo de vida e é capaz de espontaneamente vivenciar a vida e as consequências do dia a dia das escolhas de cada participante.

2.8 As práticas religiosas da juventude

2.8.1 A espiritualidade da juventude em família

Durante muitos anos, a família tradicional foi a base da cultura, o jovem encontrava na família o apoio para todas as suas angústias, sonhos e projeto de vida. Em décadas anteriores, vivia-se o impacto nas famílias da consciência ética, histórica e utópica, com sonhos em um futuro em que não houvesse tantas cobranças, e fosse um tempo de libertação de um passado pesado e cheios de culpas. Nesse tempo, o passado e o presente da vida eram forças para o impulso de viver e buscar algo diferente no futuro, diferentemente da realidade que a Modernidade trouxe, que é o grande apelo de se viver e supervalorizar o presente, “esse presentismo se manifesta na perda da consciência histórica e ética. Traz-lhe o benefício da desculpabilização pelo passado. No meio de tanta injustiça social, dizem para si: ‘não tenho nada a ver com isso!’” (LIBÂNIO, 2012a, p. 144).

2.8.2 A perspectiva de futuro da juventude

Vivenciar somente o presentismo é viver uma experiência que nega a responsabilidade com o futuro, essa ideologia é a de se viver ao máximo o momento, tirar maior proveito possível do presente, experiências de prazer, de felicidade, mesmo que isso lhe custe muito a alcançar, “em nome da liberdade sem responsabilidade, terminamos escravos. Ao crer em

nada, a vida não tem projeto, programa. Facilmente se descamba para a violência, egoísmo, desprezo, ódio. Aprisionam-nos as pulsões, a in-cultura, a tolice” (LIBÂNIO, 2012a, p 144). Essas descobertas para o homem moderno, e de modo especial os jovens, significou um avanço, por viver o presente com felicidade sem ter que carregar a culpa de um passado mal vivido e ainda mais sem ter que se responsabilizar por um futuro incerto em que nada existe, nem mesmo precisar se preocupar com o meio onde se vive, com a sustentabilidade do planeta; o que importa é a experiência de hoje, sem pensar no que viverá no futuro, e o que viverão as gerações futuras. Em gerações passadas, existia a responsabilidade para com os jovens, estes teriam de construir um futuro diferente da realidade que se vivia no presente, seria uma idealização daquilo que estava para se viver em um futuro não muito distante, esse fardo é aliviado na iminência de viver o presente e somente se preocupar com o momento atual.

No entanto, o risco da perda dos valores éticos e do compromisso político ronda permanentemente a mentalidade presentista. Esquece-se o desafio de transformar, criar cultura nova e humanizante, ao recolher do passado ambiguidade da história, submetendo-a ao discernimento crítico. O passado tem reconstruções sociais a serem conservadas, valores a serem transmitidos, exemplos de beleza e graça a serem propostos. A rememoração dessas riquezas e o seu repropor, de maneira concreta e exemplar, servem para formar a geração presente. A história existe para ser mestra da via, na famosa expressão de Cícero. Papel do passado insuperável, se não quisermos estar continuamente a descobrir a América. O mesmo vale da perda da dimensão do futuro, de esperança, de utopia. Torna o presente vulnerável. Toda vez que baterem sobre ele as trevas da provação, a obscuridade do caminho e a inacessibilidade da trilha do bem, da verdade e da vida, a luz do futuro traz consolo, coragem e destemor para avançar. Sem esperança, não se vive, sobretudo em presente altamente ameaçado como o nosso. A concentração presentista carrega elementos explosivos para a experiência humana (LIBÂNIO, 2012a, p. 145-146).

Nos tempos atuais de Modernidade, corre-se o risco de se perder em um tempo presente, o qual se sente sem passado e sem futuro, o presente só é corrigido pelo peso da consciência histórica e ética dos atos humanos, cria-se assim, responsabilidade para com a vida e para com o meio em que a pessoa está inserida.

2.9 As influências da Modernidade na espiritualidade da juventude

Na contemporaneidade, a cultura ocidental é marcada pela característica da afirmação da polaridade da realidade; é muito fácil e perceptível, em vários níveis de convivência da sociedade, os polos de tensão, a tendência da atualidade é de abolir as diferenças e mostrar a

continuidade, “em face de um discurso, marca o lado objetivo do conteúdo que vele por ele mesmo. Em seguida, atenta para o lado subjetivo do viés, da tonalidade, da intenção de quem pronunciou. Atitude típica do homem e mulher ocidentais com infinitas outras realidades” (LIBÂNIO, 2012a, p. 151). Durante muitos anos, as religiões, de modo especial, a religião católica, as ciências, a cultura em geral tinham a seu favor o monopólio das verdades absolutas, estas eram aceitas por seus membros que, por sua vez, não duvidavam do que lhes era passado, “a tradição, garantida pela autoridade, e as instâncias da família, da escola, da Igreja afiançavam tal conjunto de ensinamentos. A teologia usava a grotesca imagem de ‘depósito da fé’, como se ele guardasse dentro armazenados ensinamentos da fé” (LIBÂNIO, 2012a, p. 155).

Nessa consciência, o sujeito simplesmente era aquele que recebia algo que já vinha pronto e imposto pela autoridade, não cabia espaço para a dúvida dessas verdades, nem mesmo diante dos pares sociais essas dúvidas eram aceitas, quem manifestasse dúvidas, ficaria à margem do convívio social. Foi somente com o advento da Modernidade que essas bases da consciência, de algo sólido e infrangível, começaram a ficar estremecidas, “a imagem científica, que Copérnico, Galileu Galilei e mais tarde Newton plasmaram do mundo, chocou com os ensinamentos tradicionais da Bíblia sobre a criação do mundo. Darwin impactou ainda mais gravemente a representação que o ser humano fazia de si” (LIBÂNIO, 2012a, p. 155).

Na atualidade, houve uma grande transformação cultural na sociedade. Houve o deslocamento da fonte da verdade, antes regida pelo dogma, considerado o arcabouço da tradição e, então desmorona, e passa para a realidade do dado da verificação e experimentação, “as pessoas, pouco a pouco, criam a convicção de que os ensinamentos recebidos carecem ser testados pelas ciências e pela própria experiência existencial” (LIBÂNIO, 2012a, p. 155). Várias foram as fontes de verdades que, a partir do advento da Modernidade, começaram a ser questionadas, não somente no âmbito da religião, mas também no âmbito da ciência, “e, ultimamente, com a teoria quântica e com o rápido progresso científico e tecnológico, até os conhecimentos advindos das ciências caem sob suspeita, quando se impõem categoricamente” (LIBÂNIO, 2012a, p. 156). Nada mais é acatado sem que haja um questionamento, uma dúvida, tudo é testado e experimentado, diferentemente do passado em que nada se comprovava, a tradição detinha a voz da verdade; mas agora a tecnologia não mais reforça a positividade dos ensinamentos, mas sim a subjetividade, a juventude é a faixa etária da sociedade atual que mais vivência o mundo das novas tecnologias e busca da subjetividade, pois “os jovens suspeitam e até mesmo rejeitam

qualquer forma autoritativa, desde os pais, passando pelos professores, até as instâncias mais sagradas da sociedade” (LIBÂNIO, 2012a, p. 156). Na atualidade, os jovens preferem relativizar tudo e qualquer ensinamento, simplesmente preferem reter as certezas que são momentâneas e passageiras, pois elas serão importantes somente no pequeno espaço de tempo que elas lhes servem.

Hoje, porém, preferem relativizar todo esse mundo e simplesmente reter aquelas certezas que no momento lhes servem e enquanto servem. Impera entre eles crescente relativização dos valores e democratização em relação a qualquer poder. Submetem os ensinamentos, as verdades ao juízo do próprio gosto e, no fundo, erigem como última instância judicativa o seu prazer presente, o seu interesse e enquanto interessa. Numa palavra, a fruição momentânea comanda o agir, relativizando todo o resto (LIBÂNIO, 2012a, p. 156).

No momento atual, os jovens não mais recebem de forma passiva as forças autoritárias e as certezas e experiências impostas por outra pessoa, grupo ou instituição, fazem o seu próprio caminho de descoberta, este servirá para chegarem à confirmação do que imaginam ser o presente e aquilo que lhes proporcionam vivenciar de maneira momentânea o prazer, vivência que ocorre no pequeno espaço de tempo, que é fugaz, passageiro; fazem escolhas a partir do gozo momentâneo da experiência, “isso os tem levado a aventuras, não em vista da construção da sociedade de amanhã, como a geração de 1968, mas de caráter puramente presente. Daí surge o fascínio da droga, do sexo desvairado, de viagens pelo mundo, de bandas musicais e similares” (LIBÂNIO, 2012a, p. 157). Para os jovens da contemporaneidade, não faz sentido sacrificar o presente em nome de um futuro que ainda é incerto, por isso, a fase da juventude é marcada por grandes explosividades de sentimentos e comportamentos na descoberta da vivência do agora, como uma experiência única e insubstituível, “o presente vale. Mas faltam-lhes a luz do passado e a consciência do futuro. Do contrário, criamos monstros que nos devorarão. ‘o feitiço volta-se contra o feiticeiro’” (LIBÂNIO, 2012a, p. 157).

A importância de observar o passado é relevante, pois foram construídos pontos referenciais para a vida humana e para a harmonia da ecologia, “não temos direito de perder a riqueza que a história humana criou. O mundo não começa hoje. Aprendemos dos acertos e erros dos antepassados, do contrário, pagaremos caro” (LIBÂNIO, 2012a, p. 257). A história é capaz de balizar as atitudes humanas, vai orientando o ser humano no seu modo de caminhar, não como uma imposição, mas como uma referência, é da consciência do passado e da história que resultam a capacidade de crítica e o sentido ético. No cenário atual, a

subjetividade é uma das características apresentadas pela juventude; a interioridade e a subjetividade de cada jovem é o meio por onde passam a verdade, o bem e os valores de vida e convivência com os semelhantes e o meio onde vive.

Hoje, o maior argumento de alerta para o presentismo vem da ecologia. Ela tem sensibilizado os jovens. Nela aparece de maneira evidente como o presentismo se torna, no extremo, louco e criminoso. Eles, os jovens, sofrerão ainda mais fortemente as consequências de tal insânia, pois quanto mais se avança na via do atual sistema explorador, mais graves se anunciam as catástrofes para amanhã que já não se apresenta longínquo (LIBÂNIO, 2012a, p. 158).

Através da concentração de esforços somente no presente, surgem outros males que podem interferir fortemente na sociedade, como as drogas e a violência, pois o sistema neoliberal tem para o jovem, um rico arsenal de material para demonstrar que os jovens carregam enormes contradições simplesmente porque não conhecem o passado e não pensam em um futuro, se pensam é somente com o viés do lucro e acúmulo de riquezas e, se esse futuro é pensado somente dessa forma, isso se torna um grande perigo para a humanidade. A humanidade está passando por um momento de ameaças, os sintomas dessa situação são as crises gigantescas pelas quais passam a realidade cultural e espiritual. A crise atual obriga o ser humano a repensar a maneira como a civilização contemporânea se tronou autodestrutiva, e a repensar atitudes que levem a outro paradigma de civilização, “como sustentam vários cientistas, inauguramos, a partir do século XIX, uma nova era geológica: o *antropoceno*” (BOFF, 2017, p. 39). A expressão demonstra que a grande ameaça para o planeta terra não são mais os cataclismos naturais, como ocorriam no passado, mas agora a maior de todas as ameaças é o próprio ser humano. Em períodos de crises a humanidade sempre se reinventou, por isso a crise traz uma oportunidade para essa novidade, novas oportunidades surgem em tempos de crises.

Temos que revisitar as fontes da sabedoria das muitas culturas da humanidade. Algumas são ancestrais e chegam a nós pelas mais diversas tradições culturais e espirituais. Fundamental é a categoria do ‘bem-viver’ das culturas andinas. Outras são mais modernas, como a ecologia profunda, o feminismo e o ecofeminismo, a psicologia transpessoal e a nova cosmologia, derivada das ciências da complexidade, da astrofísica e dos novos saberes da vida e da Terra (BOFF, 2017, p. 40).

A contemporaneidade desperta no ser humano uma nova visão de sua realidade. A humanidade está envolvida no seu relacionamento mais recente e novo, uma relação com a

natureza, com a vida, com a Terra, com os outros e desenvolve relações interpessoais. Tudo isso gera uma nova realidade, a qual a humanidade ainda não experimentou em sua história.

2.10 Considerações

Este capítulo buscou a caracterização do termo espiritualidade. Esse é um termo importante para que possa ser analisada, nesta pesquisa, a caracterização da espiritualidade da juventude universitária. O termo é polissêmico. A definição ocorre somente por aproximações, não há definição única. O termo espiritualidade é carregado de uma conotação de pluralidade, o qual pode, até mesmo, ser usado no plural espiritualidades. Muitas são as tentativas de definir a espiritualidade, mas ela se pauta na busca de cada indivíduo por respostas aos seus anseios mais profundos, são necessidades humanas, vinculadas à realidade de cada indivíduo. A espiritualidade encontra o seu fundamento no espírito, que é a realidade mais profunda da personalidade humana, onde ocorrem os sentimentos humanos. As atitudes humanas e pessoais marcam essa profundidade. O ser humano retira dessa transformação algo que pode modificar a sua vida e o meio onde está inserido.

O ser humano, diante de seus limites e seus anseios mais profundos, busca em alguma forma de espiritualidade, as respostas que, muitas vezes, não consegue encontrar através de seu conhecimento. A espiritualidade produz mudanças no ser humano. A humanidade está sempre em constante transformação, ela é constituída de seres humanos limitados e inacabados, os quais nunca terão alcançado o limite de seus anseios. Uma das marcas mais profundas de espiritualidade é a busca pelo mistério. A busca pela realidade última da essência da vida humana. Essa busca, na contemporaneidade, se tornou uma realidade direta, o ser humano não precisa mais de uma representação institucional, nem de uma religião para que ele possa encontrar as respostas às suas questões básicas. A busca pelo mais profundo sentido da vida humana é conhecido em muitas religiões, algumas denominam de Deus, Ser Supremo, o Transcendente, entre outros nomes; o que há de comum é o ponto de encontro, Deus, em meio à realidade de pluralidade religiosa.

Na Modernidade, existe uma relação entre religião e espiritualidade, mas a novidade é que nenhuma depende da outra para sua existência, como ocorria em épocas remotas. A religião tem por base a transmissão da fé através de uma realidade metafísica e sobrenatural, através de ensinamentos que são pautados em dogmas religiosos, ritos e orações. A espiritualidade é a experiência das qualidades mais interiores do ser humano, é o caminho para encontrar a sua perfeição inserida em sua realidade como, por exemplo, a compaixão, o

amor, o perdão e a noção de alteridade, a capacidade de encontrar e compreender a realidade do Outro a partir de sua própria experiência humana. Essa seria a constatação de que a espiritualidade é uma realidade de experiência, mas não é pautada e garantida somente por doutrinas e ensinamentos, os quais são realidades posteriores à espiritualidade. A religião pode surgir da espiritualidade e direcionar a experiência espiritual.

Na contemporaneidade, a espiritualidade é plural. A liberdade é um aspecto positivo que a pessoa encontra nessa nova compreensão de espiritualidade. A pessoa não ficará mais presa a uma realidade doutrinal ou institucional, ela é capaz de encontrar a sua experiência mais profunda e humana sem interferências externas. Cada pessoa tem a sua individualidade, e cada um se sente livre para buscar e expressar a sua espiritualidade. A grande novidade também é a liberdade que a pessoa tem para buscar absolutamente nada, e não ser condenada ou julgada por quaisquer que sejam as instituições, religiosas ou não e, muito menos, por suas autoridades, o que se torna relevante é a escolha que o indivíduo faz.

A espiritualidade é uma abertura ao diálogo, um processo de alteridade que ocorre consigo mesmo, com o Outro que é chamado de Transcendente, e com a relação humana de escuta e abertura para a realidade próxima. A espiritualidade contemporânea é oposta ao sentido dominante que imperou em vários momentos da história humana. O domínio do mercado sobre a realidade humana, na atualidade, recebe críticas negativas, pois ele exerce uma dominação sobre as escolhas individuais, impossibilitando a abertura ao diálogo.

A experiência religiosa tem uma característica globalizante, porque ela envolve o ser humano em todas as suas dimensões e possibilidades. Essa realidade da experiência religiosa é integradora, leva o indivíduo ao diálogo com as mais variadas formas de experiências humanas, as quais levam à compreensão e percepção da realidade espiritual em tempos de secularização. Na Modernidade, a espiritualidade ganhou uma dimensão de libertadora de qualquer realidade de aprisionamento, dentre elas a institucional. Ela busca a liberdade até mesmo da realidade que a secularização impôs, a qual houve a substituição do Deus transcendente institucionalizado por um deus imanente como a ciência, o consumo e o mercado; a espiritualidade da Modernidade busca a libertação de todos esses domínios.

A espiritualidade é uma ação puramente humana e voltada para o mundo. A espiritualidade é uma ação que responde aos anseios do mundo. O ser humano se vê diante dos limites humanos e, com isso, busca na espiritualidade as formas de responder aos seus questionamentos.

A contemporaneidade impõe a característica do pluralismo, marca forte desse período, em cuja realidade a espiritualidade está inserida. Em tempos anteriores, o cristianismo detinha

a hegemonia, mas essa realidade mudou. Não ocorre o fim da religião e nem do cristianismo, mas a grande mudança está na sua posição de destaque para ser uma como as outras possibilidades de religião e espiritualidade. Cada uma das formas de espiritualidade é obrigada a encontrar o seu lugar, sem se sobrepor a outras realidades, sendo uma entre outras confissões religiosas, crenças e novas espiritualidades de diferentes matizes, imbuídas de pluralidade e abertas ao diálogo permanente. Com a secularização, as religiões não chegaram ao fim, mas elas se tornaram maneiras diferentes para que a pessoa possa decidir qual segmento vai escolher, ou não optar por nenhum destes que são ofertados, por não satisfazer a vontade do indivíduo, tendo ele a possibilidade de criar a sua própria maneira de buscar e aprofundar a sua espiritualidade ou suas espiritualidades. A secularização mudou a vida do ser humano, principalmente a sua relação nos âmbitos culturais e sociais. A religião e a espiritualidade passam a ser ressignificadas, foram acopladas ao avanço técnico-científico e à autonomia do indivíduo, fatores influenciadores para que a secularização tenha o seu sucesso em todo o território ocidental.

A contemporaneidade traz os desafios para a definição da espiritualidade. Em tempos anteriores era possível definir a espiritualidade de forma homogênea, a qual era regida pela doutrina e determinada pela instituição religiosa, todas as pessoas e ações sociais teriam que passar pela análise e averiguação da religião cristã. Mas, com o advento da Modernidade, especificamente com a Reforma Protestante, essa centralidade e homogeneidade foram interrompidas. A espiritualidade passou de uma realidade homogênea para heterogênea. Ela se diversificou a tal ponto que se pode notar na contemporaneidade a espiritualidade totalmente desvinculada de qualquer ação institucional e religiosa. Com a Modernidade, o indivíduo ganhou autonomia em suas escolhas. No âmbito religioso, os desafios se tornaram muito grandes; surgiu o sincretismo religioso, o trânsito religioso que proporciona uma fusão entre raças e elementos culturais das diversas sociedades, são elementos que se misturam e se associam realizando uma verdadeira simbiose de elementos culturais. Todas as religiões, na contemporaneidade, realizam esse processo de contato com as variadas formas culturais e religiosas de variados contextos.

Diante de toda essa realidade, encontra-se a juventude universitária, cuja desvinculação de pertença institucional é percebida, mas há uma grande busca por aquilo que transcende a sua realidade. O jovem universitário está inserido em um ambiente acadêmico científico, onde a reflexão está vinculada a todos os aspectos da secularização e das características da Modernidade; com isso, é possível compreender que os jovens universitários buscam valores espirituais, mas estes, na maioria das vezes, desvinculados de

quaisquer instituições religiosas ou provindos de uma autoridade religiosa. É a valorização pessoal e individual em detrimento da relação institucional. As instituições não são valorizadas como norteadoras e reguladoras da conduta humana. Há uma maior valorização da forma de crer e, para isto, o jovem não precisa se firmar em uma instituição religiosa ou acadêmica para justificar sua crença individual. Para os universitários, as instituições religiosas não são portadoras exclusivas da verdade religiosa, e nas reflexões acadêmicas os jovens universitários colocam em questão as decisões institucionais e sentem-se livres para criarem conceitos que são até mesmo contrários às doutrinas e posições religiosas.

A juventude universitária está em busca de aprofundar o conhecimento científico, não tem preocupação primordial em buscar uma religião ou espiritualidade. O jovem moderno tem a liberdade para fazer as escolhas que mais lhe convém, sem se sentir vinculado a essas escolhas. Ele não está obrigado a pertencer àquele grupo religioso no qual fez alguma experiência de espiritualidade, ele pode buscar diversos grupos religiosos e espiritualidades para formar a sua espiritualidade diversa e plural, e/ou após essa procura chegar à conclusão de que não quer seguir nenhuma delas. Os jovens se sentem autônomos em suas escolhas pessoais, principalmente no que se refere à sua espiritualidade.

3 A CARACTERIZAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA MODERNA: DIÁLOGO E PLURALISMO

3.1 A espiritualidade da juventude universitária moderna

3.1.1 O contexto histórico e cultural da juventude universitária

O objetivo deste capítulo é mostrar a realidade em que o jovem universitário está inserido e, após caracterizar a sua espiritualidade através de pesquisas e estudos acadêmicos, este passo da pesquisa pretende caracterizar a espiritualidade da juventude universitária como uma dimensão dialógica e pluralista no contexto de secularismo nas sociedades modernas.

O pluralismo da sociedade moderna é razão para a crise subjetiva e intersubjetiva de sentido, pois a pluralidade de conceitos é uma nova tendência religiosa. A Modernidade trouxe, como característica do ser humano, um sentimento de inquietude nesse período de grandes transformações da juventude. Importante destacar que uma característica importante desse período é a pluralidade religiosa “o pluralismo religioso e o crescimento da diversidade religiosa é uma realidade presente” (BAPTISTA, 2014, p. 1215). Essas transformações ocorridas podem gerar outras atitudes na pessoa, em âmbito religioso ou não.

3.1.2 A base da pesquisa

A análise de algumas pesquisas feita a partir da coleta de dados já verificados, tem o intuito de decifrar a experiência religiosa dos universitários, e inclusive verificar a religiosidade de certo número de jovens universitários que se declaram desprovidos de crenças, ou um seguimento religioso. Os pesquisadores em que esta pesquisa se baseia são: o professor Jorge Cláudio de Oliveira, escritor e professor da PUC-SP; o professor Paulo Agostinho Baptista, que é professor, doutor em Ciências da Religião na PUC-Minas; o Professor Doutor Roberlei Panasiewicz, o qual é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora UFJF; tais autores fizeram seus estudos sobre o perfil da religiosidade da juventude universitária e outros pesquisadores poderão, também, colaborar para a elaboração deste capítulo. As pesquisas datam a partir das décadas de 2000 em diante.

Para conhecer esse público, foram aplicadas em 2000, 2004 e 2008 versões de um questionário. A comparação dos dados das duas primeiras aplicações revelou traços marcantes no perfil da religiosidade de nossos universitários. Para evitar conclusões generalizantes, sempre nos ativemos às valiosas

indicações fornecidas pelos instrumentos quantitativos; no entanto, estes revestem de caráter lacunar, pois não esgotam a vivência singular dos respondentes. Por isso, complementaram-se os dados com a exploração qualitativa – entrevistas, comentários e questões abertas, a qual confere densidades aos resultados, embora não seja prova de sua validade. (RIBEIRO, 2009, p. 137).

Esses questionários e avaliações puderam orientar os pesquisadores a caracterizarem o perfil da religiosidade e/ou espiritualidade da juventude universitária; dentre esses dados e questionários, verificou-se também a análise a partir de dados obtidos pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, o qual é a atual pesquisa oficial, em nível nacional, que pode oferecer indicações sobre muitos dados que foram direcionados no questionário das pesquisas, “o ponto de partida desta análise são os dados do último censo (IBGE, 2010), que oferecem um panorama geral da distribuição dos grandes grupos de religião segundo a idade” (PANASIEWICZ, 2014, p. 1162). A juventude vivencia a sua realidade de vida em um pequeno grupo familiar até certa idade e, a partir dela terá novas experiências de convivência social, mais especificamente ao final do período da adolescência, que se confronta com o ingresso no ambiente universitário. É a partir desse confronto de realidades que o jovem universitário começa a deparar-se com suas concepções primárias de família, religião, crença e outros temas que lhes são inerentes. Muitos valores que foram adquiridos no âmbito familiar, na universidade são confrontados com os valores da ciência e do conhecimento; inclusive os valores religiosos que o jovem recebeu no convívio familiar, ao ingressar na universidade, são confrontados com a realidade e ambiente acadêmico, mas isso não implica que o jovem universitário deixa de crer e de buscar o dado religioso para a sua vida, mas, nos trabalhos de alguns autores, se pode examinar “algumas dessas reações que se expressam nas diferentes formas que a juventude universitária encontra para expressar sua relação com o divino, o misterioso, o transcendente ou espiritual” (PANASIEWICZ, 2014, p. 1161). A metodologia que foi aplicada pelos pesquisadores em seus trabalhos é de grande confiança, como Paulo Agostinho destaca que seu trabalho se baseou em dados de pesquisas quantitativas que foram produzidas a partir de questionários realizados em 1990 e 2013.

‘Geração universitária: perfil atual. Um estudo de caso’ (2013), que teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP) da PUC Minas, e comparar esse perfil com os dados possíveis da pesquisa ‘Perfil dos Estudantes da PUC-MG’ (1990). Com esses dados, torna-se possível refletir o que mudou entre 1990 e 2013 (BAPTISTA, 2014, p. 1192).

A pesquisa feita por Baptista (2014) apresentou resultados quantitativos e dados comparativos, dentre os quais, foi possível realizar algumas análises daquilo que se apresentava nos dados coletados de todas as fontes. Várias foram as questões que compuseram o questionário da pesquisa; eram baseadas em questões gerais, informações de natureza econômica e familiar, avaliação da universidade, informações culturais e políticas, dados sobre religião e dados sobre o consumo de drogas. A segurança dos laços inter-humanos, que em tempos anteriores eram presentes na vida humana, passam a se desfazer, “a ‘comunidade’, como uma forma de se referir à totalidade da população que habita um território soberano do Estado, parece cada vez mais destituída de substância” (BAUMAN, 2007, p. 8). No passado, estava presente nas relações humanas a coletividade, o comunitário, mas tudo isso se desfez com a presença do Estado, destruindo a solidariedade social. A sociedade não é mais vista como uma estrutura, mas sim como uma rede, “ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis” (BAUMAN, 2007, p. 9).

Na pesquisa de Marcelo Camurça, em 2001, na Universidade Federal de Juiz de fora, analisou-se que a cidade de Juiz de Fora - MG, na qual está situada a universidade, possui um campo religioso muito bem definido, o qual é majoritariamente definido pelo catolicismo tradicional, pelo protestantismo e todos os seus estilos, também pela presença intensa do movimento espírita Kardecista, há presença das religiões afro-brasileiras e surge uma rede de grupos neoesotéricos e orientais. Dessa forma, a análise do perfil religioso e repercussão das religiosidades presentes no cotidiano dos universitários é importante, pois o ambiente universitário e seus envolvidos torna-se “referência para a opinião pública municipal, ponto de chegada da ascensão social das novas gerações provenientes de suas distintas classes e futuros executores de intervenções públicas, técnicas, sociais e culturais sobre o habitat urbano em foco” (CAMURÇA, 2001, p. 40).

Outra pesquisa que teve por base o levantamento sobre a religião dos universitários da PUC-RS foi o trabalho de Frizzo (2012), cujo interesse foi pesquisar a identificação da religião e da religiosidade de tais universitários, em meio às novas tendências religiosas da Modernidade. Faz-se necessária a compreensão se no meio universitário as crises de fé atingem o jovem estudante; a universidade é o local em que há predominância do secularismo, bem como em todas as áreas da sociedade e suas instituições, assim, há o domínio do “secularismo, o ateísmo, o indiferentismo religioso ou qualquer outra predominância religiosa como novo paradigma pós-moderno” (FRIZZO, 2012, p. 16). A pesquisa se deu através da classificação dos diferentes tipos de religião a que os jovens universitários eram pertencentes;

também se analisou a ideia que eles tinham sobre Deus e a aceitação das instituições religiosas como detentoras de verdades e capazes de direcionar a sociedade atual.

Outra pesquisa de mestrado, apresentada na Universidade Federal de Sergipe pelo pesquisador Vinícius Lima de Oliveira (2017), buscou, através da metodologia da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, realizar um estudo que procura compreender quem são os jovens inseridos no contexto de Modernidade e, neste, a manifestação do dado religioso, assim, o interesse do pesquisador foi compreender sobre a juventude universitária e de que “maneira essa faixa etária se posiciona em relação à religião no contexto da Modernidade contemporânea. Para efeitos de clareza, empreenderemos, no momento oportuno uma tentativa de compreender as características e especificidades dessa geração” (OLIVEIRA, 2017, p. 14). A geração atual é marcada fortemente pela maneira como interage com o mundo a sua volta, através das novas tecnologias ao alcance de todos, as quais não estavam acessíveis a outras gerações; segundo o autor, em cada momento e cada geração tem uma experiência específica com a religiosidade. Para Ribeiro (2009), as gerações atuais de juventude têm uma nova ideia sobre Deus e a religião, são produtores de uma “nova teologia”, ou seja, uma nova concepção de Deus e a sua relação com o transcendente, assim constata que as ideias sobre Deus em cada geração, são elaboradas de acordo com o sentido específico para cada tempo e cultura.

Atualmente, muitas representações do transcendente brotam da pós-Modernidade globalizada. No interior do religioso-em-movimento, uma possível estátua pós-moderna de Deus não seria de bronze ou mármore, materiais que resistem à ação de milênios: sua matéria-prima seria maleável e seu escultor usaria partículas ou fluidos e a tornaria altamente luminosa e obscura, interativa e orgânica; o Templo contemporâneo não seria projetado de antemão, mas inventado a cada passo, podendo ser refeito no instante seguinte. Considerando-se que essas representações são elaboradas no nível da religiosidade e da cultura humanas, elas seriam referência comum para crentes formais, crentes-sem-religião, agnósticos ou ‘ateus à procura de Deus’ (RIBEIRO, 2009, p. 95).

O sagrado, a religiosidade e a fé contemporâneos são reinterpretações do ser humano moderno, e a partir dessa reinterpretação surgem novas concepções de divindades, que se distinguem de tempos anteriores, cuja representação era garantida de forma estática e imutável. Na visão contemporânea, o dado do coletivo passa a ser pessoal, a interpretação é relativa, não mais se faz necessária a experiência do comunitário para obter o sentido com o transcendente, mas a experiência é individual, pessoal. A cultura da contemporaneidade se faz de forma global, mundializada, os jovens universitários estão totalmente inseridos nesta

realidade sociocultural, “esse fato as expõe a um ‘ambiente’ sociocultural que não está acessível a grande parte do coletivo social. Isso é válido, sobretudo, para jovens universitários que todos os anos, em uma escola progressiva, adentram as instituições de nível superior” (OLIVEIRA, 2017, p. 57). Assim, é possível compreender a contemporaneidade que está relacionada ao momento histórico da atualidade e que faz parte da construção da sociedade na qual estão inseridos os jovens universitários; estes tem uma facilidade maior de transmitir tais valores sociais, ao mesmo tempo em que estão no ambiente universitário, estão também inseridos no contexto cultural.

3.1.3 A juventude universitária e os paradigmas da Modernidade

A juventude universitária promove os paradigmas da Modernidade, que estão em contínua relação com as instituições da sociedade e inseridos no ambiente universitário. Dessa forma, o jovem universitário traz consigo as marcas de suas experiências religiosa e familiar, são particularidades que se manifestam no ambiente universitário; as pesquisas levam a perceber essa realidade presente no ambiente universitário carregado de princípios modernos.

O artigo do professor Mezzomo (2017)²⁷ buscou fazer uma análise empírica do trabalho feito com aplicação de questionário em estudantes universitários da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), para identificar entre os universitários as suas crenças e o que valorizam em suas vidas, no que diz respeito à fé. O jovem universitário vivencia sua dimensão religiosa em contexto contemporâneo carregado de suas marcas e categorias de pós-Modernidade, as quais demonstram compreensões diferentes sobre Deus e as divindades, inclusive com muitos universitários que se declaram “sem religião” ou “sem Deus”. O artigo tem por objetivo a discussão da “relação entre as religiões e as juventudes, é relevante indagar acerca das múltiplas mediações realizadas, levando em consideração que as manifestações religiosas estão presentes e se tornam aspectos influentes na sociabilidade e identidade juvenil” (MEZZOMO, 2017, p. 73). Os vários arranjos sociais demonstram comportamentos de indivíduos e grupos distintos, por isso é possível que a juventude universitária, inserida no ambiente social, esteja toda imbuída da dinâmica social, inclusive da religiosidade. O jovem

²⁷ A pesquisa traça o perfil de jovens universitários de cursos de bacharelado no que se refere às ações e representações sobre religião e política. Para a realização da pesquisa, foi aplicado um questionário online junto a 157 estudantes ingressantes em 2014 dos cursos de bacharelado da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, abrangendo questões relativas ao perfil socioeconômico, religioso e político dos estudantes. Os resultados permitem apontar para permeabilização de fronteiras entre os campos religioso e político na compreensão dos jovens, com relevância para a influência exercida pela religião no modo como os jovens entendem e atuam social e politicamente (MEZZOMO, 2017, p. 44).

constitui a sua identidade, esta vem permeada de crenças, valores e religiosidades, das quais toda a sociedade está constituída.

3.2 A religião dos jovens universitários

3.2.1 A religião como paradigma

A religião é um dado importante para a análise desta pesquisa. Através dos trabalhos acadêmicos realizados, é possível perceber que a juventude universitária destaca a importância do pertencimento a um segmento religioso. A pesquisa de Baptista (2014) possibilita uma comparação entre os dados que foram coletados no ano de 1990, em 2013 e em 2010; tal pesquisa possibilita uma análise e avaliação da adesão religiosa do jovem universitário e a evolução de tal pertencimento.

Constatou-se, em 1990, que 63,1% dos estudantes declararam ter algum tipo de crença contra 89,3% em 2013. Esse crescimento é surpreendente, pois o Censo do IBGE 2010 também mostrou queda da expressão religiosa entre os jovens. Houve, por exemplo, a queda do próprio catolicismo (de 73,9% para 64,6%). Os dados sobre a ‘não resposta’, em 1990, ficaram em 29,6% dos(as) alunos(as), e em 2013 totalizaram 17,4%. Também há outros 8,9% estudantes que disseram não ter ‘religião definida’ em 1990 ou identificaram-se com ‘outras’. Aí, chegaríamos a um percentual de 40% (BAPTISTA, 2014, p. 1209).

Para o pesquisador, o que mais chamou atenção nessa análise foram os alunos que se declararam, em 1990, “sem religião”. Essa categoria necessita de uma interpretação bem atenta, pois, para muitos dos que foram pesquisados, não havia uma opção de resposta que fosse condizente com o que eles se declararam; em uma análise superficial da pesquisa, poderia aferir que os jovens que se declararam “sem religião” seriam isentos de qualquer tipo de pertencimento religioso, alguma espiritualidade ou religiosidade; mas declarar “sem religião” pode denotar que eles são categorizados sem filiação alguma com qualquer tipo de instituição religiosa, mas “não podem, sem mais, ser categorizados como ‘sem religião’, ‘sem fé’, religiosidade ou espiritualidade” (BAPTISTA, 2014, p. 1209). As pesquisas mais recentes possibilitam respostas que sejam mais abrangente que as respostas das pesquisas anteriores, assim, evita grande distorção daquilo que é a realidade religiosa da sociedade em geral e de modo especial da juventude brasileira e universitária, como pode ser observado na tabela apresentada por Baptista (2014).

Figura 1: ter ou não religião em 1990 e 2003 (%).

1990		2003	
Sim	Não	Sim	Não
63,1	27,5	89,3	10,7
Não responderam à questão		Não responderam à questão	
29,6		17,4	

Fonte: Dados das pesquisas de 1990 e 2003 (BAPTISTA, 2014, p. 1210).

As pesquisas em análise têm, na maioria de seus entrevistados, os alunos universitários com a faixa etária entre 18 a 39 anos de idade, por isso, é possível fazer uma comparação de resultados da análise da religião a partir de dados gerais realizado pelo censo de 2010, o qual demonstra a porcentagem religiosa por faixa etária.

Figura 2: Religião declarada em %

Religião declarada	Brasil IBGE 2010	Religião atual: Universitários: PUC Minas 2013
Católicos	64,5	55
Evangélicos	22	17,5
Sem religião	8	7,5
Ateus		5,5
Visão agnóstica		1
Espíritas	2	6,5
Outras religiões	5	6
Múltipla religiosidade		0,5

Fonte: Dados da Pesquisa, Questão n. 101; IBGE, 2010 (PANASIEWICZ, 2014, p. 1163).

Para a pesquisa em destaque, tem-se uma comparação geral da presença religiosa entre a população geral e a presença religiosa na universidade, pode-se notar que, na população total há uma declaração significativa do número de católicos e evangélicos em proporção da declaração dos mesmos dentro da universidade, a presença de jovens que se declaram sem religião, ateus ou agnósticos na universidade, demarca uma grande diferença em relação ao restante da população, esse fato é marcante, pois demonstra que dentro da universidade há uma pluralidade de religiões, não existe uma determinação religiosa, ou um segmento que predomina na juventude universitária. Ribeiro (2009) demonstra através de gráfico, a partir do Censo de 2000, a religião da juventude brasileira na faixa etária entre 15 e 24 anos, apontando

uma comparação com a pesquisa que foi realizada pelo Instituto Cidadania, também em 2003 e com a mesma faixa etária, apresentando o seguinte:

Figura 3: Religiões no Brasil – Jovens entre 15 e 24 anos

	Brasil IBGE 2000	Projeto Juventude 2003
Católicos	73,6	65
Evangélicos	14,1	20 (5% históricos, 15% pentecostais)
Sem Religião (ateu, agnóstico)	9,3 (1% ateu/agnóstico)	11
Outras (espíritas, afro-brasileiros e orientais)	3,0	3,0 (espíritas); (1% outras religiões)

Fonte: (RIBEIRO, 2009, p. 126).

Desde o censo de 2000, é possível perceber o decréscimo do catolicismo e o crescimento dos pentecostais entre a juventude brasileira. A religião sempre foi a fonte de sentido da existência e participação do jovem na sociedade brasileira, é a partir dela que muitos jovens marcam seu espaço indenítário e definirão seu grupo de pertencimento social através de lideranças que poderão conduzir a juventude a serem “atuantes na sociedade civil e celeiros de lideranças políticas, sociais e artístico-culturais” (RIBEIRO, 2009, p. 127). Na pesquisa de Marcelo Camurça, 56,3% dos universitários se definem como religiosos, em contrapartida, 45,1%, sem religião. Há um crescimento em relação aos pentecostais, carismáticos e as pessoas que se declaram adeptas da Nova Era, e há um decréscimo do catolicismo tradicional. Os jovens ainda buscam na religião uma fonte de sentido para a sua existência e para as suas atitudes, buscam também a formação de identidades e grupos para que possam atuar na sociedade, a religião não deixou de se fazer presente na vida do jovem universitário, “estatísticas e as análises sobre o panorama religioso no Brasil apontam para a quebra da antiga hegemonia católica na população brasileira em direção a um quadro cada vez mais crescente de pluralismo religioso” (CAMURÇA, 2001, p. 43).

3.2.2 A religião na vida da juventude universitária

A religião pode ser vista como uma das dimensões importantes que compõem a vida da juventude, como várias outras dimensões que estão nos âmbitos das discussões dos grupos juvenis, de classe, raça, gênero, entre outros. No ano de 2004, foi realizada uma pesquisa com jovens brasileiros sobre o “‘Perfil da juventude brasileira’, que ouviu 3.501 jovens de 15 a 24

anos, contemplando as diversidades geográficas e diferenças de renda, alguns dados sobre religião chamaram logo a atenção” (NOVAES, 2011, p. 263). Dos dados dessa pesquisa, destaca-se que apenas 1% tenha se declarado ateu. A religião ganhou um destaque grande, pois, de acordo com os jovens entrevistados, seria um assunto de grande interesse. A pesquisa mostra a reflexão sobre a classificação da realidade da juventude atual, a busca de experiências novas e desafiantes que, muitas vezes, não se enquadram em velhas classificações.

Toda experiência geracional é inédita. Aprender sua singularidade demanda a explicitação dos termos de comparação: conservadora ou progressista, individualista ou solidária, alienada ou crítica em relação a que ou a quem? A rigor, o tema ‘juventude’ é fértil para questionar modelos pré-construídos e paradigmas naturalizados (NOVAES, 2011, p. 264).

A experiência juvenil de fé e crenças religiosas é muito diversificada, a realidade social que o jovem encontra atualmente é muito diferente da realidade social vivida há poucas décadas. Há, na sua nova configuração de vida, a experiência com a violência urbana, a questão do emprego/desemprego, as questões de ecologia e sustentabilidade, o grande avanço do mundo tecnológico e científico. Dessa forma, há uma realidade religiosa totalmente diferente também, há uma multiplicidade de igrejas e grupos religiosos que manifestam das mais variadas formas a sua maneira de crer. Para o jovem atual, há possibilidades diversas de combinar elementos religiosos e de diferentes espiritualidades, realizam isso em “uma síntese ‘pessoal e intransponível’. Em síntese: nos dias atuais, surgem constantemente novas possibilidades sincréticas que, ao mesmo tempo, (re)produzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos” (NOVAES, 2011, p. 265). Para muitos universitários, há uma visão também bastante alargada da questão religiosa e da fé; há muitos que declaram não ter nenhuma filiação religiosa, mas são pessoas que buscam viver a espiritualidade, há uma grande fragmentação religiosa entre os jovens universitários, há uma pluralidade de opções religiosas e de espiritualidades que os jovens universitários experimentam, “o plural perpassa todas as realidades do mundo contemporâneo, inclusive o religioso” (OLIVEIRA; PANASIEWCZ, 2014, p. 1166). Há entre os universitários os chamados “crentes pluralistas”, que são os jovens universitários que dizem experimentar momentos de energia espiritual na família, têm o pressentimento de que existe um ser transcendente que dá coerência à vida, são pessoas que acreditam que há algo após a morte e têm a representação de Deus como uma energia espiritual superior.

O pluralismo desse grupo se manifesta em sua inserção em ampla gama de situações: morar só, frequentar rituais, participar de grupos religiosos, culturais e Ongs, integrar uma família com renda mais baixa. Também dão mais valor à família, em seguida à religião e depois à universidade e à política; apreciam mais ouvir música, namorar, ir ao cinema, estudar e praticar esportes (RIBEIRO, 2009, p. 153).

Esse grupo apresenta um elevado índice de espiritualidade, a percepção deles é de que há um Deus e que ele é superior, a vida tem um sentido para cada um dos entrevistados, a grande luta pelo que creem e acreditam é o ideal de busca pelo sagrado, são pessoas que encontram Deus na natureza e no relacionamento com outras pessoas.

3.2.3 Os universitários seculares

Há entre os universitários o grupo dos seculares, que compreende pela característica da individualização, sociabilidade e elaboração de sentido da vida que é feito sem a referência a Deus. Esse é um grupo que não segue orientações de nenhuma religião, e não conseguem conceber uma religião como única e verdadeira. Eles não têm uma visão de algo transcendente que possa nortear as suas vidas e o sentido da existência, não têm nenhuma fé de que haja recompensa após a morte pelas ações que praticaram em vida, têm dúvida de Deus por deixar existir no mundo a maldade e a pobreza. A pesquisa mostra que é um grupo que tem maior tendência ao suicídio e provém, geralmente, de uma família que não tem muita ligação com a religião, se declaram ateus.

Seus integrantes afirmam que cabe a cada um definir seus próprios rumos; sentem-se felizes com frequência; conversar em profundidade traz-lhes energia e estão dispostos a se engajar por uma causa. Além disso, valorizam mais a fé do que as crenças e rejeitam fortemente a mistura de religião com política (RIBEIRO, 2009, p. 154).

O grupo dos indefinidos se compõe por um número restrito de universitários e se caracteriza por aqueles jovens que têm medo de Deus, somente acreditam que sua religião e fé são verdadeiros, acreditam que, se forem fiéis a Deus, ele pode lhes dar tudo o que querem, “para esses sujeitos, a vida não tem sentido; eles acham que não cabe a cada um definir os rumos da própria vida e que a fé não é mais importante que as crenças e religiões” (RIBEIRO, 2009, p. 155). São jovens que não tiveram experiência com voluntariado em sua vida, provém de uma realidade de renda familiar baixa, são os jovens que menos trabalharam, por isso ainda é considerado um grupo indefinido.

3.3 A pluralidade religiosa entre os universitários

3.3.1 A Pluralidade é uma realidade da sociedade moderna

As pesquisas mostram que a pluralidade religiosa entre os universitários é marcante. Essa característica da pluralidade é uma realidade em toda a sociedade atual, podendo ser notada pela variedade de templos e edificações religiosas nas cidades brasileiras, pela forte atuação religiosa nas mídias sociais e pela marcante presença do chamado turismo religioso, principalmente em regiões com forte conservação histórica de igrejas e realidade tradicional da manifestação da fé. A religião que muitos dos universitários receberam em sua infância, junto de sua família, em sua grande maioria, não será a mesma que definirá a sua vida na juventude e na fase adulta, quando serão preenchidas, não mais com uma única visão religiosa e um único segmento religioso, e sim por uma diversidade de segmentos religiosos, doutrinas e manifestações do sagrado. Existe na realidade da juventude universitária uma fragmentação do religioso e uma pluralidade de opções que o jovem busca para viver a sua dimensão espiritual.

Esse quadro aponta para a grande fragmentação do religioso e uma pluralidade de opções religiosas crescentes. Para Danièle Hervieu Léger (2008, p. 42), esse fato demonstra ‘que a crença escapa totalmente ao controle das grandes igrejas e das instituições religiosas’. E, nas palavras de Claude Geffré (2004, p. 134), essa pluralidade de opções aponta para uma nova ‘consciência histórica de um pluralismo religioso intransponível’. O plural perpassa todas as realidades do mundo contemporâneo, inclusive o religioso (BAPTISTA, 2014, p. 1166).

A realidade em que o jovem universitário está inserido é complexa e desafiadora, o próprio contexto social de cada indivíduo revela a complexidade desse momento; muitos experimentam um elevado capital cultural e de renda familiar, isto faz com que muitos desses jovens estejam em uma realidade diferente de várias parcelas da sociedade brasileira, uma realidade em que tais jovens conseguem facilmente adquirir um perfil diferenciado de conhecimento e situação financeira. Essa realidade de uma parcela da comunidade universitária proporciona uma maior experimentação de variadas formas de vivência dessa juventude; uma boa parcela da juventude universitária provém de uma camada social que é considerada elite, faz parte de uma camada social que há muito tempo é formadora de opinião social. Essa camada da juventude provém de uma realidade muito secularizada, a qual

interpreta a religião e a adesão religiosa de uma forma muito racional, uma adesão institucionalizada da religião, há um traço de pluralismo nesses sujeitos, pois eles não consideram as igrejas a única fonte de verdade nem as principais geradoras de sentido. Daí resulta a pouca influência dessas instituições. São discutidas as questões da secularização, na medida em que um mundo liderado pela supremacia tradicional foi superado. Em vários níveis e esferas da sociedade essa superação é notável “como mito, como religião pública, como rito tradicional, como metafísica justificadora, como tradução inquestionada” (HABERMAS, 1990, p. 66 *apud* MÓNICO, 2015, p. 2069). A esfera religiosa se limita somente ao âmbito de cada existência pessoal como o problema do sofrimento humano, que é uma esfera que não se sustenta com a ciência e nem mesmo com a filosofia, “a religião reconcilia o homem perante a crueldade do seu destino, exorciza temores, compensa as privações, para além de atribuir sentido e fornecer um sentimento de proteção, segurança e conforto” (MÓNICO, 2015, p. 2069).

3.4 Os efeitos da secularização na espiritualidade da juventude universitária

3.4.1 A secularização e a racionalidade moderna

Durante muito tempo a secularização se tornou um dos pilares mais importantes da Modernidade, pretendendo trazer luz e racionalidade para todos os âmbitos da sociedade, inclusive para a Igreja e onde quer que as ideias doutrinárias e subjetivas estivessem atingindo. Dessa forma, a juventude universitária e sua experiência religiosa se caracterizam de forma racional; isso é compreensível ao analisar a influência que a Modernidade, o processo de globalização e a secularização impõe nesta realidade, “imerso num mundo secular, o jovem encontra em sua religiosidade uma preciosa fonte de energia. Da forma como a entendemos, a religiosidade é totalmente adequada ao ser-jovem” (RIBEIRO, 2009, p. 110). Uma das fortes características do jovem universitário está na sua inserção no ambiente científico e secular, um ambiente que, como todos os ambientes modernos, distanciam a pessoa de conceitos elaborados e determinantes de sentido, como família, religião, instituições tradicionais e, todas as instituições norteadoras de normas e doutrinas.

O cristianismo ocidental experimenta os efeitos da cultura, basicamente no contexto de secularismo. A sociedade mundial passa por grandes transformações e assimila as características deste tempo, “a Modernidade ocidental praticou um duplo jogo com o cristianismo. Assimilou-lhe elementos fundamentais, secularizou-os e depois se voltou contra

ele para desfazê-lo. Filha do Cristianismo em muitos aspectos, mas também seu algoz” (LIBÂNIO, 2008a, p. 111). A Modernidade se proclamou universal, todas as culturas foram tocadas por essa realidade, na atualidade as pessoas buscam novas posturas para encontrar-se com o dado da espiritualidade. A partir do século XIX, houve uma mundialização da descrença, as pessoas começaram a abandonar as igrejas, seus locais de cultos e as doutrinas, mas não perderam a fé por completo, surge a secularidade ao longo desse período, que “consiste na criação de uma alternativa exclusiva para a fé, então este é um período durante o qual a gama de alternativas dessa variedade se torna cada vez mais rica e mais extensa” (TAYLOR, 2010, p. 383).

3.4.2 A religião e a secularização

A relação entre a secularização e a religião foi de ambiguidade, a emancipação da secularização teve sua origem em um contexto religioso, o qual era marcado pelo paradigma judaico e cristão, “a ‘secularização’ das sociedades modernas não se resume, portanto, apenas ao processo de evicção social e cultural da religião com o qual ela é confundida, muitas vezes” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 37). Para que a sociedade moderna pudesse pensar-se como autônoma, dependeu, em muito, da perda da influência dos grandes sistemas religiosos que sempre dominaram todas as formas sociais e de relações humanas, essa libertação serviu para que a sociedade moderna e secularizada tivesse condições de se orientar sozinha, recompor o seu destino sem a influência de dogmas e instituições religiosas tradicionais. A secularização trouxe um aspecto importante para a sociedade, que foi o domínio da razão, este permeia todas as áreas da sociedade e do conhecimento de forma geral.

Ao longo de séculos, a secularização amadureceu no Ocidente devido ao efeito cumulativo de eventos como a disseminação das universidades, o cultivo do saber nas bibliotecas e nos mosteiros, a queda de Constantinopla, o método de impressão aperfeiçoado por Gutenberg, as grandes navegações e a Revolução Comercial, a ascensão da burguesia e do poder urbano, a Renascença, a Reforma, o Iluminismo e a Revolução Francesa e a Americana, a disseminação do jornalismo, a autonomização das ciências, da subjetividade e da política, o Romantismo, a Revolução Industrial, os conflitos do século XX, a revolução das comunicações, a revolução sexual, a globalização do capitalismo (RIBEIRO, 2009, p. 62).

O secularismo se desenvolveu a partir de alguns fatores marcantes e de transformação da sociedade; houve a redução dos poderes homogêneos que imperavam socialmente e no direcionamento da conduta humana; as forças tradicionais, que antes eram regidas por

crenças, mitos e manipulações ideológicas, foram aos poucos se esfacelando; “as sociedades ocidentais reciclaram ideias religiosas já disponíveis e as utilizaram como matriz ideológica da secularização: a crença escatológica num outro mundo futuro foi modelado para uma concepção otimista da História” (RIBEIRO, 2009, p. 63). Várias forças que, em um longo tempo agiam na sociedade, aos poucos começaram a se perder pelo caminho, tudo aquilo que era estável passou com a Modernidade para um modo de instabilidade.

3.4.3 A mudança de paradigma

Houve, nesse período, uma mudança radical na concepção de mundo e de crença, não há uma continuidade daquilo que era realidade existencial em séculos anteriores, mas a partir de então, “poderíamos conceber esse período como uma espécie de reprise do deslocamento do século XVIII para o antropocentrismo” (TAYLOR, 2010, p. 383). Há uma novidade que até o século XIX não se havia experimentado na humanidade: a virada de uma sociedade extremamente religiosa e fundada nos princípios doutrinários cristãos, para uma sociedade descrente; essa é a grande virada qualitativa pela qual a sociedade passou, a passagem do século XIX para o XX é o “período que as alternativas abertas para a descrença são multiplicadas e enriquecidas, antes de sua difusão para a sociedade como um todo, no processo que denomino ‘supernova’, que tem lugar principalmente após a Segunda Guerra Mundial” (TAYLOR, 2010, p. 445). A Modernidade trouxe grandes desafios às religiões tradicionais; de forma discreta, o processo de secularização foi tomando espaço, o cristianismo foi aos poucos perdendo seu espaço, após a Reforma houve uma divisão daquilo que era homogêneo, e tudo começou a ter visões diferentes, que até então não se tinha, sobre o mundo, “o imaginário cultural religioso pré-moderno foi lentamente sendo corroído a partir do surgimento das ciências modernas” (LIBÂNIO, 2008a, p. 117). As ciências começaram a refletir várias verdades que eram concebidas como dogmas de fé; um dos grandes conflitos que surgiu foi entre fé e ciência, e deste, resultaram consequências que não colaboraram para o diálogo entre a fé e a Modernidade; “o primeiro conflito travou-se entre a concepção do universo, de sua origem - do início da humanidade, como a Escritura narra - e os dados que a ciência ia descobrindo. Entram em choque duas imagens do mundo: a da Revelação e a da ciência” (LIBÂNIO, 2008a, p. 117). Esse grande conflito, um dos que permeia toda a crise entre o cristianismo e a Modernidade, causou grande problemática. Um dos maiores meios de sustentabilidade do cristianismo entrou em crise, a infalibilidade das verdades contidas na Bíblia, as verdades dogmáticas, foram invadidas pelas reflexões científicas e colocou-se em

dúvida todo o ensinamento do magistério. Tudo isso se fez a partir do momento em que essas verdades de fé foram examinadas, e também quando a ciência mostrou e apontou os grandes erros e os conflitos gerados pela fé, através de verdades e conceitos que passaram a ser estabelecidos pela ciência e pela razão. Esse conflito é perceptível na pesquisa com os universitários, há certa confusão, uma dificuldade para compreender dentro da universidade qual doutrina se destaca, há certa adesão à teologia, mas ela é permeada por diferentes interpretações, “surge a dificuldade de saber qual é a doutrina de referência, especialmente no caso dos evangélicos, pois ali foram agregadas confissões bem diferentes entre si quanto à doutrina e às normas morais” (PANASIEWICS; OLIVEIRA, 2014, p. 1180).

3.4.4 Os impactos da Modernidade na espiritualidade do jovem universitário

O impacto da Modernidade sobre a vida e sobre a crença do universitário é uma realidade bem presente, o profundo impacto da realidade de secularização sobre a religião, conseqüentemente, afetará a religiosidade do jovem universitário. Ao ingressar na universidade, o jovem passa a não mais praticar as formulações pré-modernas de sua fé, inclusive muitos valores e dogmas deixam de ser observados, passam a buscar uma nova configuração para a vivência de sua espiritualidade pessoal, “nenhuma instituição pode, de forma permanente em um universo moderno caracterizado tanto pela aceleração da mudança social e cultural como pela afirmação da autonomia do sujeito, prescrever aos indivíduos e à sociedade um código unificado de sentidos” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 50). A universidade que está inserida nesse contexto de Modernidade, é o local onde se afloram as mais variadas reflexões científicas, não pode impor uma autoridade que defina o perfil religioso de seus universitários, “esta é a realidade do jovem ao ingressar na universidade e entrar em contato direto com o pensamento moderno que está na base da ciência, da tecnologia e da filosofia” (PANASIEWICS; OLIVEIRA, 2014, p. 1184). Muitos dos jovens universitários, após o período de estudos, deixaram a experiência religiosa na qual foram criados, mas a maioria conserva algum tipo de espiritualidade; a “fé moderna” é uma realidade impulsionada pela Modernidade, a pessoa não deixa de ter fé ou uma espiritualidade, mas elas estão desvinculadas de qualquer instituição ou religião tradicional, “o jovem universitário sente-se desobrigado de seguir rigorosamente as doutrinas e normas eclesiais sem contudo desligar-se da sua Igreja nem abrir mão de uma ‘fé moderna’” (PANASIEWICS; OLIVEIRA, 2014, p. 1186). Cada um segue à sua maneira aquilo que lhe convém, da forma como sente que deve seguir, sem a interferência externa.

A secularização demonstrou algum caminho para a separação das esferas religiosas e científicas, seriam as esferas sociais desvinculadas do crivo da tradição religiosa, “já nos primórdios do século XX, Weber (1920/2006) procedia a uma abordagem dos processos de racionalização e desencantamento do mundo, encarando a religião como uma importante chave na modelação de comportamentos e de atitudes econômicas” (MÓNICO, 2015, p. 2067). Com o progresso da sociedade, esta chegaria à racionalização de suas ações, as quais seriam totalmente desvinculadas da ação religiosa, seria um Estado pautado inteiramente na sistematização e burocratização. Na contemporaneidade, o ser humano se distanciou do sagrado, um movimento ocasionado pelo desencantamento do mundo, assim, não mais a religião ditava seus parâmetros, mas a razão passava a ser absoluta na ação humana, “o poder antes exercido pela religião foi delegado à intelectualidade e, progressivamente, o homem passaria a dominar as sociedades pela razão e pelo aprimoramento da técnica” (MÓNICO, 2015, p. 2068). Foi a partir do período da Revolução Industrial e do Iluminismo que a religião entrou em seu declínio, pois, desse momento em diante, a sociedade passaria a encontrar suas respostas aos anseios e questionamentos na ciência.

3.5 A juventude universitária na realidade social atual

3.5.1 Os paradoxos enfrentados pela juventude universitária

As concepções dos estudos e reflexões realizados no campo das Ciências Sociais e da Sociologia consideram que a estrutura da juventude é composta por várias categorias e faixas etárias, que compõem a categorização juvenil. Há o processo de modernização em que as instituições sociais e de ensino buscam modelar o que seria a juventude, muitas dessas instituições são produtoras do sistema de controle, dentre elas estão a universidade e as religiões; “deste modo, emerge uma nova realidade social, em que indivíduos com idades semelhantes vivem próximos, ou nutrem expectativas comuns mesmo quando distantes do espaço” (GROPPO, 2016, p. 839).

A razão da Modernidade trouxe para a sociedade inúmeros avanços, mas carrega consigo também outros sinais que se tornam um paradoxo, são problemas sociais e, de maneira geral, problemas globais. A razão deveria ser a responsável por responder às inúmeras inquietações e questionamentos do homem moderno, mas o progresso e a evolução foram enormes e colocaram em risco a sua própria racionalidade. Muitas das liberdades, das realizações que o indivíduo ou a sociedade conquistaram, não podem ser garantidas pela razão

moderna; “dessa mesma dialética poderá resultar, precisamente, o que se costuma denominar ‘Modernidade’” (DUQUE, 2013, p. 207). A realidade paradoxal do momento atual pode ser uma das características que denominam a “pós-Modernidade”, pois foi abandonado o pensamento unitário, sujeito a uma implacável lógica da identidade. A Modernidade é o período que coloca em evidência a ambiguidade da Modernidade, o qual transforma de forma ambígua a vida e o pensamento humano; “poderíamos localizar as dinâmicas paradoxais da Modernidade nos seguintes aspectos, que aqui são apontados como apenas mais significativos: individualização-massificação, fragmentarização-holismo, secularização-sacralização” (DUQUE, 2013, p. 207). O momento atual por que passa a humanidade e de modo especial a juventude, é importante para a compreensão de muitas das realidades que foram propostas pela cultura atual, “vivemos fase avançada e exacerbada da Modernidade que muitos preferem chamar de pós ou hipermodernidade” (LIBÂNIO *apud* RIBEIRO, 2009, p. 11). Essa é uma época em que há muita liberdade para a manifestação daquilo que se pensa e acredita, é a época dos extremos e inclusive no âmbito universitário religioso da manifestação da espiritualidade. São variadas as posições de espiritualidade entre os universitários, são visões e manifestações que a Modernidade possibilitou para que os universitários pudessem exprimir a sua escolha de fé.

[...] espraíam-se diante de nós posições existenciais de jovens que vão desde a profissão fria e racional de ateísmo virulento na linha de M. Onfray ou R. Dawkins, com ressonâncias nietzschianas, passando pela serena posição de prescindência diante de Deus e de toda religião para viver o caminho do humanismo, da sabedoria neoestoica atea nas pegadas de L. Ferry e A. Comte-Sponville, até os fervorosos carismáticos pentecostais (LIBÂNIO *apud* RIBEIRO, 2009, p. 12).

O ambiente cultural é importante para o conhecimento da realidade da espiritualidade da juventude universitária, os jovens trazem em si aquilo que foi apreendido no dado cultural e apresentam em suas relações com o outro e dentro da universidade. A realidade de espiritualidade da juventude universitária atual não ocorre em um ambiente cultural marcado pela cultura medieval de Cristandade, homogênea, hierarquizada; a realidade é bem mais dinâmica e processual, tudo se transforma e muda rapidamente na cultura em que os jovens estão inseridos, inclusive as questões inerentes à juventude, como os fatores históricos, sociológicos, econômicos, políticos, religiosos e culturais, “os jovens assimilam por osmose os valores e desvalores, os gritos éticos e os silêncios coniventes, a beleza das utopias e as seduções enganadoras da propaganda” (LIBÂNIO *apud* RIBEIRO, 2009, p. 12).

3.5.2 A realidade cultural do jovem universitário

As sociedades modernas secularizadas manifestam a característica predominante da afirmação do sujeito-indivíduo que tem sua autonomia nas escolhas e no seu modo de pensar. O jovem universitário está imerso nessa realidade cultural, em que o sujeito se torna autônomo de acordo com a construção racional da visão que tem do mundo e, a partir dessa visão, o sujeito-indivíduo elabora os significados que mais lhe convém para a construção dessa realidade. Para que possa viver segundo as suas escolhas, o indivíduo busca novas experiências de vida, está aberto a novos modos de pensamento e da compreensão humana, “a individualização se radicalizou a partir do enfraquecimento das instituições tradicionais produtoras de sentido e desembocou na afirmação dos direitos individuais, enquanto imperativo absoluto” (RIBEIRO, 2009, p. 63). Para o jovem universitário que assimila toda a realidade cultural, bem como para toda a sociedade, a religião deixa de ser a referência última e se torna um fator identitário comum, sendo somente uma escolha pessoal que o jovem faz, escolha esta que seja a favor daquilo que o deixa realizado.

3.5.3 O individualismo e a busca de sentido

O individualismo é uma das características mais frequentes da sociedade moderna, pois a vontade individual se configura como poder para a identidade e a busca do sentido; a cultura sobrepôs os resultados do individualismo total do ser humano, “uma das suas raízes mais longas e profundas estende-se, precisamente, à noção bíblica da pessoa humana, desenvolvida e implantada na cultura ocidental pela tradição cristã” (DUQUE, 2013, p. 208). A tradição cristã mostra que o fim último da pessoa é Deus, e este é conquistado de maneira individual, cada pessoa busca um sentido em sua vida para que depois possa fazer esse encontro final. Várias foram as formas de vida que levaram o homem moderno a uma absolutização de seu individualismo, sua vontade pessoal se torna o centro de suas decisões para dar sentido de vida e continuidade. Da secularização surge a afirmação da autonomia do sujeito, com isso o movimento de individualização teve base também na relação com a religião, o indivíduo busca a sua afirmação sem a mediação de Deus ou de uma instituição religiosa. Na sociedade, e basicamente entre a juventude universitária, perdeu-se a dimensão comunitária; em uma cultura que busca a supervalorização pessoal, perdeu-se muito a importância pela busca do conhecimento e aquisição de novas sabedorias, para alcançar seus

anseios; o jovem busca relações mais fluidas, que não gerem conflitos e sim uma sociabilidade entre iguais, “as formas de socialização juvenil merecem toda atenção, pois servem de ensaio e apoio para que se avance em direção à vida adulta” (RIBEIRO, 2004, p. 87).

O ser humano foi colocado em diálogo com a sua individualidade e sua racionalidade; antes, Deus ocupava o centro de todas as ações humanas; deste momento em diante, Deus e a religião já não teriam tanto espaço, mas sim o próprio ser humano, que se tornou o centro. O transcendente até então era a força normativa da sociedade, que conferia um sentido de coesão social e cultural, a racionalidade do ser humano passa a direcionar as suas escolhas e toda a sua autonomia, “o sentido ordenador da realidade e unificador do ser humano enquanto ser social é exclusivamente ditado pela racionalidade do homem, suas escolhas e autonomia” (CHAVES, 1995 *apud* MÓNICO, 2015, p. 2068).

3.6 A bricolagem

3.6.1 A autonomia do sujeito frente às instituições modernas

A sociedade está imersa em um ambiente secularizado, onde as instituições tradicionais se enfraquecem, muitas das quais eram guardiãs da fé, de doutrinas e ensinamentos que definiam as atividades humanas. Com as instituições religiosas imersas de secularização, o indivíduo ganha uma autonomia em suas escolhas pessoais, sobretudo o jovem universitário que está muito inserido em um ambiente universitário totalmente racional, secularizado e afetado por todas as características da Modernidade, “o aspecto mais incisivo é a proclamação do direito à escolha religiosa, acima do dever de fidelidade a uma tradição herdada” (RIBEIRO, 2004, p. 89).

3.6.2 A descentralização cristã

A Modernidade é orientada pelo paradigma da razão, o qual impulsiona para o progresso em todos os âmbitos da sociedade; na religião, o cristianismo não mais detém sua exclusividade, ele convive com uma quantidade enorme de expressões religiosas, as quais disputam o mesmo espaço e buscam a sua autonomia. O pluralismo religioso moderno retira do cristianismo o seu papel central, normativo e formativo de uma sociedade; as autonomias humanas forçam o cristianismo a deixar sua realidade de centralidade e seu papel decisório em várias questões sociais, pois surge na sociedade a supervalorização de várias experiências

religiosas ao mesmo tempo que são ofertadas de acordo com o interesse de cada indivíduo.

Em vista do pluralismo religioso que a secularização trouxe, é perceptível o fim do cristianismo tradicional e histórico que, certamente, deixou suas marcas na história da humanidade, mas hoje já pode cantar seu *nunc dimittis* ou entoar o canto do cisne na certeza de missão cumprida. Por isso, não tem sentido ainda pensar num corpo social de sentidos, como as igrejas cristãs, para garantir de maneira autêntica e autoritativa a mensagem e a memória de Jesus. Fala-se também numa globalização de Jesus, pessoa e mensagem humanista; esta visão se dissocia de qualquer instituição, ou de qualquer realidade histórica que já se conhece até o momento, é a imagem de Jesus que continua a trazer influências em toda a sociedade, mas mensagens que são inspiradas de acordo com a realidade individual ou de pequenos grupos, “essa mensagem identifica-se, em última análise, com a estrutura fundamental da existência humana em busca da felicidade” (LIBÂNIO, 1997, p. 14).

Há uma definição de que a salvação pode ser buscada sem ter no centro a pessoa de Jesus Cristo, com isso, o cristianismo passou por uma transformação gigantesca, sempre foi o detentor da salvação de todos, mas com o advento da Modernidade, essa verdade deixa de ser uma realidade, há uma busca pelo diálogo entre todas as religiões, mas esse diálogo não parte de Jesus Cristo, “o encontro das religiões nalgum ponto acima de suas identidades e originalidades. Deus, e não Jesus, ocupa o centro do projeto salvífico. É preciso mudar o paradigma cristocêntrico para o teocêntrico, “todas as tradições religiosas convergem para Deus” (LIBÂNIO, 1997, p. 15).

3.6.3 A revolução teocêntrica

As tradições religiosas modernas têm em comum o mesmo Deus, que se apresenta de formas e nomes diferentes. Essa transformação moderna é comparável a uma revolução copernicana de que o centro mudou, houve uma reviravolta muito grande, pois o centro até então era Jesus Cristo, em consequência, o cristianismo e a reflexão da teologia da Igreja Católica, mas, com o advento da Modernidade, essa centralidade passou para Deus somente, Cristo deixou de ser o centro absoluto, o cristianismo passou a ser somente mais uma tradição entre as outras, antes o centro era o cristianismo, todas as outras religiões giravam em torno do cristianismo e de Cristo.

O cristianismo é parte de um sistema religioso plural no qual Cristo não é o sol em torno do qual giram as outras religiões. É um dos astros. Todas as religiões mundiais estão em igual dignidade diante da ação salvífica de Deus.

O centro do sistema religioso e da história salvífica e o ponto de partida para o diálogo entre as religiões é somente Deus. Como mistério. Em torno dele, voluteiam todos os astros religiosos, entre os quais Cristo (LIBÂNIO, 1997, p. 15).

De acordo com essa compreensão, a perspectiva religiosa mudou, era uma visão cristocêntrica, mas com a mudança para essa dimensão, vive-se uma visão teocêntrica. Agora, a visão eclesiológica mudou, não existe uma visão única e impositiva da história da salvação, não existe mais uma religião ou igreja que esteja acima das outras visões da mesma história da salvação, a verdade de Jesus ainda continua inquestionável, ela continua ainda contida e permeada de sentido para a existência humana, mas ela deixou de ser a única verdade e absoluta realidade, “pode-se estar plenamente comprometido com Cristo e, ao mesmo tempo, aberto a outra possível mensagem de Deus nas outras religiões” (LIBÂNIO, 1997, p. 15). Essa maneira de viver a realidade nova, não exclui, mas acrescenta, são oposições que se complementam em uma realidade plural e de diálogo, não há uma imposição e inclusão de todas as visões em uma única realidade, isso deixa de existir, há uma verdadeira interação entre todas, há uma abertura que se torna sincera, há um diálogo profundo e em perfeita harmonia.

3.6.4 O fim da imposição religiosa

Na contemporaneidade, há uma decomposição daquilo que é imposição religiosa, há uma crescente perda da autoridade de todas as instituições religiosas, mas o fato marcante é que as religiões e as religiosidades não desapareceram, mas houve uma redescoberta daquilo que é a espiritualidade contemporânea. Sabe-se que “espiritualidade refere-se, especialmente, a uma questão de natureza pessoal: resposta a aspectos fundamentais da vida, relacionamento com o sagrado ou com o transcendente, o qual pode ou não levar ao desenvolvimento de rituais religiosos” (SIQUEIRA, 2008, p. 428). Na atualidade há uma busca grande por religiosidade e espiritualidade, mas essa busca se diferencia, ela não se caracteriza por uma busca institucionalizada, não seria uma religiosidade e espiritualidade ligadas a qualquer religião tradicional.

Nesse sentido, encontram-se na literatura específica, dentre outras, expressões como campo religioso ampliado; religião difusa; religiosidade ou identidade religiosa flexível-flutuante; espaço religioso novo ou novas formas do sagrado na sociedade atual e nova sensibilidade místico-esotérica; sacralidade não religiosa e sacralização das relações individuais de transcendência; nova religiosidade sincrética, esotérica-holista da New Age,

novos Movimentos religiosos ou novas formas da religião; nebulosa místico-esotérica e crédulos difusos; nebulosa heterodoxa; religiões seculares; religiosidade inorgânica; nebulosa polivalente da Nova Era; diversidade de identidades; diversidade nas formas de adesão; orientalização do Ocidente. Recentemente, Hervieu-Léger (2005) fala do paradoxo religioso das sociedades seculares, nas quais a religião se torna, cada vez mais, uma escolha ajeitada e complexa em que pode haver um “pegue e largue” ou a reconstrução de valores e práticas religiosas por parte das pessoas. (SIQUEIRA, 2008, p. 435).

De acordo com essa visão, o mundo estaria diante de um processo de reencantamento daquilo que é a realidade espiritual, uma reabilitação da magia, a igreja perdeu o foco, o direcionamento e a centralidade. Há na contemporaneidade uma busca constante por uma espiritualidade antiinstitucional, anti-hierárquica e anticlerical, “e depois de circularem, acabam vivenciando uma religiosidade por conta própria, fazendo uma bricolagem de elementos, práticas e crenças originadas em diferentes fontes” (SIQUEIRA, 2008, p. 437). Essa bricolagem proporciona à pessoa a sensação de que não é membro de nenhuma instituição, assim ele se sente livre para fazer suas escolhas e adaptações espirituais de acordo com aquilo que significa para a sua vida pessoal, sem a intervenção de qualquer regra, norma ou doutrina institucionalizada.

3.7 A espiritualidade na universidade moderna

3.7.1 A visão moderna sobre a espiritualidade do jovem universitário

Definir espiritualidade na contemporaneidade é também um desafio, da mesma forma é desafiante defini-la no ambiente universitário que seja unívoca, sabe-se que ela é a busca que o ser humano faz para encontrar sentido de vida através de uma autorrealização, a espiritualidade possui uma autonomia em relação à instituição, ela possui autenticidade, criatividade, leva a pessoa a experimentar certo mal-estar em relação à materialidade do mundo na vivência de sua crença e fé. As pesquisas no campo dos fenômenos religiosos têm aumentado nos últimos anos. Há uma observação pelos estudiosos de que “os jovens deste século estão valorizando mais a sua fé do que a religião materializada na instituição” (OLIVEIRA, 2010, p. 10), essa característica traz em si, algo positivo, o jovem atual valoriza mais a experiência pessoal à relação institucional. As pesquisas que norteiam o tema sempre concluem que na Modernidade as instituições religiosas não são valorizadas como uma instituição norteadora e reguladora da conduta humana, há supervalorização da forma de crer e, o jovem não precisa se firmar em uma instituição para justificar em que acredita.

3.7.2 Os universitários e a perda da autonomia das instituições religiosas

A perda da autonomia das instituições e, de modo especial as instituições religiosas, é uma marca constante e característica da Modernidade. Os fieis de determinada instituição religiosa não mais se sentem obrigados a seguir regras de conduta e padrões ou valores pré-estabelecidos, assim eles têm uma liberdade para expressar os seus sentimentos, com possibilidades de transitar por diferentes crenças e religiões, sem se vincular a nenhuma delas.

Os jovens já não enxergam a instituição religiosa como sendo única produtora de sentidos religiosos, nem como portadora exclusiva de verdades religiosas. Isso encaminha os indivíduos a não se sentirem incomodados em questionarem as decisões institucionais. Ou mesmo que não questionem, adotem práticas e estilos condenados pela instituição a qual estão filiados. Essas práticas de enfrentamento, ainda que maquiadas, revelam descontentamento e tensão entre as gerações, pois conservam, em seu bojo, sentimentos de renovação e mudança (OLIVEIRA, 2010, p. 11).

Para os jovens estudantes universitários, a religião não é um fator primordial em sua vida, nessa fase, busca-se o conhecimento científico, as experiências diversas que, na maioria das vezes, estão desligadas de uma instituição religiosa. Na contemporaneidade há uma proliferação de opções religiosas, há uma pluralidade de espiritualidade, isso torna instável a participação e o compromisso do jovem universitário com uma prática religiosa, essa multiplicação de manifestações religiosas torna uma negação da secularização, “a expressão pública de múltiplas formas religiosas contemporâneas significa, para não poucos estudiosos da religião, pura e simplesmente uma negação da secularização” (RIVERA, 2002, p. 104). A liberdade de escolha em que o jovem pós-moderno se encontra, possibilita que ele não precise se sentir obrigado a pertencer ao mesmo grupo religioso de seus pais, e tem a liberdade para não pertencer a nenhum grupo; os jovens são autônomos em suas escolhas. A religiosidade do jovem universitário é intensa e fluida, há uma resistência, por parte dessa juventude, às tradições religiosas, mas a juventude encontra forças e capacidades de se mobilizarem, assim:

E se baseiam numa confiança fundamental de que há sentido na vida, a qual é motivada por uma energia. Seus valores principais são a fé, a atitude, a natureza, a música e a verdade, vivenciados num ambiente de encontro interpessoal, no amor, numa comunidade alerta e com o transcendente (RIBEIRO, 2004, p. 114).

No ambiente plural e diverso que é a universidade, percebe-se que há vertentes da

religiosidade crente e secular entre os universitários. As mudanças de paradigmas que obrigam as sociedades a elaborarem novos sentidos para a sua caminhada, “será que a experiência do sagrado e as instituições religiosas teriam perdido a sua verdade? Ou, pelo contrário, seriam elas capazes de afirmar novas verdades ao se adaptar às mutações do cenário?” (RIBEIRO, 2009, p. 60). Refletindo sobre a religião do início do novo milênio, “a saga da Modernidade ocidental carrega profundo paradoxo. Ela nasce do Cristianismo e volta-se contra ele e contra todo o Sagrado” (LIBÂNIO, 2011, p. 43). A vivência religiosa da juventude universitária tem um papel importante, houve um crescimento daqueles que se declaram religiosos; “constatou-se, em 1990, que 63,1% dos estudantes declararam ter algum tipo de crença contra 89,3% em 2013. Esse crescimento é surpreendente, pois o Censo do IBGE 2010 também mostrou queda da expressão religiosa entre os jovens” (BAPTISTA, 2014, p. 1209). Segundo a pesquisa em destaque, bem como nos resultados dos Censos brasileiros, há um número expressivo de jovens que se declaram “sem religião”, na universidade isso ficou bem explícito. Acredita-se que esses jovens, que não se identificam, ou dizem não pertencer a religião alguma, ou a algum tipo de instituição religiosa, não podem, sem mais, ser categorizados como ‘sem religião’, ‘sem’ fé, religiosidade ou espiritualidade (BAPTISTA, 2014, p. 1209).

3.8 A alteridade

3.8.1 A compreensão do outro

A alteridade é a capacidade de aprender com o outro, de se relacionar com o outro e, conseqüentemente, o outro também tem a capacidade de aprender dentro dessa relação, uma relação que, muitas vezes, se manifesta através da singularidade, diferença e dignidade; “a inter-relação na alteridade é tão fundamental que muitos universitários identificam nela a raiz da sacralidade” (RIBEIRO, 2009, p. 183). O ser humano vive em sociedade e isso é essencial para a sua relação de crescimento pessoal e social; é uma relação de dependência em que o indivíduo se sente em contínua relação com o outro, os universitários de modo geral fazem a sua experiência de alteridade quando se envolvem com atividades que proporcionem a relação com a sociedade e com outro como, por exemplo, o engajamento social, as atividades de solidariedade que são proporcionadas pela universidade ou entidades ligadas à extensão e pesquisa.

3.8.2 A sociabilização entre os universitários

A sociabilidade seria um impulso na relação entre os indivíduos de uma mesma sociedade. Ocorre de forma que cria uma autonomia, a partir de situações em que a finalidade é um meio de vivacidade e compreensão mútua entre todas as partes envolvidas na relação social. A sociabilidade é construída na relação humana, é um envolvimento profundo de todas as situações, ela surge a partir de interesses que são específicos, “mais que em outras fases é na juventude que a sociabilidade entre amigos se manifesta. Também em nossos universitários ela se verifica: depois da família, a amizade é a realidade mais importante para eles” (RIBEIRO, 2009, p. 184). Durante a juventude a sociabilidade pode ser um momento de experiência e preparo para tudo o que o jovem viverá e enfrentará em um futuro bem próximo. O engajamento se baseia no comprometimento solidário e político, é a busca constante que o jovem tem de transformação de suas realidades mais próximas e inclusive da sociedade como um todo. O jovem sonha com uma transformação das estruturas e se engaja em movimentos que proporcionem tais reflexões sobre essas transformações. A alteridade leva à construção de amizades profundas e que são duradouras. Para muitos dos universitários, a amizade surge do momento que se tem envolvimento e reciprocidade.

3.9 A fé é mais importante que religiões e crenças para os universitários

3.9.1 A desvinculação das instituições religiosas

Os jovens universitários atualmente têm uma visão sobre o que pretendem buscar em sua vida na fase adulta, dentre elas a sua experiência com o dado religioso. Atualmente, há um número muito grande de pessoas que se declaram sem pertencimento religioso algum, mas isso não significa que deixaram de ressignificar a crença religiosa e as manifestações dessas espiritualidades. Entre os jovens universitários essa declaração é muito marcante, acreditam em Deus, mas não participam de nenhum segmento religioso. Para o jovem, a sua aproximação com a espiritualidade não significa uma aproximação com religiões, não há uma preocupação com a salvação, mas a aproximação que a juventude faz de uma espiritualidade se dá unicamente para encontrar respostas e satisfações do momento atual, e não após a morte, tempo que seria muito distante da realidade da juventude. Há uma valorização de aspectos religiosos pelos jovens, mesmo que isso se dê na forma desligada de um pertencimento e vínculo institucional; entre os jovens não há um distanciamento ou um indiferentismo religioso. Os jovens têm uma constituição religiosa, talvez ela seja de forma diferente daquela

que se verificava em décadas anteriores, agora ela é uma religiosidade fluida que alargou as suas fronteiras. Existe uma variação de concepções sobre os vários aspectos da dimensão religiosa como a definição do conceito religião que varia muito de aspectos sociais e culturais e da forma como cada indivíduo se percebe diante dessa realidade. As experiências religiosas tendem a se modificar no decorrer da história, sempre há novas reinterpretações possíveis, no tempo da Modernidade essa modificação ocorre de forma cada vez mais veloz. Há transformações nos vários âmbitos de sua identificação, e sua individualização leva à experimentação da subjetivação das crenças.

3.9.2 O engajamento social da juventude universitária

O engajamento social é uma constante preocupação entre a juventude universitária, a maioria das pesquisas demonstram que esse é um interesse de grande parte dos jovens que estão inseridos no ambiente universitário. É o momento em que o jovem se sente participante de uma transformação da realidade social. A reunião de grupos para definição de planos e metas para o engajamento é uma das alternativas que o jovem encontra para partilhar seus sonhos e suas expectativas de vida e de transformação, é nesta oportunidade de se reunir em grupos afins que o jovem tem a oportunidade de partilhar e compreender a realidade, “por terem recebido valor mediano, outras afirmações não estabelecem um elo consistente entre a experiência espiritual, a alteridade e a ética, ao se referirem a atitudes como ‘dar esperança às pessoas’, ‘ajudar alguém’, ‘engajar-se em ação transformadora’” (RIBEIRO, 2009, p. 189). Na pesquisa em referência, as frases relacionadas à fé tiveram uma adesão bem inferior às de ação transformadora da sociedade. A percepção de espiritualidade e religião desses jovens universitários situa-se mais na relação com o mundo e sua transformação, que em uma experiência religiosa formalizada por alguma instituição. Na verdade, “os jovens teriam dificuldades em submeter suas iniciativas ao primado de qualquer instância institucionalizada - política ou religiosa – e, assim, esperam obter espaço para sua incipiente aventura” (RIBEIRO, 2009, p. 189).

3.9.3 A fé individual dos jovens universitários

Os jovens universitários se veem diante de uma realidade secular que repercute em sua maneira de expressar e em sua adesão religiosa; não é mais uma adesão institucional, mas a instituição pode servir como base norteadora para que o jovem possa buscar as suas

realizações e seus interesses, que são pessoais e individuais. A fé se tornou privada, a busca pela espiritualidade é algo muito individual e que impulsiona o jovem a fazer as experiências e escolhas que mais lhe convém “minha fé me motiva a me engajar na transformação da sociedade” (RIBEIRO, 2009, p. 190). Um destaque especial para esse relato é o que o jovem chama de ‘minha fé’, uma expressão que demonstra que o processo secularizante da sociedade faz com que cada indivíduo tenha a sua fé própria, que não provém de nenhum outro poder institucionalizado, o indivíduo institucionaliza a sua própria fé e sua maneira de viver sua espiritualidade. A fé não é mais motivadora de atitudes de conjunto, ela agora está em âmbito individual.

Nas entrevistas abertas feitas no início da pesquisa, uma das questões era: ‘se pudesse transformar radicalmente a realidade atual, o que você faria?’. As respostas mais significativas podem ser reunidas em torno de quatro eixos: Romantismo; Utopia; Conscientização e religião; Transformação social (RIBEIRO, 2009, p. 191).

Nas respostas que foram obtidas com um tom romântico, de forma generalizadora, os jovens demonstram acreditar em um poder quase que supramundano, mas que está longe de ser uma realidade de intervenção divina e de dominação institucional sobre o que eles pensam e desejam muitas vezes, a relação que fazem em tom romântico chega a aproximar-se de um panteísmo do poder divino na realidade em que a sociedade está inserida, “se eu tivesse esse poder que, acredito, a divindade possui, a primeira coisa que faria é que as pessoas se amassem enlouquecidamente, que o amor é o sentimento que move todas as coisas, por amor ao próximo, a você mesmo” (RIBEIRO, 2009, p. 191). Esse relato mostra com clareza que o entrevistado, em algumas vezes, não concorda com o modo como a “divindade” realiza todas as coisas, inclusive a realidade do modo dos seres humanos se expressarem no amor. As utopias que os jovens trazem em seus relatos, são manifestações de uma realidade paradisíaca. Nesse paraíso o que deve reinar e prevalecer é o prazer partilhado e a igualdade, “primeiro, eu explodiria o mundo, para começar tudo de novo. Colocaria um são no meio das cidades que acomodaria a todos e sempre haveria festas. Seria um mundo legal, mas sem marasmo. Algo meio socialista... viver seria um prazer constante” (RIBEIRO, 2009, p. 191). Em outros relatos utópicos, as respostas foram em relação à religião, uma crítica ao que eles interpretam sobre a religião, “se eu pudesse alguma coisa, teria de reinventar o mundo, o íntimo humano. O passo mais importante seria destituir os dogmas: esses caras mexem com um sentimento mais profundo das pessoas” (RIBEIRO, 2009, p. 191). Esse relato torna-se interessante, pois aquilo que o jovem expressa contra, ao mesmo tempo, ele usa a seu favor, ou seja, no relato

ele quer destituir os dogmas, mas para que possa destituir algo, é preciso instituir outra coisa no lugar e, nesse caso, um novo dogma, a destituição. A conscientização e religião foram relatos que demonstram a ideia da retomada moral da sociedade e do indivíduo, mas essa retomada seria liderada por suas igrejas e crenças, “se os ideais da religião que eu sigo fossem absorvidos pelas pessoas... a sociedade mudaria de rumo de uma maior equidade; não dá pra fazer mudanças sem usar o papel da religião como fator fundante” (RIBEIRO, 2009, p. 192).

3.9.4 A visão de plenitude

Até pouco tempo, a humanidade vivia baseada no seguimento da fé, com uma vivência de sua espiritualidade; até o final da Idade Média a cristandade determinava todas as atitudes e pensar humano, em muitos países a fé era o que regia os interesses de todas as pessoas, todos estavam impregnados pelo dado da fé, todos defendiam as verdades da própria fé.

A Reforma e a Modernidade surgiram em tensão crítica ou até em oposição ameaçadora à fé católica. Esta criou um arsenal poderoso para enfrentá-las. Usou a mesma arma da razão moderna, elaborando uma trajetória racional que mantivesse o católico nela ou trouxesse outros para o seio da Igreja. Com o avançar da Modernidade, os adversários adquiriram os nomes de deísmo, racionalismo, fideísmo, tradicionalismo, ateísmo. Todos esses ‘ismos’ foram levados em conta pela Igreja na justificativa da fé católica (LIBÂNIO, 2000, p. 22).

Houve na história a mudança na reflexão de que a fé não mais seria o objeto central de todas as intervenções, essa mudança foi proporcionada pela subjetividade moderna. Com o imanentismo moderno, houve a superação do dualismo tradicional, em que a salvação vinha ao encontro do humano, mas na Modernidade é o humano que vai em busca da sua salvação que é pessoal, e independente de qualquer força transcendente, é a sensação de plenitude “alcançada em uma experiência que perturba e rompe nossa percepção usual de estar no mundo, com seus objetos, atividades e pontos de referências familiares” (TAYLOR, 2010, p. 18). Essa plenitude pode ocorrer em experiências que são limítrofes de êxtase ou medo que aterroriza, essas experiências podem guiar a pessoa moral ou espiritualmente, em uma orientação daquilo que é “a presença de Deus, ou a voz da natureza, ou a energia que flui através de tudo, ou o equilíbrio em nós de desejo e impulso para a ação formadora. Mas, muitas vezes, são também perturbadoras e enigmáticas” (TAYLOR, 2010, p. 19). As condições de vida do ser humano em suas dimensões de moral e espiritualidade são identificadas com a plenitude, a qual se realiza de modo diferente para aquele que é crente e

para o não crente, o chamado “lugar da plenitude” se encontra de forma distinta para ambos, a saber:

O enorme contraste evidente aqui é que, para os crentes, a descrição do lugar da plenitude requer uma referência a Deus, ou seja, a algo além da vida e/ou naturezas humanas, ao passo que, para os descrentes, este não é o caso; estes, ao contrário, deixarão qualquer descrição aberta ou definirão a plenitude em termos de uma potencialidade de seres humanos compreendida naturalmente [...]. Os crentes, em geral ou tipicamente, imaginam que a plenitude vem até eles, é algo que recebem; além disso, recebem-na como uma relação pessoal, de outro ser capaz de amar e doar, a busca da plenitude envolve, entre outras coisas, práticas de devoção e prece [...]. Para os descrentes modernos, a situação é bem diferente. O poder de alcançar a plenitude está dentro de cada um. (TAYLOR, 2010, p. 21).

Para Taylor, essa mudança de paradigma que ocorreu na sociedade, em um contexto de Modernidade, e sua busca de plenitude é definida como uma “Era secular”, definida pelo autor como “a passagem de uma sociedade em que a fé em Deus é inquestionável e, de fato, não problemática, para uma na qual a fé é entendida como uma opção entre outras e, em geral, não a mais fácil de ser abraçada” (TAYLOR, 2010, p. 15). A definição de Taylor sobre esse tempo que denomina Era Secular revela a passagem de uma sociedade na qual era praticamente impossível não acreditar em Deus, pois tudo era determinado pela instituição religiosa, tudo era baseado na fé em Deus, tudo era regido pelo transcendente, para uma sociedade, agora, em que a fé é somente uma representação das possibilidades humanas entre outras; o ser humano moderno pode fazer as suas escolhas, e ainda tem a possibilidade de não escolher nenhuma opção. Tal escolha, em tempos atrás, era impossível e impensável, o abandono da fé não era sequer cogitado em uma sociedade marcada pela cristandade²⁸. Na Modernidade “a fé em Deus não é mais axiomática. Existem alternativas” (TAYLOR, 2010, p. 16).

3.10 A diversidade religiosa da juventude universitária

3.10.1 A prioridade religiosa dos jovens universitários

Nas pesquisas, foi apontada a dimensão da experiência religiosa e o olhar sobre as religiões foi sendo ampliado. Os sujeitos universitários, em vários momentos e situações

²⁸ Hoje entendemos por cristandade o conjunto de todos os homens que professam a religião de Jesus Cristo, sem levar em consideração as diferenças de opinião que os dividem em diversas seitas [...] Cristandade era a palavra empregada para caracterizar, em sentido descritivo, a condição religiosa de uma parte da humanidade, aquela que aderira ao cristianismo, passando por cima das divisões confessionais (MENOZZI, 1998, p. 19).

aderem ou não a uma religião; mas o dado da religiosidade está presente e desvinculado da religião. Para os universitários, a religião é importante, mas ela deixou de ser um dado prioritário. Os universitários têm uma concepção de que a religião é menos importante que a fé e a verdade, e eles não acreditam que as religiões possuem a verdade para a solução dos problemas do mundo e da sociedade. O ser humano pode se relacionar com Deus mesmo sem religião. Para os universitários, a espiritualidade também pode ser vivida fora da realidade de um grupo de determinada igreja, “os sujeitos rejeitam com ênfase a afirmação de que há diretrizes perfeitamente precisas para se saber o que é bem ou mal e que as pessoas devem ter só uma religião” (RIBEIRO, 2009, p. 210); não há uma única religião que seja detentora da salvação.

3.10.2 O diálogo que provém da diversidade religiosa

A diversidade religiosa é uma das grandes questões para o diálogo ocorrer em um tempo de grandes transformações. Os jovens universitários expressam de formas variadas as suas respostas sobre a sua posição diante da diversidade religiosa e do diálogo entre as religiões. As pesquisas demonstram que há uma adesão ao convívio social de diversidade, mas a aceitação se torna um pouco mais distante da realidade.

Um alto índice, 75%, aceita dizer que as diferentes religiões expressam diferentes maneiras de Deus se revelar (questão nº 113), contra 25% que não concordam. Entretanto, somente 44,5% aceitam que ‘não há religião falsa. Todas as religiões são verdadeiras’ (questão nº 121). Isso pode expressar que consideram haver graus distintos para avaliar a veracidade das expressões religiosas ou pode apontar para compreensões mais exclusivistas da prática religiosa. Nesse caso, defende-se uma prática sobre a outra, pois se considera que uma seja ‘mais verdadeira’ do que a outra (OLIVEIRA; PANASIEWICZ, 2014, p. 1172).

Uma grande parte dos universitários concorda que possa haver um diálogo entre as diferentes realidades religiosas e que esse diálogo seja capaz de levar cada uma das determinadas religiões e cada pessoa a um amadurecimento da fé; uma pequena parte não acredita que esse diálogo seja positivo. O mundo globalizado e que é regido pela comunicação em rede, vai possibilitando cada vez mais essa realidade das práticas de diálogo e, principalmente entre as diferentes religiões, o diálogo é capaz de reduzir situações de intransigência e é capaz de construir momentos de paz e ajuda solidária para todos que participam da sociedade.

3.11 O pluralismo religioso da sociedade

3.11.1 O pluralismo é a fonte para o diálogo

O pluralismo religioso é caracterizado pela multiplicidade de manifestações religiosas, que expressam de várias formas a fé, e as maneiras de expressarem essa fé. Há uma fragmentação religiosa que anuncia uma insegurança existencial, podendo levar as pessoas a experimentarem sentimentos de angústia, tristeza e desespero, abrindo “um campo fértil de grupos religiosos ou de indivíduos carismáticos que oferecem todo tipo de soluções espirituais, muitas vezes, associada a contribuições financeiras” (FRIZZO, 2012, p. 34).

Com o advento da Modernidade, houve a emancipação da razão individual, com isso surgiu o pluralismo cultural e religioso, que trazem consigo grandes desafios e implicações para as estruturas até então consideradas fixas, como a igreja católica. O pluralismo religioso é parte de toda história religiosa da humanidade, mas com o advento da Modernidade ele ganhou uma evidência muito grande. Durante vários séculos da história, houve a hegemonia do cristianismo, mas essa hegemonia se perdeu; na Modernidade, o indivíduo é quem faz as suas escolhas pessoais, dentre elas, qual religião ele vai seguir. Existe uma diferença entre os termos secularização e dessacralização, “o primeiro termo tem a ver com a perda de plausibilidade das instituições religiosas, sendo o segundo, a dessacralização, aquela que é avessa ao mistério e que aponta para o esgotamento da experiência do sagrado” (SOUZA, 2018, p. 54).

A Modernidade, ocorrida no mundo ocidental, foi capaz de desmistificar o sagrado e todas as suas correlações, pois a razão e a ciência foram dessacralizando o mundo e as relações do ser humano com o mundo a partir do seu conhecimento. As grandes mudanças ocorridas foram ocasiões para muitas religiões se desfazerem ou enfraquecerem a relação do ser humano com o transcendente. A separação entre ciência e espiritualidade são causas dessa dessacralização do mundo, o ser humano passou a conviver com um mundo fragmentado, “uma vez que a ciência relegou Deus e tudo concernente a ele ao passado surge um mal estar, um vazio existencial na sociedade ocidental” (SOUZA, 2018, p. 56). A Modernidade trouxe a perda de referenciais antes valorizados, tais como Deus e a religião, surge uma grande crise humana, pois a grande confiança que o homem moderno depositou no conhecimento científico foi questionada, não consegue encontrar respostas às suas procuras, acreditava-se que os saberes científicos seriam a solução de tudo e responderia a todos os anseios humanos.

A Religião e a Espiritualidade passaram a ser desconsideradas, ocupando uma posição de inferioridade diante dos demais tipos de conhecimento [...] Esperávamos que a ciência respondesse a todos os nossos questionamentos e solucionasse nossos problemas, mas isso não aconteceu. Novas crises e novos problemas expuseram nossa fragilidade humana. Deus foi relegado ao passado, a uma espécie de subproduto, agora obsoleto e ao qual não se poderia recorrer sob-hipótese alguma. E a humanidade ficou à deriva de si mesmo (SOUZA, 2018, p. 56).

O ser humano moderno passou a perceber que estava imerso em um grande vazio existencial, em uma sociedade que desvalorizou o ser humano e sua essência, isso fez com que o homem secular perdesse a “fé” em todas as promessas que foram feitas pelo racionalismo.

3.11.2 A perda das grandes hegemonias religiosas

No ocidente, a religião e o sagrado não desapareceram; a secularização foi a grande contribuição para que as grandes hegemonias tradicionais perdessem o foco, e se colocassem em um processo de homogeneização ao se depararem com o pluralismo religioso, “que por sua vez, trouxe mudanças significativas num cenário religioso agora multifacetado” (SOUZA, 2018, p. 57).

Com o processo de secularização, as grandes instituições religiosas perderam a sua hegemonia, a influência que existia sobre a sociedade já não é a mesma, mas isso não implica em dizer que não exista uma ação religiosa na sociedade, “a continuidade da religião está presente no cotidiano dos indivíduos que, em certos momentos, recorrem às novas formas institucionais que se adaptam para atender as novas demandas [...] crenças e práticas religiosas se expressam longe dos arraiais confessionais” (SOUZA, 2018, p. 60).

3.12 A relação entre a Modernidade e a religião para o jovem universitário

3.12.1 A religião distante dos saberes científicos

A Modernidade sempre encarou a religião como algo pré-moderno, a religião é vista como reprodutora de saber primitivo e que encanta, mas estes saberes tem de ser substituídos pelos saberes que produzem conhecimento crítico e científico.

Em seguida foi vista como enfermidade: ópio, alienação e falsa consciência de quem ainda não se encontrou ou de quem voltou a perder-se (K. Marx), e

ilusão da mente neurótica que procura pacificar o desejo de proteção e tornar o medo suportável (S. Freud). Por fim, a religião foi vista como uma realidade que, apesar de sua capacidade de transformação da sociedade, tende a desaparecer no processo de racionalização, secularização e desencantamento do mundo (M. Weber). Outros a viram como algo sem sentido, pois seus discursos não tem um objeto verificável (escola de Viena com Popper e Carnap) (BOFF, 1996, p. 60).

Para todas essas visões sobre a Modernidade e a religião, ela está fora da razão. A Modernidade tem por objetivo buscar a objetividade, e os dados da religião poderiam ofuscar essa busca, o que poderia não condizer com o tempo da atualidade, pois tudo que a religião experimenta, por não ter um objeto verificável, está somente no âmbito do imaginário e dos sentimentos, “empiricamente falando, o que se costuma chamar de religião envolve um agregado de atitudes, crenças e ações humanas em face de dois tipos de experiência, a experiência do sobrenatural e a experiência do sagrado” (BERGER, 2017a, p. 60). A experiência de uma realidade sobrenatural é a realidade outra, em vista da qual a experiência da realidade do mundo é limitada. A realidade do mundo sobrenatural transforma a percepção da realidade e da compreensão de si e da realidade do outro.

3.12.2 A religiosidade na Modernidade

A volta do místico e do religioso na Modernidade não seria propriamente um dado da crise de seu paradigma, mas houve uma nova capacidade do homem moderno se encontrar com o místico e religioso, uma admiração e magia presentes, pois “o saber; e o saber para dominar; e o dominar para enriquecer, e o enriquecer para desfrutar” (BOFF, 1996, p. 62), é o paradigma que leva o ser humano moderno a sentir e perceber o advento da divindade e a possibilidade de extasiar-se; seria esta condição e percepção a maneira mais sincera e que toda pessoa poderia experimentar de uma religiosidade. Na atualidade, as pessoas têm o interesse por coisas sagradas e divinas, mas não mais da forma como fora em tempos anteriores em que essa visão da divindade e da religiosidade provinha da maneira como a instituição religiosa determinava; com o advento da Modernidade, cada indivíduo constrói, a seu modo, o seu caminho de busca deste sagrado.

As pessoas querem experimentar Deus. Estão fatigadas de ouvir catequeses, de escutar as autoridades religiosas falarem sobre Deus e dos teólogos atualizarem as doutrinas da tradição. Testemunhamos hoje a experiência de Jó, que se queixava: ‘Falei de coisas que não entendia, de maravilhas que ultrapassam minha compreensão. Conhecia-te, ó Deus, só de ouvido; mas agora viram-te meus olhos’ (BOFF, 1996, p. 62).

As religiões instituídas não têm mais o direcionamento e a mediação da volta do religioso e místico; na Modernidade há uma enorme busca por Deus, mas a mediação dessa busca é que deu uma grande guinada, a instituição e seus membros não têm mais a primazia na experiência e determinação dessa busca do sagrado e da experiência religiosa. De acordo com a visão moderna, as instituições religiosas falam de Deus e do sagrado, “mas dificilmente permitem experimentar Deus e vivenciar sua irrupção na vida” (BOFF, 1996, p. 62). Há uma grande busca pela experiência de Deus na vida pessoal e comunitária, mas de forma que a religião instituída não mais determinará os caminhos. Para Boff, na Modernidade, a fonte da experiência religiosa e mística, e o lugar da religião estão presentes justamente nas instâncias das quais foram abolidas pela contemporaneidade, a fantasia e o imaginário; “daquele fundo de desejo do qual irrompem todos os sonhos e utopias que povoam a mente, entusiasma os corações e incendeiam o estopim que deslança as transformações da história” (BOFF, 1996, p. 62). A experiência religiosa provém do espírito e, por conseguinte, daquilo que está no imaginário das pessoas, algo que a Modernidade não conseguiu abolir, pois essas instâncias não se adequam ao que é científico e concreto escapam desta realidade.

A religião é a organização mais ancestral e sistemática da dimensão utópica inerente ao ser humano. Por isso, para a religião o mundo não está definitivamente perdido; é possível seu resgate e sua plenificação; morrer não é apenas fechar os olhos; é fechar os olhos para ver melhor. Haverá uma confraternização entre ser humano e natureza, uma comunhão duradoura entre o homem e a mulher, um encontro fusional entre Deus e a humanidade (BOFF, 1996, p. 63).

Há uma crítica sobre como a Modernidade, em alguns casos, considera a religião como uma explicação do mundo primitivo, mas, essa visão demonstra uma intenção de que o interesse da religião, desde o início, seria apresentar uma teoria científica; apresentaria uma descrição objetiva de fatos e acontecimentos, através dos variados poderes que movimentam a realidade, se assim fosse a intenção da religião de explicar o mundo, ela teria um momento para ser substituída pela ciência, mas esse não foi o foco principal da religião, em nenhum momento de sua história, “ela nasce, justamente, do protesto contra este mundo que pode ser descrito e explicado pela ciência. E descrição científica, ao se manter rigorosamente dentro dos limites da realidade instaurada, sacraliza a ordem estabelecida de coisas” (ALVES, 1984, p. 19). A religião tem por meta e projeto transcender o mundo, e, não se conformar com ele da forma como ele é, ou do modo como se molda a própria fé.

3.12.3 O fenômeno religioso moderno

É possível, para o ser humano moderno, sair completamente da realidade da religião institucionalizada, mas “isso não significa que o religioso deva deixar de falar aos indivíduos. Sem dúvida, há lugar, aí mesmo, para reconhecer a existência de um estrato ineliminável do fenômeno religioso” (GAUCHET, 2017, p. 11), pois a experiência religiosa é pessoal, cada indivíduo a realiza e tem uma realidade individualizada, ela é independente de um arcabouço dogmático decidido e imposto por uma instituição. A experiência subjetiva dos sentimentos religiosos não necessita de nenhuma projeção já fixada para que o indivíduo possa experimentar, nem mesmo ela depende de um sistema de doutrinas e ensinamentos para que possa acontecer; o dado religioso é impossível de ser eliminado por qualquer sistema ou em qualquer tempo histórico que o ser humano viva, ele é um fenômeno que faz parte da constituição do indivíduo humano “mesmo a supor a era das religiões definitivamente acabada, é preciso se persuadir bem que, entre a religiosidade privada e os substitutos da experiência religiosa, nós não terminaremos jamais com o religioso” (GAUCHET, 2017, p. 11). A religião, os sistemas doutrinários, as instituições podem até ser eliminadas do convívio humano, mas o fenômeno religioso é algo *perene*. A religião trouxe à experiência religiosa humana uma vasta forma de experiência sagrada, com o fim dos esquemas religiosos institucionais, a experiência religiosa do ser humano permanecerá, mesmo que seja com uma linguagem diferente, “ela continua a habitar as operações de pensamento, preside a organização do imaginário, governa as formas do problema de si” (GAUCHET, 2017, p. 12). Até o momento, a religião permanece presente na humanidade e nas relações sociais, “enquanto fenômeno, a religião apresenta-se como algo permanente e constante até o presente momento, dentro das sociedades humanas. A própria existência das sociedades humanas nos reporta sempre para a ‘religião como estrutura primordial do tempo coletivo’” (STEIL, 2017, p. 22).

Diante dessa visão, o fenômeno religioso remonta a tempos longínquos, onde houve a presença humana há história; também se verifica a existência desse fenômeno, desde o início da história da humanidade, nota-se a presença de algo que leva o ser humano a experimentar daquilo que na atualidade se chama de sagrado, “a história da religião revela a existência de uma estrutura antropológica milenar e profunda que acompanha o ser humano em sua trajetória até o presente” (STEIL, 2017, p. 22).

3.12.4 A juventude universitária e as várias espiritualidades

A juventude universitária tem uma espiritualidade vigente em seu cotidiano, mesmo diante de toda realidade científica, mesmo diante de todo o distanciamento que muitos preferem ter em relação à fé. Mas, as marcas da secularização estão presentes na vida dos universitários, e a grande característica da fragmentação, da escolha pessoal, da fé que cada indivíduo busca experimentar está a florada na juventude universitária, não há mais o predomínio de uma ou outra crença, mas todas e inclusive a opção de não ter nenhuma espiritualidade ou crença, também está presente na caracterização da espiritualidade da juventude universitária; “a juventude traz a marca do período em que ela se desenvolve, ou seja, as características culturais, econômicas, sociais e políticas do grupo ao qual pertence. E esses jovens, representantes desta cultura na qual estão imersos, estão recorrendo às igrejas” (MORI; SILVA, 2016, p. 454). Esta é uma característica da contemporaneidade: o consumo; este é o que dita todas as normas e “doutrinas” atuais, inclusive a espiritualidade que o jovem vai seguir, dessa maneira, a juventude contemporânea tem certa participação em eventos e “celebrações e consumindo os valores religiosos, tendo em vista que as religiões apresentam-se como alternativas para expressar suas ansiedades, frustrações e dúvidas” (MORI; SILVA, 2016, p. 454).

Em uma universidade laica, é possível que se tenha a construção de um método de investigação do fenômeno religioso, a juventude traz consigo as marcas da Modernidade, e nelas estão contidas as marcas da espiritualidade que se fragmentou; por isso, é possível que haja uma interação de suas experiências religiosas com os conhecimentos baseados no exercício sincero da razão. É necessário conhecer esse fenômeno para que todo o processo humano integral e busca de sentido tenha o seu efeito dentro da universidade, “assim como na construção de um saber sócio-histórico-antropológico para interpretar este acontecimento que possui características e causas particulares” (MORI; SILVA, 2016, p. 455).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tentamos trazer um percurso realista da sociedade moderna. Buscamos compreender o momento que se denomina de uma sociedade secularizada. Com esse fundo histórico, foi possível construir uma pesquisa em torno da realidade na qual está inserida a juventude atual. Foi necessário caracterizar o termo juventude, especificamente a juventude presente no ambiente universitário. Após a definição da juventude e da sociedade em que ela está inserida, para a melhor análise, constituiu-se a caracterização da espiritualidade na Modernidade. A partir dessa análise da sociedade, da juventude e da espiritualidade, foi possível caracterizar a espiritualidade da juventude universitária, que é uma espiritualidade plural e diversa, com abertura ao diálogo.

Ao percorrer os estudos acadêmicos sobre a sociedade, percebeu-se que a relação entre a secularização e a religião foi de ambiguidade, já que a emancipação da secularização teve sua origem em um contexto religioso, o qual era marcado pelo paradigma judaico e cristão. Para que a sociedade moderna pudesse pensar-se como autônoma, dependeu, em muito, da perda da influência dos grandes sistemas religiosos que sempre dominaram todas as formas sociais e de relações humanas; essa libertação serviu para que a sociedade moderna e secularizada tivesse condições de se orientar sozinha e recompor o seu destino sem a influência de dogmas e instituições religiosas tradicionais. A secularização trouxe um aspecto importante para a sociedade, que foi o domínio da razão, este permeia todas as áreas da sociedade e do conhecimento de forma geral. O secularismo se desenvolveu a partir de alguns fatores marcantes de transformação da sociedade; houve a redução dos poderes homogêneos que imperavam na sociedade e no direcionamento da conduta humana; as forças tradicionais, que eram regidas por crenças, mitos e manipulações ideológicas, foram aos poucos se esfacelando; a sociedade moderna refez as ideias religiosas que já estavam disponíveis e utilizaram como matriz ideológica da secularização. Várias forças que, por longo tempo, agiam na sociedade, aos poucos começaram a se perder pelo caminho, tudo aquilo que era estável passou, com a Modernidade, para um modo de instabilidade.

Houve nesse período uma mudança radical na concepção de mundo e de crença, não há uma continuidade daquilo que era realidade existencial em séculos anteriores, mas, a partir de então, há uma novidade que até o século XIX não se havia experimentado na humanidade, a virada de uma sociedade extremamente religiosa e fundada nos princípios doutrinários cristãos, para uma sociedade descrente, voltada para o conhecimento científico e para o

antropocentrismo. Essa é a grande virada qualitativa pela qual a sociedade passou, a passagem do século XIX para o XX foi o período em que houve uma grande multiplicação de forças descrentes, isentas, teoricamente, de qualquer interferência religiosa.

A Modernidade se tornou uma oposição à tradição, se contrapôs àquilo que era vivido o tempo antigo e tradicional; a Modernidade não se limitou somente a um conceito sociológico, nem político, nem histórico, mas firmou-se como um modo de civilização característico, homogêneo, uno, que se irradia a partir do Ocidente.

A reivindicação de autonomia da razão é a característica que marca, de forma excepcional, o momento da grande virada de tempo. O ataque à Igreja e seu modo de doutrinação das massas era impensado em séculos anteriores, mas, na Modernidade, essa autonomia levou o ser humano a experimentar uma característica que traz afirmação, é a autonomia da razão, através da liberdade, ela é uma grande força impulsionadora e decisiva desse novo que ocorreu, a liberdade dos desejos humanos e suas aspirações. Com a secularização da sociedade ocorreram profundas transformações estruturais em âmbitos sociais, culturais, políticos e religiosos.

A secularização é o desenraizamento pelo qual passa o indivíduo, é a dessacralização da cultura, é a libertação de toda forma tradicional, lança o indivíduo no pós-tradicional, na apostasia, que é a liberdade de escolha de pertencer ou não a uma experiência de fé. A transformação que ocorreu foi uma radicalidade na vivência do ser humano em seus variados meios de relacionamentos. Em uma análise da civilização de alguns séculos anteriores, poder-se-ia notar essa grande diferença, em que todos os níveis das sociedades eram regidos pela fé e pela autoridade eclesiástica católica; todas as atividades públicas em que a pessoa se engajasse ela encontraria a figura de Deus e da religião. Em sociedades mais arcaicas, o dado religioso estava presente em toda parte, tudo era regido pelo religioso. A secularidade se dá em vários âmbitos da sociedade moderna e, principalmente, nos espaços públicos, os quais foram esvaziados de qualquer sinal, palavras ou ritos que expressem a realidade religiosa.

A secularização não significa o declínio da religião, mas sim uma maneira nova com que as pessoas se relacionam com a religião; ocorreu a passagem de uma sociedade em que a fé em Deus é inquestionável para uma realidade em que a fé é entendida como uma opção entre as outras. No período atual existem várias alternativas, a fé em Deus não é única opção que a pessoa pode buscar para satisfazer o seu sentido de vida.

A secularização foi capaz de mudar completamente a vida do ser humano moderno, principalmente sua relação nos âmbitos culturais e sociais. Seu grande apogeu se dá com o início da Modernidade, a religião que outrora era a detentora do controle da sociedade passa,

após esse período, a ser a rejeitada por vários âmbitos. É preciso que o conceito de secularização seja visto como um fenômeno histórico-social que se dá na perda do controle que a religião institucionalizada exercia nas diversas esferas da vida social das pessoas, sem deixar de levar em consideração que a religião não foi extinta totalmente, o que houve foi uma ressignificação, em que foi acoplada ao avanço técnico-científico e à autonomia do indivíduo, fatores influenciadores para que a secularização tivesse o seu sucesso em todo território ocidental.

A razão na Modernidade é a grande responsável pela libertação dos grandes mitos do passado, assim, o ser humano se torna o próprio sujeito de sua história e de sua trajetória; a razão se torna a única e suprema forma de verdade, com isso ocorre o processo pelo qual o ser humano se torna adulto e sujeito da sua própria história. A esfera religiosa se limita somente ao âmbito de cada existência pessoal, como o problema do sofrimento humano, que é uma esfera que não se sustenta com a ciência e nem mesmo com a filosofia.

A caracterização da juventude não pode ocorrer de forma simplificada, o cenário em que o jovem da atualidade está inserido é um cenário marcado pela Modernidade e pela globalização, tudo está em constante transformação a todo o momento. Os estudiosos da juventude perceberam que o termo juventude é polissêmico, ou seja, para que se caracterize a juventude moderna não há mais a possibilidade de ficar restrita ao significado único, etário ou biológico; mas há uma multiplicidade de definições em torno da realidade da juventude. Ela está inserida em um ambiente multifacetário de diversas realidades culturais, econômicas, biográficas e religiosas. Há para a juventude uma pluralidade de escolhas da realidade de sentido. Não é possível mais caracterizar juventude como uma realidade homogênea, mas heterogênea, por isso a aplicação do termo no plural: juventudes. Essa pluralidade de realidade e de sentidos que definem a juventude influencia no seu modo de ser no mundo; inclusive a realidade do mundo secular que o jovem enfrenta influencia fortemente nas suas escolhas de vivência da religiosidade, é na fase da juventude que a pessoa toma o direcionamento de suas escolhas pessoais, são escolhas que definirão o que serão no futuro.

É preciso desenvolver, através da fundamentação na alteridade, uma ética pluralista que tenha por base o reconhecimento na interação com o Outro. A universidade é o meio onde se pode encontrar a diversidade da espiritualidade e da crença no transcendente, assim, torna-se possível um diálogo aberto ao Outro, partindo da reflexão e da experiência do campo religioso, o qual visa compreender a religiosidade e a espiritualidade do jovem universitário no contexto do mundo globalizado e de grandes transformações, que agregue o diferente e perceba qual perfil (ou quais perfis) religioso se apresenta no ambiente universitário. A

juventude é o período da abertura e do distanciamento de ambientes mais elaborados, como a família e a religião, por isso o ambiente secular é o espaço propício e diverso em que o jovem busca a adequação de sua religiosidade, são os chamados “os múltiplos arranjos”, resultando numa pluralidade, pois não há, na prática, uma juventude e sim juventudes, com histórias, potencialidades e crises diferentes.

Juventudes é o termo apropriado para a definição do objeto a que esta pesquisa se propôs, pois se trata de muitas juventudes. Não que seja a intenção especificar cada uma delas, nem seria possível, pois a rapidez com que as mudanças ocorrem na contemporaneidade marcam uma constante mudança no comportamento, nas atitudes e na concepção das terminologias. Os termos que definem tal pluralidade são diversos, com variações de época, de estilos, excessos e vários enfrentamentos pessoais ou familiares; são momentos de grandes crises no âmbito escolar, profissional, social, amoroso; é um momento em que há uma redefinição das relações familiares; essa multiplicidade de sentidos colabora para o aumento da discussão sobre a definição e caracterização da juventude. Existe uma grande dificuldade de definir e simplificar a diversidade das definições sobre o que é ser jovem, há uma diversidade de descrição literária sobre esse tema, e isso leva a uma maior complexidade. Em vários momentos, definir juventude era simplesmente uma visão essencialista. O termo juventude foi usado em contraste com a classificação de “criança”; em outros estudos sobre essa etapa da vida, o termo é correlacionado a uma análise meramente cronológica, em que se limitam as faixas etárias somente com características definidas pela fisiologia da pessoa, e uma grande parte determinou essa fase na faixa etária entre os 10 e 24 anos. Muitas são as possibilidades de interpretação sobre o que é ser jovem, mas, mesmo assim, muitos estudiosos ainda classificam somente como um período de passagem da adolescência para a fase adulta, seria somente um tempo de mudanças, ajustamentos e revoltas. Alguns classificam as mudanças de faixa etária de acordo com cada indivíduo, em períodos diferentes para cada realidade de acordo com a trajetória de cada pessoa; dessa forma, a pluralidade de sentidos que perpassa a juventude torna-se singular, sobretudo por seu caráter impreciso, relacional e contextual, por seu caráter de período de incertezas e riscos assumidos ou não.

Na Modernidade, a juventude é consolidada como etapa da vida, a etapa que estaria associada ao processo de institucionalização da vida, por isso se caracterizou as fases da vida em infância, adolescência, idade adulta e velhice, mas a juventude é uma etapa que, na Modernidade, encontra um destaque importante, pois é a fase do alongamento da transição entre a infância e a vida adulta, a ampliação da escolarização, o retardamento da entrada no

mundo do trabalho e o aparecimento de formas de consumo e de produção cultural típicas do segmento juvenil. Entretanto, existe uma variação dessa compreensão em que é preciso analisar o contexto social e histórico em que cada jovem está inserido, existe ainda uma imprecisão em categorizar “juventude”, pois há uma dificuldade no consenso dos estudos voltados para o tema da juventude, por isso essa definição se torna “categoria escorregadia ou imprecisa”.

A pesquisa definiu o termo espiritualidade. Diante da realidade da sociedade marcada pela pluralidade de sentidos, ocorrida na Modernidade, o termo espiritualidade é caracterizado como polissêmico, carregado de vários sentidos, traz em si uma pluralidade de definições. Da mesma forma que o termo juventudes é usado no plural, para a caracterização da espiritualidade contemporânea também se usa espiritualidades. Na atualidade não há uma homogeneidade para a caracterização da espiritualidade que também é definida como heterogênea.

A espiritualidade encontra o seu fundamento no espírito, que é a realidade mais profunda da personalidade humana, é onde ocorrem os sentimentos humanos. As atitudes humanas e pessoais marcam essa profundidade. O ser humano retira dessa transformação algo que pode modificar a sua vida e o meio onde está inserido. Diante dos anseios humanos mais profundos, há busca por alguma forma de espiritualidade; busca por respostas que, muitas vezes, não são encontradas através dos questionamentos do conhecimento humano, por isso uma espiritualidade pode orientar a pessoa para esse encontro. A espiritualidade produz mudanças no ser humano, pois a humanidade está em constante transformação, ela é constituída de seres humanos limitados e inacabados, os quais nunca terão alcançado o limite de seus anseios. Uma das marcas mais profundas de espiritualidades é a busca pelo mistério. A busca pela realidade última da essência da vida humana. Essa busca, na contemporaneidade, se tornou uma realidade direta, o ser humano não precisa mais de uma representação institucional, nem de uma religião para que ele possa encontrar as respostas às suas questões básicas. A busca pelo mais profundo sentido da vida humana é conhecido em muitas religiões, algumas denominam de Deus, Ser Supremo, o Transcendente, entre outros nomes; o que há em comum é o ponto de encontro, Deus, em meio à realidade de pluralidade religiosa.

Há uma relação entre religião e espiritualidade na Modernidade, mas a novidade é que nenhuma depende da outra para sua existência, como ocorria em épocas remotas. A religião tem por base a transmissão da fé através de uma realidade metafísica e sobrenatural, através de ensinamentos que são pautados em dogmas religiosos, ritos e orações. A espiritualidade é a

experiência das qualidades mais interiores do ser humano, é o caminho para encontrar a sua perfeição, inserida em sua realidade como, por exemplo, a compaixão, o amor, o perdão e a noção de alteridade, a capacidade de encontrar e compreender a realidade do Outro a partir de sua própria experiência humana. Essa seria a constatação de que a espiritualidade é uma realidade de experiência, mas não é pautada e garantida somente por doutrinas e ensinamentos, os quais são realidades posteriores à espiritualidade. A religião pode surgir da espiritualidade e direcionar a experiência espiritual.

Na contemporaneidade a espiritualidade é plural. A liberdade é um aspecto positivo que a pessoa encontra nesta nova compreensão de espiritualidade. A pessoa não ficará mais presa a uma realidade doutrinal ou institucional, ela é capaz de encontrar a sua experiência mais profunda e humana sem interferências externas. Cada pessoa tem a sua individualidade, e cada um se sente livre para buscar e expressar a sua espiritualidade. A grande novidade também é a liberdade que a pessoa tem para buscar absolutamente nada e não ser condenada ou julgada por quaisquer que sejam as instituições, religiosas ou não e, muito menos por suas autoridades, o que se torna relevante é a escolha que o indivíduo faz.

A espiritualidade é uma abertura ao diálogo por um processo de alteridade. Esse ocorre consigo mesmo, com o Outro que é chamado de Transcendente, e com a relação humana de escuta e abertura para a realidade próxima. A espiritualidade contemporânea é oposta ao sentido dominante que imperou em vários momentos da história humana. O domínio do mercado sobre a realidade humana, na atualidade, recebe críticas negativas, pois ele exerce uma dominação sobre as escolhas individuais, impossibilitando a abertura ao diálogo.

A experiência religiosa tem uma característica globalizante, porque ela envolve o ser humano em todas as suas dimensões e possibilidades. Essa realidade da experiência religiosa é integradora, leva o indivíduo ao diálogo com as mais variadas formas de experiências humanas, as quais levam à compreensão e percepção da realidade espiritual em tempos de secularização. Na Modernidade, a espiritualidade ganhou uma dimensão de libertadora de qualquer realidade de aprisionamento, dentre elas a institucional. Ela busca a liberdade até mesmo da realidade que a secularização impôs, na qual houve a substituição do Deus transcendente institucionalizado por um deus imanente como a ciência, o consumo e o mercado, a espiritualidade da Modernidade busca a libertação de todos esses domínios.

A espiritualidade é uma ação puramente humana, voltada para o mundo e lhe responde os anseios. O ser humano se vê diante dos limites humanos e com isso busca na espiritualidade as formas de responder aos seus questionamentos.

A Modernidade impõe a característica do pluralismo, pois está inserida nessa realidade. O pluralismo religioso é marca forte desse período. Em tempos anteriores o cristianismo detinha a hegemonia, mas essa realidade mudou. Não ocorre o fim da religião e nem do cristianismo, mas a grande mudança está na sua posição de destaque para ser uma como as outras possibilidades de religião e espiritualidade. Cada uma das formas de espiritualidade é obrigada a encontrar o seu lugar, cuja superioridade sobre outras realidades nenhuma detém, pois se pretende ser uma entre outras confissões religiosas, crenças e novas espiritualidades de diferentes matizes imbuídas de pluralidade e aberta ao diálogo permanente. Com a secularização não chegou o fim das religiões, mas elas se tornaram opções diferentes para que a pessoa possa decidir qual segmento vai escolher, ou, se nenhum desses que são ofertados fizer a vontade do indivíduo, ele tem a possibilidade de criar a sua própria maneira de buscar e aprofundar a sua espiritualidade ou suas espiritualidades. A secularização mudou a vida do ser humano, principalmente, a sua relação nos âmbitos culturais e sociais. A religião e a espiritualidade passam a ser ressignificadas, foi acoplada ao avanço técnico-científico e à autonomia do indivíduo, fatores influenciadores para que a secularização tenha o seu sucesso em todo o território ocidental.

A Modernidade trouxe os desafios para a definição da espiritualidade. Em tempos anteriores, em alguns momentos, era possível definir a espiritualidade de forma homogênea, a qual era regida pela doutrina e determinada pela instituição religiosa, todas as pessoas e ações sociais teriam que passar pela análise e averiguação da religião cristã. Mas, com o advento da Modernidade, especificamente com a Reforma Protestante, essa centralidade e homogeneidade foram interrompidas. A espiritualidade passou de uma realidade homogênea para heterogênea. Ela se diversificou a tal ponto que se pode notar na contemporaneidade a espiritualidade totalmente desvinculada de qualquer ação institucional e religiosa. Com a Modernidade, o indivíduo ganhou autonomia em suas escolhas. No âmbito religioso, os desafios se tornaram muito grandes; surgiu o sincretismo religioso, o trânsito religioso que proporciona uma fusão entre raças e elementos culturais das diversas sociedades, elementos que se misturam e se associam realizando uma verdadeira simbiose de elementos culturais. Todas as religiões, na contemporaneidade, realizam esse processo de contato com as variadas formas culturais e religiosas de variados contextos.

Diante de toda essa realidade, encontra-se a juventude universitária, da qual se pode perceber uma desvinculação de pertença institucional, contudo uma grande busca por aquilo que transcende a sua realidade. O jovem universitário está inserido em um ambiente acadêmico científico, um ambiente onde a reflexão está vinculada a todos os aspectos da

secularização e das características da Modernidade; com isso, é possível compreender que os jovens universitários buscam valores espirituais, mas estes, na maioria das vezes, desvinculados de qualquer instituição religiosa ou provindos de uma autoridade religiosa. É a valorização pessoal e individual em detrimento da relação institucional. As instituições não são valorizadas como norteadoras e reguladoras da conduta humana. Há uma maior valorização da forma de crer e, para isto, o jovem não precisa se firmar em uma instituição religiosa ou acadêmica para justificar aquilo em que acredita de forma individual. Para os universitários, as instituições religiosas não são portadoras exclusivas da verdade religiosa, e nas reflexões acadêmicas os jovens universitários colocam em questão as decisões institucionais e sentem-se livres para criarem conceitos que são até mesmo contrários às doutrinas e posições religiosas. A juventude universitária está em busca de aprofundar o conhecimento científico, não tem preocupação primordial em buscar uma religião ou espiritualidade. O jovem pós-moderno tem a liberdade para fazer as escolhas que mais lhe convém e não precisa se sentir vinculado a essas escolhas. Ele não está obrigado a pertencer aquele grupo religioso no qual fez alguma experiência de espiritualidade, ele pode buscar em diversos grupos religiosos e espiritualidades para formar a sua espiritualidade diversa e plural, e/ou após essa procura chegar à conclusão de que não quer seguir nenhuma delas, os jovens se sentem autônomos em suas escolhas pessoais, principalmente no que se refere à sua espiritualidade.

REFERÊNCIAS

1- OBRAS

ABRAMO, Helena Wendel. Uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. *In*: FREITAS, Maria Virgínia de. (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo. (org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2011.

ALVES, Rubem. **O Enigma da Religião**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BELLO, Ales Ângela. **O sentido do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2019.

BERGER, Peter. **O imperativo herético: possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa**. Petrópolis: Vozes, 2017a.

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. 9. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2017b.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da Modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017c.

BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994a.

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder. Ensaio de eclesiologia militante**. São Paulo: Ática, 1994b.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Ética da vida, a nova centralidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- BOFF, Leonardo. **Ética e espiritualidade: como cuidar da casa comum**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa (PT): Edições Fim de século, 2003.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude. Atos internacionais e normas correlatas**. Senado Federal coordenação de edições técnicas, Brasília, 2013.
- CORREIA, Vanessa. (org.). **Juventude no mundo contemporâneo: temas em debate**. São Paulo: Loyola, Magis Brasil, 2019.
- CRUZ, Cristiano Cordeiro; CORREIA, Vanessa Araújo. Juventude e projeto de vida: fundamentos de uma proposta. *In*: CORREIA, Vanessa. (org.). **Juventude no mundo contemporâneo: temas em debate**. São Paulo: Loyola, Magis Brasil, 2019.
- DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez; STENGEL, Márcia (org.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.
- DICK, Hilário. Articulações juvenis católicas da América Latina. *In*: GROPPPO, Luís Antônio; SOUZA, Janice Tirelli Ponte (org.). **Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- ELIOTT, Thomas Stearns. **Notas para uma definição de cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- FREITAS, Maria Virgínia de. (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo, 2005.
- GAUCHET, Marcel. O religioso após a religião. *In*: SENRA, Flávio (org.). **Religião e contemporaneidade: atualidade do fenômeno religioso**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GROPPPO, Luís Antônio. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos. O breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- INSTITUTO CIDADANIA. **Projeto juventude. Documento de conclusão**. São Paulo:

Instituto Cidadania, 2004.

KNAUTH, Daniela; GONÇALVES, Helen. Juventude na era da AIDS: entre o prazer e o risco. *In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (org.). **Culturas juvenis: novos mapas do afeto.*** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução – A obra de Marcel Mauss. *In: SETTON, Maria da Graça Jacintho. Sociabilidade juvenil, mídias e outras formas de controle social. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez; STENGEL, Márcia (org.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades.*** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.

LIBÂNIO, João Batista. **Eu creio, nós cremos: tratado da fé.** São Paulo: Loyola, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais.** São Paulo: Loyola, 2004.

LIBÂNIO, João Batista. **Qual o futuro do cristianismo?** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008a.

LIBÂNIO, João Batista. Apresentação. *In: RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários.*** São Paulo: Loyola: Olhos D'água, 2009.

LIBÂNIO, João Batista. **Para onde vai a juventude?** São Paulo: Paulus, 2011.

LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da revelação a partir da modernidade.** 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012a.

MENOZZI, Daniele. **A Igreja Católica e a secularização.** São Paulo: Paulinas, 1998.

MOLTMANN, Jürgen. **O espírito da vida: uma pneumatologia integral.** Petrópolis: Vozes, 1998.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. *In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (org.). **Culturas juvenis: novos mapas do afeto.*** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? *In: ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo. (org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional.*** São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2011.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. *In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda. (org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.*** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. *In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (org.). **Culturas juvenis: novos mapas do afeto.*** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PINHEIRO, Marcos. **Religiosidades e Juventude Universitária: algumas reflexões.** VII Congresso português de Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Espiritualidade para corajosos: a busca de sentido no mundo de hoje**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários**. São Paulo: Loyola: Olhos D'água, 2009.

SANCHES, Wagner Lopes. **Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SCHERER, Giovane Antônio; PERONDI, Maurício; SILVA, Karen Theline Cardoso dos Santos da. (org.). O que é “ser jovem”? Reflexões sobre o conceito de Juventudes na perspectiva de jovens universitários. *In*: RIBEIRO, José Jair (*et all*). **Juventudes na Universidade: olhares e perspectivas**. Porto Alegre: Redes Editora, 2014.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Sociabilidade juvenil, mídias e outras formas de controle social. *In*: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez; STENGEL, Márcia (org.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.

SILVA, Lourival Rodrigues da; SOFIATI, Flávio Munhoz; TEIXEIRA, Carmen Lúcia. Juventude, Religião e Violência. *In*: ALVES, Miriam; MATUTINO, Aurisberg Leite (org.). **Juventudes: educação e religião em cenários de violência**. Goiânia: Editora Espaço acadêmico, 2016.

SISSA, Giulia. Juventude e modernidade. *In*: LIBÂNIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós - modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Juventude católica: o novo discurso da Teologia da Libertação**. São Carlos: Educar, 2012.

SPÓSITO, Marília Pontes. A pesquisa sobre jovens na Pós-graduação: um balanço da produção discente em Educação, serviço social e ciências sociais (1999-2006). *In*: SPÓSITO, Marília Pontes (org.). **O estado da arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira**. Argvmentvm, Belo Horizonte, 2009.

STEIL, Carlos Aberto. Para ler Gauchet 20 anos depois. *In*: SENRA, Flávio (org.). **Religião e contemporaneidade: atualidade do fenômeno religioso**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 3. ed., São Leopoldo: Sinodal, 1985.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

2- REVISTAS E PERIÓDICOS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 06, p. 25-36, set./out./nov./dez., 1997.

ALMEIDA, Loriza. **A juventude universitária e a nova sociabilidade. Continuidade ou ruptura?** Coimbra (PT): VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais, p. 01-15, 2004.

ARAGÃO, Gilbraz. Transdisciplinaridade, o campo das Ciências da Religião e sua aplicação ao Ensino Religioso. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 58, n. 1, p. 42-56, jan./jun., 2018.

BAPTISTA, Agostinho. Geração Universitária da PUC Minas: o que mudou entre 1990 e 2013? **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1190-1227, out./dez., 2014.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 21 (1), p. 09-24, 2000.

BINGEMER, Maria Clara. Teologia e espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do movimento ecológico e feminista. **Cadernos Teologia Pública**, São Leopoldo, ano 1, n. 2, p. 01-30, 2004.

BINGEMER, Maria Clara. Saborear a fé em meio à pluralidade. Os caminhos da teologia em meio ao diálogo inter-religioso. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, v. 36, n. 99, p. 221-239, 2004b.

BINGEMER, Maria Clara. Mística e secularidade: impossível realidade? **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 851-885, jul./set., 2014.

BINGEMER, Maria Clara. Mais espiritualidade e menos religião. **Revista brasileira de Filosofia da Religião**, Brasília, v. 03, n. 01, p. 75-91, ago., 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil** /Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

CALANDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio. Evangelizar a Juventude. **Vida Pastoral**, São Paulo, ano 54, n. 291, p. 09-18, jul./ago., 2013.

CAMURÇA, Marcelo. Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários das ciências sociais de Juiz de Fora – MG. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 02, n. 02, p. 37-64, 2001.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos. **BIB - revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, ANPOCS, n. 41, p. 55-69, 2003.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Os “Sem Religião” no Brasil: Juventude, periferia, indiferentismo religioso e transito religioso entre religiões institucionalizadas. **Estudos de**

Religião, São Paulo, v. 31, n. 03, p. 55-70, set./dez., 2017.

CHAVES, M. On the rational choice approach to religion. *In*: MÓNICO, Lisete Mendes. Secularização, (a)teísmo e pluralismo religioso nas sociedades ocidentais contemporâneas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 2064-2095, out./dez., 2015.

DEBERT. Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 49-70, jul./dez., 2010.

DUQUE, João Manuel. Transmissão da fé em contexto pós-moderno. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, v. 45, n. 126, p. 205-217, mai./ago., 2013.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e intelectualidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 51-73, jan./abril., 2016.

EDITORIAL. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, ano 45, n. 126, p. 175-178, mai./ago., 2013.

ESPERANDIO, Mary Rute; LOPES, Alexander. Cordeiro. A pesquisa da subjetividade em teologia, notas sobre o método cartográfico. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 05, n. 01, p. 157-171, jan./jun., 2011.

GROPPO, Luís Antônio. Dialética das juventudes modernas contemporâneas. **Revista de educação do Cogeime**, São Paulo, ano 13, n. 25, p. 09-22, dez., 2004.

GROPPO, Luís Antônio. Juventudes universitárias: participação política e processos educativos em uma universidade do interior de Minas Gerais. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 838-859, set./dez., 2016.

HABERMAS, J. Discurso filosófico da modernidade. *In*: MÓNICO, Lisete Mendes. Secularização, (a)teísmo e pluralismo religioso nas sociedades ocidentais contemporâneas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 2064-2095, out./dez., 2015.

LIBÂNIO, João Batista. Plausibilidade do Cristianismo histórico nos dias atuais. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 09-25, 1997.

LIBÂNIO, João Batista. Globalização na perspectiva da fé. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, n. 35, p. 95-103, 2003.

LIBÂNIO, João Batista. Crenças religiosas, fanatismo e secularidade na América Latina. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n. 40, p. 55-76, 2008b.

LIBÂNIO, João Batista. A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, ano 43, n. 121, p. 353-388, set./dez., 2011b.

LIBÂNIO, João Batista. Tendências religiosas no cenário brasileiro contemporâneo. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 1012-1027, jul./set. 2012b.

LIBÂNIO, João Batista. Transmissão da fé em contexto pós-moderno. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, ano 45, n. 126, p. 205-217, mai./ago. 2013.

LUIZ, Ronaldo Robson. A religiosidade dos sem religião. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 15, n. 19, p. 73-88, jul./dez. 2013.

MANDELLI, Maria Teresa; SOARES Penna; HELENA, Dulce; LISBOA Diez. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 63, p. 49-57, 2011.

MARCHINI, Welder. Jovens sujeitos: o sínodo da Juventude e a Exortação pós-sinodal Christus vivit. **Ciberteologia, Revista de Teologia e Cultura**, ano XV, n. 59, p. 147-161, jan./abr., 2019.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun., 2003.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez., 2013.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 73, p. 45-66, 2005.

MEZZOMO, Frank (*et. al*). Religião e política: aproximações e permeabilização a partir do olhar dos jovens universitários. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 44-57, jan./mar., 2017.

MÓNICO, Lisete Mendes. Secularização, (a)teísmo e pluralismo religioso nas sociedades ocidentais contemporâneas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 2064-2095, out./dez., 2015.

MONIZ, Jorge Botelho. Sobre o secularismo contemporâneo: um estudo de caso português no período democrático. **Mediações**, Londrina, v. 21 n. 2, p. 169-196, jul./dez., 2016.

MONIZ, Jorge Botelho. Os desafios da religiosidade contemporânea: análise das teorias da individualização religiosa e espiritual. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, n. 20, p. 393-495, 2017.

MONTEIRO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica**. (*on line*) v. 13 (1), p. 07-16, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/1195>. Acesso em: 04 nov. 2020.

MORI, Vanessa; SILVA, Claudia. A religiosidade dos estudantes de uma universidade pública: considerações a partir do curso de Serviço Social. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 07, n. 01, p. 439-457, 2016.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

NOVAES, Regina. Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos Juventude, juventudes, **Revista de ciências sociais**, ano XXII, n. 25, p. 10-20, jul., 2009.

NOVAES, Regina. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 02, p. 351-368, dez., 2018.

OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. Juventude e religião no século XXI: A crise dos compromissos religiosos. **Vox Faifae, Revista de ciências humanas e letras das faculdades integradas da Fama**, v. 2, n. 1, p. 01-26, 2010.

OLIVEIRA, Pedro; PANASIEWICZ, Roberlei. Tendências religiosas entre a população universitária: um estudo de caso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1160-1189, out./dez., 2014.

PAIVA, Raquel. Espiritualidade, religiosidade e subjetivismo no contexto do sofrimento psíquico grave. **ECOS – Estudos contemporâneos da Subjetividade**, Campos dos Goytacazes RJ, ano 08, v. 02, p. 270-290, 2018.

PANASIEWICS, Roberlei; OLIVEIRA, Pedro de Assis. Tendências religiosas entre a população universitária: um estudo de caso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1160-1189, out./dez., 2014.

PANASIEWICZ, Roberlei; ARAGÃO, Gilbraz. Novas fronteiras do pluralismo religioso sobre o pós-religional e o transreligioso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1841-1869, out./dez., 2015.

PERRETTI, Clélia. Religiosidade e protagonismo das juventudes universitárias. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 13, p. 429-444, jul./dez., 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 13, n. 37, jun., 1998.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito o censo de 2010. **Anuac**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 87-96, nov., 2012.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. Sem-religião no Brasil, dois estranhos sob o guarda-chuva. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, ano 11, n. 198, p. 03-12, 2013a.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. Juventude, desafio e enigma. **Vida Pastoral**, São Paulo, ano 54, n. 288, p. 33-38, 2013b.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. Os universitários e a transcendência, visão geral, visão local. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 02, p. 79-119, 2004.

RIVERA, Dário. Desencantamento do mundo e declínio dos compromissos religiosos. A transformação religiosa antes da pós-modernidade. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, n. 04, p. 87-104, 2002.

RODRÍGUEZ MAGDA, Rosa María. Transmodernidad: un nuevo paradigma. **Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World**, Valencia – Espanha, 1(1), p. 01-13, 2011.

SELL, Carlos Eduardo. A secularização como sociologia do moderno: Max Weber, a Religião e o Brasil no contexto moderno-global. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 03, n. 06, p. 11-46, jul./dez., 2015.

SILVA, Cláudia; MORI, Vanessa. A religiosidade dos estudantes de uma universidade

pública: considerações a partir do curso de Serviços Social. **PLURA - Revista de Estudos de Religião**, ABHR, v. 7, n. 1, p. 439-457, 2016.

SIQUEIRA, Deis. O labirinto religioso ocidental. Da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 425-462, mai./ago., 2008.

TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Juventudes” e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 11-46, 2004.

TEIXEIRA, Faustino. A Experiência de Deus nas Religiões. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 111-148, 2005.

3- ARTIGO DE JORNAL

FUREDÍ, Frank. Não quero ser grande. **Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.507, 25 jul. 2004. Caderno mais! p. 4-5.

4- TESES E DISSERTAÇÕES

FRIZZO, Edson Roberto Pedron. **A religião e a religiosidade dos universitários da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 145, 2012.

JÚNIOR, César Alberto Ranquetat. **Laicidade à brasileira: um estudo sobre a controvérsia em torno da presença de símbolos religiosos em espaços públicos**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 321, 2012.

OLIVEIRA, Vinícius de Lima. **A religiosidade em universitários da geração Y na crise da modernidade: um estudo de caso na universidade Federal de Sergipe (UFS)**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Centro de Educação e Ciências Humanas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, p. 98, 2017.

PIRES, Shirley Jacimar. **Juventude (s), escola pública e programas sociais de transferência de renda**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação

em Educação – Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 186, 2008.

SILVA, Bruno Marques. **Fé, razão e conflito. A trajetória intelectual de Leonardo Boff.** Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 183, 2007.

SOUZA, Rubiel Cardoso. **A Secularização e o Sagrado: uma relação dialética com implicações na religiosidade contemporânea.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia – Escola de Humanidades do Programa de Pós-Graduação em Teologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 104, 2018.

5- DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS

FRANCISCO. **Christus Vivit.** Exortação apostólica pós - sinodal para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO. **Discurso na Vigília de oração com os jovens.** XXVIII Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, (27 de Julho de 2013). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-veglia-giovani.html, Acesso em: 08 dez. 2020.

SÍNODO DOS BISPOS. **Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária dos Bispos.** Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. São Paulo: Paulus, 2019.

6- DOCUMENTOS DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS

CONFERÊNCIA EPISCOPLAL LATINO AMERICANA. **Documento de Medellín, 1868.** Texto conclusivo da II Conferência Geral do episcopado Latino-americano. Disponível em: <https://www.faculdadesjesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/documentos/documento-FwdDtt9v3ukKPDZq.pdf>, 2017. Acesso em: 15 jun. 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude.** Brasília: Edições CNBB, 2007. (Documento da CNBB, 03).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **O seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora no âmbito universitário.** Brasília: Edições CNBB, 2013. (Estudos da CNBB, 102).

7- DICIONÁRIO E COMPÊNDIO

CAMPENHAUSEN, (verbete: Sínodo/Concílio). *In*: EICHER, Peter. **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993.

ENGLER, Steven; STAUSBERG, Michel. Metodologia em Ciência da Religião. *In*: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulus, Paulinas, 2016.

FRANCO, Clarissa. Psicologia e espiritualidade. *In*: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulus, Paulinas, 2016.